

“PROTORRACIONALISMO” EM MACEIÓ:
UM PANORAMA URBANO DA
MACEIO DE 1934 A 1959



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

JULIANA AGUIAR CAVALCANTE MONTEIRO

**“PROTORRACIONALISMO” EM MACEIÓ: um panorama urbano da
Maceió de 1934 a 1959**

**MACEIÓ
2018**

JULIANA AGUIAR CAVALCANTE MONTEIRO

**“PROTORRACIONALISMO” EM MACEIÓ: um panorama urbano da
Maceió de 1934 a 1959**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Orientadora: Profa. Dra. Josemary Omena Passos
Ferrare

MACEIÓ

2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Janis Christine Angelina Cavalcante

A171p Monteiro, Juliana Aguiar Cavalcante.
“Protorracionalismo” em Maceió: um panorama urbano da Maceió de 1934 a 1959.
Juliana Aguiar Cavalcante Monteiro. – 2018.
178 f. : il.

Orientador: Josemary Omena Passos Ferrare.
Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 166-169.
Apêndices: f. 170-216.

1. Arquitetura urbana. 2. Patrimônio cultural – Preservação – Maceió (AL).
3. “Protorracionalismo” – 1930 a 1959. I. Título.

CDU: 711.451(813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

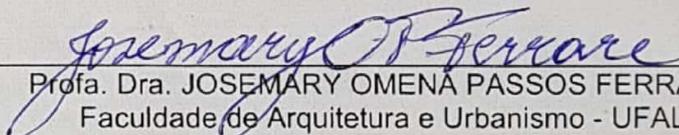
JULIANA AGUIAR CAVALCANTE MONTEIRO

“PROTORRACIONALISMO” EM MACEIÓ: um panorama urbano da
Maceió de 1934 a 1959

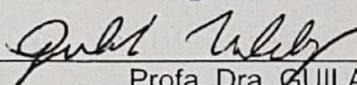
Dissertação de mestrado apresentada ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL, área de concentração em Dinâmicas do Espaço Habitado, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVAD em 16/03/2018

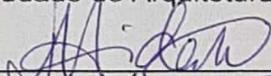
BANCA EXAMINADORA



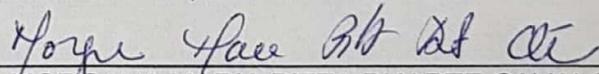
Profa. Dra. JOSEMARY OMENA PASSOS FERRARE
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL



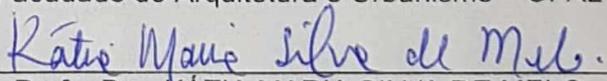
Profa. Dra. GUILAH NASLAVSKY
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFPE



Profa. Dra. LÚCIA TONE FERREIRA HIDAKA
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL



Profa. Dra. MORGANA MARIA PITTA DUARTE CAVALCANTE
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL



Profa. Dra. KÁTIA MARIA SILVA DE MELO
Centro de Educação – PPGE/UFAL

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos sobreviventes. Sobreviventes em várias instâncias, de todas as crenças, de todas as agonias, de todas as realidades, enfim, a todos que de alguma forma, suplantaram o que lhes impedia de seguir em frente. Isso... sempre em frente, porque o tempo... o tempo não para. Não espera a calmaria chegar para continuar o trajeto, ele anda. E os sobreviventes...sobrevivem.

AGRADECIMENTOS

Agradecer, mas, o que é agradecer? É recompensar? É retribuir? O que está por trás dessa ação? Seguimos sempre agradecendo uns aos outros, sem refletir a respeito do significado da gratidão.

O agradecimento verdadeiro não precisa ser dito, ele se constrói nas entrelinhas, nos olhares e nos gestos. E assim ele é entendido.

Agradecer aos que foram fundamentais para a concretização desse objeto, fazendo dessa ação uma verdade e para a quantidade de emoção envolvida nesse processo seria muito pouco.

Mas, se é para iniciar por alguém, peço licença a todos, para chamar aqui minha MÃE, “a” Socorro das minhas inseguranças e de meus temores. A rocha firme que me suporta. Mãe, agradecer seria pouco.

Ao pai de todas as horas, Luiz Henrique. Sempre presente e protetor. Pai, agradecer seria pouco.

Irmã, de todas as conversas e confissões, Maria Christina. Ter você sempre comigo me tranquiliza e me dá suporte. Irmã, agradecer seria pouco.

Família, quando juntos, sempre fortes. A todos, agradecer seria pouco.

Filhos, vocês me fazem seguir em frente. Daniel e Leonardo, de todos os conflitos adolescentes e carinhos desconfiados. Filhos, agradecer seria pouco.

Carlos Jacinto e Rosemary Lopes, sem vocês não conseguiria. Parceiros leais e companheiros que se fizeram presentes no momento mais tenso de todo o processo. Parceiros de discussões, conversas, ideais e soluções. Amigos, agradecer seria pouco.

Minha orientadora, a pessoa que mais acreditou que seria possível, Josemary Ferrare. Embarcou nesse caminho, com a certeza de que daria tudo certo, e no final, acabou dando certo mesmo. Josy, agradecer seria pouco.

Aos sambantes, pessoas incríveis que tive o prazer de conhecer. Como diria João Paulo: “do mestrado para a vida”. Mestres, agradecer seria pouco.

A todos que de alguma forma contribuíram com o desenvolvimento dessa pesquisa. Agradecer seria pouco.

A HERANÇA DO PASSADO é UMA SUBSTÂNCIA

VIVA, AINDA QUE SULCADA DE CICATRIZES.

Annateresa Fabris

RESUMO

A presente dissertação se propõe apresentar o percurso de uma pesquisa realizada na cidade de Maceió-AL que pretende contribuir para a gestão de preservação do patrimônio cultural edificado maceioense, mediante identificação, registro e reflexões conceituais a respeito dos exemplares “Protorracionalistas”, ainda existentes na cidade. Para tanto, considera-se necessário o entendimento de que toda prática social é resultado de um conjunto de determinações reguladas para atender as necessidades reclamadas pela sociedade, num dado momento histórico. Sendo assim, procurou-se entender o contexto urbano da cidade de Maceió em que o “protorracionalismo” estava inserido, além de traçar o perfil da sociedade da época, dentro de um recorte temporal definido entre as décadas de 1930 a 1950. Diante do exposto, optou-se pela pesquisa exploratória, de cunho quantiquantitativo, e, dentro dessa perspectiva, a estratégia metodológica escolhida foi a do estudo de caso, que se adequa às demandas utilizadas na procura dos dados e das informações necessárias para o desenvolvimento do estudo. Para tanto, buscou-se amparo em documentos (projetos arquitetônicos inseridos no recorte entre 1934 a 1959) arquivados no acervo da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (SEDET), que auxiliariam na construção do panorama urbano vivenciado no período. Além dessa ação metodológica, utilizou-se a pesquisa de campo em dois momentos temporais - 1994 e 2017 - para identificação e catalogação das edificações, empregando-se metodologias que auxiliaram a análise arquitetônica dos exemplares encontrados, tais como: pesquisa bibliográfica, levantamento fotográfico e visitas *in loco*. A partir das informações coletadas nos dois momentos, conseguiu-se avaliar a dimensão do universo “protorracionalista” em Maceió. Percebeu-se que o estilo em questão contribuiu para o desenvolvimento urbano da cidade, além de auxiliar na transição entre a arquitetura historicista e a Arquitetura Moderna. Apoiase nas contribuições de Renato De Fusco, no que se trata do tema referente à origem do “Protorracionalismo” na Europa e seus antecedentes. Unem-se a De Fusco nesse tema, Leonardo Benévolo e Kenneth Frampton. No que se refere à teoria e história que envolve a arquitetura brasileira, a respeito do estilo em questão no Brasil, busca-se aporte em Luís Paulo Conde, Hugo Segawa, Fernando Fuão e Guilah Naslavsky, entre outros. Para a construção do contexto sócio histórico de

Maceió, utilizaram-se as contribuições de Luiz Sávio de Almeida, Diegues Júnior, Craveiro Costa e Cícero Péricles de Carvalho. Busca-se, a partir dessa iniciativa, exposta no presente estudo, abrir espaço para direcionar ações que reintegrem o patrimônio edificado em questão ao contexto urbano contemporâneo de Maceió, bem como, alertar a respeito da real condição das edificações levantadas.

Palavras-chave: Maceió, “Protorracionalismo” e Preservação

ABSTRACT

The dissertation here present proposes to show the course of a search realized in the city of Maceió-AL that intends to contribute to the gesture of preservation of the edified cultural patrimony of the city, by identification, register and conceptual reflections in regarding of the “Protorracionalistas” example, still present in the city. However, it is necessary to consider the understanding that all social practice is result of a set of determinations regulated to attend the needs reclaimed by the society, in a given historical moment. Therefore, sought to understand the urban context in the city of Maceió, in which was inserted the “protorracionalismo”, also to profile the society of that time, inside a cutout defined between the decades of 1930 and 1950. Given the above, it is opt for exploratory research, of quantitative-qualitative profile, and inside of this perspective, the chosen methodological strategy was the study of each individual case, which is adequate to the utilized demands in the search of necessary data and information to the development of the study. For that, it is sought protection in documents (architectonical projects inserted in the cutout between 1934 and 1959) archived in the collection of the Municipal Secretary of Environment and Territorial Development (MSET), which assists the building of the experienced urban panorama in the period. Beyond this methodological action, it is utilized the search in field in two temporal moments – 1994 and 2017 – for identification and cataloguing purposes, of the buildings, it is applied methodologies that assists in the architectonical analysis of the found exemplary, such as: bibliographical search, photography survey, and *in loco* visitations. From the collected information, in the two moments, achieved it was to evaluate the dimension of the “protorracionalista” universe in Maceió. Noticed it is that the style in question, contributed to the urban development of the city, also it assists in the transition from the historicist architecture to the modern architecture. Supported it is by contributions by Renato De Fusco, in what concerns the referring theme of the origin of “protorracionalismo” in Europe and the background for it. In this theme, with Fusco, it is united Leonardo Benévolo and Kenneth Frampton. In which refers to the theory and history that involves Brazilian architecture in respect to the style in question in Brazil, it is searched for support in Luis Paulo Conde, Hugo Segawa, Fernando Fuão and Guilah Naslavsky, among others. To the construction of the socio historical

context of Maceió, it is utilized the contributions of Luis Sávio de Almeida, Diegues Júnior, Craveiro Costa e Cícero Péricles de Carvalho. Searched it is, from that initiative, exposed in the following study, to open space to direct actions that will reintegrate the edified patrimony in question to the contemporary urban context of Maceió, and also to alert in respect to the real conditions of the studied buildings.

Keywords: Maceió, "Protorracionalismo" and preservation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO.....	20
2.1 Considerações iniciais.....	20
2.2 O caminho percorrido.....	22
2.2.1 Sobre a amostragem.....	26
2.2.1.1 Técnica de amostragem e extensão da amostra.....	28
3 O QUE ANTECEDE O “PROTORRACIONALISMO.....	31
3.1 Antecedentes históricos.....	31
3.2 Protorracionalismo e sua incidência na Europa.....	37
3.3 Protorracionalismo e Arquitetura Moderna.....	47
3.3.1 Elos entre Brasil e Europa.....	55
4 PROTORRACIONALISMO EM MACEÓ.....	67
4.1 Situando o acontecimento.....	67
4.2 O que estava acontecendo em Maceió entre as décadas de 1930 a 1950....	68
4.3 Produção protorracionalista em Maceió.....	79
4.3.1 A Maceió protorracionalista	85
4.3.2 Edificações protorracionalistas ainda existentes	118
4.3.2.1 Escola Nossa Senhora do Amparo (1932)	121
4.3.2.2. Edifício dos Correios (1934)	124
4.3.2.3. Casa do Advogado (1934)	126
4.3.2.4 Residência unifamiliar (1935)	128
4.3.2.5. Antiga Secretaria de Educação (1935)	130
4.3.2.6. SEPLAG / SERVEAL (1936)	132
4.3.2.7. Clube Fênix (1936)	134
4.3.2.8. Escola Estadual Tavares Bastos (1936)	136
4.3.2.9. Antiga Residência Lages (1936)	138
4.3.2.10. Antiga Residência João Rios (1939)	139
4.3.2.11. Bistrô Fernandes (1943)	142
4.3.2.12. Edifício São João (1945)	143

4.3.2.13. Edifício Maceió (1947)	145
4.3.2.14. Antigo Posto de Serviço do Produban (1947)	148
4.3.2.15. Casa Pajuçara (1947)	150
4.3.2.16. Edifício Luz (1948)	151
4.3.2.17. Cine Lux (1948)	155
4.3.2.18. Centro de Saúde (1948)	156
4.3.2.19. Cine Plaza (1949)	158
4.3.2.20. Cine Ideal (1959 fachada atual)	161
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	164
REFERÊNCIAS.....	167
Apêndice A – Lista dos projetos protorracionalistas – por ano e bairro.....	171
Apêndice B – Mapas de ocupação das ruas por bairro entre 1934 – 1959.....	192
Apêndice C – Edificações protorracionalistas levantadas em 1994 e 2017.....	207

1 INTRODUÇÃO

Entende-se que a maioria dos estudos desenvolvidos sobre a arquitetura moderna no Brasil, principalmente no eixo Rio-São Paulo, tenderam sempre para a designatória dos prédios como arquitetura Moderna ou Art Déco. No entanto, entre uma e outra, encontrava-se um enorme elenco de edifícios que não se encaixavam nas referidas classificações e correriam o risco de serem esquecidos nas “gavetas da história”¹. A partir da década de 1980, quando discussões fomentadas por periódicos específicos e encontros científicos como o DOCOMOMO², a academia e os profissionais da arquitetura passaram a enxergar tais edificações que permaneciam nas entrelinhas do Movimento Moderno no Brasil. A rigor, segundo Fuão (2012, p. 02), “Descobriu-se que existia toda uma produção arquitetônica que não parecia tão moderna assim, mas que constituía uma boa parcela da formação de nossas cidades”. Identificou-se a existência de uma lacuna, ainda não investigada, produzida em importante momento de transformações e mudanças no país e, dentro dela, manifestações arquitetônicas de vanguarda que guardavam características próprias e distintas da rotulada arquitetura moderna, presentes não apenas nos cenários paulistanos e carioca, mas, simultaneamente nas diversas capitais do Brasil, onde princípios que priorizavam a junção de motivos modernos com tradicionais, também se externalizavam e contribuíam para uma melhor aceitação da linguagem arquitetônica moderna pela sociedade brasileira.

Essas edificações, encontradas em várias cidades brasileiras, apesar de apresentarem características construtivas, estéticas e formais, comuns às europeias, não conseguem se firmar no Brasil como um conjunto coeso. Em se tratando da denominação adotada pelos autores e pesquisadores brasileiros, encontram-se, em obras e estudos diferentes, diversas nomenclaturas utilizadas para designar os

¹ Expressão utilizada por Fernando Freitas Fuão.

² DOCOMOMO é uma organização não governamental, com representação em mais de quarenta países. Foi fundada em 1988, na cidade de Eindhoven na Holanda. É uma instituição sem fins lucrativos e está sediada atualmente em Barcelona, na Fundación Mies van der Rohe, e é um organismo assessor do World Heritage Center da UNESCO. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/>. Acesso 18 nov. 2015.

exemplares arquitetônicos detectados, tais como: Racionalismo Clássico, Proto Moderno, Modernidade Pragmática e *Art Déco*³.

Dito isso, o estudo em questão apropria-se do termo “Protorracionalismo” adotado por Renato De Fusco em sua obra *História da Arquitetura Contemporânea*, para enquadrar as edificações brasileiras que apresentam características construtivas, estéticas e formais correspondentes às edificações encontradas na Europa, no início do século XX.

Entende-se ser necessário, ainda que de maneira sucinta, dizer o que se entende por “Protorracionalismo”⁴. Em seu sentido etimológico, proto-racionalismo é uma palavra composta, formada por prefixação e sufixação – (proto + racional + ismo). Proto é um prefixo (elemento de composição) que exprime a ideia de primeiro, anterior, ancestral – proto-história (história primitiva); proto-mártir (primeiro mártir). Racional – vem do latim, *racio* que significa razão; é um qualificativo atribuído a quem faz uso da razão, que raciocina. Por fim, o sufixo “ismo” vem do grego e indica uma ideologia, um conjunto de regras a ser seguido. Exemplo: cristianismo, positivismo, idealismo, racionalismo. E o que é racionalismo?

Logo, proto-racionalismo é um estilo, um conjunto de regras que antecede o racionalismo. E o que é racionalismo?

Segundo Hessen (2000, p. 36) “Chama-se racionalismo (de ratio, razão) o ponto de vista epistemológico que enxerga no pensamento, na razão, a principal fonte do conhecimento humano”. Nessa perspectiva, um conhecimento só merece realmente esse nome se for necessário e tiver validade universal. Essa corrente filosófica encontrou na Matemática de Copérnico e de Galileu o caminho que levaria à verdade sobre o homem e o mundo, tendo, por consequência, a valorização do método dedutivo-matemático como caminho para o conhecimento das essências, das ideias e dos princípios (PORTUGAL, 2002). É, pois uma doutrina que se opõe ao empirismo e considera a razão. Segundo Prado Jr (1981, p. 4), “O racionalismo considera que o real é, em última análise, racional e que a razão é, portanto, capaz

³ Encontrou-se referência do estilo arquitetônico em questão nos estudos de: Guilah Naslavsky (*O Estudo do Protorracionalismo em Recife*); Anna Paula Canez (*Fernando Corona: e os caminhos da Arquitetura Moderna em Porto Alegre*); Jorge Czajkowski (*Guia da Arquitetura Art Decó no Rio de Janeiro*); Giovanni Blanco e Candido Malta Campos Neto (*Redescobrimo o Art Déco e o racionalismo clássico na arquitetura belenense*), Hugo Segawa (*Modernidade Pragmática 1922 – 1943 p. 53-76 em seu livro Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*); entre outros.

⁴ Registro utilizado por De Fusco (2015). Nomenclatura apresentada entre aspas por ser uma apropriação retirada da obra citada. Que, após breve esclarecimento, aparecerá no decorrer do trabalho sem aspas.

de conhecer o real e de chegar à verdade sobre a natureza das coisas”. Logo, proto-racionalismo é um estilo, um conjunto de regras que antecede o racionalismo.

Considera-se que a expressão arquitetônica é reflexo da sociedade que a produz, nesse sentido a nomenclatura em questão é a mais apropriada, podendo-se concluir que as descobertas e os investimentos em novos materiais e tecnologias interferiram no método tradicional de construir e estimularam reações “modernizantes” na produção das edificações que surgiram a partir de então na Europa. **As condições de produção do estilo na Europa, se apresentam equivalentes às condições de produção encontradas em sua chegada ao Brasil**, apesar de existir um hiato temporal entre os dois contextos de aparição das edificações protorracionalistas. Sendo assim, expõe-se a seguir um breve panorama do enquadramento sócio histórico encontrado nos dois momentos mencionados.

Percebe-se que o estilo arquitetônico em questão surge, simultaneamente, em diversas cidades brasileiras a partir da década de 1920, estendendo-se até metade do século XX. Originou-se na Europa no ano de 1903, especificamente na Áustria, com a construção do Sanatório Purkerdorf (ilustrado na sessão que fala do Protorracionalismo na Europa). Uma obra do arquiteto Josef Hoffman, que segundo Renato De Fusco, inaugura um estilo repleto de contradições, por investir em inovações e modernizações de conceitos, formas e atitudes, embora ainda ligados a alguns componentes da arquitetura tradicional.

A esse estilo atribuiu-se a nomenclatura Protorracionalismo, denominação utilizada pela primeira vez por Edoardo Persico (DE FUSCO, 2015) para classificar estilisticamente o Palácio Stoclet (outra obra do arquiteto Josef Hoffman, ilustrada na sessão que fala do Protorracionalismo na Europa). Estendeu-se na Europa até o final da Primeira Guerra Mundial.

Sendo assim, o Protorracionalismo surgiu em um cenário de transição que apresentava uma linguagem mista por coexistir em meio a atitudes modernas e anti modernas. Empregando o reducionismo como intencionalidade simplificadora e frente a uma economia de natureza estética e sociológica, que lutava contra o desperdício e o supérfluo diante de uma nova atitude técnica, sobretudo nas transformações formais de gosto, empregando a geometrização de ornamentos e volumes na composição de suas edificações.

Toda essa mudança de paradigma iniciada na Europa espalhou-se pelo mundo, aportou no Brasil a partir da década de 1920, e deparou-se com um país em

busca de suas referências identitárias. O Brasil do início do século XX encontrava-se em um momento de transformações e busca de suas referências identitárias. A partir da década de 1930, inicia-se um novo ciclo de sua história com a Revolução de 30 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, que marcou a implantação de uma nova ordem política e social, com investimentos de ordem econômica, que abriram caminho para a industrialização do país (foco principal do governo naquele momento), assim como, nos setores de saúde, educação e telecomunicação.

Essas mudanças impulsionaram a valorização dos centros urbanos, que passam a receber demanda populacional advinda do campo, em busca de novas vagas de emprego oferecidas pelas fábricas recém instaladas. Dessa forma, a modernização das cidades era fator primordial para vigência de uma nova demanda, bem como a construção de novas sedes para os ministérios que acabam de ser criados.

A arquitetura passou a ser peça chave nesse processo de modernização e assumiu papel importante na propagação das inovações tecnológicas e novos materiais que começavam a despontar no Brasil. O concreto armado passou a ser o “carro chefe” dessa nova arquitetura que despontava.

Dessa forma, a Arquitetura Moderna inicia o ciclo no Brasil, a partir de 1936, com a inauguração do Ministério de Educação e Saúde no Rio de Janeiro, mas além desse processo renovador e andando em paralelo com todas essas transformações, encontrava-se, aqui no Brasil, uma tipificação arquitetônica que fugia dos padrões da arquitetura historicista e que também não se encaixava nos ditames da Arquitetura Moderna. Uma arquitetura de transição que atende aos preceitos do estilo protorracionalista vivenciado na Europa do início do século XX e que desponta em diversas cidades brasileiras.

O referido termo foi usado originalmente por críticos europeus, referindo-se a uma arquitetura de transição entre a secessão vienense e a arquitetura racionalista posterior à 1ª Guerra Mundial. No Brasil, essa arquitetura acontece paralelamente à arquitetura moderna, o que na Europa é precedente. Sua manifestação na arquitetura brasileira caracteriza-se pela tendência a uma atitude essencialmente pragmática, antidogmática e inclusiva. Ocorreu em diversas cidades brasileiras, entre as décadas 1920 e 1950, com características mais ou menos homogêneas, distintas do ecletismo historicista do início do Século XX, e das experiências dos pioneiros do modernismo no Brasil. Essas edificações classificadas como

protorracionalistas trazem uma associação entre a morfologia das fachadas e a produção arquitetônica da primeira metade do Século XX, em especial a década de 1930. Caracterizam-se pelo abandono de adornos, pelo uso de formas retas, uso de novas tecnologias e inovação na planta, embora mantivessem as tradições de funcionamento interno. Principais características: **platibandas escalonadas, motivos geométricos com funções decorativas, ranhuras e saliências, conferindo variedade e ritmo às fachadas, marquises que adornam as janelas e cores contrastantes.**

O estilo denominado Protorracionalismo, chega em Maceió, durante a época compreendida entre as décadas de 1930 e 1950. A cidade já passava a retratar, na arquitetura, uma manifestação com características próprias que não se encaixavam no perfil do modernismo em voga no país (a partir de 1936), nem nos estilos históricos já em desuso nessa época. Segundo Naslavsky (1992, p. 03), “é possível identificar uma produção de arquitetura pós-eclética ou pré-moderna, com características de arquitetura de transição, rica em contradições, que, sem dúvida, contribuiu para a aceitação e difusão do modernismo no país.”.

A existência na cidade de Maceió de exemplares arquitetônicos como esses e que não têm sido alvo de produção acadêmica quanto a sua trajetória, a nosso ver, reclamam a importância dos seus registros como parte do patrimônio cultural, da cidade, como um meio de preservação desses bens. Entende-se que essa ação de elegê-los como alvo de pesquisa, a priori, já contribui para uma adequada gestão de preservação desse patrimônio cultural edificado maceioense, mediante identificação, registro e reflexões conceituais a respeito dos exemplares protorracionalistas existentes na cidade.

Buscou-se, portanto, ampliar conhecimentos teóricos metodológicos das particularidades advindas desse estilo arquitetônico, para efetivamente destacar sua importância como marco arquitetônico e parte integrante do patrimônio cultural edificado da cidade de Maceió, contribuindo, dessa forma, com os órgãos que gerem a preservação do patrimônio edificado nessa cidade. Ações como catalogação das referidas edificações, forjadas pelo tempo e registradas pela história da cidade vêm auxiliar a percepção e salvaguarda desses bens.

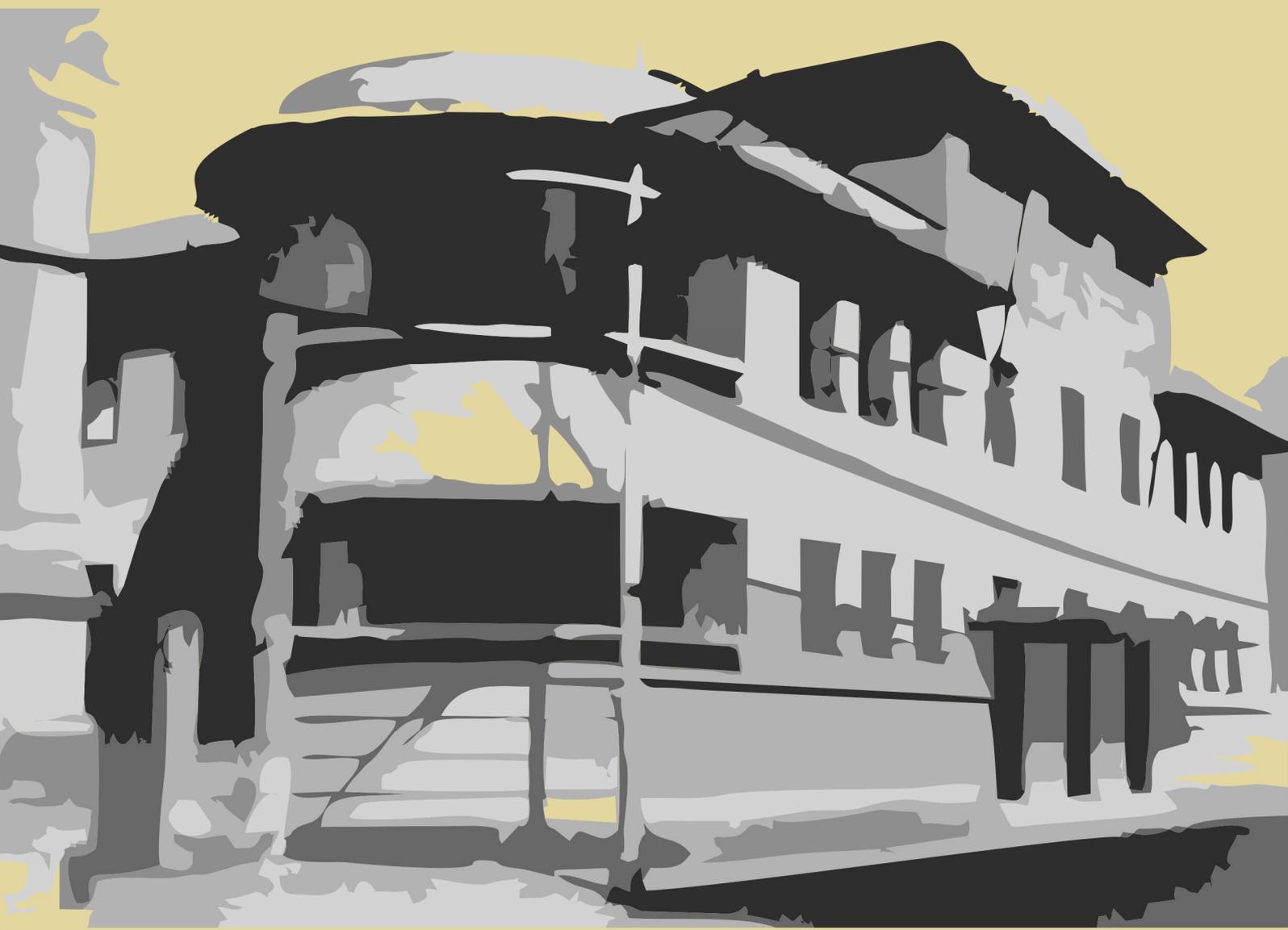
Para tanto, organizou-se este trabalho em 03 (três) seções: a primeira, trata do percurso teórico metodológico empregado e a metodologia utilizada na coleta dos dados necessário ao desenvolvimento da pesquisa, trajetória descrita na sessão a

seguir, que detalha todas as etapas metodológicas aplicadas, desde a definição de parâmetros estilísticos, identificação dos exemplares, levantamento *in loco* e em órgãos públicos, sistematização e análise de dados; até a produção do texto final. A segunda, focaliza o contexto histórico amplo de sua origem na Europa, bem como dos antecedentes de seu surgimento e as características arquitetônicas/construtivas marcantes, além disso, também trata das condições sócio históricas que oportunizaram o surgimento de exemplares protorracionalistas no Brasil e, finalmente, a terceira que mostra a produção desses exemplares na cidade de Maceió, bem como o contexto social e urbano que envolve a produção dessas edificações na cidade. São objeto de análise, os projetos coletados e digitalizados na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (SEDET) e as edificações levantadas em dois momentos temporais (1994 e 2017)⁵, durante o desenvolvimento do trabalho.

A intenção da pesquisa, não se encontra apenas na identificação desses monumentos, mas em alertar a população acerca da existência de um propósito e de uma história por trás de cada edificação, pois, segundo Riegl (2014, p. 33), “o monumento é [...] um elo indispensável da corrente da história da arte e, entender seu contexto histórico, social e ideológico é o primeiro passo para a sua conservação.” Espera-se, com este trabalho, contribuir, ainda que minimamente, para o entendimento da importância desse período no desenvolvimento arquitetônico e urbano da cidade, pois ele é parte integrante do contexto vivenciado hoje.

⁵ Falaremos a respeito, na seção que trata do “Protorracionalismo” em Maceió.

PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO



2 PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO

2.1 Considerações iniciais

Acredita-se que para entender uma estrutura, fenômeno ou acontecimento, contextualizá-lo historicamente entende-se necessário, pois a história se interliga. Segundo Riegl (2014, p. 32), “tudo que tem uma sequência, supõe um antecedente e não poderia ter acontecido da forma como aconteceu se não tivesse sido antecedido por aquele elo anterior”. Nessa perspectiva, segundo Cavalcante e Machado (2015, p. 118), “há que se considerar a importância da história, entendida como um processo sempre inconcluso do agir humano, considerada um campo de batalhas, de disputa de sentidos, de luta de classes”. Daí a necessidade, em todo o processo de produção do conhecimento, de ultrapassar a realidade fenomênica, uma vez que a essência não se dá a conhecer à primeira vista.

Desde essa perspectiva, considera-se ser necessário entender que toda prática social resulta de um conjunto de determinações reguladas para atender as necessidades reclamadas pela sociedade, num dado momento histórico. Entende-se esse conjunto de determinações reguladas em um dado momento, como acontecimento. Bakhtin (1993, p. 54), o define “como evento de curta ou longa duração em seu contexto imediato, convocando uma memória histórica das tensões, no espaço de luta de classes”.

Frente ao exposto, atesta-se que o estilo arquitetônico em questão, o Protorracionalismo, inaugura um novo acontecimento, na história da arquitetura, consequência de outros eventos que o antecederam. Dentre esses eventos encontram-se como protagonistas: uma nova visão da história, que levou a questionamentos e transformações culturais, territoriais e técnicas, emergindo em meio à evolução de ideias, de técnicas construtivas, de materiais, inovações formais e tecnológicas; o advento da Revolução Industrial, que iniciou o processo de transição de métodos de produção artesanais para a produção manufaturada ou mecanizada e o pensamento racionalista⁶, entre outros, que romperam com preceitos clássicos e historicistas em busca de uma proposta inovadora.

⁶ Racionalismo – em geral, a atitude de quem confia nos procedimentos da razão para determinação de crenças ou de técnicas em determinado campo (ABBAGNANO, 2000, p.821).

Para Benévolo (2001, p. 12),

Em vários campos, dentro e fora dos limites tradicionais, veem-se emergir novas exigências materiais e espirituais, novas ideias, novos instrumentos de participação que, em ponto determinado, confluem em uma nova síntese arquitetônica, profundamente diversa da antiga.

Tendo o Protorracionalismo como foco central do estudo, entende-se a necessidade de buscar embasamento a respeito do tema. Era fundamental a apropriação do conceito e análise do estilo para o seguimento da pesquisa.

Em primeiro plano, a metodologia empregada se firma em pesquisa bibliográfica. Sendo assim, a questão inicial que se coloca é: por que se escolheu a denominação Protorracionalismo, dentre outras existentes, para classificar como o estilo dos exemplares identificados na cidade de Maceió? A resposta encontra-se apoiada na obra de Renato De Fusco: *A História da Arquitetura Contemporânea*, obra que se torna componente norteador da pesquisa, pois, aborda toda uma sistemática dessa produção, além de elencar os profissionais que protagonizaram a concepção e execução das obras e os países da Europa onde atuam. Analisa o contexto sócio histórico de sua incidência sintetizando as mudanças de paradigmas que ocorreram nesse período. Outros autores consultados a respeito da abordagem na Europa foram: Keneth Frampton, Leonardo Benévolo e Jean – Louis Cohen.

Em prosseguimento e baseando-se em pesquisas anteriormente desenvolvidas pela autora⁷, e em fontes como Luiz Paulo Conde, Mauro Almada e Guilah Naslavsky, percebeu-se que o referido estilo iniciou seu processo de reconhecimento no Brasil, a partir da década de 1980. Muito tempo se passou até os pesquisadores brasileiros descobrirem a sua incidência no país. Espalhados em várias cidades, focos protorracionalistas aos poucos seriam desvendados por arquitetos mais atentos que perceberam que tais edificações, não se acomodavam como modernas; tampouco historicistas. Tinham passado despercebidas por muito tempo.

⁷ AGUIAR, Juliana; SALDANHA, Roberta. **Proto-Racionalismo em Maceió: de 30 a 55**. 1994. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. 1994. A pesquisa realizada pelas autoras (1994), que inicialmente detectou exemplares protorracionalistas na cidade de Maceió, posteriormente, norteou e fomentou o aprofundamento de estudos com a intenção de documentar a existência desses exemplares, e de novos encontrados na atual pesquisa, bem como auxiliar em futuros estudos e políticas de proteção aos bens levantados.

Para a construção de toda base teórica e contextualização dessa incidência no Brasil, apoiou-se na obra de Hugo Segawa, que aborda o decorrer de fatos e transformações que a sociedade brasileira sofre nesse intercurso. Pontualmente, nas cidades brasileiras, iniciativas voltadas para o reconhecimento e estudo desses exemplares passaram a ganhar força, demonstrando que o Protorracionalismo estava realmente espalhado pelo país. Estudos realizados por Conde e Almada, Naslavsky, Barthel, Canez, Reis, Blanco e Neto, entre outros, comprovaram a existência do estilo em suas cidades.

Dessa forma, em 1994 levantou-se a possibilidade da existência do estilo em Maceió, e, após o estudo desenvolvido (citado anteriormente), comprovou-se que inseridos na malha urbana da cidade, encontravam-se alguns exemplares protorracionalistas. Na ocasião, foi feito o levantamento das edificações e foram escolhidas três de usos diferentes para um detalhamento mais aprofundado.

Em se tratando do presente estudo, buscou-se ampliar conhecimentos teóricos metodológicos das particularidades advindas desse estilo arquitetônico, para efetivamente destacar sua importância como marco arquitetônico e parte integrante do patrimônio cultural edificado da cidade de Maceió, a fim de entender em que contexto sócio histórico cultural se desenvolveu, em quais locais da malha urbana se instalou e de que maneira foi aceito pela sociedade da época. Para tanto, lançou-se mão de estratégias metodológicas que serão explicitadas na sessão a seguir.

2.2 O caminho percorrido

Dentre os mecanismos que envolvem a pesquisa científica a escolha da metodologia que se aplicará é importante para o desenvolvimento fluido do processo de construção do trabalho. Segundo Andrade (2010, p. 117), “Metodologia é o conjunto de métodos que são percorridos na busca do conhecimento”. A palavra método vem do grego *methodos* que, segundo o dicionário Aurélio, quer dizer procedimento organizado que conduz a um resultado, ou seja, um caminho ou trajetória a ser seguido. Entretanto, para escolher o caminho adequado, é necessário, antes de tudo, saber o lugar aonde se quer chegar, pois, como diz Cavalcante (1997, p. 31), “há estradas aparentemente retas e planas que, num dado

momento se bifurcam e, se não sabemos exatamente que direção tomar, poderemos chegar ao lugar errado.”.

Assim também na atividade científica. Segundo Magalhães *et.al.*(2016, p. 43),

[...] O principal marco delimitador entre o conhecimento científico e o não científico está vinculado ao esclarecimento da processualidade que dá origem a um novo conhecimento, isto é, o método empregado para o desvelamento da realidade. O método de uma pesquisa precisa esclarecer com objetividade sua vinculação com o escopo teórico norteador do trabalho e, ao mesmo tempo, mostrar a forma utilizada, o caminho percorrido pelo pesquisador para explicar o objeto de sua investigação.

Por aí, percebe-se que sempre há uma relação entre o sujeito pesquisador e a realidade a ser estudada, que terá como mediação o método da investigação.

Diante do exposto, tendo como objeto de estudo o estilo protorracionalista dentro de um recorte temporal na cidade de Maceió, optou-se pela pesquisa exploratória, de cunho quantiquantitativo, e, dentro dessa perspectiva, a estratégia metodológica escolhida foi a do estudo de caso, que se adequa às demandas utilizadas na procura dos dados e das informações necessárias para o desenvolvimento do estudo.

Para esclarecer o que seria um estudo de caso, buscou-se a definição em Yin (2001, p. 32), que assim diz: “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.” Ainda segundo Yin (2001, p. 33),

[...]estudos de caso podem envolver casos únicos ou múltiplos e evidências quantitativas, como estratégia de pesquisa compreende um método que abrange tudo – com a lógica de planejamento incorporando abordagens específicas à coleta de dados e à análise de dados. Nesse sentido, o estudo de caso não é nem uma tática para coleta de dados nem meramente uma característica do planejamento em si, mas uma estratégia de pesquisa abrangente.

No caso em foco, para atingir o objetivo almejado – o acontecimento protorracionalista em Maceió, entre os anos de 1934 a 1959 - instrumentalizando a metodologia escolhida, ações de coleta, sistematização e análise de dados levantados em campo e confrontados com referências bibliográficas foram empregadas no desenvolvimento do trabalho, como ilustrado no quadro que segue.

Figura 001: Trajetória metodológica da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Feito esse percurso, após pesquisa mais aprofundada a respeito dos parâmetros estilísticos e definido o recorte temporal de estudo do objeto, (inicialmente de 1930 a 1955) e utilizando o método da pesquisa de campo, retornou-se aos exemplares identificados em 1994, no intuito de aferir o estado físico em que se encontravam atualmente. Segundo Andrade (2010, p. 131), a pesquisa de campo, “utiliza técnicas específicas, que têm o objetivo de recolher, de maneira ordenada, os dados sobre o assunto em estudo”.

O resultado do levantamento realizado em 2017 foi bastante preocupante, pois, dos 15 exemplares detectados em pesquisa anterior (1994), um havia sido demolido, outros dois foram totalmente desfigurados, sofreram intervenções que os descaracterizaram, ao ponto de não restar nenhum resquício de características do Protorracionalismo e, por último, um exemplar que se encontra em estado de total abandono. Além dessas constatações, percebeu-se que, gradativamente, alguns dos demais exemplares, também apontavam sinais graves de descaracterização e abandono.

Deu-se início à busca por mais exemplares, na tentativa de ampliar o rol de edificações existentes na cidade, para se prosseguir ainda utilizando o método da pesquisa de campo. O resultado do esforço mostrou que havia outros prédios que não tinham sido detectados na pesquisa anterior e que esta lista poderia ser ampliada com uma procura mais aprofundada. Buscou-se então, recorrer ao acervo técnico de órgãos públicos como a setores da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (fonte primária), de agora em diante SEDET. As fontes primárias, segundo Andrade (2010, p. 28),

[...] são constituídas por obras ou textos originais, ainda não trabalhados. Entre as fontes primárias, incluem-se os documentos constantes dos arquivos públicos e parlamentares, dados estatísticos, autobiografias e diários, relatos de viagens e de visitas a instituições.

Recorrendo a essas fontes, e de forma surpreendente, foram encontrados os documentos necessários para análise do período em questão que, não apenas revelou um rol muito maior do que o esperado diante da perspectiva arquitetônica, como ajudaram na construção de outros requisitos importantes que possibilitaram uma melhor compreensão e estruturação da pesquisa: entender o contexto urbano de desenvolvimento da cidade; detectar quais ruas e bairros apresentaram sinais de crescimento; traçar o perfil dos profissionais que atuavam na época; identificar as peculiaridades das edificações construídas à época e com qual intenção se dava esse movimento.

Em decorrência, muitas descobertas e novos entendimentos esse processo metodológico possibilitou. Os resultados e detalhamento feitos a *posteriori*, serão retomados na última sessão da presente pesquisa, dedicada ao Protorracionalismo em Maceió.

Inicialmente determinou-se um recorte entre 1930 a 1955. Na verdade, os arquivos, encontrados na SEDET, iniciam a partir de 1934 (encontrou-se apenas uma planta da referida data), tomou-se a decisão de conduzir a busca dos projetos por décadas. O novo recorte, foi determinado entre 1934 a 1959. Dentro desse novo período, de acordo com os parâmetros estilísticos definidos - **platibandas escalonadas, motivos geométricos com funções decorativas, ranhuras e saliências, conferindo variedade e ritmo às fachadas, marquises que adornam as janelas e cores contrastantes** - foram detectados e digitalizados 2.769 projetos arquitetônicos, entre projetos de construção, reformas e remodelação⁸ de fachadas (ver figura 002).

⁸ Nomenclatura encontrada em alguns projetos para designar reforma de fachada

Figura 002: Nomenclatura encontrada em alguns enunciados de projetos de reforma de fachada



Fonte: Acervo técnico SEDET
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Após digitalizadas e catalogadas, as informações passaram a ser sistematizadas e tabuladas para, enfim, serem analisadas, processo que será pormenorizado a seguir.

2.2.1 Sobre a amostragem

Para quantificar o universo pesquisado, teve que se levar em conta as pastas dos arquivos encontradas no acervo técnico da SEDET, que não obedeciam a um padrão, quanto ao número de plantas arquivadas. Dessa forma, a contagem dos projetos teria que ser realizada com base nas plantas digitalizadas.

Figura 003: Pastas com projetos arquivados do acervo técnico da SEDET



Fonte: Acervo técnico SEDET
Foto: Juliana Aguiar (2017)

O trabalho de sistematização desses dados realizou-se concomitantemente às visitas ao órgão público. Foram três meses para digitalização, sistematização e tabulação de todos os dados.

Inicialmente, foram organizadas por ano todas as plantas de todos os anos levantados, porém, ao se concluir o ano de 1947, percebeu-se que outro fator passava a interferir: o tempo estabelecido para a conclusão da pesquisa. Diante dessa ponderação, optou-se pela aplicação do ‘método de amostragem’.

Apoiou-se em Barbeta para a instrumentalização dos conceitos estatísticos necessários. De acordo com o referido autor (2012, p. 41),

Nas pesquisas científicas, em que se deseja conhecer algumas características (parâmetros) de uma população, também podemos observar apenas uma amostra de seus elementos e, com base nos resultados da amostra, obter valores aproximados, ou estimativas, para os parâmetros de interesse. Esse tipo de pesquisa é usualmente chamado de levantamento por amostragem. Contudo, a seleção dos elementos que serão efetivamente observados deve ser feita sob uma metodologia adequada, de tal forma que os resultados de amostra sejam suficientemente informativos para se inferir sobre os parâmetros populacionais.

A partir de então, o entendimento sobre alguns conceitos utilizados na aplicação da técnica, passaram a ser necessários, tais como:

População⁹ – é o conjunto de elementos para os quais desejamos que as conclusões da pesquisa sejam válidas, com a restrição de que esses elementos possam ser observados ou mensurados sob as mesmas condições. (BARBETA, 2012, p. 41)

Parâmetro – é a medida que descreve certa característica dos elementos da população. (BARBETA, 2012, p. 42)

Amostra – parte dos elementos de uma população. (BARBETA, 2012, p. 43)

Amostragem – o processo de seleção da amostra. (BARBETA, 2012, p. 43)

Estimativa – valor calculado com base na amostra e usado com finalidade de avaliar aproximadamente um parâmetro. (BARBETA, 2012, p. 43)

Definir o tipo de técnica de amostragem e o tamanho da amostra foram as próximas etapas do processo.

⁹ A população, no caso da presente pesquisa, será o total de projetos digitalizados.

2.2.1.1 Técnica de amostragem e extensão da amostra.

Das técnicas apresentadas na obra de Barbeta, despertou interesse de aplicação as amostragens não aleatórias. Segundo o autor (2012, p. 54), “em geral as técnicas de amostragem não aleatórias procuram gerar amostras que, de alguma forma, representem razoavelmente bem a população de onde foram extraídas”. Essa perspectiva compreende várias técnicas, estando entre essas a amostragem por julgamento, em que, segundo Barbeta (2012, p. 54), “os elementos escolhidos são aqueles julgados como típicos da população que deseja se estudar”. (Sic).

Como mencionado anteriormente, a sistematização completa dos dados (levando em conta todos os projetos encontrados nas pastas) compreendia os anos de 1934 a 1947, e, com base nessas informações foram determinados os parâmetros mais relevantes que lastrearam a escolha dos projetos, nos demais anos restantes, tais como: **a legibilidade dos projetos (muitos se encontravam ilegíveis por conta da ação do tempo e mau acondicionamento do material); a localização das edificações (bairros de maior incidência); a composição e ineditismo das fachadas e plantas baixas; a implantação no lote.** Faltava apenas calcular o tamanho da amostra.

Para se empreender o cálculo do tamanho da amostra primeiro deve-se definir o tamanho de erro amostral tolerável, e, pois, como adverte Barbeta (2012, p. 57), o “erro amostral é a diferença entre uma estatística e o parâmetro que se quer estimar”. Encontrou-se no referido autor (2012, p. 58) que: “em uma fórmula para o tamanho mínimo da amostra: N tamanho (número de elementos) da população; n tamanho (número de elementos) da amostra; n° uma primeira aproximação para o tamanho da amostra; E° erro amostral tolerável”.

A seguir, demonstram-se as fórmulas e o valor encontrado para a pesquisa:

Figura 004: Primeiro cálculo para definição do tamanho da amostra

Um primeiro cálculo da amostragem pode ser feito, mesmo sem conhecer o tamanho da população, através da seguinte expressão:

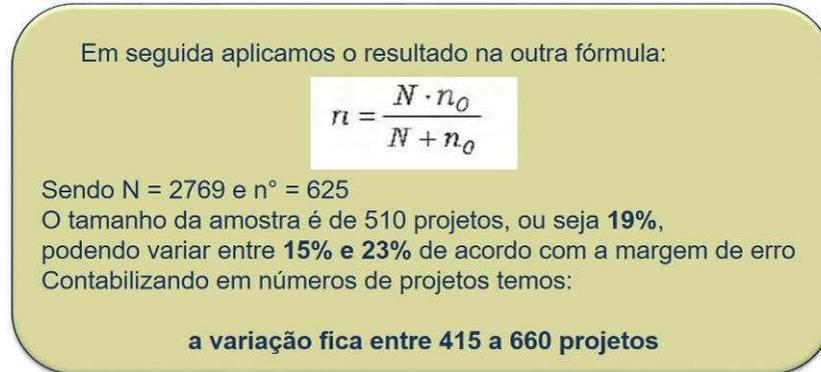
$$n_0 = \frac{l}{E_0^2}$$

Definindo o erro amostral tolerável em **4%** o valor de n° será
625

Fonte: Barbeta (2012). Adaptado pela aurora.

Sequencialmente, partiu-se para a segunda etapa do cálculo:

Figura 005: Cálculo para definição do tamanho da amostra

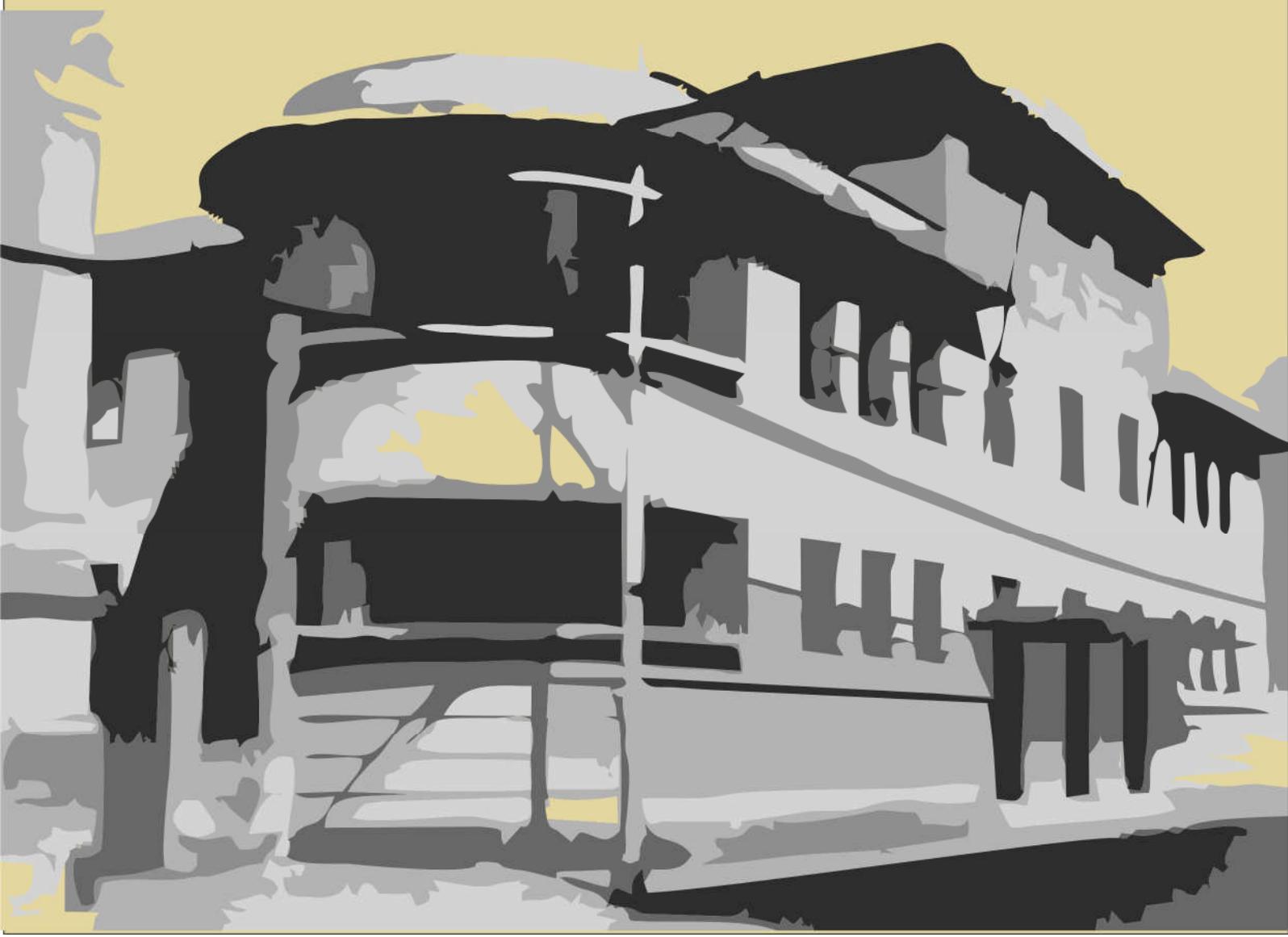


Fonte: Barbeta (2012). Adaptado pela aurora.

Em seguida definiu-se o tamanho da amostra: – 510 projetos. A partir desse parâmetro, o número de projetos pode variar entre 415 a 660 projetos. Optou-se pelo universo de 660 projetos, ou seja, 23% dos projetos digitalizados.

De posse de todos esses dados, obteve-se o número total de projetos levantados, dentro do recorte temporal rastreado e deu-se assim continuidade à sistematização e tabulação completa. Os resultados obtidos possibilitaram o reconhecimento do panorama urbano da cidade da época, através da construção de mapas indicativos, assim como a possibilidade de conhecer mais a fundo as edificações estudadas. O detalhamento desses resultados será apresentado nas seções que se seguem.

○ QUE ANTECEDE ○ “PROTORRACIONALISMO”



3. O QUE ANTECEDE O PROTERRACIONALISMO

De acordo com De Fusco (2015) a arquitetura protorracionalista surge na Europa, no contexto sócio histórico ideológico, do final do século XIX e início do século XX, especificamente, na realidade de três países: Áustria, Alemanha e França, prestes a dar início a um novo ciclo de sua história, frente a um processo modernizador e de ruptura com velhas práticas no início do século XX. Com o estabelecimento da Revolução Industrial e das novas tecnologias, surge uma nova ordem econômica que passa a exigir novas formas de organização do trabalho. Assim, o desenvolvimento tecnológico proporciona inovações e invenções de máquinas que vão substituir o trabalho artesanal, valorizando o trabalho manufaturado o que causa uma revolução no processo produtivo tradicional.

Como consequência desse acontecimento histórico, inicia-se também um processo de migração para os centros urbanos, em detrimento da vida no campo. Com isso, o redesenho do ambiente urbano torna-se uma necessidade e, como não poderia deixar de ser, as novas tecnologias possibilitaram a descoberta de novos materiais que interferiram na construção civil, possibilitando novos métodos de construção.

3.1 Antecedentes Históricos

Segundo Renato De Fusco, em seu livro a História da Arquitetura Contemporânea, a primeira edificação protorracionalista construída na Europa data de 1903, início do século XX. No entanto, as transformações socioculturais sofridas no continente, ainda no século XIX, teriam sido fundamentais para o nascimento da arquitetura e do urbanismo modernos (o estilo em questão se define como parte dessa evolução, já no século XX), dando expressão aos acontecimentos iniciados no século anterior, momento posterior da historiografia contemporânea que envolveu grandes mudanças sociais, econômicas e tecnológicas. Mesmo ciente de tal processo, por conta do recorte sugerido nesta pesquisa, não cabe, no momento, aprofundar essa questão.

No entanto, entendendo o contexto social, cultural e ideológico do século XIX, viu-se que fatores conjunturais ocorridos desde o liberalismo, positivismo,

industrialização, revolução tecnológica e o socialismo utópico entre outros, encontravam-se inseridos na formação estrutural da sociedade europeia (DE FUSCO, 2015).

Como resposta a esse contexto, a política social e econômica do individualismo se firmou, acentuando e estimulando a competição, frente ao aumento do ritmo de trabalho, e a valorização da propriedade privada. Como já dito anteriormente, o desenvolvimento tecnológico proporcionou inovações e invenções de máquinas que substituíram o trabalho artesanal, causando uma revolução no processo produtivo tradicional e valorizando o produto manufaturado. Conforme De Fusco (2015, p. 16-17), “do conjunto destes fenômenos nascem a produção em massa, a economia de consumo, [...] o regime de competência, apoiado na técnica e no postulado econômico pelo qual tudo é lícito, útil e bom contanto que se venda.”. O capitalismo se fortaleceu como economia de mercado e é utilizado pela classe burguesa como ideologia, que aplicou seus princípios comprometendo-se totalmente com a indústria e com o comércio, tornando-se a classe dominante do século XIX e uma das protagonistas da Revolução Industrial na Europa.

Por outro lado, a classe proletária, formada pelos trabalhadores das fábricas e indústrias, encontrava-se na outra face do sistema, que, alimentado pelo liberalismo, favorecia a classe patronal que detinha os instrumentos de produção, cabendo apenas aos trabalhadores vender sua força de trabalho produção manufatureira. Foi o século da organização do proletariado em sindicatos e associações, fomentados pela consciência de classe do proletariado, que se organizou segundo os princípios do marxismo, que defendia uma revolução política e o fim da sociedade de classes, visando melhores condições de trabalho e extinção da miséria em que se encontrava a população operária (DE FUSCO, 2015).

Com o estabelecimento da Revolução Industrial, das inovações tecnológicas e de uma nova ordem econômica, cresceu o interesse da população pelas cidades em detrimento da vida no campo, iniciando-se um ciclo de migração para os centros urbanos. A princípio, a Inglaterra teria sido a primeira nação a vivenciar a experiência da “civilização industrial” (DE FUSCO, 2015). A cidade despertou para um novo ciclo cheio de contradições, onde o urbanismo moderno nasceu, diante do caos e da insalubridade presentes nas condições higiênico-sanitárias das residências e dos alojamentos populares.

Entende-se, efetivamente, que existe uma relação entre a expressão arquitetônica produzida em uma determinada época e a sociedade que a produziu. Uma é o reflexo da outra, portanto a nova tecnologia surgida possibilitou a descoberta de novos materiais e a tecnologia moderna viabilizou novas exigências, que, interferiram no método tradicional de construir. O uso do ferro forjado, do aço e do concreto armado ampliaram as possibilidades construtivas nas diferentes tipologias arquitetônicas. O adjetivo moderno, segundo Abbagnamo (2000, p. 679) tem sua origem no latim pós-clássico, significa “atual”. É empregado a partir do séc. XVIII, para indicar o período da história ocidental que começa depois de Renascimento¹⁰. Diante de tal conjuntura, De Fusco (2015, p. 35), nesse momento, apresenta a “arquitetura da engenharia” como:

a manifestação mais significativa no campo construtivo da cultura do século XIX e, posto que não é um fenômeno meramente técnico, marca o passo mais claro entre o passado e o presente da história da arquitetura, sem o qual é impensável o nascimento do Movimento Moderno.

Esse tipo da manifestação construtiva, expressa no século XIX, possuía caráter científico e tecnológico e refletia os significados e as funções da sociedade de seu tempo. Dessa forma, tem-se na produção das edificações: formas, técnicas, materiais novos e inovadores, advindos de práticas e pesquisas, de certa forma, estimuladas por reações “modernizantes” incentivadas pela própria sociedade, podendo-se afirmar, a partir de De Fusco (2015, p. 35), que: “a obra dos engenheiros do século XIX é arquitetura para todos os efeitos; não é imune às características invariantes de sua época”.

Pode-se destacar como exemplo de aplicação desse tipo de produção – pontes, grandes cobertas de ferro, uso de vidro e edifícios com esqueleto metálico – que eram utilizadas em armazéns, estações ferroviárias, mercados cobertos, prédios com vários pisos, etc. Esse tipo de estrutura e cobertura metálica proporcionavam uma espacialidade inédita até então, e transmitia uma visão técnica positivista ligada às inovações e possibilidades trazidas pela revolução industrial.

No entanto, apesar da efervescência construtiva, incentivada por inovações tecnológicas, a arquitetura parecia estar ligada à poética de uma pluralidade formal empregada nas edificações, que revivia e trazia à tona alguns estilos historicistas.

¹⁰ Já Modernidade - “é um conjunto amplo de modificações nas estruturas sociais do ocidente, a partir de um processo longo de racionalização da vida” (SILVA; SILVA, 2009, p. 297).

Dentre esses, o Ecletismo que remontava tendências históricas e instituía como modelo para a sociedade, releituras de estilos artísticos passados, que constituíam elos históricos e fundamentavam tendências futuras. A rigor, o Ecletismo enquanto estilo arquitetônico se desenvolvera desde a segunda metade do século XVIII e durante todo o século XIX. Introduziu “*revivals*” alusivos ao passado, trasladados e instituídos como modelos não só das edificações, mas da sociedade como um todo. Dentre as tendências historicistas retomadas tivemos: o neoclássico, o neogótico, o neorromânico, entre outros, sempre como o uso de repertório classicista nas suas composições construtivas. Tal recorrência fez Pateta (1987, p. 10) colocar que: o período que se iniciou na segunda metade do século XVIII, reencontra “uma continuidade histórica que tem origem na crise de antiga tradição (por volta de 1750) e que culmina no abandono total de qualquer referência aos estilos históricos, pretendidos pela arte moderna.” (1987, p. 10)

Também em reflexões de Zevi (1950, p. 14) encontra-se que o emprego de “*revivals*” arquitetônicos, no ecletismo, afetaria todo o Movimento Moderno, e que: “a partir do neoclassicismo, o desenvolvimento da criatividade arquitetônica tem sido acompanhado por uma investigação crítica metódica do passado, e, sem ela é culturalmente inconcebível”. Sobre o desenvolvimento futuro do Movimento Moderno e seu elo com o passado, assim se posiciona De Fusco (2015, p. 42): “as relações entre a arquitetura e a historiografia dão lugar a um debate incessante, uma colaboração tão sistemática que impossibilita seguir a evolução já secular do Movimento Moderno sem ter em conta a presença e a influência da historiografia”.

Há pesquisadores, como Pateta (1987, p. 10), que defendem

[...] o Ecletismo constituiu para a historiografia um centro de interesse, a partir da crise do Movimento Moderno, no que diz respeito à existência de uma continuidade histórica que se originou na tradição clássica vitoriana tendo seu término com a chegada da arte moderna; vive a obscuridade no período demarcado pelo Movimento Moderno – que o considera como um “inimigo” a ser vencido.

Desse modo, a retomada incentivada por interesses renovados no que diz respeito à proteção e à restauração do patrimônio histórico monumental, associado à crise do urbanismo do Movimento Moderno voltou o olhar historiográfico para a cultura e a cidade do século XIX, enquanto a discussão histórica ampliou e superou

a perspectiva tendenciosa estabelecida pelas Vanguardas e pelo Movimento Moderno.

Em Pateta (1987), encontram-se respostas a algumas questões, até então abandonadas pela arte moderna, relativas à distinção do Ecletismo em relação aos *revivals* arquitetônicos, que surgem ao mesmo tempo em que os países europeus se voltam para a busca de um “estilo nacional”. Os elementos arquitetônicos do passado empregados nas edificações trazem simplificação e redução de proporção que aproxima a composição eclética da proposta “moderna” vivenciada na arquitetura: a concepção de estilo como linguagem coletiva e sistema universal de formas que transcendiam as singularidades e individualidades; a relação com o antigo, que finalmente se diluiu na prática profissional corriqueira, pois acreditou-se que aplicando elementos do passado podia-se reviver experiências criativas, e, por fim, pensou-se na arquitetura como resultado de uma sociedade que se voltava para a produção em massa e que necessitava do emprego de um sistema de regras que colocava a liberdade criadora em limites bem definidos.

Para Pateta (1987, p. 13), “o Ecletismo era a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso, amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto”. Assim entendido, pode-se perceber como a cultura arquitetônica buscou elementos compositivos de regiões e épocas distintas para recompô-los de diferentes formas, que se distinguem em, pelo menos, três correntes, segundo Pateta (1987, p. 14):

- **composição estilística** – imitação de formas do passado pertencentes a um estilo arquitetônico único e preciso;
- **historicismo tipológico** – priorizando as escolhas à relação de semelhança entre o estilo e a finalidade a que se destinava cada edificação;
- **pastiches compositivos** – que traziam uma maior liberdade estilística, inventando soluções historicamente inadmissíveis. (Grifos nossos)

Com efeito, entende-se que o Ecletismo teve seu papel importante na história das artes e da arquitetura, por reviver, e, ao mesmo tempo, transformar valores artísticos do passado, caracterizando o elo histórico que busca, em seus antecedentes, o embasamento de seus passos futuros e feitos preliminares que resultam no desenvolvimento da arquitetura moderna.

Ainda a respeito do contexto histórico que antecede o Protorracionalismo, localiza-se outro estilo que se destaca, por transmitir, segundo De Fusco (2015, p. 104), “a grande herança cultural do século XIX ao nosso século” - o *Art Nouveau*. Esse estilo arquitetônico alastrou-se pelos costumes da época, chegando a ser considerado, segundo De Fusco (2015, p. 106), como “a conclusão de uma grande evolução de problemas culturais e variações de gosto que durante todo o século XIX pretendiam definir *ex novo* como um ‘estilo’”.

O *Art Nouveau* empregou a lógica capitalista do intercâmbio entre países que levou ao internacionalismo e ao encurtamento das distâncias como aspecto peculiar, sem esquecer que foi fruto de uma cultura da classe dominante que, conforme o supracitado autor (2015, p. 108), exacerbou a “‘satisfação pelo ornamento’, o otimismo progressista, a alegria de viver, o gosto por gastar e consumir”, reforçando aspectos da cultura do capital e da civilização moderna industrial. De certo, percebe-se que a mesma sociedade que produziu o Ecletismo, em sequência, abraça o *Art Nouveau*, que vale observar alcançou uma abrangência internacional chegando a impregnar todos os costumes de uma época. Em contrapartida, o Ecletismo buscava o retorno de elementos do passado na tentativa de se conseguir um estilo nacional, que representasse cada país europeu em sua singularidade.

Efetivamente houve, com o advento do *Art Nouveau*, o investimento em novas formas arquitetônicas tais como: uma maior e mais acentuada aceitação da tecnologia moderna; um olhar diferenciado para as ‘artes menores’; a intenção de superar a dualidade entre artesanato e indústria. Ainda a esse respeito, defende De Fusco (2015, pp. 110-111):

É [n]esta *forma*, esta ‘redução formal’, que se traduz o debate do século XIX sobre o problema dos produtos manufaturados em um tema conhecido por todos e, portanto, de grande alívio social; assim pois, somente a produção de uma ‘moda’ – fenômeno que consideramos de primordial importância para a história da cultura e da arte, e principalmente na civilização industrial de massas contemporânea – podia difundir-se aquela ideia de Morris¹¹ da arquitetura como conjunto de todas as modificações e conformações levadas a cabo pelo homem para resolver suas próprias necessidades.

¹¹ William Morris (1834-1896) inglês, que se desenvolveu em vários campos e diversos níveis, desde a arte a política, do artesanato ao comércio, da atividade prática a formulação teórica. Os feitos mais importantes de sua biografia são: os estudos em Oxford; a experiência (interrompida) no campo da arquitetura; sua associação com os pré-rafaelitas; entre outros.

A arquitetura produzida, traz consigo o gosto pela abstração, definida por duas famílias morfológicas – côncavo-convexo e geometrização abstrata; a reflexão a respeito das formas; a “introdução ao sentimento” (DE FUSCO, 2015). Determina-se uma relação estreita entre a arquitetura e a natureza, a mistura de materiais e cores, uso do ferro em suas edificações e uma unidade estilística entre os espaços internos e externos.

Contudo, o *Art Nouveau* se apresenta com denominações distintas nos diversos países europeus, como é o caso de: *Jugendstil*, denominação Alemã e Secessão Vienense na Áustria; e, ainda, de acordo com De Fusco (*op. cit.*, p. 132), influenciou o Movimento Moderno e o “Protorracionalismo”,

[...]com seus aspectos individuais: o volume, o plano, a linha, assim como os diversos instintos ‘decorativos’. Estes últimos, uma vez separados de seu conteúdo e de outros fatores linguísticos, se fundiram em benefício de um gosto conformativo esquemático e elementar.

No entanto, em sua essência, o *Art Nouveau*, apesar das contribuições no ramo das artes, não deixou de se apresentar como um estilo eminentemente decorativo e, mesmo diante de sua difusão, não consegue desbancar o grande empenho alemão, no que diz respeito à organização de seus sistemas educacionais, principalmente as escolas industriais e de artes aplicadas. A sociedade se organizava em associações artístico-industriais que tinham como representantes artistas, fabricantes e os comerciantes que formavam a parte mais ativa do sistema organizacional implantado no país. Dessa forma, a competência comercial alemã e a repercussão do seu nível produtivo, estimulava o princípio do fim do *Art Nouveau*, dando lugar à evolução das tecnologias e a uma civilização moderna que adotava a máquina como base de produção de manufaturas que viraram fetiche da sociedade de consumo e se consolidaram entre os séculos XIX e XX.

3.2 Protorracionalismo e sua incidência na Europa

Inicia-se o tempo em que a máquina passa a ser o estímulo para a criação de um novo tipo de beleza. A profusão de motivos ornamentais e decoração orgânica, começou a sofrer ataques dos profissionais da construção. Segundo Loos (1908, p. 66 *apud* PEVSNER, 2002, p.16): “quanto mais baixo é o nível do povo mais

exuberante é a ornamentação. A aspiração da Humanidade é, pelo contrário, descobrir a beleza nas formas, em vez de fazê-la depender da ornamentação”. Essa máxima começou a dar lugar a estruturas lógicas, que tinham nos engenheiros seus elementos básicos de disseminação. O emprego de novos materiais como: o ferro, o aço e o concreto armado ampliaram as possibilidades construtivas das edificações, que passaram a se caracterizar por linhas horizontais, tetos planos, simplicidade de formas e uma exibição dos materiais e da construção.

A evolução temporal historiográfica na Europa comprovou a gradativa decadência do *Art Nouveau* e o nascimento de uma nova tendência estilística. O Protorracionalismo, que iniciou sua jornada no campo da arquitetura e do *design*, e segundo De Fusco (2015, p. 167), “tem duração de dez anos até o final da primeira guerra mundial. Se diferencia do *Art Nouveau*, porque se desenvolveu em certo modo como continuidade e em certo modo como oposição [...]”.

A Áustria se destacou dentre os países europeus, como um país liberal, no sentido de que substituiu a autoridade tirânica arbitrária e a religião hegemônica por uma política constitucional e uma cultura secular, que passou a transformar e ornamentar uma sociedade. A esse respeito diz Schorske (sd, *apud* Frampton, 1997, p. 87):

[...] em resumo, os estetas austríacos não eram nem alienados de sua sociedade, como seus colegas franceses, nem comprometidos com ela, como acontecia com os ingleses. Faltava-lhes o amargo espírito antiburguês dos primeiros e o fervoroso impulso melhorista dos segundos. Nem *degagés* nem *engagés*, os estetas austríacos eram alienados, não de sua classe, mas, junto com ela, de uma sociedade que frustrava suas expectativas e rejeitava seus valores.

A busca pelo “novo”, assumiria uma tendência à libertação de toda e qualquer imitação estilística. Buscavam-se novas técnicas e formas modernas, mas, ao mesmo tempo, também a ampliação da tradição. Conforme Benévolo (2001, p. 292):

Em suma, o repertório tradicional é renovado por meio da transposição dos valores formais de plásticos acromáticos, do todo em relevo ao plano, reforçando a ideia de que: não se trata [...] de uma simples mudança decorativa. Com esse tratamento, todo o organismo arquitetônico é movimentado e transformado e o instrumental rígido da tradição torna-se elástico, maleável, adaptável às novas exigências.

Refletindo a partir do que De Fusco coloca, pode-se reconhecer que o Protorracionalismo surgiu na Áustria, expresso nas edificações de Josef Hoffmann e

se expressou repleto de contradições, ao tempo em que investiu em inovações e modernizações de conceitos, formas e atitudes, embora ainda ligado a alguns preceitos tradicionais. Consoante De Fusco (2015, p. 175),

Josef Hoffman (1870-1956) foi um arquiteto austríaco formado pela escola de Arquitetura da Academia de Belas-Artes, foi aluno e discípulo de Otto Wagner e fundou, junto com outros artistas e arquitetos a Secessão de Viena. Por volta de 1902, contudo, começou a mudar para um estilo de expressão mais plano e clássico, ou seja, para uma manipulação da massa e da superfície em suas obras.

Ainda segundo o referido autor (2015, p. 169), o termo Protorracionalismo, “foi usado pela primeira vez por Edoardo Persico, falando do Palácio Stoclet, construído por Hoffmann em Bruxelas”, que, apesar de não ser a primeira obra desse estilo, foi considerada pelo autor a mais emblemática, por inovar em suas técnicas construtivas e abandonar as formas neoclássicas.

A obra em questão (Figura 006), segundo o próprio Hoffmann, trazia a particularidade do “quadrado enquanto tal”, buscava no uso de cores como, o preto e o branco, “elementos límpidos” nunca expressos em estilos anteriores, e chegou a seu próprio estilo abstrato através do uso “de certos contornos ou proporções” demonstrados em “feixes de pequenos quadrados”. Em síntese, trazia “atenuada decoração clássica que prestava uma homenagem velada à estética simbolista da Belle Époque” (FRAMPTON, 1997, p. 92).

Figura 006: Palácio Stoclet (1905) – Bruxelas



Fonte: Guido Montanar - Immagini e temi di Architettura Contemporanea (s.d.). Disponível em: <<http://areeweb.polito.it/didattica/01CMD/catalog/010/1/html/013.htm>>. Acesso em: 21 abr. 2017

Em Frampton (1997), ainda se constata que sua construção é essencialmente atectônica, marcada por um elemento fortemente linear onde persiste a sensação de não ter sido solidamente construída, com seu revestimento delgado em mármore branco e suas costuras metálicas.

Entretanto, foi o Sanatório de Purkersdorf – primeiro edifício público projetado por Hoffmann (Figura 007) - a edificação considerada a pioneira do Protorracionalismo na Europa, por trazer a gênese de um discurso arquitetônico simplificado e mergulhado em contradições, privado e livre de redundâncias decorativas (DE FUSCO, 2015).

Figura 007: Sanatório Purkersdorf (1903) – Viena – foto retirada do catálogo apresentado durante a inauguração do prédio (1908)



Fonte: Vittoria Capresi - ARCH'IT (2003). Disponível em: <<http://architettura.it/sopralluoghi/20030702/>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

A respeito da edificação, encontrou-se a seguinte descrição em Benévolo (2001, p.296),

[...] o edifício surge como um bloco de alvenaria rebocado em branco, coroadado por uma simples laje e perfurado por janelas de formas variadas; somente uma fileira de ladrilhos com quadrados brancos e azuis percorre cada ângulo, a fim de obter-se a desejada transposição dos efeitos volumétricos para o plano.

O exemplar demonstrou o processo de transição dos modelos tradicionais. Trouxe a limpeza de elementos decorativos e formais em sua fachada, mas ao mesmo tempo, continuou fazendo referência à tradição, característica demonstrada, por exemplo, pela rigidez simétrica apresentada em sua planta e a maneira como se diferenciam os vários planos que compõe a edificação entre outros elementos construtivos.

A respeito da contribuição austríaca ao Protorracionalismo, De Fusco (2015) sinaliza ainda que se tratou do fim de toda uma matriz decorativa empregada até então na Europa, assim como, uma evolução simplificada da Secessão de Viena. Não se tratou de uma simples redução de ornamentos, mas evidenciou com nitidez a busca por uma transformação dos espaços.

Na Europa, além da Áustria, o Protorracionalismo aconteceu com mais frequência na Alemanha e na França que se destacaram pela produção de protagonistas que estão distribuídos em áreas diversas, como: Loos e Hoffman que atuaram na arquitetura; Perret na construção civil; Garnier no urbanismo e Behrens no *design* e outras atividades afins.

Em se tratando da França, o nome que sobressaiu sob a ótica protorracionalista foi o do arquiteto Auguste Perret. Sobre o referido arquiteto, diz Frampton (1997, 123):

Auguste Perret (1874-1954) cursou *École des Beaux-Arts*, contudo não concluiu seus estudos para trabalhar com o pai, que possuía uma empresa de construções. Sua atuação como arquiteto encontrava-se entre os antecedentes clássicos da arquitetura e as inovações racionalistas protagonizadas pelo concreto armado.

O arquiteto supracitado deu ao concreto seu título de nobreza definitivo, declarando Cohen (2013, p. 50): “foi o mais radical dos arquitetos na exploração do potencial do concreto armado; [...] que após a aquisição pelo governo francês das patentes privadas, caiu no domínio público e seu emprego iria fascinar toda sorte de indivíduos inovadores”. Perret conquistou e adequou a arquitetura à técnica e à estrutura do concreto armado. Segundo De Fusco, (2015, p. 182), “é dos primeiros construtores que traduziu em elementos lineares e em pórticos rígidos a fluidez plástica do concreto, e, sem dúvida, é o primeiro que consegue o máximo efeito arquitetônico com esse procedimento”. O referido autor (2015, pp. 182-184)

complementa as suas considerações sobre o pioneirismo formal e técnico de Perret, com a seguinte observação:

[...] que uma das suas maiores contribuições à linguagem arquitetônica moderna é a de haver definido com absoluta clareza as relações entre os elementos de suporte e os suportados em uma dialética que caracterizará todas as produções posteriores. A partir do compromisso entre uma tecnologia “adaptada” às circunstâncias e uma configuração arquitetônica “adaptada” às possibilidades da técnica, Perret sabia construir uma síntese válida desses fenômenos, dando lugar a uma linguagem que de certo modo é ainda atual. Na obra de Perret se repete também a limitação própria de todo o protorracionalismo: as vigas e as pilastras vistas recordam a estrutura das ordens gigantes da linguagem clássica do Renascimento; a disposição fechada e simétrica de seus edifícios confirma a antiga aliança entre neoclassicismo e engenharia.

Segundo De Fusco (2015, p. 182),

A sua contribuição ao Protorracionalismo consiste em primeiro lugar em ter conquistado para a arquitetura a técnica do concreto armado. [...] Perret é um dos primeiros construtores que traduz em elementos lineares e em pórticos rígidos a fluidez do concreto, é o primeiro que consegue máximo efeito arquitetônico com este procedimento.

A partir de então, o concreto armado foi amplamente difundido entre as edificações, traziam consigo a simplificação dos programas e maior liberdade para definição das plantas e composição formal, ocasionando maior economia, conforme assim reconheceu Cohen (2013, p. 43-42).

Os efeitos do novo material na concepção de edifícios e na condução dos canteiros de obras foram tão profundos quanto seu impacto na teoria da arquitetura. [...] Engenheiros, empreiteiros e arquitetos competiam entre si pelo domínio das técnicas e pelo controle de um mercado que logo se tornou mundial. No momento em que as estruturas de ferro pareciam ter alcançado seus limites em termos de invenção, o concreto armado ofereceu novas possibilidades espaciais à imaginação construtiva.

Diante da nova técnica construtiva proposta, travou-se então uma luta contra o desperdício e o supérfluo. Confirmou-se a busca pela redução que se encaixou nas características do estilo das mais diversas formas: redução de ornamentos, (presente na simplificação de elementos estéticos e na abstração sensorial empregada na família morfológica-geométrica); redução à geometria (presente na simplificação/transformação das formas, e na grande capacidade de síntese

expressiva); redução e racionalização de técnicas construtivas (presentes na utilização do concreto armado e na standardização, unificação, modulação e repetição dos elementos de construção e no aproveitamento de novos materiais); redução na economia (presente na simplificação, objetividade e capacidade de síntese dos programas). Esse reducionismo ajudou a compor uma linguagem que interviu e definiu um novo estilo, com uma nítida essencialidade que De Fusco (2015, p. 174) aponta: “[...] em efeito, este estilo – substancialmente um estilo em negativo¹² – combate o ornamento do *Art Nouveau* e todo acento que não provenha do artificial [...] ao mesmo tempo que não consegue substituí-lo, mas com um retorno ao classicismo”. Aponta ainda o referido autor (*Op. Cit.*, p. 180), dois princípios fundamentais que substancializavam o estilo:

A luta contra toda forma de decoração para levar à prática uma economia que havíamos definido como de natureza “estética” e uma aversão social ao desperdício; a tendência a demonstrar a independência da arquitetura das outras formas de arte figurativa, assinalando sua especificidade espacial e as propriedades figurativas inerentes a natureza dos materiais: os veios do mármore, as fibras da madeira[...].

Com efeito, o concreto armado ampliou as possibilidades arquitetônicas e expandiu a opção das estruturas dos prédios, ao serem colocadas à mostra dentro de uma clara intenção em conciliar o bom gosto “simplificado” com a funcionalidade, em tornar a relação, edifício e paisagem mais próximos e continuou permitindo a comunicação através da abstração simbólica.

Outro país de referência na Europa para o Protorracionalismo, a Alemanha, encontrava-se no período pré Primeira Guerra Mundial como uma potência imperialista emergente na Europa, investindo seu poderio econômico no desenvolvimento de companhias nos setores da siderurgia, da química e da eletricidade. Nesse período, os ingleses dominavam a economia de mercado, e os produtos alemães eram tidos como inferiores no mercado internacional. Segundo Cohen (2013, p. 82), “as firmas alemãs foram impelidas a buscar inovações técnicas e estéticas, a fim de melhorar a imagem de seus produtos, tanto no mercado interno como exterior.”

¹² No sentido de subtraído de ornamentação

Tratava-se de um momento importante para a Alemanha, momento esse, que gerou posteriormente o desenvolvimento e a evolução da arquitetura moderna, bem como a conseqüente liderança do Movimento Moderno na Europa. Em decorrência, os investimentos na criação de escolas de artes aplicadas. A formação de muitas associações de produtores e artesãos e o apoio estatal às manifestações artístico-produtivas nas primeiras décadas do século XX, enriqueceram o cenário alemão e impulsionaram o aparecimento e o desenvolvimento de novos seguimentos políticos e culturais (DE FUSCO, 2015).

A visão alemã diferenciou-se dos demais países europeus pois, estava ligada a uma aproximação entre a indústria e as forças ativas manuais, ou seja, buscou-se o aprimoramento do trabalho artesanal em função da qualidade dos produtos industrializados. Deu-se um equilíbrio entre a indústria e o artesanato, em que as artes e ofícios não se opunham às grandes empresas capitalistas da época, e sim procuravam meios para cooperar com a indústria para alcançar a desejada reforma da cultura material (COHEN, 2013). De acordo com o referido autor (2013, p.85),

[...] as relações pessoais entre profissionais e industriais se dão também por outras formas de interação, que passam por redes institucionais. No início do século XX, reformadores da arte alemã, buscando a transformação estética da vida cotidiana, almejam estabelecer uma aliança mutuamente benéfica entre arte e indústria.

Com esse objetivo, surgiu a *Deutscher Werkbund*, uma associação fundada por produtores, artistas e homens de cultura conforme o referido autor (2013, p. 86), para “elevar o nível artístico da indústria e modernizar o gosto dos consumidores”. Impulsionando o trabalho artesanal e fazendo a ponte entre a arte e a indústria; Peter Behrens,¹³ arquiteto e *designer* alemão, considerado o primeiro *designer* em nível mundial e arquiteto influente na Alemanha, nas primeiras décadas do século XX, foi um dos artistas que integrou o grupo fundador da associação. Seu nome se destacou como arquiteto e *designer* de referência do estilo protorracionalista na Alemanha. A época em questão coincidiu com o período em que Behrens trabalhou, como arquiteto e *designer*, na empresa AEG (*Allgemeine Elektrizitäts Gesellschaft* –

¹³ Foi um dos membros fundadores da *Deutscher Werkbund*, associação de produtores e artesãos criada para impulsionar e aprimorar o trabalho artesanal na Alemanha; destacou-se por seu trabalho na empresa AEG (*Allgemeine Elektrizitäts Gesellschaft*) que foi fundamental para as transformações da indústria alemã, ajudando a elevar a economia do país a nível internacional. (DE FUSCO, 2015, p. 194).

Companhia Geral de Eletricidade), companhia de grande porte fundada por Emil Rathenau que destinou ao arquiteto a responsabilidade de conduzir todas as atividades relacionadas à criação – do desenvolvimento de produtos elétricos para consumo de massa, à programação visual da empresa e todos os projetos de edificações da AEG em Berlim (COHEN, 2013).

Nesse sentido, a fábrica de turbinas AEG de Berlim, destacou-se como proposta arquitetônica e, para De Fusco (2015, p. 203), “o Protorracionalismo não poderia encontrar uma tipologia de edificação mais emblemática que as construções industriais, nem um edifício mais significativo nesse sentido que a *Turbinenfabrik* construída por P. Behrens, em Berlim, em 1909.”

Figura 008: Fábrica de Turbina AEG (1909) – Berlim

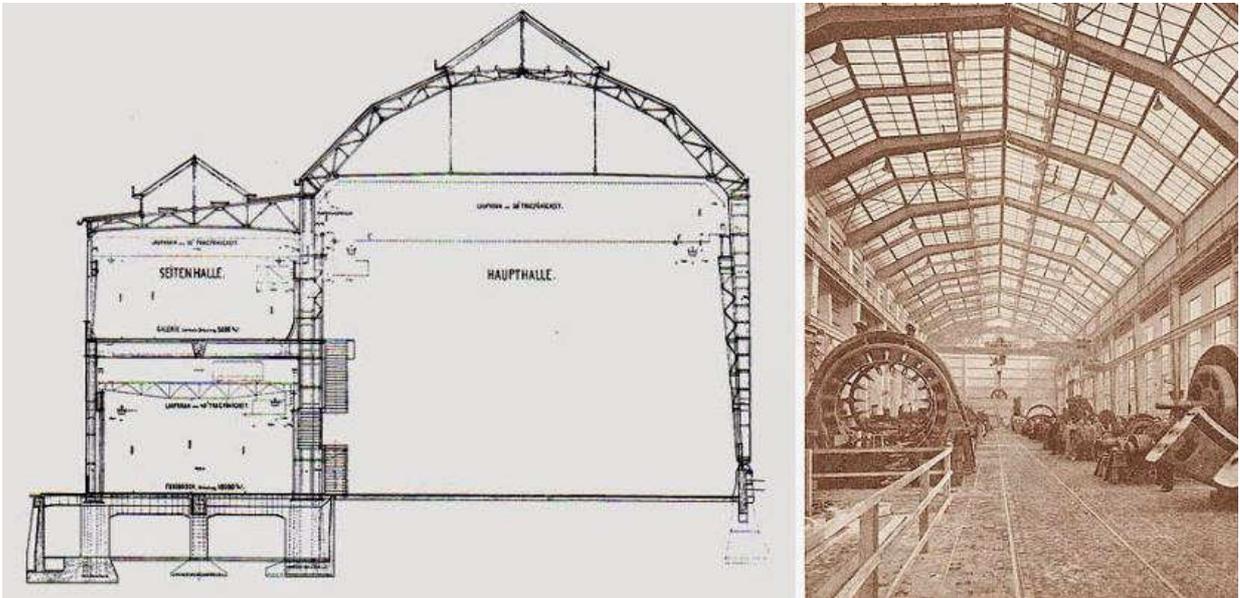


Fonte: Jordi Guerrero – HASXX -Historia de la Arquitectura del Siglo XX (2016). Disponível em: < <http://hasxx.blogspot.com.br/2015/04/fabrica-de-turbinas-aeg-1907-1910-peter.html>>. Acesso em: 01 mai 2017

De Fusco (2015, p. 203) coloca que a intenção de Behrens “não é a de confiar o caráter da obra apenas a seus valores construtivos e funcionais, [...] mas o valor artístico da obra determina a representação do ideal de funcionalidade.” Continuando, De Fusco (2015), atestou que a fábrica de turbinas foi a edificação mais conhecida entre as cinco projetadas por Behrens para a AEG e, entre suas

contradições e seu classicismo, não se afasta do estilo protorracionalista, marcando uma evolução na arquitetura contemporânea, representando um paradigma em se tratando da tipologia em questão.

Figura 009: Fábrica de Turbina AEG (1909) – Berlim



Fonte: Jordi Guerrero – HASXX -Historia de la Arquitectura del Siglo XX (2016). Disponível em: < <http://hasxx.blogspot.com.br/2015/04/fabrica-de-turbinas-aeg-1907-1910-peter.html>>. Acesso em: 01 mai 2017

Também para Frampton (2003, p.132),

[...]a fábrica de turbinas de Behrens era uma obra de arte consciente, um templo dedicado ao poder da indústria. Embora aceitando a superioridade da ciência e da indústria com resignação pessimista, Behrens procurou colocar sua fábrica sob a rubrica da propriedade rural – devolver à produção fabril aquele sentido de um fim comum que sempre foi inato à agricultura, um sentido ao qual a mão-de-obra berlinense, semiespecializada e recém-urbanizada, talvez ainda estivesse ligada por alguma forma de nostalgia.

No entanto, nota-se a contradição construtiva e ideológica presente nas edificações protorracionalistas. Behrens inovou nas propostas, fazendo uso da ciência e da tecnologia, com estruturas metálicas leves e funcionais arrematadas com panos de vidro que iluminavam o ambiente interno, surpreendeu em propor uma cobertura em duas águas - onde buscou refletir uma atmosfera rural - que se diluía em ângulos facetados presos a dois blocos rígidos nas extremidades de sua fachada, que refletiam a simetria e o peso visual presente no classicismo. Segundo Cohen (2013, p. 82) na fábrica de turbinas, “Behrens jogou com o contraste entre massa e transparência” .

De acordo com o exposto, e após o breve relato de sua performance em solo europeu, o que se percebeu a respeito do Protorracionalismo, é que, apesar do uso de novas técnicas e materiais inovadores, o estilo ainda se encontrava enraizado em suas tradições historicistas, com representações e propostas fundamentalmente clássicas. Mergulhado em contradições, expôs uma natureza estética-funcional que relacionou, harmoniosamente, universos antagônicos, buscando uma linguagem única, ou seja, um discurso unificador recheado por ideologias emergentes e divergentes, que balizaram os alicerces do Movimento Moderno.

No entanto, tornou-se instigante pensar como teriam navegado essas novas possibilidades arquitetônicas em outras esferas, outros universos, ou melhor, em outros continentes. A partir das ideologias e das transformações políticas e sociais vividas na Europa, como essa nova proposta se comportaria em outro hemisfério? Decerto, que tais iniciativas não alcançariam a velocidade de um tempo contemporâneo, onde, de forma instantânea, as ações repercutem globalmente. No intuito de buscar resposta para a questão proposta, passa-se, a partir de então, ao estudo do Protorracionalismo no Brasil: de que forma, quando e onde aportou no território brasileiro?

3.3 Protorracionalismo e Arquitetura Moderna no Brasil

O Brasil, país localizado do outro lado do Oceano Atlântico - tomando o continente europeu como referência – com histórico de colonização portuguesa, chega ao século XX, tentando adaptar-se ao contexto de República recém proclamada (1889), buscava suas referências identitárias como nação, mas a sua sociedade ainda respirava o ar colonial.

O desafio, naquele momento, era aliar o movimento nacionalista à vontade modernizadora de transformação como fator de renovação que acompanhasse o ritmo frenético das mudanças adotadas pela sociedade industrial do início do século. O Brasil partiu para a construção simultânea de uma arte brasileira e de uma nação. Segundo Ferrare (2008, p. 05),

[...] a rigor, a sociedade desse contexto republicano queria estar livre para dispor da vontade de recordar ou idealizar, dentro de uma escala estética que poderia ir do sublime ao pitoresco; do singelo ao bizarro, pois não mais queria se preocupar com rigores de padrões de regularidade a seguir. Queria antes, ora ser romântica e arrematar a forma das edificações com

pináculos góticos, torrões medievais, cúpulas bulbosas, entre tantos outros contornos e referências excêntricas; ou, simplesmente, dispor de linhas despojadas, praticamente proto-modernistas, para cujo feitio, os materiais jorrados pela industrialização como, por exemplo, o ferro, em muito favorecia. Aliás, a produção industrial acelerava-se, década a década, multiplicando as opções não apenas funcionais, como também estéticas.

Seguindo as tendências europeias, percebeu-se no início do século XX, também iniciativas de modernização urbana. Para Cancian (2007, p. 03),

[...] o conceito de modernização é basicamente ocidental e eurocêntrico. A influência europeia ocidental é tão marcante que às vezes o termo ocidentalização é empregado como sinônimo de modernização. Não há uma data precisa nem mesmo eventos históricos considerados pontos de partida do processo de modernização, mas com frequência se aceita que as primeiras revoluções burguesas da história, bem como a Revolução Industrial tenham impulsionado o processo embrionário de modernização.

Era necessário moldar um novo cenário para as cidades brasileiras. Como exemplo desse movimento, destacaram-se as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Belém, que passaram a ser povoadas por tipologias e programas urbanos e arquitetônicos inovadores e modernizantes. Segundo Segawa, (2002, p. 19),

a cidade afirmava-se como palco do moderno – modernização tendo como referência a organização, as atividades e o modo de viver do mundo europeu. Os engenheiros colocavam-se como agentes dessa modernização - era a corporação que apostava na ciência e na técnica como instrumento do progresso material do país, nos moldes do desenvolvimento industrial do Velho Mundo, vislumbrando, na industrialização, um objetivo nacional a ser atingido.

Diante de tal afirmação, alguns projetos demonstraram a intenção do poder público na modernização das cidades brasileiras: o planejamento e consequente construção da cidade de Belo Horizonte; a iniciativa de saneamento físico e social da cidade do Rio de Janeiro (capital do país à época); as intervenções, na área de engenharia sanitária, em algumas regiões do país, do engenheiro Francisco Saturnino de Brito, entre outras (SEGAWA, 2002, p.19-21).

A cidade de São Paulo protagonizou os avanços progressista, tendo na agroindústria exportadora sua base econômica que impulsionou o desenvolvimento industrial da cidade. Segundo Segawa (2002, p. 41),

São Paulo, na década de 1910, já se gabaritava como a grande metrópole brasileira do século 20. Lugar onde a riqueza do café patrocinava um quadro de prosperidade material e capacitação industrial num Brasil ainda predominantemente rural. Era um ambiente provinciano, mas a elite urbana espelhava-se nos centros irradiadores de cultura fora do país.

Viveu-se, nesse momento ainda, a glória das comemorações do quarto centenário de seu Descobrimento e o então sentimento nacionalista germinava nas mentes dos brasileiros. A busca por referências identitárias fazia-se presente, tanto que, em 1914, o engenheiro Ricardo Severo traz à tona um debate inédito até então, que preconizava, segundo Segawa (2002, p. 35), “a valorização da arte tradicional como manifestação de nacionalidade e como elemento de constituição de uma arte brasileira, [...] [e ainda], defendia a arte colonial como orientação para a ‘perfeita cristalização’ da nacionalidade”. A esse empenho uniu-se o médico historiador José Mariano Filho e, o ainda estudante de arquitetura, o jovem Lúcio Costa, que, convidado por este, passa a integrar o grupo que registraria e documentaria as cidades históricas mineiras, no intuito de conhecer bem os elementos da arquitetura colonial.

O movimento denominado “neocolonial” abriu espaço para a execução de várias obras públicas inspiradas na arquitetura tradicional brasileira, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. O referido movimento teve seu apogeu na década de 1920, mas apesar de trazer um discurso liberal e modernizador, apresentou-se em crise, desde o momento de sua gênese, por vivenciar um dualismo formal representado através do “tradicionalismo revolucionário” (SEGEWA, 2002, p.38) que trazia novos conceitos arquitetônicos frente a uma vontade modernizadora de transformação, na busca de uma proposta arquitetônica que retratasse a nacionalidade brasileira como fator de renovação e que acompanhasse o ritmo frenético das mudanças adotadas pela sociedade industrial do início do século.

Segundo Fabris (1987, p.287), esse movimento “acabou sendo uma colagem, uma transposição de formas do período colonial para o século XX e uma operação superficial e decorativa”, ou seja, passou-se a empregar nas edificações das cidades brasileiras, elementos decorativos referências da arquitetura do período colonial no Brasil, com a intenção de forjar uma identidade nacional, através das raízes europeias empregadas na colonização. Sendo assim, a prática empregada, não se

distinguiu do padrão adotado pelo Ecletismo, considerado o estilo que buscava em *revivals* estéticos formais uma caracterização para as suas propostas arquitetônicas.

A arquitetura, apesar de não se mostrar propícia a mudanças profundas, inicialmente, passou a apresentar sinais de reação à nova proposta que despontava. Perez (2009, p. 39) aponta que, Lúcio Costa foi um dos primeiros a questionar o movimento Neocolonial como um representante do “estilo nacional”. E depois de participar dos estudos em Minas Gerais, sobre a arquitetura Colonial, Lúcio Costa, começa a questionar a monumentalidade das construções religiosas barrocas, que englobando o seu entorno entram em contradição com as construções civis anônimas. Diz Perez (2009, p. 40):

[...] além da força do conjunto, o que Lucio Costa também enxergou, na arquitetura ‘descoberta’ ali, foi uma coerência fundamental do sistema construtivo do passado e, ainda, uma relação dos elementos construtivos tradicionais utilizados para soluções de projeto com a técnica utilizada. Era, assim, a qualidade construtiva de ‘não mentir’. Métodos, elementos e materiais construtivos estavam em íntima ligação com a forma alcançada.

Existia nesse momento, a necessidade da “descoberta” da forma brasileira de se construir, a busca da identidade construtiva, de uma “verdade arquitetônica”, onde tudo estivesse relacionado e exercendo uma função dentro da edificação, pois, conforme Costa (1995, p.68), “nos verdadeiros estilos, arquitetura e construção coincidem. E quanto mais perfeita a coincidência, mais puro o estilo. O Parthenon, Reims, Santa Sofia, tudo construção, tudo honesto, as colunas suportam, os arcos trabalham. Nada mente”. Ainda de acordo com o referido autor (1995, p. 42), “era necessário, ainda, descobrir como aplicar a maneira brasileira de fazer, o nosso modo de vida à tecnologia contemporânea”.

Na contrapartida do movimento Neocolonial, começavam a despontar, no meio artístico do país, iniciativas que, alimentadas pelos valores da vanguarda europeia, propunham a renovação do ambiente cultural em geral. Conforme Perez (2009, p. 38), “enquanto a Europa partiria da necessidade do restabelecimento da relação entre arte e os modos de produção contemporâneos (industriais), o Brasil partiria da necessidade de construção simultânea de uma arte e de uma nação”. Esse movimento foi ainda marcado inicialmente pela exposição de pinturas de Anita Malfati que chamou a atenção de intelectuais da época, na cidade de São Paulo, em dezembro de 1917.

Tal acontecimento culminou com a Semana de Arte Moderna ou Semana de 22 que aconteceu no Teatro Municipal de São Paulo e fora organizado por artistas de vários segmentos (pintores, escritores e arquitetos), que objetivaram mostrar para a sociedade paulista as transformações ocorridas na arte de uma maneira geral, com uma face totalmente nacionalista e revolucionária, rompendo com o ideal conservador de um movimento tradicionalista.

A Semana, como toda inovação, não foi bem acolhida pelos setores tradicionais paulistas, e a crítica não poupou esforços para destruir suas ideias em plena vigência da República Velha, encabeçada por oligarcas do café e da política conservadora que então dominava o cenário brasileiro. Dentro da análise de Segawa (2002) tem-se que a elite, habituada aos modelos estéticos europeus mais arcaicos, sentiu-se violentada em sua sensibilidade e afrontada em suas preferências artísticas, mas apesar do escândalo, o desafio já havia sido lançado.

A arquitetura moderna no Brasil surgiu assim, pois, para romper esteticamente com o cenário “conservador” e com o ranço de uma República, dita velha, que ainda persistia em existir. O governante que assumiu o país a partir do fim da República lançou-se em uma série de reformas estruturais em diversos campos do aparelho de estado e, a arquitetura tornou-se um elemento estratégico frente a essas mudanças, pois, o “novo” país busca uma identidade renovada para as suas velhas práticas, ainda arraigadas em preceitos da velha República.

Assim, ideologicamente, a arquitetura incorporou, segundo Reis (2014, p. 61), um caráter “misto de reformas sociais, autoritarismo político e oscilação ideológica”, representado pelo aparelho de estado e passou a ser fruto da demanda institucional, onde seu discurso universalista se adequou à ideologia totalitária assimilada pela classe dominante brasileira. As técnicas construtivas e o uso de materiais novos (concreto armado) e o emprego de novas tecnologias (como o elevador) possibilitaram a standardização de uma arquitetura que, potencialmente modernizadora, minimizou os custos de produção e impulsionou a visão capitalista do consumo do “novo”, que girou em torno da praticidade e economia - linhas simples com poucos elementos decorativos e com estrutura à mostra.

Nesse ímpeto, a década de 30 do século XX, abriu um novo ciclo na história política do Brasil. A Revolução de 30 rompeu, definitivamente, com a “República Velha” e culminou no golpe de Estado depondo o Presidente da República Washington Luís em 24 de outubro daquele ano. Para Segawa (2008, p.320), “a

ascensão de Getúlio Vargas ao poder marcou a implantação de uma nova ordem política e social em seu primeiro governo, entre 1930 e 1945”, que impulsionou grandes mudanças em vários setores do cenário nacional, dentre muitos, a arquitetura, que passou a contribuir com esse processo trazendo a valorização do cenário urbano, dentro de um “vocabulário arquitetônico” que queria apregoar uma linguagem modernizadora, rompendo definitivamente com um passado “histórico” vinculado a atrasos e a modelos arcaicos que não representavam mais o país que buscava o crescimento e o desenvolvimento.

O Estado, que mobilizava forças para superar a crise econômica instalada em 1929, definia novos rumos para a economia tendo a industrialização como seu foco principal. Segundo Reis (2014 p. 61),

Buscava amenizar conflitos referentes à relação capital/trabalho, criando ministérios que priorizassem o bem-estar social, frente aos preceitos capitalistas. [...] Essa operação de aparelhamento implicou na construção de sedes ministeriais e dos órgãos de maior relevância da nova administração, localizados na então Capital Federal e fora dela, além de inúmeros edifícios para a instalação dos distintos serviços federais. Dentre as construções implantadas na Capital encontravam-se as sedes dos ministérios do Trabalho (1936-1938), Educação e Saúde (1936-1943), da Fazenda (1938-1943), Marinha (1934-1938) e Guerra (1938-1942). Também lá se achavam o Entrepasto de Pesca Federal (1936-1939) os edifícios da Alfândega (1939-1941) e a sede da Imprensa Nacional (inaugurada em 1941). (Grifo nosso)

Ainda segundo Reis (2014), durante a implantação do Estado Novo em 1937, as construções das sedes dos novos ministérios se destacaram pela sua grandiosidade, mas, o prédio do Ministério de Educação e Saúde – hoje Palácio Gustavo Capanema – destacou-se, inclusive pelo seu reconhecimento internacional como marco da arquitetura moderna no Brasil. O concurso público elaborado para a sua construção teve o projeto de Arquimedes Memória como vencedor, premiado pelo ministro Gustavo Capanema, mas, a proposta escolhida não é executada, pois, não condizia com as pretensões modernizantes intencionadas pelo Estado Novo. Assim, o resultado do concurso foi desprezado e o arquiteto Lúcio Costa é chamado para apresentar um novo projeto.

Lúcio Costa monta sua equipe convocando os arquitetos que também participaram do concurso e que haviam apresentado propostas modernas na ocasião. Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira, Ernani Vasconcellos e Oscar Niemeyer entram na equipe como assistentes. A equipe inicia o

desenvolvimento do projeto que também contou com a consultoria do arquiteto franco-suíço Le Corbusier, que a convite de Gustavo Capanema, veio ao Rio de Janeiro para uma série de convenções e passou a integrar a equipe por 34 dias do ano de 1936. Após a execução dessa obra a “Arquitetura Moderna” no Brasil avultou-se, e a construção do prédio do Ministério de Educação e Saúde no Rio de Janeiro marca o início de uma nova era.

A ideia foi lançada, e, a partir dela, a “causa” da “arquitetura Moderna” é abraçada pelo poder público, como dito por Segawa (2008, p. 330): “é certo que, no pós-Segunda Guerra Mundial, a linha que vai ganhar força na arquitetura oficial derivou da modernidade à Le Corbusier, expressa na sede do Ministério da Educação e Saúde” e, a partir de então, várias edificações públicas traziam as linhas da arquitetura moderna, e nas palavras do Ministro do Trabalho Alexandre Marcondes Machado Filho, (*sd. apud SEGAWA, 2002, p.331*),

[...] o edifício é uma testemunha da vida de um povo, um documento escrito no tempo. Não se limita à finalidade imediata do serviço do Estado. É, por certo, um memorial da civilização que o informa. A época que não se assinala pela arquitetura, significação e valor das suas construções, sobretudo em matéria de edifícios públicos, é um tempo que nada revelou de novo, uma geração que não conseguiu confiar a sua mensagem ao porvir, uma comunidade que não soube perpetuar-se através do eloquente simbolismo dos monumentos levados pelo esforço coletivo.

Diante do exposto, Riegl (2014) afirma que, o valor histórico de um monumento é a representação de um estágio evolutivo individual de um domínio qualquer da atividade humana. Sendo assim, as técnicas que envolvem sua construção, os materiais utilizados, suas propostas formais, estéticas e funcionais estão diretamente ligadas à simbologia representativa da edificação. Entende-se, entretanto, que a força do Estado faz uso dessas especificidades para demarcar e perpetuar seu “tempo” na escala evolutiva da história da civilização. Assim ocorreu no Brasil. Os edifícios públicos e institucionais edificados, a partir da chegada de Getúlio Vargas ao poder, destacaram-se por seguir linhas arquitetônicas que demonstrassem a chegada do desenvolvimento do país, através de suas técnicas e materiais novos e das inovações tecnológicas.

Entretanto, inovações trazem estranhamento; muitas vezes, rejeição, e, dentro dessa perspectiva, um mecanismo de transição torna-se eficaz para assimilação de uma nova proposta. Sendo assim, o emprego de alternativas

híbridas, que segundo Blanco e Campos Neto (2003, p. 03), “pretendiam tanto reciclar o classicismo acadêmico, modernizando-o, como tentar uma conciliação entre o ecletismo vigente e o racionalismo europeu”, buscam um estágio intermediário nas intervenções e se tornam bem-vindas.

Entende-se que a Arquitetura Moderna trouxe, naquele momento no Brasil, uma proposta de rompimento e negação ao historicismo, em detrimento de mudanças que se estendiam em várias instâncias. Estava-se propondo uma nova maneira de pensar e de agir. Dessa forma, a concepção e execução das edificações dentro dessa linha de pensamento, traziam a inserção de novos materiais e técnicas construtivas que se traduziam em uso do concreto armado; formas retilíneas e geométricas; aberturas horizontais; fachadas sem ornamentos; espaços mais definidos e zoneados, enfim, uma gama de inovações que causaram impacto á sociedade da época. Dessa maneira, e para amenizar esse impacto em prol da “aceitação” das inovações pela população, fazer uso de propostas híbridas ou de transição, pode vir a ser uma estratégia eficaz.

Acredita-se que o estilo protorracionalista se encaixa na máxima da proposta de transição, que apesar de acontecer aqui no Brasil, ao contrário da Europa, no mesmo espaço de tempo a que Arquitetura Moderna, a proposta protorracionalista vivencia e integra, no mesmo conjunto arquitetônico, elementos e características tradicionais e modernas.

Dessa forma, em se tratando da transição entre a arquitetura historicista e arquitetura moderna, encontramos exemplares com essa característica espalhados pelo Brasil que se reportam ao estilo protorracionalista europeu, denominado por Edoardo Persico e analisado por De Fusco em seu livro História da Arquitetura Contemporânea. A proposta dos programas empregados aos edifícios brasileiros, assemelham-se às características dos prédios desenvolvidos no período entre a primeira década do século XX até o fim da Primeira Guerra Mundial na Europa, e está relacionada a conceitos ligados, segundo Segawa (2002, p. 54), ao “funcionalismo, utilitarismo, standardização”, levando para a arquitetura termos próprios do racionalismo. Conforme Blanco; Campos Neto (2003, p. 03):

Para muitos arquitetos atuantes nas décadas de 1920, 1930 e 1940 a forma arquitetônica não deveria ser atrelada aos princípios das vanguardas modernistas. Antes, deveria ser produto de uma atitude pragmática, que conciliasse os princípios consagrados pela tradição com a atualização tecnológica, a adequação aos novos programas, o uso das técnicas

construtivas disponíveis e a preocupação com as condições climáticas e outras referências locais.

Atuando às margens do Modernismo, Segawa (2009) aponta que, a “nova proposta estilística”, que transitava entre umas outras denominações, como Art Decó, etc¹⁴ encontrou-se temporalmente locada entre as décadas de 1920 a 1950. Tal proposta, além de colaborar para a renovação do cenário urbano das principais capitais brasileiras, também se favoreceu das transformações políticas e econômicas, já relacionadas, sendo amplamente aplicadas em obras públicas, principalmente em repartições oficiais, pois preconizavam a racionalização administrativa e construtiva aplicadas na execução do projeto – além de não apresentar “moderno extremado” visto como não apropriado para as repartições públicas – dando assim, segundo Segawa (2009, p. 61) suporte formal para “inúmeras tipologias arquitetônicas que se afirmavam a partir dos anos 1930”.

Decerto, elencar fatos e acontecimentos que confirmam o elo entre Europa e Brasil, referente ao desenvolvimento e atuação do Protorracionalismo, fortalece o entendimento, a contextualização e a ligação existente nos dois momentos históricos e, nesse sentido, alguns autores já se adiantaram em fazê-lo.

3.3.1 Elos entre Brasil e Europa

Percebeu-se que, apesar do momento temporal distinto de ocorrência do Protorracionalismo entre Europa e Brasil - (1903 até o final da primeira guerra mundial e entre as décadas de 1920 e 1950, respectivamente) - as semelhanças contextuais sócio históricas que envolveram a vigência do estilo nesses locais se apresentaram similares, a ver: **período de início e estabelecimento da industrialização - instalação de indústrias nas cidades; início de um novo ciclo histórico; movimento de migração da população do campo para as cidades; investimento na infraestrutura urbana das cidades; emprego do reducionismo**

¹⁴ Encontrou-se referência do estilo arquitetônico em questão nos estudos de: Guilah Naslavsky (O Estudo do Protorracionalismo em Recife); Anna Paula Canez (Fernando Corona: e os caminhos da Arquitetura Moderna em Porto Alegre); Jorge Czajkowski (Guia da Arquitetura Art Decó no Rio de Janeiro); Giovanni Blanco e Candido Malta Campos Neto (Redescobrimo o Art Déco e o racionalismo clássico na arquitetura belenense), Hugo Segawa (Modernidade Pragmática 1922 – 1943 p. 53-76 em seu livro Arquiteturas no Brasil: 1900-1990); entre outros.

formal, estético e econômico; surgimento de novas tecnologias e materiais que possibilitaram investimentos em novas propostas construtivas, enfim, uma corrente de elos que se firmaram e confirmaram na similaridade desses dois momentos. A seguir destacam-se alguns autores que discorreram a esse respeito.

Segawa (2002, p.56), aponta e destaca a atuação, na década de 20 do século XX, do engenheiro civil Roberto Cochrane Simonsen¹⁵, dono da Companhia Construtora de Santos, que:

[...]diante de uma perspectiva industrialista [...] indicia uma possível aliança entre a apologia da indústria na arquitetura racionalista europeia e a introdução de elementos inovadores na arquitetura mediante a modernização da construção civil no Brasil das primeiras décadas de 20.

Fuão (1998, p.11-14) cita que a cidade de Porto Alegre se caracteriza pela “forte influência da arquitetura expressionista alemã, principalmente em sua vertente clássica [e] como trabalho de Fernando Corona, reflete a variada gama de tentativas modernizantes que muitas vezes a História tratou de simplificar”.

Segundo Canez (1998, p.16), “a arquitetura brasileira, produzida na década de trinta do século XX, atravessou um período de extraordinários acontecimentos que se desencadearam alicerçados pela influência modernista europeia”.

Segawa (2002, p.59-60), aborda ainda a respeito da inserção do concreto armado na arquitetura brasileira, advinda da influência do arquiteto franco-belga Augusto Perret sobre alguns arquitetos brasileiros, principalmente a respeito do uso do concreto armado e da nova estética derivada do uso dessa nova técnica construtiva, considerado o primeiro a usar o concreto armado como um meio de expressão arquitetônica. Seu trabalho elabora um novo raciocínio arquitetônico inserido num contexto técnico novo, sem abandonar referências tradicionais.

Conde e Almada (s.d., p.14) listam características que aparecem com frequência no estilo pesquisado:

Composição de matriz clássica:

- simétrica/axial, com acesso centralizado ou valorizando a esquina (no plano horizontal); e
- tripartida em base, corpo e coroamento escalonado (no plano vertical).

¹⁵Simonsen, foi um dos baluartes da industrialização no Brasil [...]e suas atuações, tais como: redator de *Revista Polytechnica* de 1908. Sua construtora trouxe o arquiteto Gregori Warchavchik ao Brasil; entre outros. O engenheiro resultou relacionado com manifestações de arquitetura moderna. (SEGAWA, 2002, p.56)

Figura 010: Comparativo de fachadas (esquerda prédio da Rua Franklin, França; direita Edifício Luz, Maceió)



Fonte: Apaula Arquitetura - Construção e Decoração - Arquitetura (2013). Disponível em: <<https://pmiltonarquitetura.wordpress.com/tag/rue-franklin/>>. Acesso em: 11 fev. 2018 e Juliana Aguiar (2016). Adaptado pela autora.

Tratamento volumétrico das partes constituintes e superfícies, à maneira moderna com:

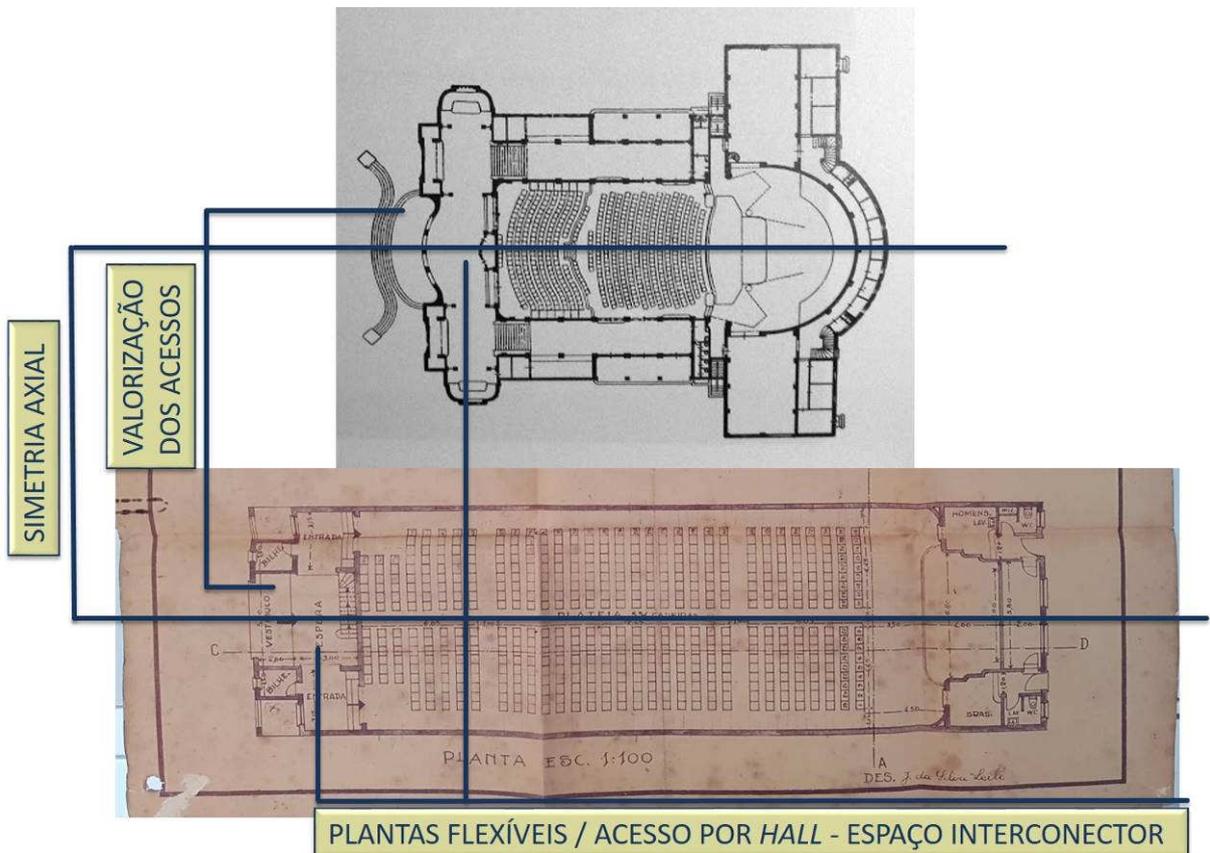
- predominância dos cheios sobre os vazios;
 - articulação de volumes geometrizados e simplificados (varandas semi-embutidas) ou sucessão de superfícies curvas (aerodinamismo);
 - linguagem formal tendente à abstração (contenção expressiva dos ornamentos decorativos, quase sempre em alto e baixo relevo);
 - composição com linhas e planos, verticais e horizontais, fortemente definidos e contrastados;
- articulação/integração entre Arquitetura, Interiores e Design (mobiliário, luminárias e serralheria artística). Valorização dos acessos e portarias; estruturas em concreto armado, embasamentos revestidos em granito, mármore e materiais nobres, revestimentos altos em pó de pedra e janelas tipo "Copacabana" persianas de enrolar/basculantes) em madeira ou ferro: mescla de técnicas construtivas industriais/modernas e decorativas artesanais/tradicionais;
- plantas flexíveis, com acesso por *hall*, circulação ou galeria (espaço interconector) e compartimentos de uso intercambiável (quartos/salas); e iluminação feérica e cenográfica.

Figura 011: Comparativo de fachadas (esquerda Casa Steiner, Áustria; direita Clube Fênix, Maceió)



Fonte: Koolkase (2010). Disponível em: <<http://koolkase.blogspot.com.br/2010/07/adolf-loos-casa-steiner.html>>. Acesso em: 11 fev. 2018 e Juliana Aguiar (2016). Adaptado pela autora.

Figura 012: Comparativo de plantas (acima Teatro Werkbund; abaixo Cinema Rivoli – possivelmente Cine Plaza, Maceió)



Fonte: Szecesszios Magazin (2013). Disponível em: <<http://www.szecessziosmagazin.com/magazin9/henryvandevelde150.php>>. Acesso em: 12 fev. 2018 e Acervo Técnico SEDET (2018). Adaptado pela autora.

Para além das características já citadas, sua composição arquitetônica/construtiva ainda apresenta:

- estrutura em concreto armado e fechamentos de alvenaria (estrutura à mostra – vigas e pilares);
- emprego de modinatura como meio de expressão arquitetônica;
- ausência de ornamentação figurativa derivada de estilos históricos;
- espacialidade mais dinâmica e complexa;
- frontalidade, uso de pequenas marquises (geralmente proteção das janelas e pórticos de acesso);
- preocupação com a economia e racionalidade construtiva e
- preferência por volumes puros.

Figura 013: Características de composição arquitetônica/construtiva Agência dos Correios Teófilo Otoni



Fonte: Nicole Tresinare Bertinato (2009)
 Disponível em: <<http://www.teofilootoni.mg.gov.br/site/wp-content/uploads/2014/12/Quadro-III-BI-Correios-Te%C3%B3filo-Otoni-Ex2011.pdf>>. Acesso em: 25 de mar. de 2016. Adaptado pela autora.

Percebe-se, diante do apresentado, que na vinculação entre a produção arquitetônica protorracionalista europeia e a brasileira podem ser constatadas semelhanças conceituais e estruturais, mas, ressalta-se que os dois exemplos trazem o reducionismo como palavra de referência (redução de ornamentos, redução econômica, redução no tempo de construção, etc). Além disso, as semelhanças dos contextos históricos, e a junção entre o moderno e o tradicional, presentes muitas vezes em plantas simétricas ou cobertas com madeiramento e telha canal (característica clássica/tradicional) que fazem uso do concreto armado em sua estrutura construtiva (característica moderna); a ausência de ornamentos (característica moderna) empregada em edificações que apresentam volumes compactos e rígidos (característica tradicional); a geometrização das formas (característica moderna) usada em espaços com agrupamento de função e problemas de fluxo (característica tradicional); o uso de novas tecnologias (característica moderna), atreladas a esquadrias de madeira.

Apresentam-se em seguida, alguns exemplares das tipologias arquitetônicas relacionadas (ver figuras abaixo 14-19), que atestam o Protorracionalismo como estilo adotado na execução de obras públicas e outros programas, tais como: cinemas, emissoras de rádio, estações de hidroaviões, agências do recém-criado Departamento de Correios e Telégrafos, hospitais, entre outros.

Figura 014: Agência dos Correios – Maceió (AL) - construção de 1934



Fonte: Luiz Sávio de Almeida – Contexto (2012)

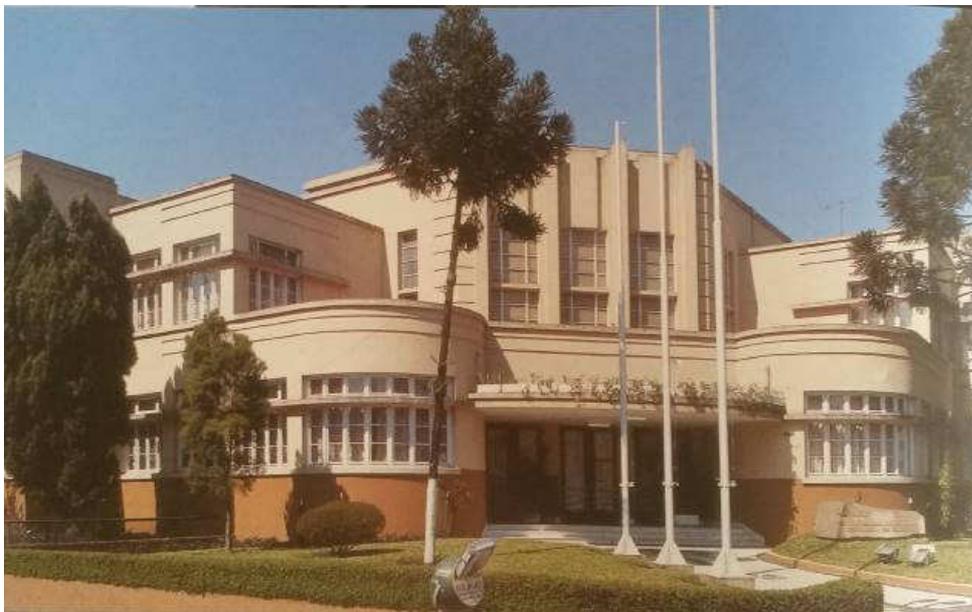
Disponível em: <<http://contextotribuna.blogspot.com.br/2012/01/bar-do-relogio-bilhar-do-comercio-cafe.html>>. Acesso em: 25 mar. 2016

Figura 015: Agência dos Correios – Curitiba (PR) - construção da década de 1930



Fonte: Luiz Costa/SMCS – Portal da Prefeitura de Curitiba (s.d.)
Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/fotos/album-correios-finalizam-obra-de-revitalizacao-da-agencia-central-em-curitiba/24907>>. Acesso em: 25 de mar de 2016.

Figura 016: CEFET – Curitiba (PR) - construção da década de 1940



Fonte: Segawa (2008, p. 324)
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 017: Instituto de Educação – João Pessoa (PB) - construção da década de 1930



Fonte: Segawa (2008, p. 324)
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 018: Cine Lux – Maceió (AL) - construção de 1948



Fonte: Edberto Ticianeli - História de Alagoas (2015)
Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/moacyr-miranda-e-o-cine-lux.html>>.
Acesso em: 07 maio 2015.

Figura 019: Hospital Ernesto Simões Filho – Salvador (BA) - construção da década de 1940



Fonte: Segawa (2008, p. 323)
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Percebe-se que a proposta estética “modernizadora” das edificações institucionais se alinha com a intenção governamental de investimento em saúde, educação e meios de comunicação. Foram construídas, em todo Brasil entre 1930-1945 – período “getuliano”) – diversas agências dos correios e telégrafos, vários institutos federais, hospitais públicos, entre outras edificações que tiveram suas construções financiadas pelo governo em praticamente todos os estados da União. Essa nova proposta estética propunha uma linguagem arquitetônica de transição, pois ainda mantinha o elo com elementos e conceitos tradicionais no que se refere à concepção e à execução projetual. Segundo Blanco; Campos Neto (2003, pp. 03-04):

[...] essa expressão arquitetônica, definida como racionalismo clássico¹⁶, possibilitou a perpetuação dos princípios da composição, da proporção e da simetria acadêmica e, ao mesmo tempo, permitiu maior liberdade projetual por meio de uma espacialidade mais dinâmica, com preferência por volumes puros, uma estética mais simplificada e racionalidade construtiva referente ao emprego das novas tecnologias em associação com elementos compositivos e decorativos derivados de uma depuração dos estilos históricos.

¹⁶ Outra nomenclatura empregada para o “Protorracionalismo” no Brasil.

Na maioria das cidades brasileiras, esse tipo de manifestação arquitetônica se dá paralelamente à Arquitetura Moderna, o que distingue os dois paradigmas e se concentra na aceitação da tradição: existe nas edificações protorracionalistas a relação entre moderno/industrial com o tradicional/artesanal, o que não acontece com o modernismo, que se volta apenas para o “novo”, o inovador, o inusitado; um se torna a ponte, a passagem ou mesmo a transição para o outro. Roberto Segre (1991, p. 110 *apud* BLANCO; CAMPOS NETO 2003, p. 04) aponta “o racionalismo europeu como de fundamental importância para a aceitação e o amadurecimento do Movimento Moderno nos países latinos, com a influência das vanguardas artísticas e a emigração de profissionais europeus”, e, ainda destaca (2003, p. 04):

Dentre os condicionantes para a disseminação da estética racionalista, a existência de uma burguesia financiadora e atualizada quanto aos progressos científico-tecnológicos americanos e à renovação conceitual das vanguardas europeias, e de profissionais conhecedores dos avanços conceituais e materiais.

Retomando a respeito das iniciativas governamentais nesse período (1930 - 1945), tem-se a priorização de metas relacionadas a saneamento, higiene, habitação e educação, “incorporando a noção de medicina social na legislação trabalhista”. (SEGAWA, 2008, p.322). Sendo assim, o investimento na construção e na reforma de prédios para a saúde e educação tornou-se importante para a reestruturação das referidas áreas, onde as linhas racionais das edificações entravam em concordância com as novas propostas estruturantes e modernizadoras de um “projeto nacional de normatização arquitetônica oficial”. (SEGAWA, 2002, p. 69). O recém-criado Departamento de Correios e Telégrafos (1931) integra a ambiciosa proposta de reequipamento do sistema. Nos anos de 1930-1945, os prédios destinados às agências apresentam aperfeiçoamento em sua infraestrutura, a partir da construção de sedes regionais nas capitais e principais cidades brasileiras, contabilizando 141 agências espalhadas em todo território brasileiro. Como diz Reis (2014, p. 94),

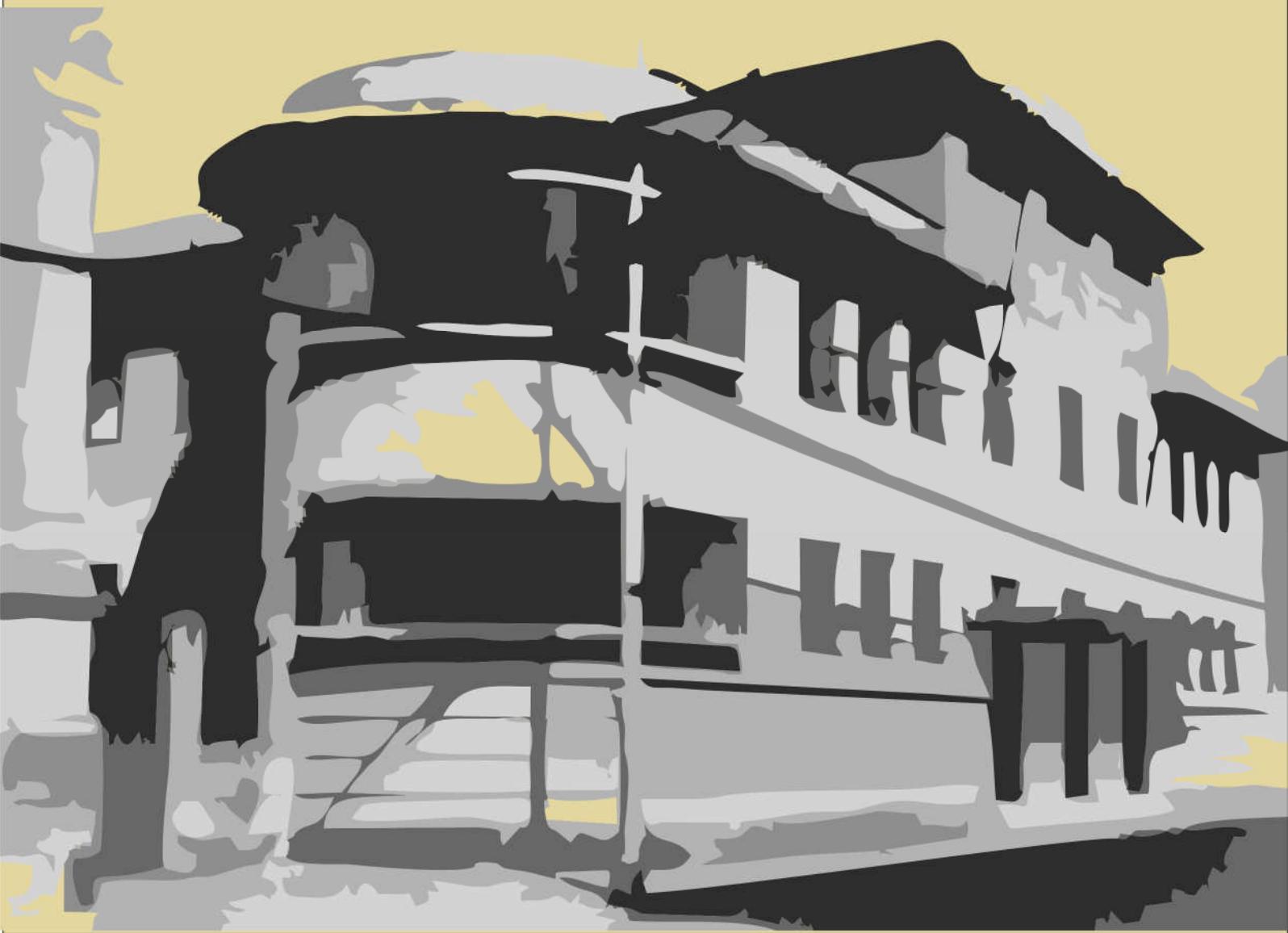
[...] a busca em estabelecer tipos arquitetônicos para os edifícios públicos era uma forma de racionalização, servindo de exemplo o Ministério da Viação e Obras Públicas, quando deu início à construção de agências postais e telegráficas e sedes de diretoria regionais padronizadas. O mesmo podia ser visto com a uniformização do mobiliário para equipamento das repartições públicas.

Portanto, diante do exposto, atestou-se que a arquitetura protorracionalista surgiu como nova proposta arquitetônica, apesar de integrar técnicas construtivas inovadoras ao uso de componentes arquitetônicos historicistas presentes na arquitetura produzida até então no Brasil. Em seu cerne, segundo Reis (2014, p. 61), apresentou-se articulada ao discurso “politicamente misto de reformas sociais, autoritarismo político e oscilação ideológica”, de produção e reprodução em massa de seus elementos construtivos, advindos com a estandardização dos elementos arquitetônicos e construtivos, buscando a universalização de seus padrões estéticos-funcionais, ou seja, uma postura “híbrida e intermediária” (BLANCO; CAMPOS NETO, 2003, p. 03), uma arquitetura de transição, que buscou respeitar o regionalismo existente nos locais onde se concretizou. O que se percebe analisando a sentença acima, é que a proposta protorracionalista, aqui no Brasil, conseguiu integração com a proposta política governamental vigente (comandada por Getúlio Vargas), e dentro dessa perspectiva, se expande e se firma nas cidades brasileiras.

Dessa forma, atestou-se que, dentre as várias cidades brasileiras em que já se detectou o estilo arquitetônico em questão, encontrava-se a cidade da Maceió, capital do estado de Alagoas, onde, a partir da década de 1990, pesquisas acadêmicas já indicavam a existência de prédios protorracionalistas com tipologias variadas, conforme as já exibidas nas figuras 14 e 18 neste capítulo e em um trabalho acadêmico feito ainda em 1994.

Percebe-se, atualmente, que urge uma efetiva revisão das identificações dessas edificações, feitas em décadas já distanciadas, e, portanto, já carecem de coleta de dados para uma catalogação atualizada, pois muitas já se encontram em estado de deterioração; outras já não existem mais, sem contar que durante a atual pesquisa, houve a ampliação da listagem anteriormente divulgada pelo encontro de mais exemplares ainda edificados. É com a pretensão de contribuir com a preservação das informações dessas edificações que foi construída a seção que segue.

“PROTORRACIONALISMO” EM MACEIÓ



4. PROTORRACIONALISMO EM MACEIÓ

4.1. Situando o acontecimento

Têm-se intensificado nas cidades brasileiras – desde o artigo de Luís Paulo Conde em 1988, lançado pela revista AU - Arquitetura e Urbanismo – estudos que voltam seus olhares para exemplares arquitetônicos que permaneciam anônimos até então. De acordo com Fuão (2012, p. 01),

o que se convencionou chamar arquitetura moderna, corresponde a uma série de tendências, presentes num período de tempo bastante amplo, às vezes com um grupo homogêneo de aproximações estilísticas, outras vezes, até discordantes em seus princípios éticos e estéticos.

Dito isso, inicia-se aqui a reflexão sobre a época compreendida entre os anos de 1934 e 1959, na cidade de Maceió, onde se encontram exemplares arquitetônicos, que não apresentam características da arquitetura historicista e nem modernista e que talvez mereçam uma outra nomeação para identificá-los. Segundo Naslavsky (1992, p. 03), “é possível identificar uma produção de arquitetura pós-eclética ou pré-moderna, com características de arquitetura de transição, rica em contradições, que, sem dúvida, contribuiu para a aceitação e difusão do modernismo no país”. Para Canez (1998, p. 13), “tentativas modernizantes” que no presente estudo enquadram-se como protorracionalistas, nomenclatura utilizada e adotada por Renato De Fusco no livro História da Arquitetura Contemporânea.

É fato que, no decorrer de sua trajetória histórica, Maceió cresceu (desordenadamente) e prosperou. Costa (1981, p. 179) afirma:

A Câmara [de vereadores] tanto pediu, em 1866, que a presidência [da Câmara] encarregou o engenheiro Carlos Bolterstern de projetar os trabalhos necessários ao abrigo dos leitos das ruas contra a destruição das águas pluviais, de tornar a cidade um pouco mais transitável, de verificar as respectivas alturas nas ruas principais, traçando um plano modesto de remodelação. Em 1868 esse engenheiro informa ao presidente José Bento Júnior: ‘Confesso que ainda não descobri os meios de remediar os absurdos, cometidos em tempos passados, no alinhamento das ruas’. [...] A engenharia recuava ante a incúria da administração municipal, que permitira a aglomeração de construções urbanas à mercê do interesse individual. Sem ordem, sem método, sem observância do plano urbano mais rudimentar.

Enquanto evoluíam as décadas, brotavam novos bairros, novas indústrias se instalaram na cidade, novas ruas e praças foram construídas e o perfil urbano, aos poucos, se modificava com o aparecimento de novas edificações, avenidas e conjuntos habitacionais. As novas construções foram sendo executadas nos estilos em voga, a cada momento construtivo temporal, e, assim, Maceió passou a ter um diversificado acervo no seu conjunto edificado.

Compreende esse conjunto edificado, exemplares arquitetônicos que se encontravam “camuflados” e esquecidos no contexto urbano da cidade, dentre eles, exemplares protorracionalistas, objeto de estudo da presente pesquisa, que, embora testemunhem a trajetória histórica-temporal de evolução urbana e arquitetônica de Maceió ainda não possuem registro, inventário ou catalogação, como parte do patrimônio histórico-cultural edificado, fato que dificulta a garantia de preservação desses bens, que além de serem referência da arte são também referência da história da cidade. Segundo Riegl (2014, p. 33),

O testemunho pode ser um monumento escrito, cuja leitura desperta representações contidas em nossa consciência ou um monumento de arte, cujo conteúdo é percebido de imediato pelos nossos sentidos. Aqui, é importante esclarecer que todo monumento de arte, sem exceção, caracteriza-se por ser ao mesmo tempo um monumento histórico.

Segundo Courtine, (2010, p. 163), “se não se tem o saber histórico que permite compreender profundamente a complexidade do objeto estudado, não se compreende nada de nada”. Assim, há que se levar em consideração o momento histórico que possibilita a eclosão dessas propostas evolutivas, dentro do contexto arquitetônico/urbano que elas convocam. Sequencialmente, no subtópico a seguir, busca-se contextualizar o objeto dentro espaço temporal sócio histórico vivido em Maceió.

4.2 O que estava acontecendo em Maceió entre as décadas de 1930 a 1950?

Maceió nasce como cidade e capital a partir de um decreto no ano de 1839. Conforme consta em Costa (1981, p. 149):

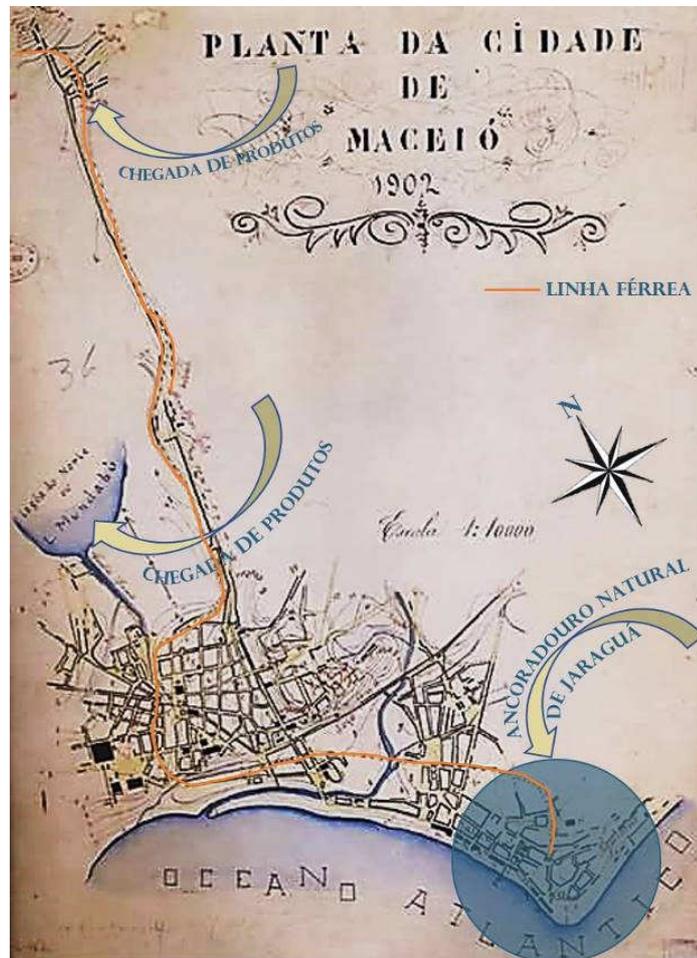
A 9 de dezembro, o presidente Agostinho da Silva Neves sancionou a seguinte: **Resolução nº 11** ‘Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e eu sanciono a Resolução seguinte:

Artigo único – Fica ereta em cidade e capital da Província a vila de Maceió, que será dora em diante a sede do Governo, Assembleia, Tesouraria Provincial e aulas maiores [...].

Tal ação imperativa ocorreu para atender ao impasse do setor agroexportador, que com a proibição do tráfico de escravos, busca alternativas para a circulação das mercadorias, mas sem efetivamente mudar seus padrões produtivos escravocratas (ALMEIDA, 2011). De acordo com Almeida (2011, p. 25), “é núcleo recente, pois era vila em 1815, cidade e capital em 1839”. Elevou-se à categoria de vila através do “alvará régio de 5 de dezembro de 1815, sendo desmembrada da vila de Alagoas” (IBGE, 1959, p. 71). Por que o processo de elevação a cidade e transferência da capital, de Marechal Deodoro para Maceió, se deu de forma tão acelerada? De fato, segundo ressalte Almeida (2011, p. 25), “a condição estratégica de Maceió sempre esteve em evidência – comprovada desde os fins do século XVIII -, inclusive logisticamente posta para o norte e para oeste”.

A localidade apresentava pontos que evidenciavam suas qualidades e voltavam os interesses econômicos do agronegócio para a região: a principal delas diz respeito à situação geográfica da cidade. Como possuía uma economia de natureza agroexportadora, a proximidade com o mar e a existência de um porto ativo, o ancoradouro natural de Jaraguá, favorecia a exportação de produtos produzidos em outras regiões do Estado. A facilidade do recebimento de insumos advindos do interior através das lagoas que cercavam a cidade; a existência da linha férrea que conectava os polos de chegada e escoamento de produtos, foram alguns fatores que contribuíram para o desfecho histórico (ALMEIDA, 2011), como é possível observar na figura 020.

Figura 020: Planta da cidade de Maceió em 1902 – contendo indicação de alguns dos locais de chegada dos produtos advindos do interior do Estado de Alagoas conectados ao ancoradouro natural de Jaraguá pela Linha Férrea.



Fonte: Reporte Maceió (2016). Adaptado pela autora. Disponível em: <<http://www.reportermaceio.com.br/wpcontent/uploads/2016/05/planta1902.jpg>>. Acesso em: 01 de março de 2017. Adaptado pela autora.

Para Almeida (2011, p. 25), “Maceió seria então uma resposta urbana à pauta provincial da exportação. Maceió era uma resposta aos laços de envolvimento do grande capital a consolidar suas relações em todo o mundo”. Após a outorga de capital, a cidade cresceu repentinamente e de modo desordenado, acrescenta o referido autor (2011, p. 24):

O crescimento de Maceió advém de seu ajustamento à condição de fundeadouro montado em Jaraguá e ao movimento de articulação que se realiza ao integrar internamente áreas, numa correspondência ao esforço de construção da província como unidade agroexportadora e, nesse sentido, temos um centro urbano fundado na característica dominante do senhorial e expressando-o.

Em um espaço curto de tempo, a cidade que ainda não possuía porte físico e urbano de capital do Estado, passou a abrigar membros da corte - o governador com os funcionários régios, donos de fazendas - que também transferem suas moradias para a cidade e muitos outros que vislumbravam a possibilidade de prosperar na nova capital. Com a Proclamação da República, observa-se que, a capital alagoana, de certa forma, segue a tendência de crescimento, já descrita, de alguns centros urbanos brasileiros, mas o que se constata a partir de Diegues Jr. (1981) é que a “transformação” repentina de vila, em cidade/capital e o fluxo populacional migratório estabelecido entre campo e cidade traz consequências para as administrações municipais inauguradas com a República.

Com o regime federativo instituído, os municípios passaram a ter mais autonomia, gerando novas perspectivas de progresso, rompendo com a estagnação vivida até então. O progresso impulsionou a cidade de Maceió que, com renda própria, ampliou as possibilidades de desenvolvimento urbano. Conforme Diegues Jr (1981, p. 200),

era preciso construir a cidade. Maceió cresceu desordenadamente, sem ritmo, sem método, sem estilo. [...]. Assim, a cidade manteve sempre seu aspecto defeituoso. Realmente a capital alagoana que o Império legara à República vinha já com seus defeitos característicos da época colonial. Defeitos para aqueles que queriam tudo renovar e modernizar: era preciso acabar com as biqueiras, com as janelas de xadrez, com as casas de taipa. Surgem assim novas edificações. Pouco era, porém, o que em Maceió ficara do período colonial. Surgida nos fins do século XVIII para princípios do XIX, Maceió não chegou a conhecer de verdade a vida colonial. Sua existência mesma começa com o Império.

A partir de então, tendo em conta o caráter urbano, era necessário “fazer a cidade”, abrir, alargar e alinhar ruas; construir praças; erguer edificações. Os bairros existentes na cidade da época do Império permaneciam os mesmos: Jaraguá, Poço, Farol, Trapiche da Barra, Levada e Bebedouro. O bairro da Pajuçara inicia seu processo de povoamento, com o aparecimento das primeiras casas residenciais, fazendo despontar, a Ponta da Terra como bairro novo que passou a abrigar os pescadores expulsos pelas novas construções que emergiam na Pajuçara e mudavam a fisionomia do local, por conta das construções “chiques” e residências de famílias abastadas, que passaram a se instalar no bairro, em busca do clima agradável e banhos de mar (DIEGUES JR. 1981).

A Proclamação da República no Brasil (1889, final do século XIX), veio para movimentar o cotidiano e produzir uma nova ordem espacial nas cidades brasileiras. A queda da escravidão e o aparecimento da instituição republicana trouxeram mudanças socioeconômicas profundas e, no tocante à formalização da abolição, a relação de trabalho se transformou. O local de trabalho passa a não ser mais o local de moradia. A consequência do fato enunciado é a crescente migração da população rural para os centros urbanos, gerando locais de moradia segregadores, nas franjas das antigas cidades coloniais (FORTES, 2011).

Para a cidade de Maceió, especificamente, a República trouxe novos paradigmas que se aplicam em ciclos paradoxais atingindo os mais diversos setores: econômico, social e político. De acordo com Almeida (2001, p. 23), “Maceió não estaria mudando sem que toda a chamada Alagoas estivesse em busca de novos padrões de organização produtiva e da sedimentação do seu papel de centralização de serviços”. A partir de 1890, segundo Diegues Junior (1920, p. 199), a cidade vive um surto progressista “o movimento demográfico da cidade, no período republicano, cresceu de modo rápido [...] duplicou em 20 anos: 1900 – 36.427 habitantes; 1920 – 74.168 habitantes”.

No tocante ao transporte, destaca-se, a partir de estudo realizado pelo pesquisador norte-americano Allen Morrison, que Maceió foi a terceira cidade brasileira a adquirir bondes a vapor em 1868, uma linha de 10 km, que ligava o bairro de Jaraguá ao de Bebedouro. Segundo Mendes (2002, p. 01),

Antes mesmo que a Companhia Alagoana de Trilhos Urbanos (CATU), inaugurasse uma linha de bondes com tração animal para o Trapiche da Barra no Natal de 1871. Dez anos depois, em 1881, a Alagoana assumiu todas as operações com bondes na cidade, como relata o pesquisador estadunidense Allen Morrison, de New York.

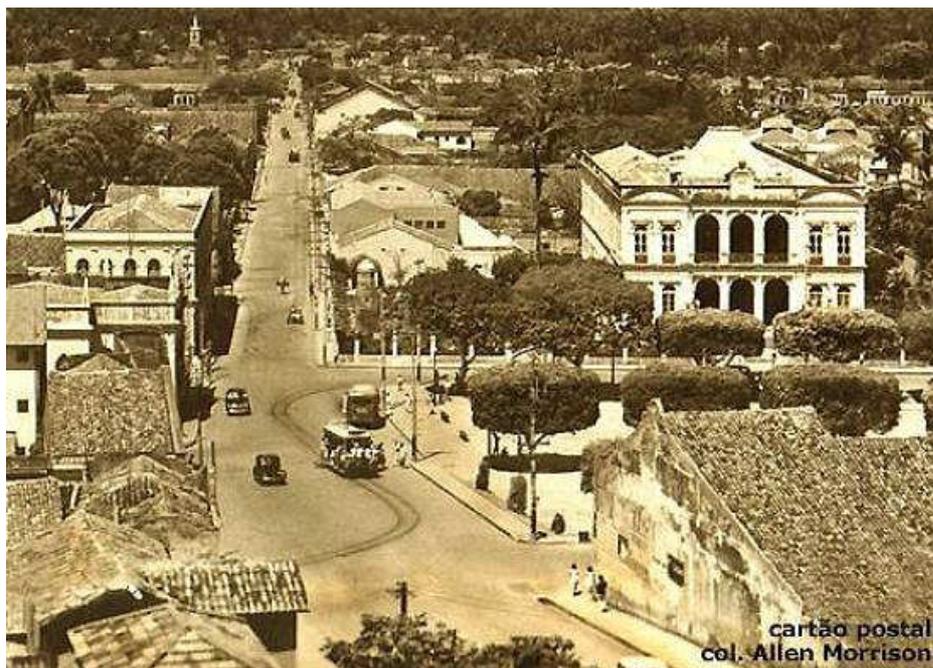
O que significa esse dado para evolução urbana da cidade à época? Que o setor agroexportador do Estado, ditava o rumo do desenvolvimento e do progresso da cidade, pois a rota apresentada era um dos elos entre chegada de insumos, do interior do Estado, e o seu consequente escoamento para o exterior, através do porto de Jaraguá.

A Maceió fragmentada do fim do século XIX se interligava através dos trilhos dos *bonds*, inicialmente puxados por burros que posteriormente foram substituídos por *bonds* elétricos. A esse respeito, afirma Fortes (2011, p. 128):

através dos trilhos dos *bonds* [...], aparece um centro consolidado desde os tempos coloniais, o bairro de Maceió, [...] e um ancoradouro com seu núcleo urbano, o bairro de Jaraguá – que concentrava os estabelecimentos comerciais atacadistas e administrativos relacionados às atividades portuárias. Esse bairro interligava-se com Maceió através da ponte dos Fonseca; construída sobre o riacho Maceió – o antigo *Massayó* – por ela passavam diariamente as mercadorias que movimentavam a economia alagoana. Tinham-se também lugares afastados do centro, como Cambona, Mutange, Levada, Trapiche da Barra e mesmo o Alto do *Pharol*; [...]. Os trilhos urbanos vão ‘costurando’ essas partes e relacionando-as, formando uma unidade, uma nova organização espacial.

Sendo assim, além do Centro, onde se localizava o único comércio da época, as repartições públicas e os estabelecimentos bancários, os outros bairros interligados pela linha do bonde eram: Jaraguá, Bebedouro, Farol, Trapiche e Mangabeiras.

Figura 021: Linha que ligava Jaraguá a Bebedouro – um dos pontos de chegada de mercadorias do interior do Estado



Fonte: Carlos Pimentel Mendes – Bondes no Brasil (2002). Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden11.htm>>. Acesso em: 25 março 2016.

Destaca-se que, apesar de a cidade ter sido uma das pioneiras a organizar um sistema de transporte público, a camada da população que fazia uso dessa inovação se encontrava entre os habitantes de classe média. A população pobre que residia entre as “franjas” da cidade, nos locais mais afastados, se deslocava a pé e raramente apanhava o meio de transporte. Segundo Fortes (2011, p. 125), “a cidade em construção era marcada pela geração de locais para pobres e ricos, numa demonstração de que cidade e sociedade se integravam em um mesmo modo de

ser”, onde a relação senhor/escravo se transformara, a partir do fim do sistema escravocrata, em patrão/empregado.

O início da década de 1930 marcou o Estado em alguns aspectos. Com a Revolução de 30, a oligarquia que era alimentada pelos proprietários rurais e burguesia comercial ligadas ao setor exportador iniciava um novo ciclo e um novo tipo de aliança político-econômica, que centralizou o controle de suas ações nos setores urbanos da capital Maceió. O governador Álvaro Paes foi substituído, o militar Juarez Távora e o líder civil da revolução no Nordeste José Américo de Almeida deram posse a um Governo provisório constituído por um triunvirato composto por: Hermilo de Freitas, Orlando Valeriano de Araújo e Alfredo de Maia, iniciando outro momento da história política de Alagoas (CARVALHO, 2015).

O período referente às décadas de 1930 a 1950 é conturbado, politicamente falando. Os governos - estadual e municipal – são marcados por trocas constantes de nomes com interventores militares e civis que se revezavam no poder, por períodos curtos de tempo. Viveu-se no Estado uma instabilidade política, surgindo a divisão ideológica de grupos e correntes de esquerda e direita – acompanhando a tendência mundial daquele momento. Segundo Carvalho (2015, p. 295),

nos anos das interventorias militares e civis, pressionados pelo governo federal, ocorreram alguns movimentos localizados de modernização administrativa, realçados pelo escritor Graciliano Ramos, em setores como educação, com o aumento de escolas e alunos matriculados. Com pouca autonomia, os vários Governos instalados pela Revolução de 1930 e pelo Estado Novo contabilizavam, a seu favor, o final do cangaço, abertura de estradas para o interior e a construção de uma única grande obra, o Porto de Maceió.

A economia do Estado iniciava um reajuste em suas forças, segundo Diegues Jr. (1981), o regime republicano incrementou a economia, impulsionando o desenvolvimento e dando maior autonomia aos municípios. Os banguês, símbolo das forças agrárias, foram substituídos gradativamente, pelas usinas de açúcar. A falência dos engenhos e a ascensão da burguesia urbana modificaram lentamente o perfil da cidade. As famílias procuraram e passaram a ter um contato mais íntimo com as ruas, que perderam gradativamente a característica colonial e tornaram-se mais atrativas.

Nessa época (entre as décadas de 1930 a 1950), a população de Maceió começou a adquirir novos hábitos, incentivada pela construção de novas praças e

pela aparição dos cinemas, pois a “rua” já não era vista como uma coisa feia, e passou a ser mais frequentada, tornando-se um local de conversas e passeios, como explica Diegues Jr. (1981, p.202): “à democracia política que a República trouxe alia-se a democracia social”, ativando a vida social da população, a partir da organização de festas de artes, saraus familiares, festivais de música, peças teatrais, entre outros eventos que passaram a acontecer na cidade.

No entanto, além de todas as transformações historiadas pela sociedade alagoana, Maceió apresenta ainda na década de 1930, a consolidação de outro vetor importante na mudança de comportamento da sociedade. Nessa época, a indústria do cinema encabeçada pela produção cinematográfica de Hollywood, se afirmou como cultura de massa. Inicialmente as exhibições dos filmes aconteciam em circos, parques, feiras e teatros. Os filmes produzidos em Hollywood despertavam ilusões e sonhos nos espectadores que usavam essa inovação nas representações de suas casas, reproduzindo a exuberância e ostentação presente nos filmes exibidos (FERREIRA; CAVALCANTI; SILVA, 2010).

Surgiam novos programas arquitetônicos e as edificações projetadas para cinemas tornaram-se um símbolo da modernidade e da inovação tecnológica que despontava naquele momento. Segundo Ferreira, Cavalcante e Silva (2010, p. 80) “Os primeiros edifícios de cinemas projetados com essa finalidade buscavam evidenciar o encantamento produzido pelos filmes, por meio de uma arquitetura requintada e luxuosa”. Além disso, a linguagem formal apresentada em suas fachadas demonstrava, através da falta de ornamentos e da estética compositiva utilizada na proposta arquitetônica, que havia uma mudança de paradigma se instalando no cotidiano da sociedade local (ver figura 022).

Figura 022: Cinemas “de bairro” construídos na cidade de Maceió no período entre as décadas de 1930 a 1950



Fonte: Maceió Antiga (fanpage) (2017). Disponível em: <<https://ptbr.facebook.com/MaceioAntiga>>. Acesso em: 25 março 2017.

Em Maceió, assim como em outras cidades brasileiras, os cinemas se situaram nos centros e subúrbios. Em sua decoração, traziam materiais novos e luxuosos representados por uma arquitetura de transição (protorracionalista), que buscava retratar as utopias, os sonhos e *glamour* de uma sociedade que ansiava viver os cenários reproduzidos nos filmes hollywoodianos. Maceió também absorveu essa Modernidade e se sentiu menos “conservadora”. Conforme expõe Tenório (2007, p. 40) “Maceió, a capital, discretamente vai deixando de ser rural e conservadora e torna-se mais urbana e mais frouxa. **É a travessia de dois tempos históricos que se cruzam** (grifo nosso)”. O centro da cidade acompanha essa evolução, e, em suas ruas circulavam pessoas, que agora, já não buscavam na França, suas referências culturais. É o tempo da invasão ianque - tomava-se coca cola, mascava-se chiclete, dançava-se swings e *blues* - Hollywood ditava os padrões de beleza. Conforme diz Tenório (2007, p. 45),

evidentemente, tudo isso não acontece de repente e nem alcança logo as camadas mais pobres. Mas estas não vão ficar fora das mudanças. Não é o povo idealizado e capturado pela nacionalização paternalista, mas o povo concebido a partir da aceitação das diferenças e das clivagens sociais. Paralelamente à produção de bens destinados aos setores médios urbanos, alastra-se a arte voltada para o povo: o rádio e o cinema.

Não é à toa que, nessa época, encontravam-se cinemas localizados em bairros do subúrbio da cidade, como é o caso dos Cine Ideal 1936, (bairro da Levada); Cine Rex, 1945 (bairro da Pajuçara); Cine Lux, 1948 (bairro da Ponta Grossa) e Cine Plaza 1950, (bairro do Poço). Para Tenório (2007, p. 45), “a diversão mais famosa está ao alcance de todos, e sonhos de ascensão social povoam a mente dos estratos mais pobres”. A sociedade de classes adquire *status* de reconhecimento cultural e projeta-se um futuro a ser conquistado pelo trabalho. Nos seguintes termos reflete Tenório (2007, p. 46):

através de pronunciamentos pontuados por qualificações como novo, dinâmico, moderno, chegam o discurso e o método do desenvolvimentismo, a imagem de uma sociedade cosmopolita e urbana, diluindo, sem retorno, a velha sociedade patriarcal e rural, onde as massas terão reservado seu papel com proeminência, abrindo-se passagem definitivamente para grandes transformações.

Pontua também Ferrare (2008, p. 02), que nesse período temporal e de mudança sócio comportamental, “a frenética atração pela rua fomentou novas tipologias e renovou a estética do casario que ladeava as vias e os espaços públicos”. Torna-se evidente a necessidade de “romper com o passado”. Isso fez com que a população e o poder público iniciassem um movimento de quebra de paradigmas construtivos, formais e tipológicos que representassem a inquietação vivida naquele momento, mas de todo modo, a quebra não se deu de forma radical e abrupta. Mecanismos de transição foram utilizados para amenizar o processo de transformação que tentava se firmar naquele momento. Um exemplo disso se apresenta nas inúmeras reformas e construções de casas e fachadas encontradas no acervo técnico da SEDET, onde era utilizada alvenaria como método construtivo para a frente da casa (fachada), enquanto seu interior era construído em taipa (ver figura 023. Observar destaque feito pela autora).

Figura 023: Projeto que demonstra a utilização das duas técnicas construtivas



Fonte: Acervo técnico SEDET. Adaptado pela autora.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

No tocante ao desenvolvimento da pesquisa, percebe-se que o contexto histórico que possibilita a concepção e construção dos exemplares protorracionalistas em Maceió, está imerso em crescentes mudanças, que, ao mesmo tempo, se conectam com elementos construtivos e formais do passado. Essa, talvez, venha a ser a distinção mais expressiva entre o Protorracionalismo e a Arquitetura Moderna, que apresenta em seus ideais e exemplares uma quebra radical e significativa com todas as referências historicistas produzidas até então.

A população de Maceió, também se encontrava em transição naquele momento, característica que se refletia na produção arquitetônica, que demonstrava esteticamente, potencialidades inovadoras, mas, ainda presas a alguns preceitos tradicionais.

Concentrando, agora, a atenção na produção arquitetônica pesquisada tratada no presente estudo e tomando-se como foco os exemplares protorracionalistas, o que se construiu, na sessão seguinte, diz respeito ao perfil urbano e comportamental da cidade. Em que “universo” se desenvolveu esse estilo? É o que se pretendeu mostrar a seguir.

4.3 Produção protorracionalista em Maceió

Conforme é possível observar, o recorte temporal analisado na presente pesquisa está conectado com várias mudanças caracterizadas pelo uso de novas tecnologias e materiais inovadores que passaram a ser utilizados por profissionais do ramo da construção civil. O país governado por Getúlio Vargas (1930 a 1945) investia na modernização de setores públicos, como: educação, saúde e comunicação, bem como na consolidação do setor industrial. Buscava-se, naquele momento, uma “identidade brasileira” que refletisse o movimento de renovação sinalizado pela sociedade e pelo governo vigente. Conseqüentemente, uma das áreas mais atuantes nesse processo está ligada aos setores de arquitetura e engenharia. Novos programas e propostas delineavam as edificações oficiais e civis que se espalhavam pelo Brasil, na intenção de, através da standardização de técnicas e materiais, criar um padrão construtivo que imprimisse uma identidade governamental. Ou seja, o Estado ditatorial, no intuito de atender às exigências do capital, investia na construção civil como forma de gerar emprego e de mostrar o crescimento econômico do país.

O Estado de Alagoas, assim como vários outros no país, aderiu às iniciativas encabeçadas pelo Governo Federal, que, no período referente às décadas em estudo, priorizou a educação primária e superior, financiando a construção de grupos escolares e institutos de formação profissional, centros de saúde e outras edificações públicas. Conforme Silva; Castro; Bernardes; Loreto (2012, p. 25):

o governo prestava assistência técnica, financeira e operacional através da orientação profissional, disponibilização de recursos e cessão de máquinas de construção e veículos para transporte de material. A arquitetura oficial alagoana vertia alguns princípios racionalistas do Movimento Moderno através da utilização de novos elementos de composição, em paulatino abandono aos traços arquitetônicos neoclássicos e ecléticos, e da padronização de soluções, que viabilizava a repetição de projetos em diversos municípios num curto espaço de tempo. Tal orientação primava

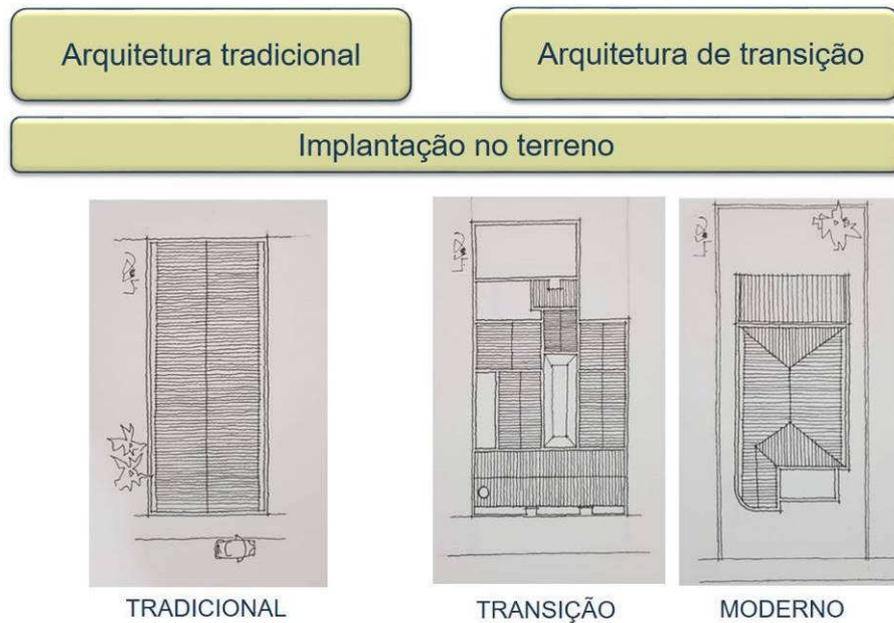
pela eficiência econômica e reduzia a dependência de mão de obra especializada.

Nesse período, entre as décadas de 1930 a 1950, o Estado de Alagoas e sua capital Maceió vivenciaram uma instabilidade política-administrativa que se comprova pela quantidade de gestores que passaram pelo governo do Estado e prefeitura da cidade. Foram de 14 governadores e 17 prefeitos que assumiram, por períodos curtos de tempo, os referidos cargos nos 25 anos pesquisados. Foi uma época de transformações: a Revolução de 1930 e o Golpe de Estado em 1937, que trouxeram para as cidades brasileiras e para Maceió, a perspectiva de “redemocratização” que se refletia em mudanças físicas e espaciais no contexto urbano da cidade (CARVALHO, 2015).

Nesse contexto político, a arquitetura se colocou como um dos elementos dessa transformação com a renovação das construções, e, conseqüentemente, interferiu no perfil dessa “nova” cidade, que foi alvo de investimentos voltados para os prédios oficiais, pois apesar da descontinuidade política administrativa que dominou décadas no Estado, não foram cerceados investimentos financeiros públicos para a execução de projetos e obras oficiais. Prédios que abrigaram escolas, faculdade, centro de saúde, repartições públicas, formam um conjunto de equipamentos que começavam a trazer uma nova dimensão para o contexto urbano: a “modernidade” maceioense.

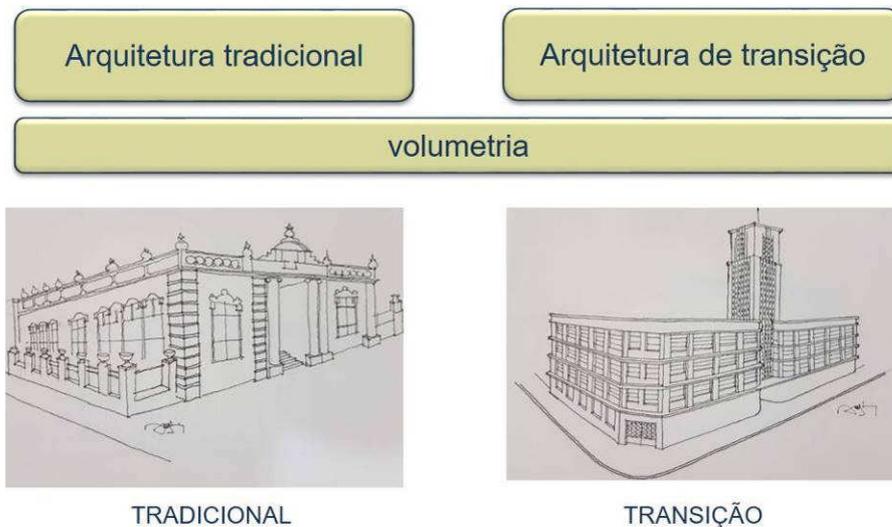
As similaridades e discordâncias apresentadas nas edificações pesquisadas, dizem respeito à **transição vivida nesse momento pela sociedade**, que refletiu nos elementos constituintes da arquitetura. Assim, encontraram-se exemplares com elementos tradicionais/clássicos e, ao mesmo tempo, soluções racionalistas/modernas. Apoiando-se nos estudos de Naslavsky (1992, p. 24-27), sobre o Protorracionalismo em Recife, elencaram-se alguns critérios para demonstrar a gradativa transição e mudança de paradigma formal que se instalava na cidade, tais como: implantação no terreno: sem recuos – tradicional, edificação solta dos limites do lote – moderno, ocupando parcialmente os limites do lote – transição; volumetria: compactos, rígidos, sem reentrâncias – tradicional, com recortes – moderno; fachada (quanto a sua composição): de composição simétrica – tradicional, assimétricas (que fogem à leitura clássica) – moderno; esquadrias: esquadrias de abrir em madeira e vidro – tradicionais, basculantes em ferro e vidro e Copacabana – moderno/transição (ver figuras, 024, 025, 026 e 027 a seguir).

Figura 024: Esquema comparativo - implantação no terreno



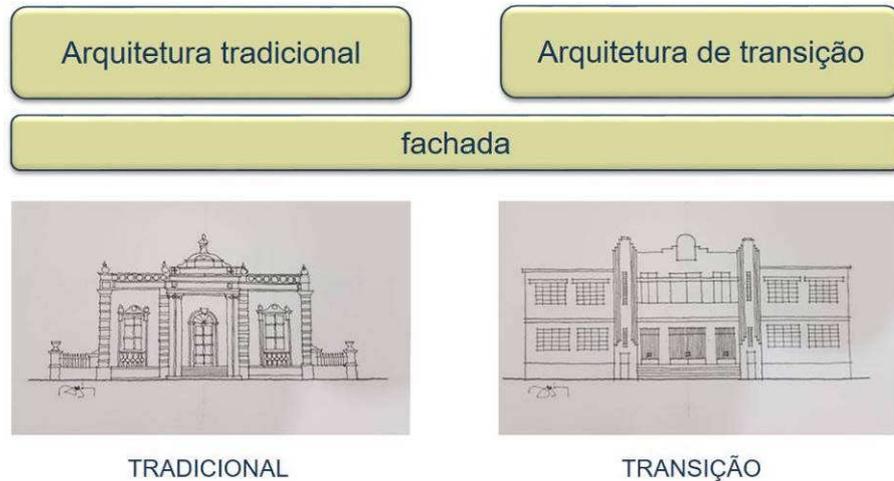
Fonte: Acervo João Luiz Maia (2017). Adaptado pela autora.

Figura 025: Esquema comparativo - volumetria



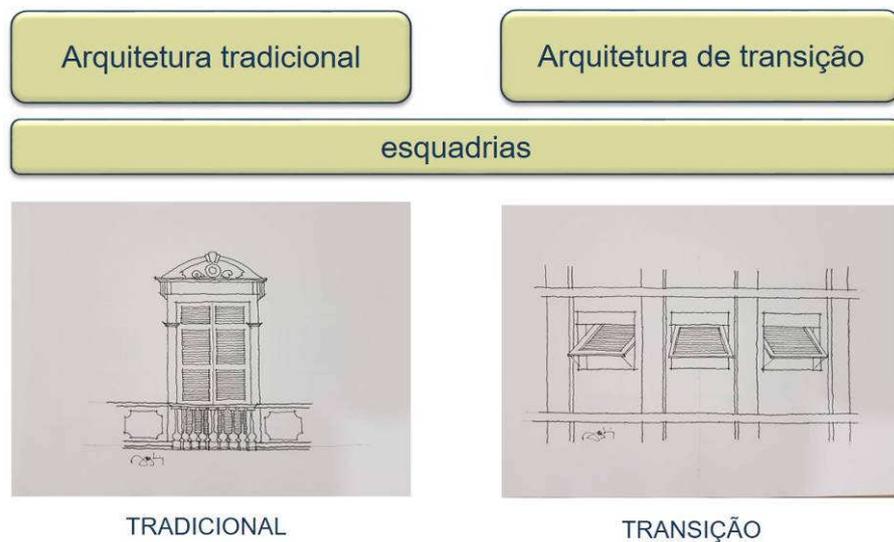
Fonte: Acervo João Luiz Maia (2017). Adaptado pela autora.

Figura 026: Esquema comparativo - fachada



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2017). Adaptado pela autora.

Figura 027: Esquema comparativo - esquadrias



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2017). Adaptado pela autora.

Diante do exposto, constatou-se em análise, uma mescla de elementos estético-formais que se complementam em busca de soluções inovadoras, mas que, ao mesmo tempo, buscam na transição dos elementos compositivos, um padrão que atenua os impactos da Arquitetura Moderna para com a população de modo geral, pois não houve, no estilo protorracionalista, a quebra impositiva e radical de componentes construtivos e formais, como ocorreu com os exemplares modernos. Assim sendo, as soluções projetuais tradicionais, como coberta com estrutura em madeira e telha cerâmica; configuração das plantas das residências, ainda formatadas com resquícios coloniais entre outros elementos com linguagem tradicional, distinguiram esse estilo como uma alternativa compositiva viável,

naquele momento, em contrapartida à Arquitetura Moderna que rompia radicalmente com os elementos construtivos e formais da arquitetura historicista.

Além de todas as questões levantadas a respeito da tipificação arquitetônica protorracionalista, visíveis nas edificações oficiais, existia a real necessidade de standardização construtiva e estilística, que preconizou a otimização de recursos técnicos e financeiros na implementação das edificações, pois o corpo técnico existente na cidade era escasso, concretizando-se na carência de profissionais atuantes, que nessa época contava mais com desenhistas e engenheiros; existiam poucos arquitetos atuantes que demonstravam sua produção de forma pontual e individualizada (ver figura 028).

Figura 028: Gráfico demonstrativo de profissionais atuantes em Maceió



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Os dados apresentados, fruto de pesquisa realizada na SEDET, comprovam que os engenheiros foram os profissionais que mais atuaram, durante o período estudado, na cidade. Foram encontrados nos projetos do acervo, 49 profissionais atuantes no setor construtivo da cidade (45 engenheiros, 02 arquitetos e 02 engenheiros arquitetos), que se revezavam no decorrer dos anos (1934-1959), entre projetos de construção e reformas, e que traziam, na sua concepção, elementos compositivos e formais do Protorracionalismo. Entretanto, diante do quadro apresentado, levantou-se a questão: Como essas referências, protorracionalistas chegaram a Maceió? De que forma isso aconteceu, já que a Faculdade de Engenharia Civil foi fundada na década de 1950 e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo apenas na década de 1970.

O que se percebeu, é que, além da arquitetura institucional, difundida pelo Governo Federal, que chega a Maceió através do prédio do Correio, postos de saúde, escolas e institutos, um outro fator também favoreceu a vigência do estilo na cidade. De acordo com Nobre (2015, p. 42), “A região Nordeste até a fundação da Escola de Engenharia de Pernambuco era suprida por engenheiros de outras plagas, daí sua importância para aquele Estado e seus vizinhos, a exemplo de Alagoas”. Sendo assim, os profissionais que atuavam no Estado, ou vinham de outras localidades, ou eram alagoanos que se formaram nas escolas de engenharia dos Estados mais próximos, a exemplo de Pernambuco e Bahia e retornavam para atuar em Alagoas com as referências que traziam consigo. Além disso, outra forma de conexão com o “mundo exterior” era através de revistas e periódicos que traziam em suas páginas, projetos prontos, e também sugestões que indicavam a maneira “certa” de se fazer a arquitetura aceitável naquele momento (ver figura 029).

Figura 029: Revista / periódico que traziam informações e exemplos de projetos arquitetônicos



Fonte: Acervo pessoal do desenhista José da Costa Passos Filho. A/c de Josemary Ferrare
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Sendo assim, modelos e referências externas ao Estado que contribuíram para as mudanças formais concretizaram em residências, postos de combustível, pontos comerciais, indústrias, armazéns, enfim, várias tipologias arquitetônicas que, aos poucos, mudavam a fisionomia da cidade.

Dando seguimento ao trabalho, buscou-se traçar o perfil urbano protorracionalista de Maceió entre os anos de 1934 a 1959, com base nos dados levantados em pesquisas de campo e em órgãos públicos.

4.3.1 A Maceió protorracionalista

Antes de retomar a análise dos dados coletados, alguns esclarecimentos a respeito do procedimento geral da pesquisa são necessários. Inicialmente, tomou-se como base para o desenvolvimento do trabalho, os exemplares levantados no primeiro estudo realizado (1994), mas, a partir do aprofundamento dos dados, pôde-se ampliar o elenco de edificações previamente detectadas, com observação *in loco* dos exemplares, bem como levantamento das datas de construção das edificações.

A pesquisa se construiu em momentos distintos e revelou dados e objetos igualmente distintos. O que se tinha em mãos, era o resultado do levantamento realizado pela pesquisadora, em dois momentos temporais 1994 e 2017 (pesquisa de campo), havendo sido detectados nessas ações 20 exemplares com características protorracionalistas. Vale salientar que a lista de edificações sofreu acréscimo no segundo momento da pesquisa.

O outro momento diz respeito à coleta de dados realizada no acervo da SEDET que revelou, entre os anos de 1934 a 1959, um total de 2.769 projetos protorracionalistas espalhados pela cidade, que foram digitalizados e catalogados.

Para melhor sistematização e entendimento das partes, resolveu-se separar os exemplares em dois blocos: um bloco formado pelas edificações reveladas em pesquisa de campo, que trouxe uma visão mais pontual e detalhada das edificações, fazendo um comparativo do estado físico dos prédios levantados nos dois momentos (1994 e 2017), e outro bloco, composto pela amostra calculada em 23% do total, ou seja, 660 projetos do total digitalizado, que refletiu questões relacionadas ao desenvolvimento e ao perfil urbano da cidade, suas características, os bairros e as ruas que foram contempladas com edificações protorracionalistas, enfim, um apanhado de informações, que contribuiu com a construção do universo do estilo em Maceió.

Esclarece-se, ainda, que o fator tempo interferiu diretamente nas decisões tomadas para o andamento da pesquisa, e, levando-se em consideração o exíguo período restante para o fechamento do trabalho, sistematizaram-se apenas os dados

referentes ao período de concepção dos projetos. Não daria, nesse momento, para buscar *in loco* os remanescentes dos projetos encontrados.

Percebeu-se que, iniciar as análises com a construção do panorama protorracionalista em Maceió, contextualizaria a pesquisa diante do seu objeto de estudo. Para tanto, utilizou-se a abrangência arquitetônica e urbana, alcançada pelo bloco formado com os projetos digitalizados na SEDET para embasar e dar prosseguimento ao estudo. Diante do panorama apresentado, ressalta-se que para sistematizar os dados recolhidos elencou-se um rol de variáveis que deveriam ser analisadas, tais como: o número do projeto (referência já apresentada nos projetos), ano de aprovação na SEDET, uso do imóvel, tipo de cobertura, implantação no lote, tipologia, construtor (projeto e construção), endereço, desenhista, organização em planta, composição de fachada, definição de planta, enunciado do projeto, imagem do projeto e observações gerais pertinentes ao desenvolvimento do projeto. Com base nessas informações, permeou-se o panorama urbano da cidade dentro do recorte temporal estabelecido.

Figura 030: Sistematização dos dados recolhidos na SEDET

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O
1	Nº	ano	uso	cobertura	implantação	tipologia / construtor	endereço	Desenhista	planta (organização)	Composição de fachada	planta (definição)	Enunciado do projeto	planta	obs	
	253	1957	habitacional	-----	-----	residencia unifamiliar só fachada / Augusto Alves dos Santos - engenheiro civil (projeto e construção)	Rua Angelo Martins - Ponta da Terra	-----	-----	simétrica. Platibanda com recortes e detalhe geométricos, com acabamento superior friso horizontal em massa.	-----	Projeto de reforma (fachada)		casas geminadas	
2															

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Constatou-se também, em primeira análise, que a atuação do Protorracionalismo havia-se ampliado no espaço urbano da cidade. A partir dos dados do primeiro estudo em 1994, em que foram encontrados prédios protorracionalistas nos bairros do Centro, Farol, Poço e Pajuçara que receberam acréscimo posterior (2017) dos bairros Ponta Grossa e Levada. De posse dos dados encontrados no acervo da SEDET, observou-se que o número de bairros onde existia a incidência do estilo passou de 06 (seis) para 19 (dezenove), considerando a

Cambona parte integrante do Bom Parto, ou seja, tinha-se uma visão mais globalizada da incidência do objeto na cidade (ver figuras 031 e 032).

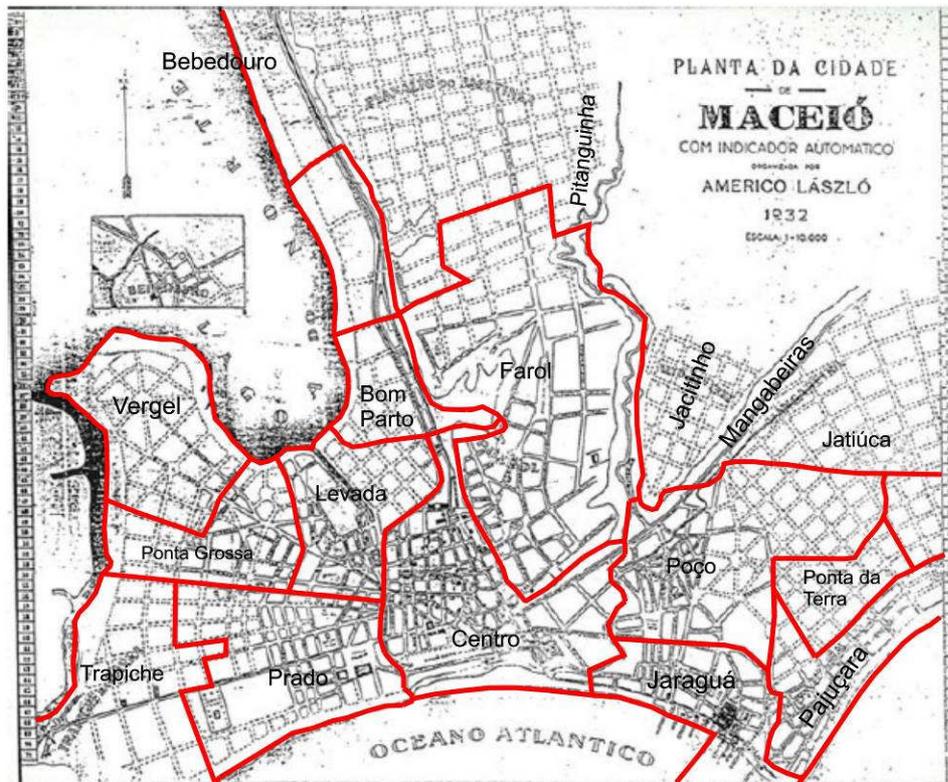
Figura 031: Gráfico dos bairros com exemplares protorracionalistas entre 1934 a 1959



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Tendo como base a planta da cidade de 1932, sinalizaram-se os bairros com maior incidência de edificações protorracionalistas. Dentro do universo representado no mapa, algumas localidades não se faziam presentes, como é o caso de Cruz das Almas, Tabuleiro dos Martins, Jatiúca, Pitanguinha, enfim, alguns locais com pouca referência de convívio humano. Convém ressaltar, que a divisão dos bairros teve como referência o mapa da SEMPLA (2009), atual SEDET, reforçando que o traçado atual dos bairros, é fruto de muitas intervenções sofridas no decorrer do tempo, e, sendo assim, o que se apresenta tem a intenção apenas a localizar a incidência, já bem expansiva dos exemplares na época em que foram concebidas; não é a intenção reproduzir a demarcação real dos bairros em 1932.

Figura 032: Planta da cidade de Maceió, em 1932, com divisão dos bairros



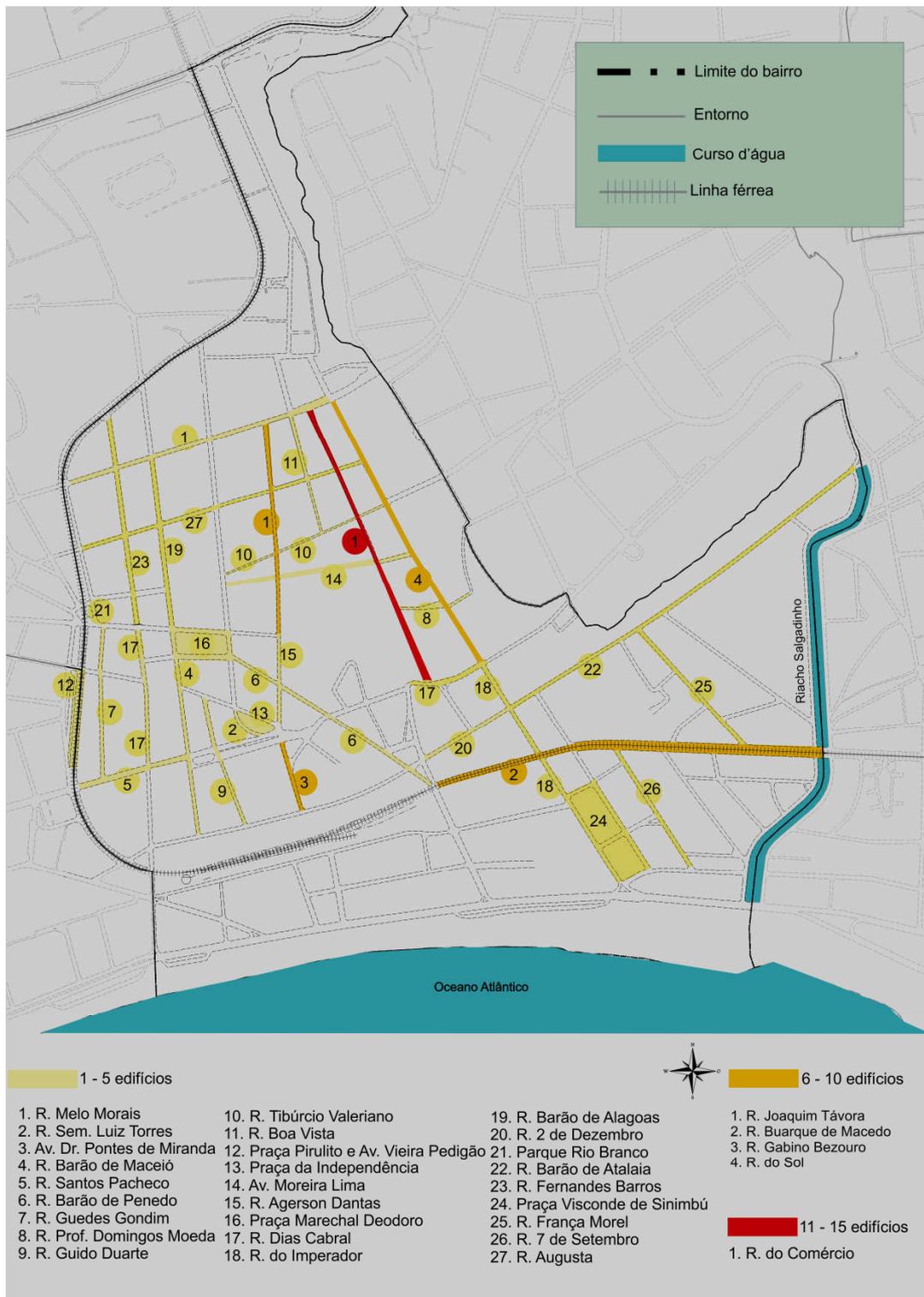
Fonte: Adaptado de Cavalcante (1998).

Retornando a análise dos dados, demonstrados nas duas figuras, percebeu-se que o Centro da cidade se mostrava valorizado nesse período, apresentando o maior índice de crescimento e a expansão de sua adjacência. Nos seguintes termos transparece esse crescimento em relato. De acordo com Diegues Junior (1981, p. 214),

a cidade em si mesma já está cheia, tem uma boa densidade demográfica. Dois bairros principais – o centro urbano, chamado geralmente Maceió, e Jaraguá – constituem o eixo do comércio; os arrabaldes – Pajuçara, Bebedouro, Trapiche da Barra, Levada, Farol – são zonas residenciais. No centro urbano a zona propriamente comercial concentra-se na rua do Comércio.

Durante a execução da pesquisa, com foco na concentração de ocorrências de projetos dentro das características protorracionalistas, os logradouros detectados com maior número de projetos foram: Rua do Comércio, Rua Gabino Bezouro e Rua Joaquim Távora. (doravante, apresentaremos as três ruas de cada bairro, com maior incidência de edificações (ver figura 033).

Figura 033: Mapa de ocupação das ruas do bairro Centro entre 1934-1959.



Os bairros periféricos, como Ponta Grossa – figura 034 - (Rua Santo Antônio, Rua Paissandu e Rua São José); Levada – figura 035 - (Rua Ceará, Rua 21 de abril e Av. Xavier de Brito) e Prado – figura 036 - (Av. Xavier de Brito, Rua Miguel Omena Rua São Francisco). Também apresentaram-se entre os que mais se desenvolveram

dentro do período estudado, bairros populosos e residenciais que, como veremos mais adiante nessa mesma sessão, eram compostos por uma parcela da população que investiu em inovações, modificando muitas vezes, apenas suas fachadas (em alvenaria com características protorracionalistas), mas o interior das casas permaneceu com traçados da arquitetura tradicional historicista (cozinha e banheiro nos fundos da residência), com estrutura construtiva em taipa.

Figura 034: Mapa de ocupação das ruas do bairro Ponta Grossa entre 1934-1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

Figura 035: Mapa de ocupação das ruas dos bairros Levada e Bom Parto entre 1934-1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

Figura 036: Mapa de ocupação das ruas do bairro Prado entre 1934-1959.



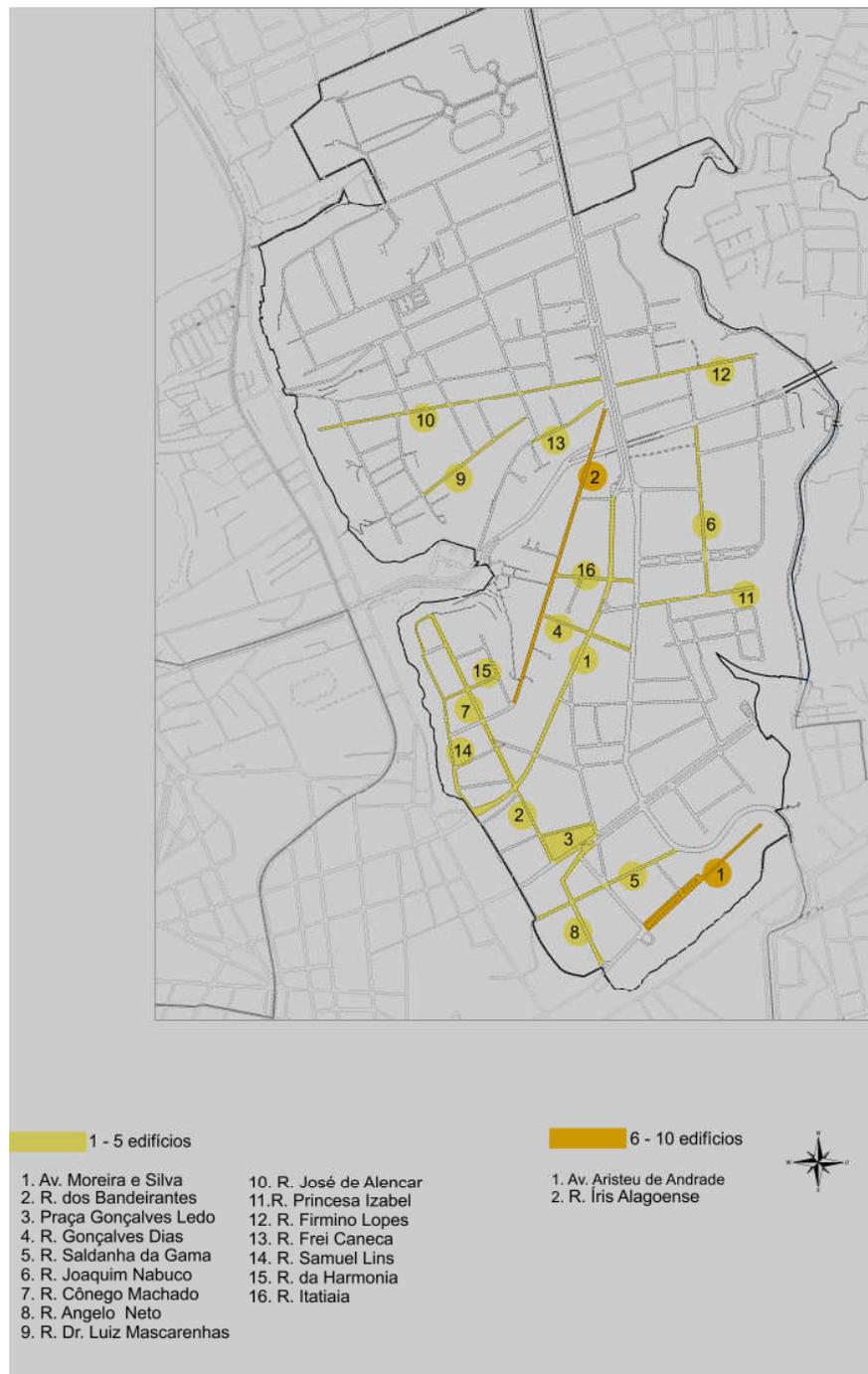
Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

O bairro do Farol – figura 037 - (Rua Íris Alagoense, Rua Aristeu de Andrade e Av. Moreira e Silva), vem em seguida. O bairro tem sido alvo, no decorrer do tempo, de diversos estudos acadêmicos; entre eles, os estudos realizados pelas pesquisadoras, profa. Dra. Maria Angélica Silva (sobre a Arquitetura Moderna em Alagoas) e a profa. Ms. Denise Lages (sobre o morar no bairro do Farol décadas de 1940 e 1950) trazem informações substanciais desse processo, aqui em foco. Percebeu-se diante dos estudos, que o bairro abrigou exemplares de Bangalôs, da Arquitetura Moderna e protorracionalistas, revelados na pesquisa. Sobre os bangalôs, diz Silva, (1991, p. 31): são “residências de pretensões pitorescas, inspiradas em estilos arquitetônicos alienígenas, resultando em construções de caráter exótico ou romântico”.

De acordo com Diegues Júnior (1981, p. 214) “Os bangalôs, tão ao gosto das gentes elegantes e modernas, pouco aparecem nas praias. Ficaram mesmo pelo Farol”. Essa particularidade destaca a diversificação das construções presentes no bairro, fruto da presença de moradores mais abastados dispostos a investir na construção de suas residências. Em Diegues Júnior (1981, p. 218) encontrou-se que,

para o turista que quer coisas modernas – bangalôs, avenidas, construções mais ou menos suntuosas – o arrabalde é o Farol. Aí é que se vem concentrando a moradia aristocrática da cidade. A situação topográfica do arrabalde muito concorre para que seja nele, [...] que venha sentindo mais sensivelmente a expansão urbana de Maceió; é o único arrabalde onde a área a ocupar-se ainda é grande.

Figura 037: Mapa de ocupação das ruas do bairro Farol entre 1934-1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

O bairro do Poço – figura 038 - (Rua Cel. Pedro Paulino, Av. Com. Leão e Av. 26 de abril), Pajuçara – figura 039 - (Rua Ouvidor Batalha, Rua Quintino Bocaiuva e Rua Elysio de Carvalho) e Jaraguá (Rua Cel. Pedro Lima, Rua do Uruguai e Rua Barão de Jaraguá), seguem apresentando crescimento razoável. Entre eles o bairro de Jaraguá se apresenta como bairro comercial e residencial, sendo os demais em sua maioria residenciais.

Figura 038: Mapa de ocupação das ruas do bairro Poço entre 1934-1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

Figura 039: Mapa de ocupação das ruas dos bairros Pajuçara e Ponta da Terra entre 1934-1959.



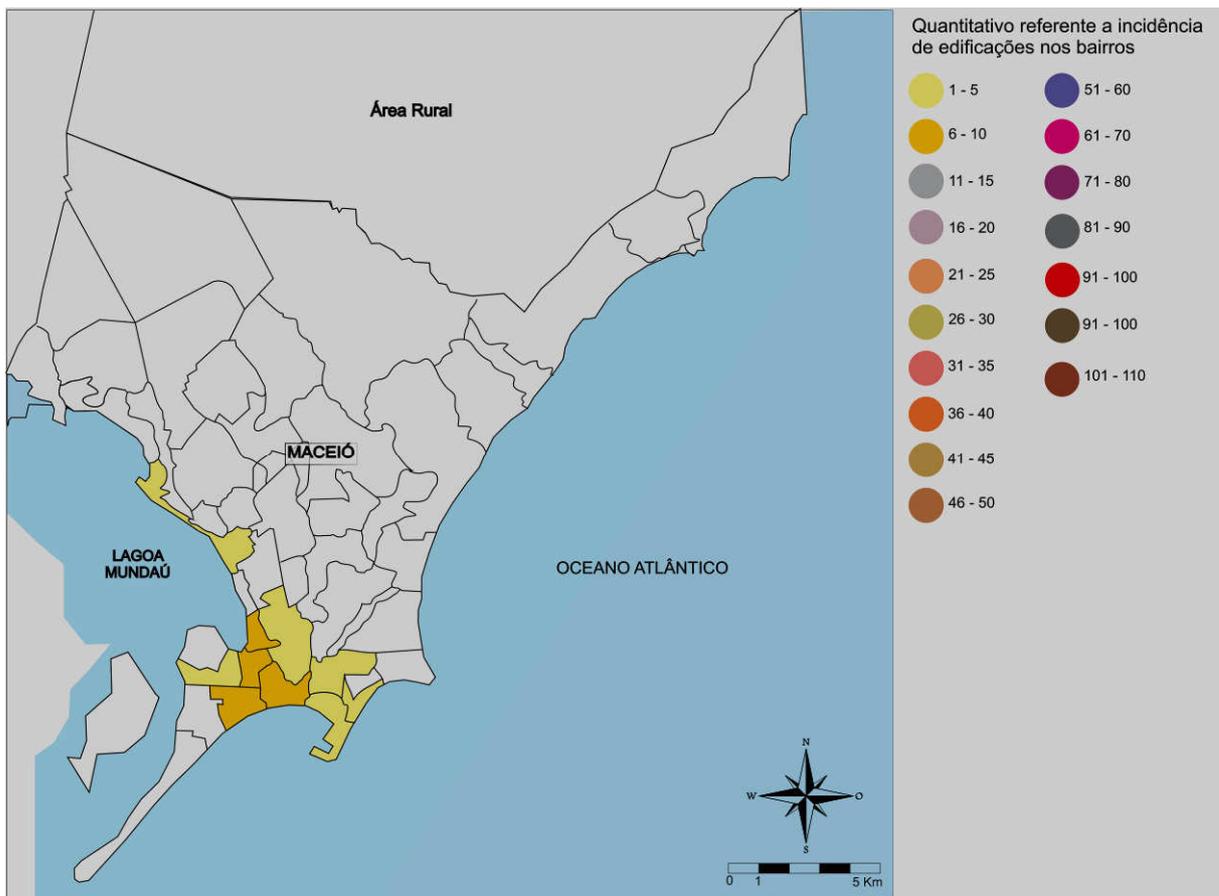
Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

Com relação aos demais bairros, temos um índice pequeno de crescimento. Alguns são novos destinos para a população e outros, por apresentarem índice elevado de densidade demográfica, já não conseguem acomodar novos moradores. De acordo com Diegues Junior (1981, p. 218) “Nos outros [bairros], entre o mar e o morro do Jacutinga – Pajuçara, Poço, Mangabeiras – ou entre as lagoas e o centro urbano – Levada, Trapiche da Barra, Bebedouro –, não é possível fazer essa expansão com os elementos que o Farol proporciona”. O que se percebeu, nesse contexto, revela uma concentração maior de exemplares protorracionalistas nos

bairros centrais da cidade, expandindo para a parte alta e bairros margeados pelo mar.

Todavia a evolução do Protorracionalismo no contexto urbano da cidade se deu de forma gradativa. A incidência de exemplares nos bairros crescia no decorrer das décadas, e se espalhava pela cidade. Na década de 1930, a distribuição espacial das edificações concentrava-se nos bairros do Centro e os periféricos a ele, à exceção do bairro de Bebedouro e Pajuçara - bairros residências e comerciais que concentravam maior parcela da população de Maceió. Analisando a distribuição espacial das edificações no mapa (ver figura 040), percebe-se que os bairros que apresentam maior índice de incidência do estilo, apresentam no máximo 10 edificações, demonstrando uma atuação frugal no contexto urbano.

**Figura 040: Distribuição espacial dos edifícios protorracionalistas em Maceió:
- Década de 1930.**

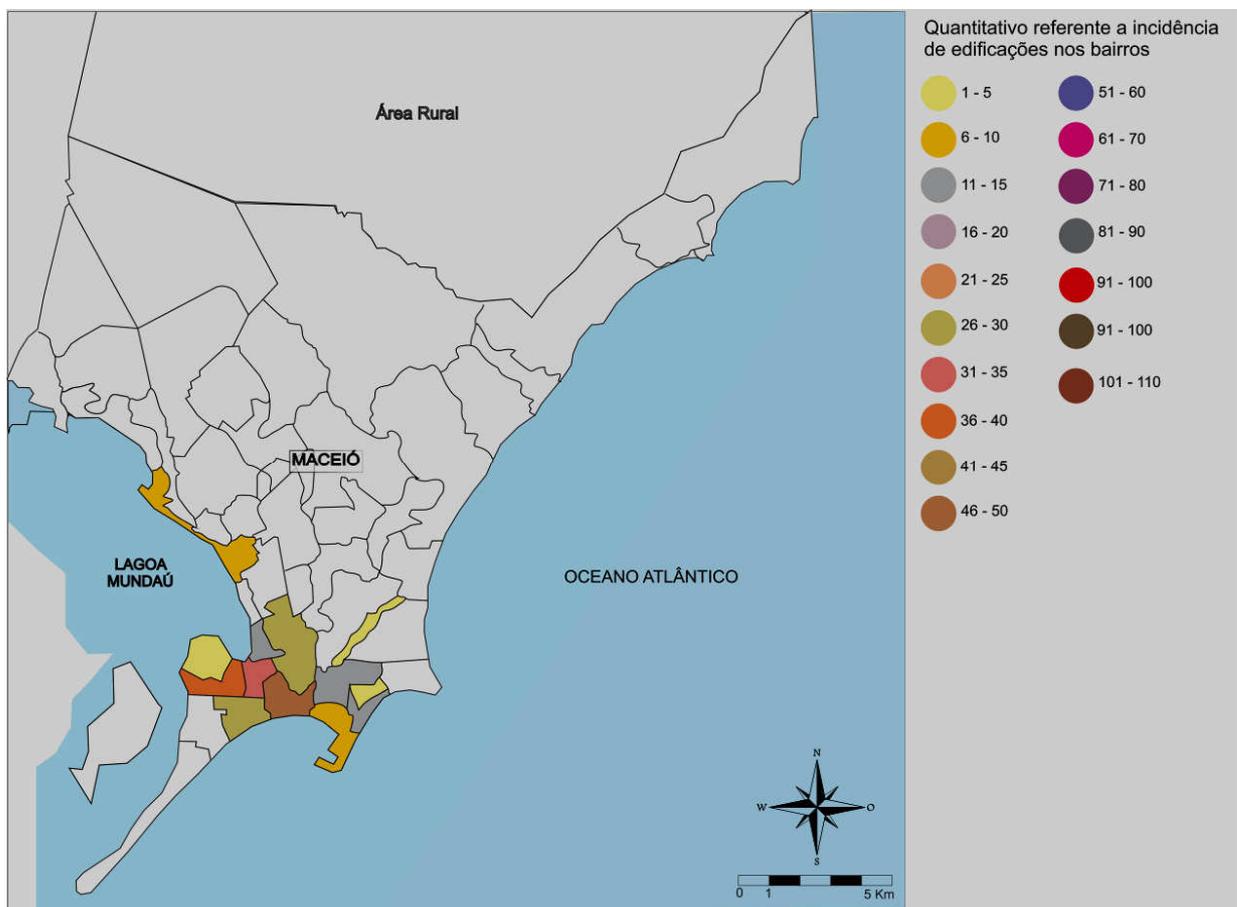


Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009).

Na década de 1940, o panorama não se modifica muito, tomando como parâmetro a quantidade de bairros que apresentam edificações protorracionalistas, apresentando acréscimo de três bairros apenas: Vergel do Lago, Mangabeiras e

Ponta Terra, que, segundo Diegues Junior (1981, p. 202), surgiram para abrigar a “mocambaria” dos pescadores, expelida da Pajuçara pelas novas construções, pelas ruas que se enchem de gente fina”. Entretanto, com relação à quantidade de edificações, o perfil apresenta mudança considerável, representada pelo aumento da incidência dessas edificações nos bairros que já apresentavam exemplares dessa natureza. Essas edificações permanecem concentradas na região central da cidade, mas, o bairro do Centro, se destaca, por apresentar um índice de crescimento muito além dos demais, atingindo a casa de 110 prédios locados em seu perímetro. Ponta Grossa segue a linha de crescimento, mas, de forma mais moderada, chegando número ao de 40 edificações, sofre acréscimo significativo. Também o Farol, bairro localizado na parte alta da cidade, demonstra momento acentuado de expansão. Os demais bairros apresentam menor índice de incidência, mas, o que é importante destacar, é a rede protorracionalista que se espalha pela cidade, demonstrando que o estilo fez parte da construção estética / urbana da cidade (ver figura 041).

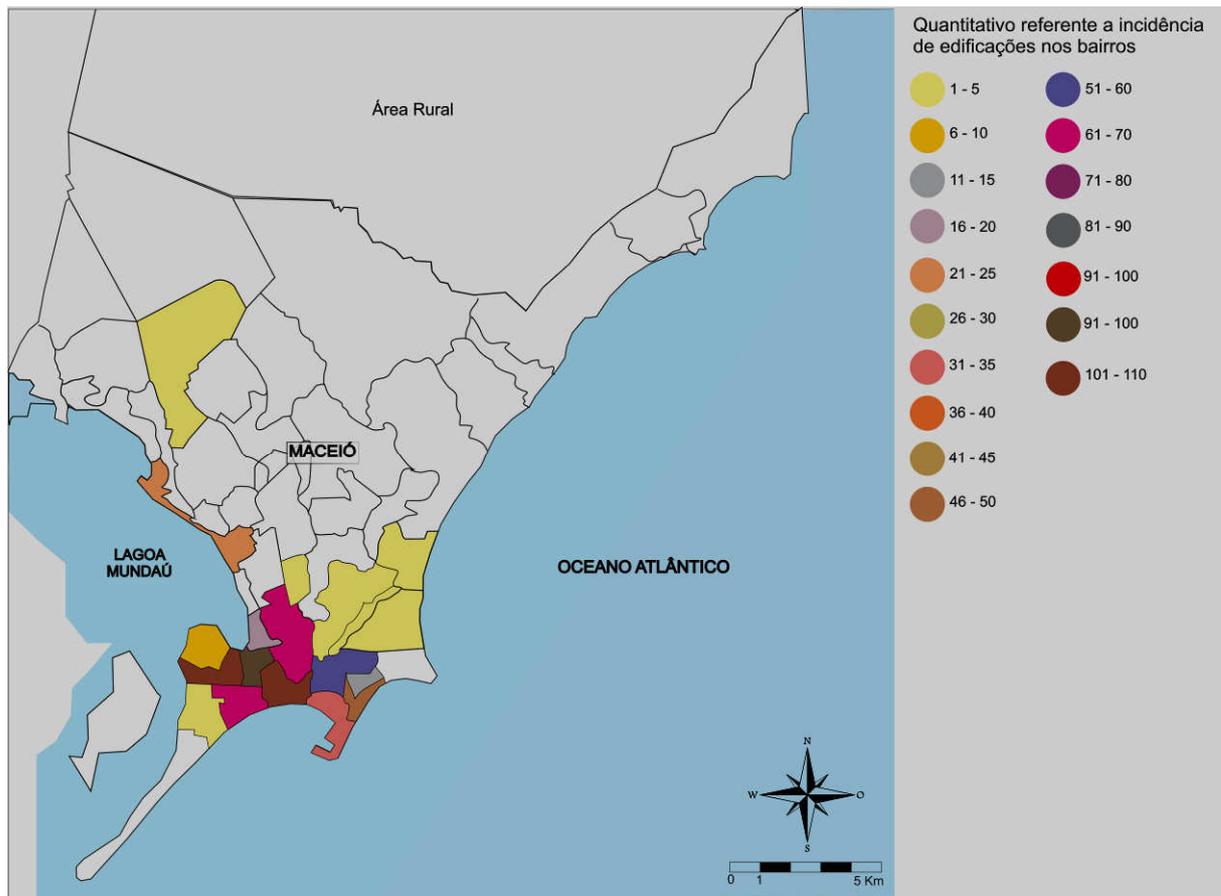
Figura 041: Distribuição espacial dos edifícios protorracionalistas em Maceió:
- década de 1940



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009).

Analisando a década de 1950, observa-se um acréscimo considerável com relação ao número de bairros que apresentaram edificações protorracionalistas, cerca de 50% do total anterior distribuídos no mapa da década de 1940. Os bairros acrescidos a esse total, foram: Trapiche da Barra, Jatiúca, Cruz das Almas, Jacintinho, Pitanguinha e Tabuleiro dos Martins. O bairro do Centro apresentou crescimento estabilizado, sem registro de incidência de edifícios do estilo, enquanto o bairro da Ponta Grossa, seguiu avançando e se iguala ao Centro em número de edificações construídas. Farol e Prado dobram a quantidade de construções, com relação ao apresentado na década de 1940. O bairro do Poço se destaca, pois chegou a quadruplicar o número de edifícios construídos em seu perímetro. Com relação aos demais bairros, alguns não apresentaram mudança no seu índice e outros evoluíram na quantidade de edificações construídas, de forma moderada.

**Figura 042: Distribuição espacial dos edifícios protorracionalistas em Maceió:
- Década de 1950**



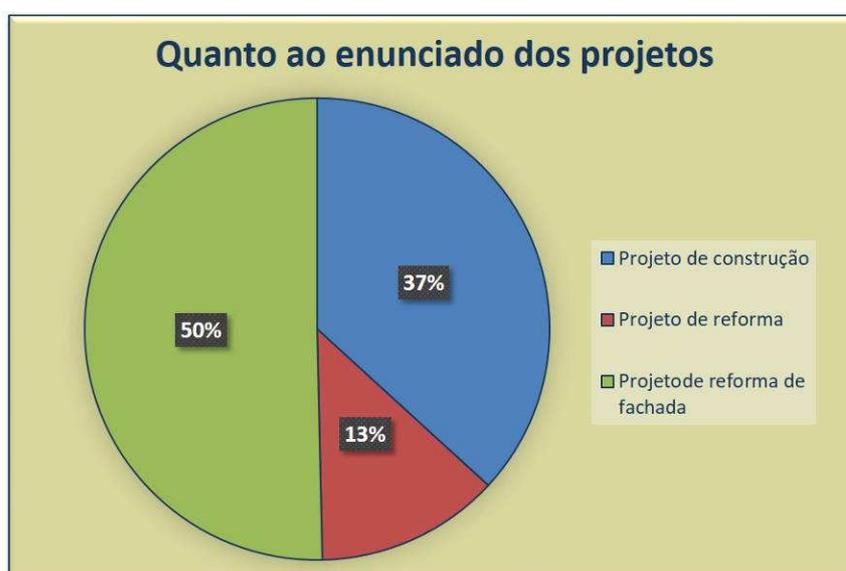
Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009).

Esse panorama final, levando em consideração o recorte da pesquisa (1934-1959), demonstra que o Protorracionalismo incidiu em uma parcela significativa da

malha urbana da cidade no período entre 1934 -1959 (ver mapa da cidade de 1932), sendo componente integrante na construção do perfil da cidade, pois corrobora com a ideia de que esse período foi importante para a história recente de Maceió, merecendo uma atenção maior da academia e dos órgãos públicos.

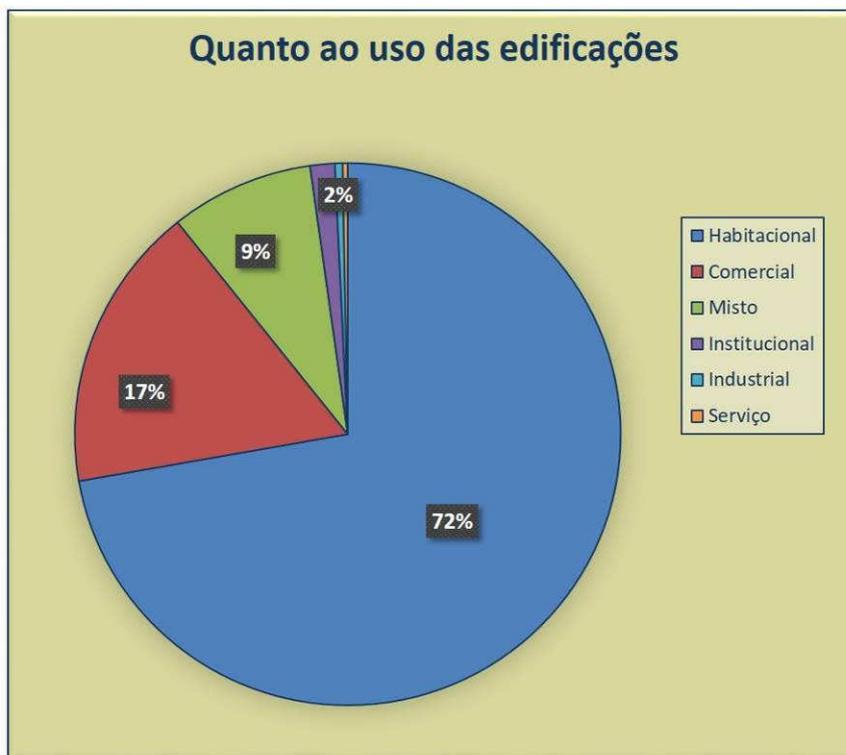
Sequencialmente, analisam-se outros aspectos: o uso das edificações e a composição arquitetônica de plantas e fachadas. Buscou-se amparo em um item levantado na sistematização dos dados coletados, que diz respeito ao enunciado dos projetos executados, dentro do período estudado (ver figura 043).

Figura 043: Gráfico demonstrativo dos projetos executados entre 1934 e 1959



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Constatou-se, diante desse gráfico, que o que se observou no momento da coleta de dados, se concretizava em números. Diz respeito à quantidade significativa de projetos apenas de fachada. Interessante atentar que metade dos projetos construídos dentro do recorte da pesquisa é de reforma de fachadas. Mais interessante ainda, é o método construtivo utilizado, distinto do resto da edificação. Para complementar a informação e, em associação com esse dado, destaca-se também a quantidade de residências construídas (ver figura 044), ou seja, a população residente na cidade investiu na “remodelação” das fachadas de suas casas, impulsionada por transformações trazidas pelos meios de comunicação, pelos prédios institucionais construídos na cidade e pelos próprios profissionais do setor da construção civil. Prédios comerciais, de uso misto, industriais e de serviço, também fazem parte do rol das edificações construídas à época.

Figura 044: Gráfico demonstrativo dos projetos executados entre 1934 e 1959

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

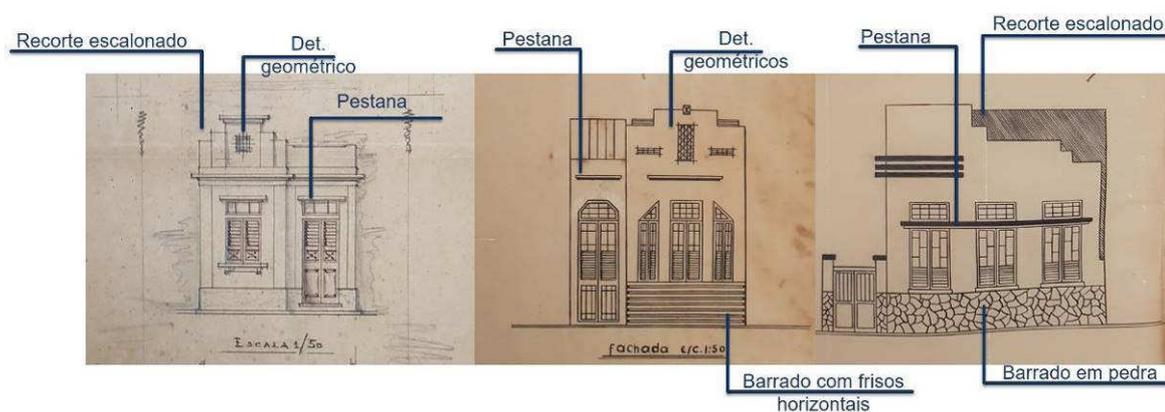
O desenvolvimento da pesquisa evidenciou que, em se tratando da aparência externa de suas casas, a população se mostrava receptiva às inovações advindas de um novo ciclo histórico, iniciado no Brasil na década de 1930. Empregando alvenaria como técnica construtiva e vários elementos de composição de fachada, tais como: platibanda - com poucos ou nenhum ornamento-; recortes escalonados e detalhes geométricos; barrado em pedra, ou com frisos horizontais ou verticais, ou com outros tipos de revestimento (azulejo ou cerâmica); tubos metálicos; óculos circulares ou elípticos, arestas arredondadas, pestanas acima das esquadrias; marcação com frisos, molduras ou estrutura à mostra entre os pavimentos; elementos geométricos vazados ou em baixo relevo, enfim, uma profusão de aparatos arquitetônicos que revelavam a intensão modernizadora da proposta (ver figuras 045, 046 e 047).

Figura 045: Projeto mais antigo encontrado datado do ano de 1934 no acervo da SEDET, construído na Rua Itatiaia – Farol. Abaixo, o estado atual das edificações



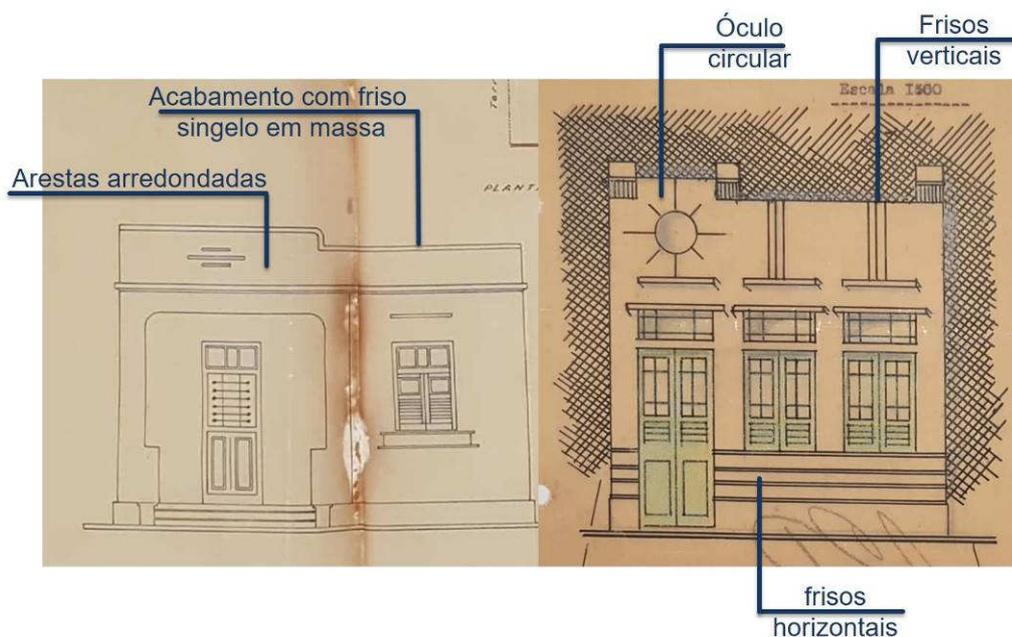
Fonte: Acervo técnico SEDET e Juliana Aguiar (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 046: Elementos de composição de fachada, com características protorracionalistas demonstradas em casas localizadas, da esquerda para direita: Rua Santos Pacheco, 336-Centro; Rua Dr. Miguel Omena, 190-Prado e Rua dos Pescadores, s/n-Trapiche da Barra



Fonte: Acervo técnico SEDET. Adaptado pela autora
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 047: Elementos de composição de fachada, com características protorracionalistas, demonstradas em casas localizadas, da esquerda para direita: Rua do Uruguai, s/n-Jaraguá e Rua Comendador Palmeira, 370-Farol



Fonte: Acervo técnico SEDET. Adaptado pela autora.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

No entanto, em se tratando do interior, esses mesmos projetos revelam outras características que entram em contradição com as propostas inovadoras reveladas em suas fachadas, afinal, a arquitetura, com já dito, é reflexo da sociedade que a produz, e, nesse momento, se a arquitetura apresenta sinais de transição, significa que a população que se encontra por trás dessa produção também se apresenta contraditória em suas posturas e ações. De acordo com Reis Filho (2004, p.52),

[...] as formas arquitetônicas, porém, não respondiam sempre com a mesma rapidez de mudança. Conservava-se por vezes um tipo de arquitetura pesada, calcada ainda no antigo emprego da taipa de pilão, do adobe e da telha canal, assim como tipos de esquadrias que vinham do tempo do “palmo em quadro”, com vidraças externas e bandeiras fixas. As paredes, mesmo sendo de tijolos, tinham uma largura exagerada.

Ainda a respeito das técnicas construtivas, o autor (2004, p. 54), reforça:

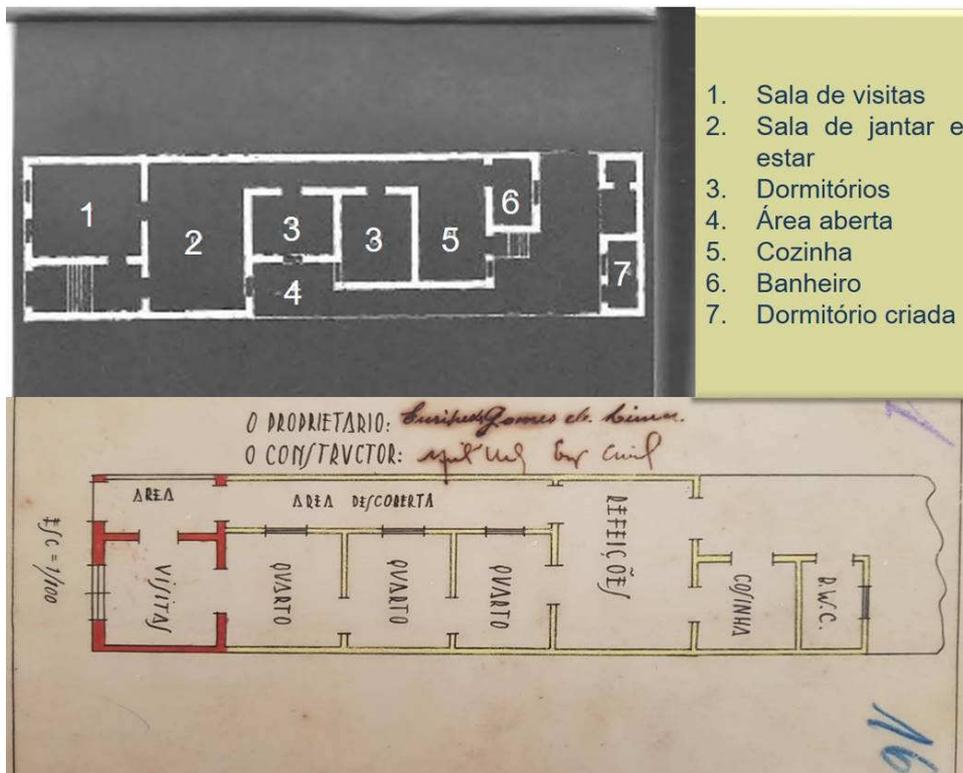
Os primeiros anos do século XX assistiram à repetição, sob várias formas, dos esquemas de relações entre a arquitetura e o lote urbano, que haviam entrado em voga com a República. Conservando-se ainda as técnicas de construção e uso dos edifícios, largamente apoiados na abundância de mão-de-obra mais grosseira e, em pequena parte, artesanal, era natural que se repetissem os esquemas de fins do século XIX, com soluções mais ou

menos rústicas, com edifícios sobre o alinhamento da via pública, a revelar, em quase todos os detalhes, os compromissos de um passado ainda recente com o trabalho escravo e com os esquemas rígidos dos tempos coloniais.

As plantas dos projetos pesquisados apresentaram-se alinhadas com a via pública, porém, a técnica construtiva utilizada para o interior da casa era a de taipa (na maioria das vezes); a cobertura, sem exceção, construída com madeiramento e telha canal, em sua grande maioria; a entrada era recuada e lateral; possuíam sala de visitas na parte frontal, logo depois da entrada; seus quartos eram no centro da residência e em muitas das vezes não possuíam aberturas para o exterior; sala de refeição, cozinha e banheiro nos fundos da casa; a copa era uma inovação que tornou-se frequente, gradativamente com o passar dos anos; a garagem também foi uma inovação que passou a fazer parte da organização da planta, pois inicialmente encontravam-se como um apêndice das residências. Vários projetos, com essa característica - de garagens inseridas - foram encontrados posteriormente em suas configurações. Gabinetes, salas de costura, despensas, terraços frontais e jardins são outros elementos que faziam parte de algumas propostas.

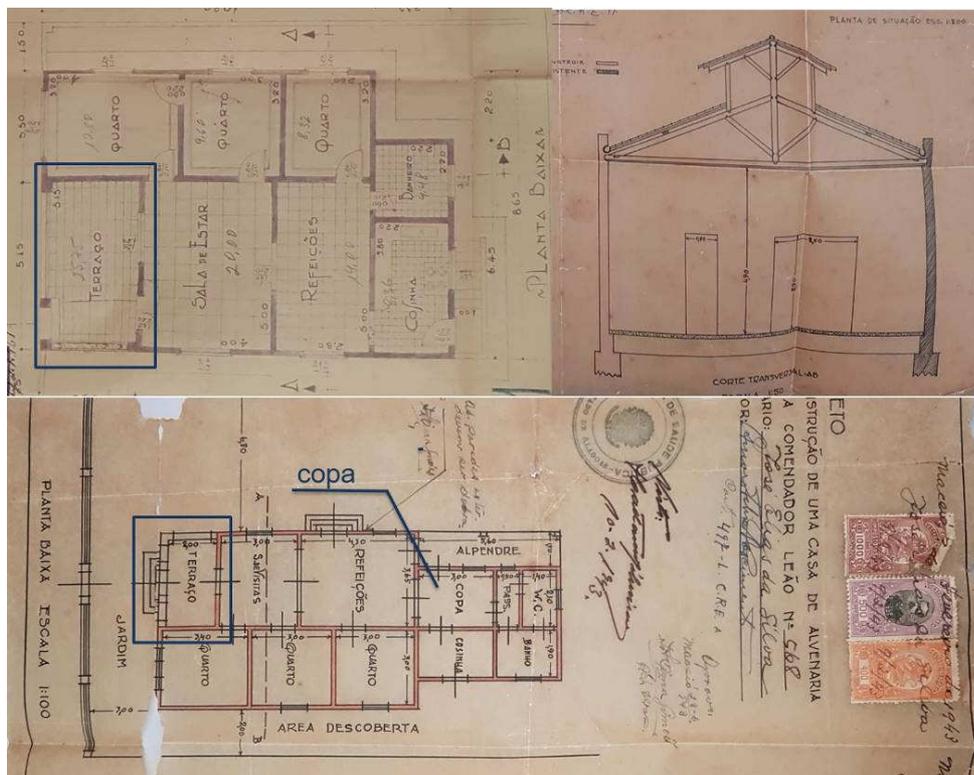
Enfim, o processo interno de modernização dos projetos foi sendo apropriado pela população em um processo lento e gradativo, diferenciando-se dos seus exteriores, comportamento que se justifica pelo momento histórico vivenciado naquele período, onde inovações como cinema, por exemplo, trazia para o ideário da sociedade vigente elementos novos que, de alguma forma, entravam em conflito com comportamentos tradicionais ainda persistentes em seu cotidiano. Entretanto, de alguma maneira, demonstravam mesmo que “externamente”, a aceitação da modernidade, refletindo uma postura inovadora e aberta a novas propostas. (ver figuras 048, 049 e 050).

Figura 048: Comparativo entre planta com características historicistas e planta do período protorracionalista em Maceió



Fonte: Reis Filho (2004, p. 49), adaptado pela autora e Acervo técnico SEDET
 Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura049: Exemplos de projetos com terraço frontal, madeiramento com telha canal e copa (observar detalhes e destaque nas plantas)



Fonte: Acervo técnico SEDET. Adaptado pela autora.
 Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 050: Exemplos de projetos com gabinete, varanda e sala de costura, ao lado, projeto de garagem residencial (observar detalhes e destaque na planta)



Fonte: Acervo técnico SEDET. Adaptado pela autora.

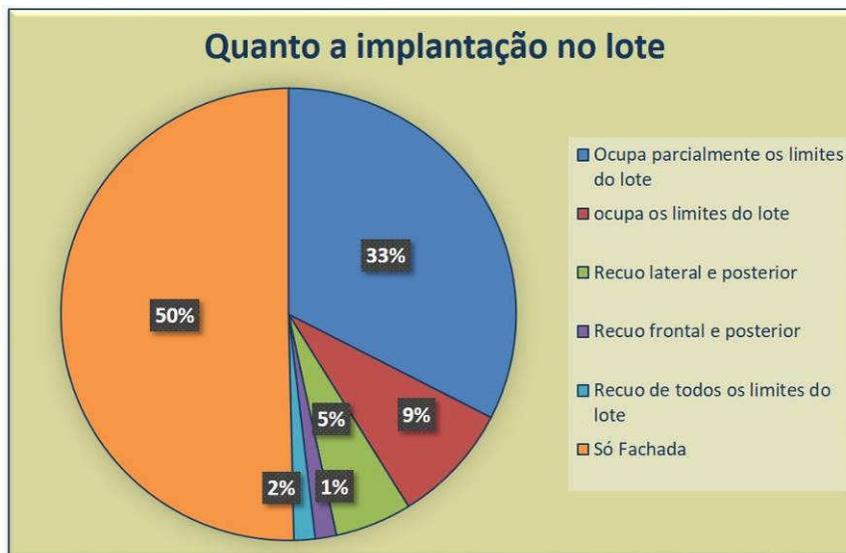
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Quanto à implantação no lote, como já mencionado anteriormente, as plantas se encontravam, em sua maioria, alinhadas à via pública e não apresentavam recuo frontal e lateral também. Em escala menor, encontraram-se, iniciativas que buscavam modificar o padrão herdado da arquitetura tradicional historicista. De acordo com Reis (2004, p. 48-49),

[...] a mudança [de “deslocamento” da construção dos limites do lote], porém, não ocorreu de um golpe só, mas em processo lento. As experiências sucessivas iriam confirmando as vantagens de conservar porções sempre maiores de espaços externos entre os limites dos lotes.

Ainda segundo o autor (2004, p. 49), “os primeiros exemplares apresentavam apenas discreto afastamento em um dos lados. Com o tempo, porém, definiam-se claramente os jardins ao lado, valorizando socialmente as elevações laterais que para ele se voltavam”. Diante do apresentado e com base nos dados coletados no acervo técnico da SEDET, notou-se que os lotes se encontravam configurados, com relação aos recuos, da seguinte maneira: ocupando todos os limites do lote (não apresentavam recuos); parcialmente ocupados pela construção (não possuíam recuos frontais e laterais, apenas o posterior, pois mantinha-se a prática dos quintais); apresentando recuos laterais e posterior; com recuos frontal e posterior e apresentando recuos em todas os limites do lote (ver figuras 051).

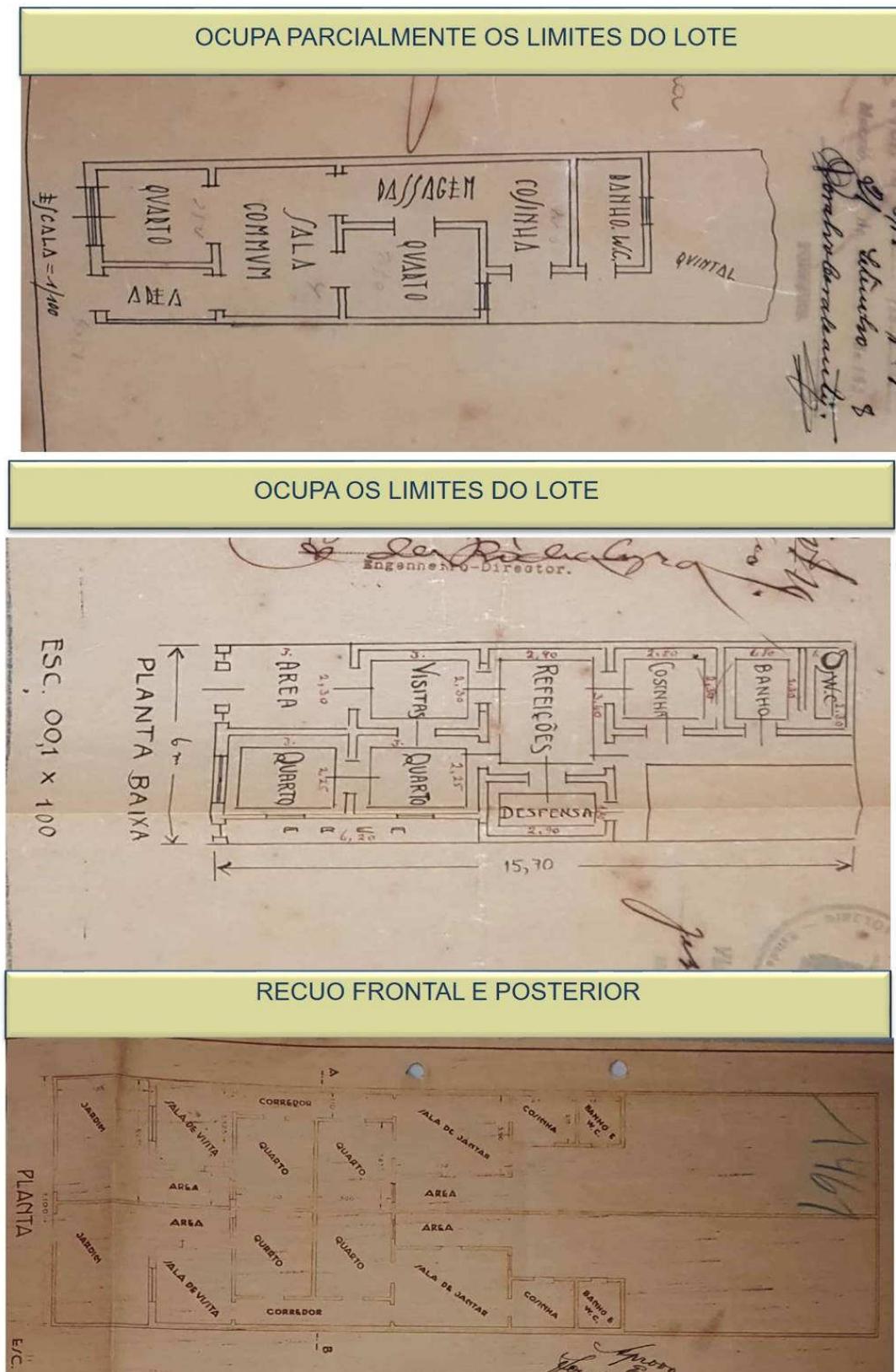
Figura 051: Demonstrativo da locação quanto a implantação no lote



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Os quintais constituíam elemento importante na composição espacial das residências. Ainda se preservava a prática de criação de animais, manutenção de pomares e hortas e ainda existia necessidade de locais para varal para secagem das roupas dos habitantes das casas, que eram lavadas manualmente. Nesse sentido, explica-se a quantidade significativa de projetos que guardavam a prática do recuo posterior existente nos lotes. O acesso principal desloca-se para a lateral das residências e é recuado do limite do logradouro, dando acesso à sala de visita. Gradativamente, esse espaço foi sendo substituído por terraços, varandas e alpendres. Dessa maneira, as residências iniciam o processo de deslocamento dentro do lote e passam a apresentar recuos frontais e laterais, demonstrando um aspecto moderno as edificações. Jardins e agenciamentos elaborados passam a fazer parte da constituição dos projetos, denotando atenção maior com o conforto ambiental dos prédios em questão, valorizando a ventilação e a iluminação natural. (Ver figuras 52 e 53).

Figura 052: Projetos quanto à implantação no lote



Fonte: Acervo técnico SEDET. Adaptado pela autora.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 053: Continuação de projetos quanto à implantação no lote



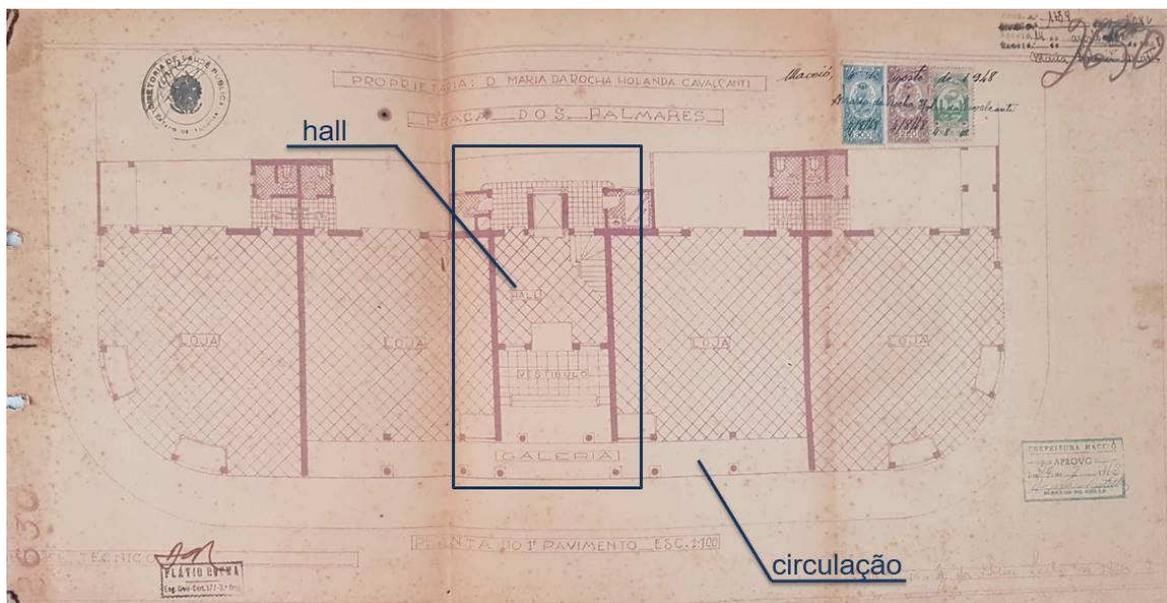
Fonte: Acervo técnico SEDET. Adaptado pela autora.

Foto: Juliana Aguiar (2017)

Quanto à distribuição dos espaços internos dos projetos, foi possível observar problemas de fluxo gerados pelo agrupamento de função utilizado na organização

espacial das residências. Os pontos comerciais se utilizavam do zoneamento de funções, dividindo os espaços de acesso ao público, do setor administrativo do negócio. Sejam eles salões, galerias ou prédios comerciais, os fluxos internos eram organizados por *halls* de acesso e circulações.

Figura 054: Prédio comercial com distribuição de fluxo



Fonte: Acervo técnico SEDET. Adaptado pela autora.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Sendo assim, o que se demonstra diante dos dados das residências são resquícios da arquitetura tradicional historicista que resguardava cozinha e banheiro “escondidos” em seus interiores, prática herdada do tempo da escravidão.

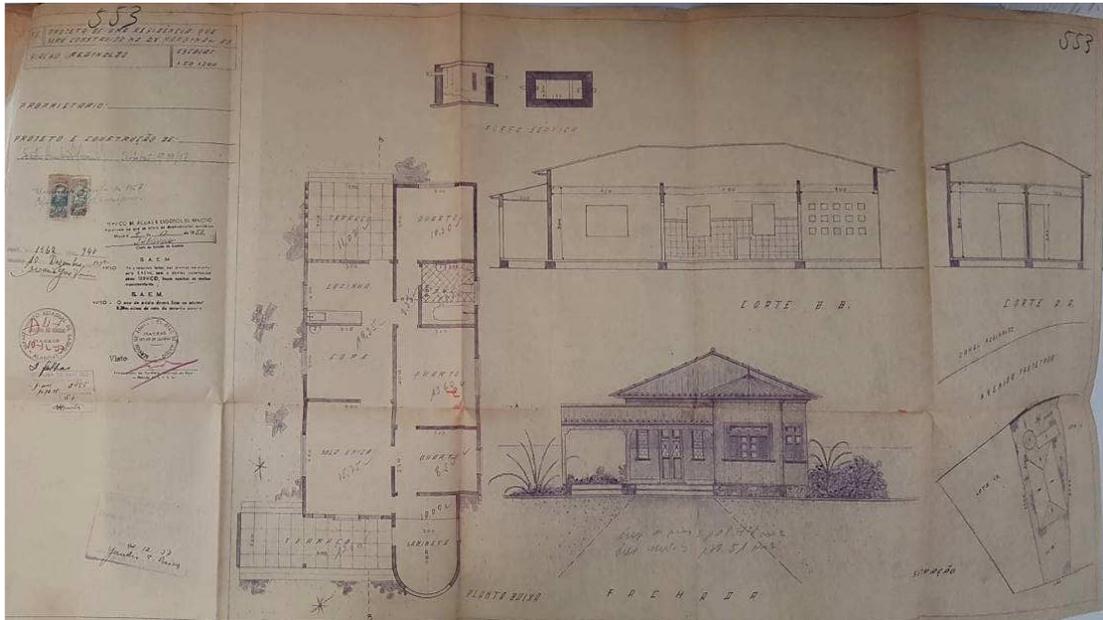
Figura 055: Organização interna dos projetos



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

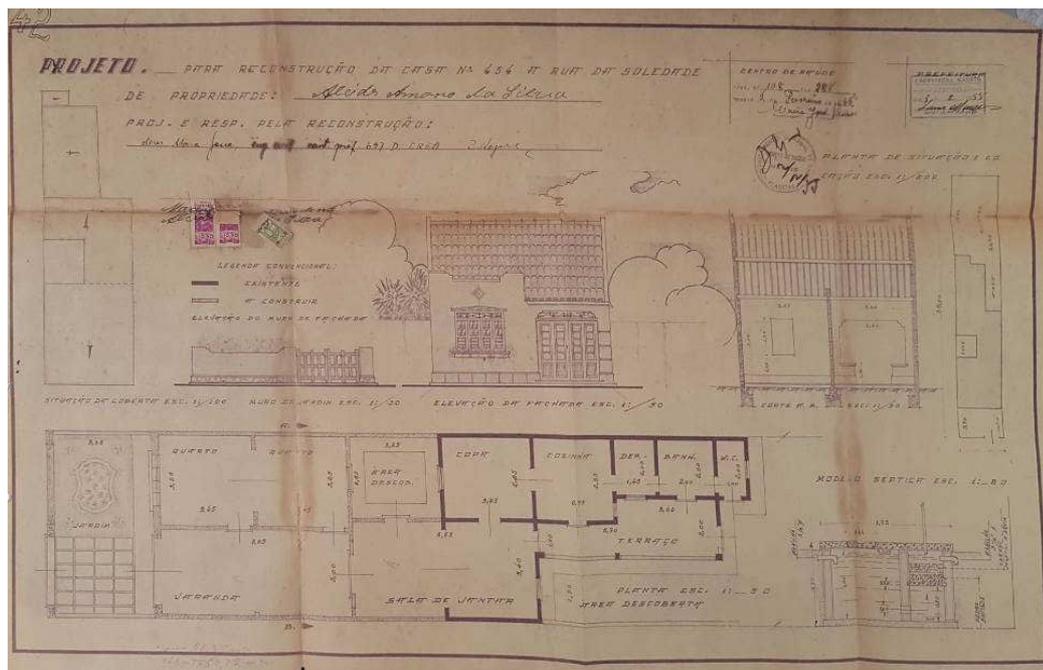
As construções, aos poucos, revelavam aspectos que denotavam intenções “modernizadoras”, aspectos de uma arquitetura de transição que caminhava rumo ao desfecho final com a Arquitetura Moderna. A seguir alguns exemplos:

Figura 056: Residência com gabinete circular, terraço frontal e cozinha conectada com copa (parede baixa: tipo americana)



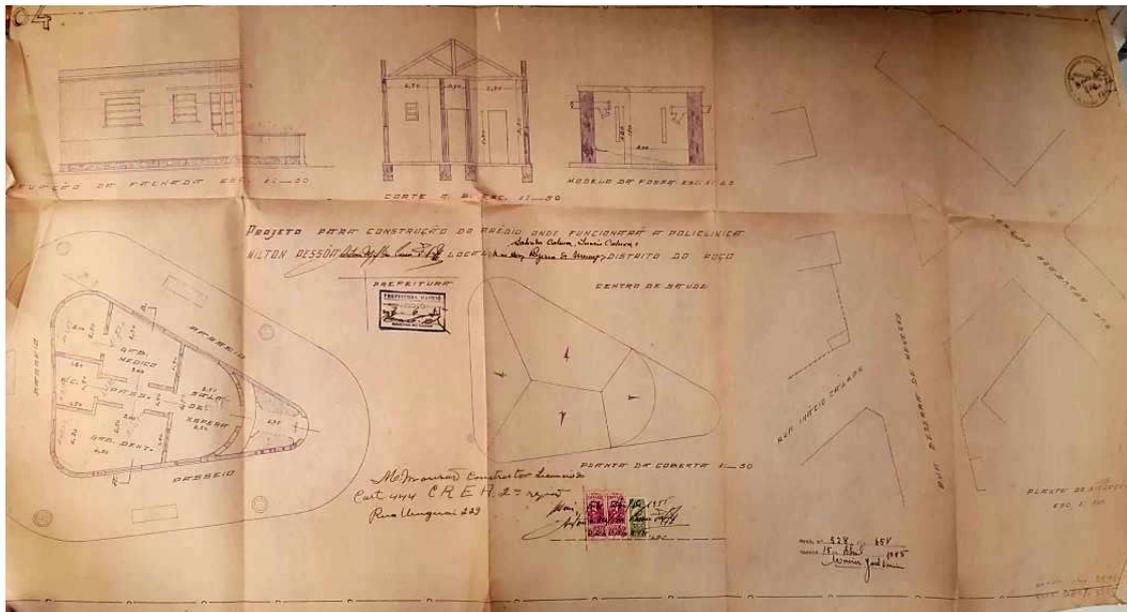
Fonte: Acervo técnico SEDET.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 057: Residência com jardim frontal, varanda lateral e sala de jantar conectada com a copa



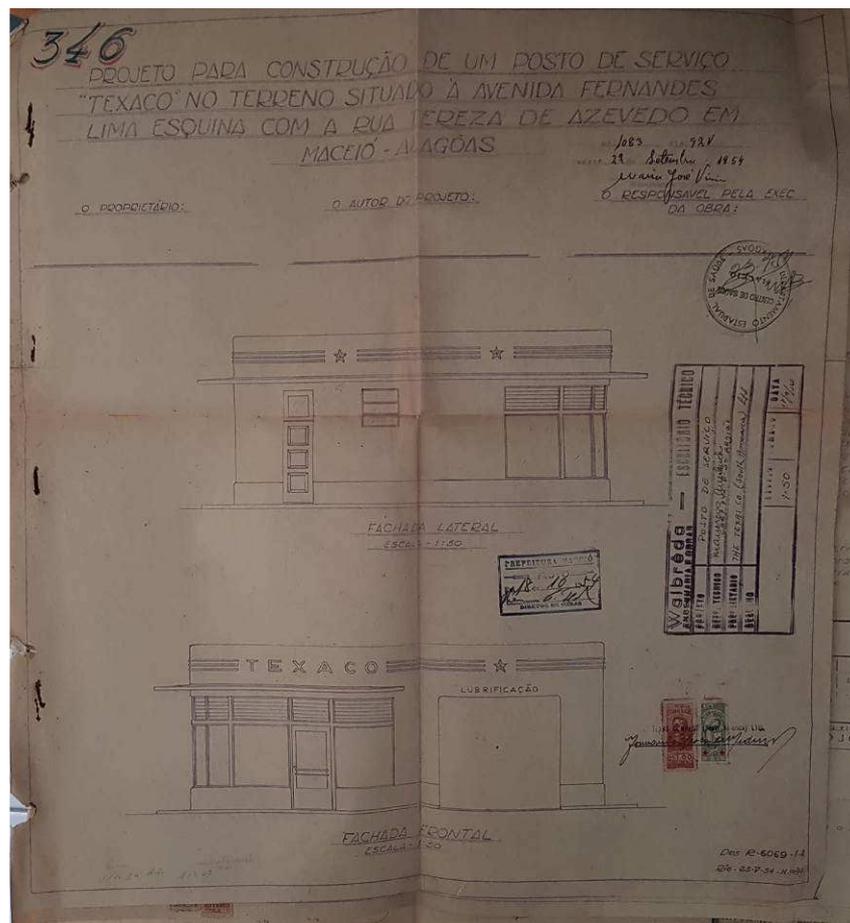
Fonte: Acervo técnico SEDET.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 058: Projeto de uma policlínica



Fonte: Acervo técnico SEDET.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 059: Projeto de um posto de atendimento Texaco



Fonte: Acervo técnico SEDET.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

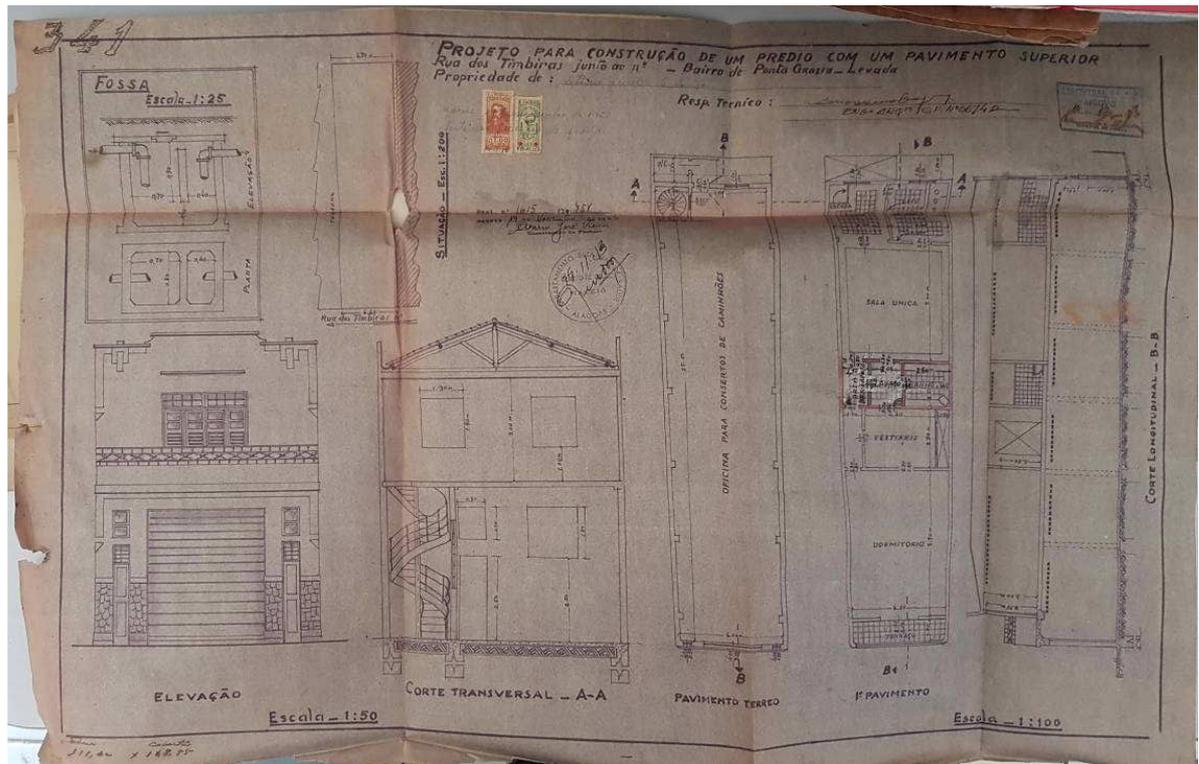
Os projetos do período em questão trouxeram algumas curiosidades: grande parte dos que foram digitalizados (50% deles) era de “remodelação” ou “reconstrução” apenas das fachadas de residências e pontos comerciais. Esse dado reflete o momento de transição vivido pela população local nesse período. A arquitetura não só se configura com tal característica, mas, transparece como elemento simbólico de todas as mutações sofridas durante o período pesquisado. Com a crescente frequência do uso do automóvel particular no cotidiano da população, as garagens passam a fazer parte integrante das residências; no início apresentavam-se apenas como apêndices de residências já consolidadas, posteriormente passaram a fazer parte integrante dos projetos. Além do exposto, foram encontrados, também, projetos de casas geminadas e conjuntos de casas muito frequentes nos bairros de Ponta Grossa e Levada; celebridades da época eram utilizadas para nomear estabelecimentos; projetos com uso misto também se faziam presentes, com o salão comercial à frente da edificação ou no térreo (quando tinha dois pavimentos), e o setor residencial no pavimento superior, ainda resquícios historicistas, onde o comércio e o habitar dividiam espaço dentro da mesma edificação; além de projetos de postos de saúde, templos religiosos e escolas (ver figuras 060, 061 e 062).

Figura 060: Projeto de reforma de fachada do Bar e Merceria Marta Rocha



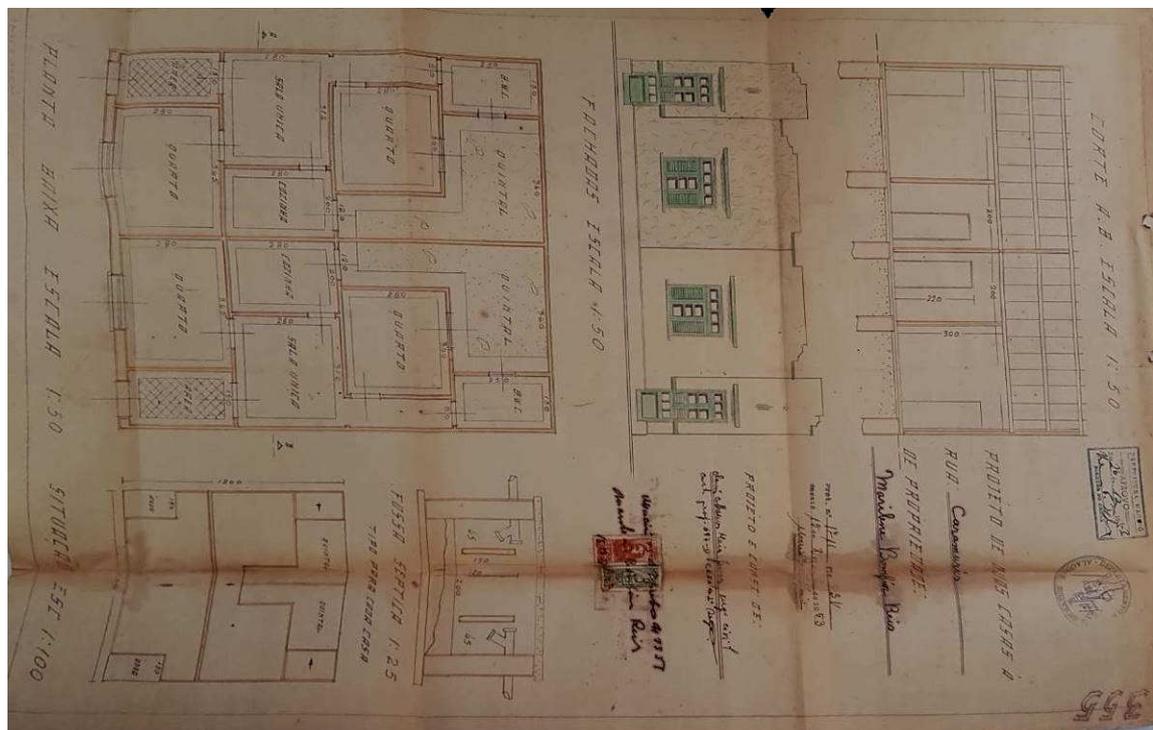
Fonte: Acervo técnico SEDET.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 061: Projeto de uso misto com dois pavimentos



Fonte: Acervo técnico SEDET.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

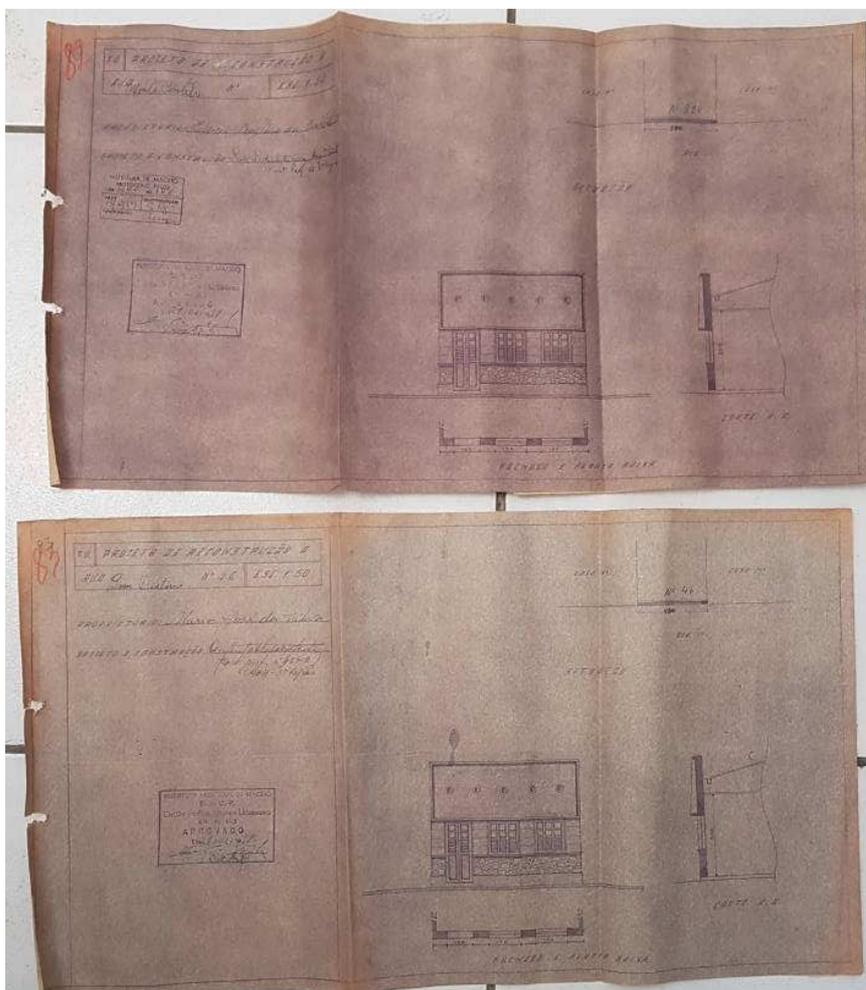
Figura 062: Projeto de casas geminadas



Fonte: Acervo técnico SEDET.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Um fato bastante intrigante que levou a questionamentos, com relação aos projetos das fachadas: foi o da quantidade de fachadas que se repetem no decorrer dos anos. Fachadas, muitas vezes assinadas pelos mesmos profissionais, ou por profissionais diferentes que se multiplicavam e espalhavam-se no contexto urbano da cidade. Além disso, encontrou-se, também, projetos de fachadas iguais na mesma rua, sendo de proprietários diferentes. O que se percebeu na verdade, foi que as fachadas repetidas, parecem seguir um padrão anual, pois a cada ano entre 1934-1959, surgia um novo padrão de repetição (ver figuras 063, 064, 065, 066 e 067).

Figura 063: Projeto de reforma de fachadas (Fachadas Iguais)



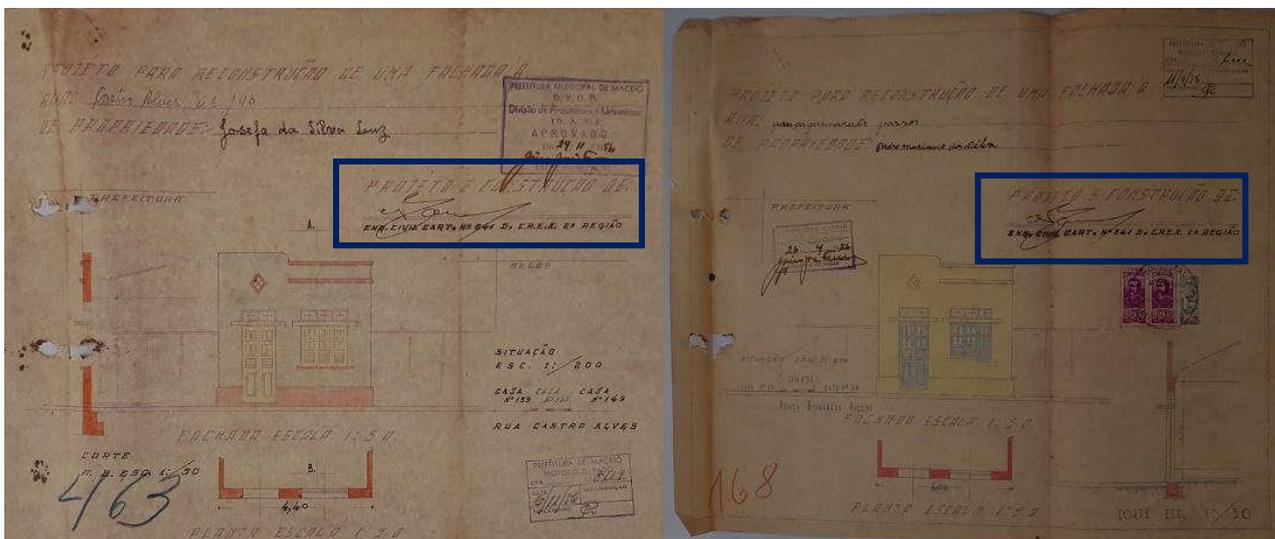
Fonte: Acervo técnico SEDET.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 064: Projeto de reforma de fachadas (Fachadas Iguais na mesma rua)



Fonte: Acervo técnico SEDET. Adaptado pela autora.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 065: Projetos de reforma de fachadas (Fachadas Iguais), assinados pelo mesmo profissional



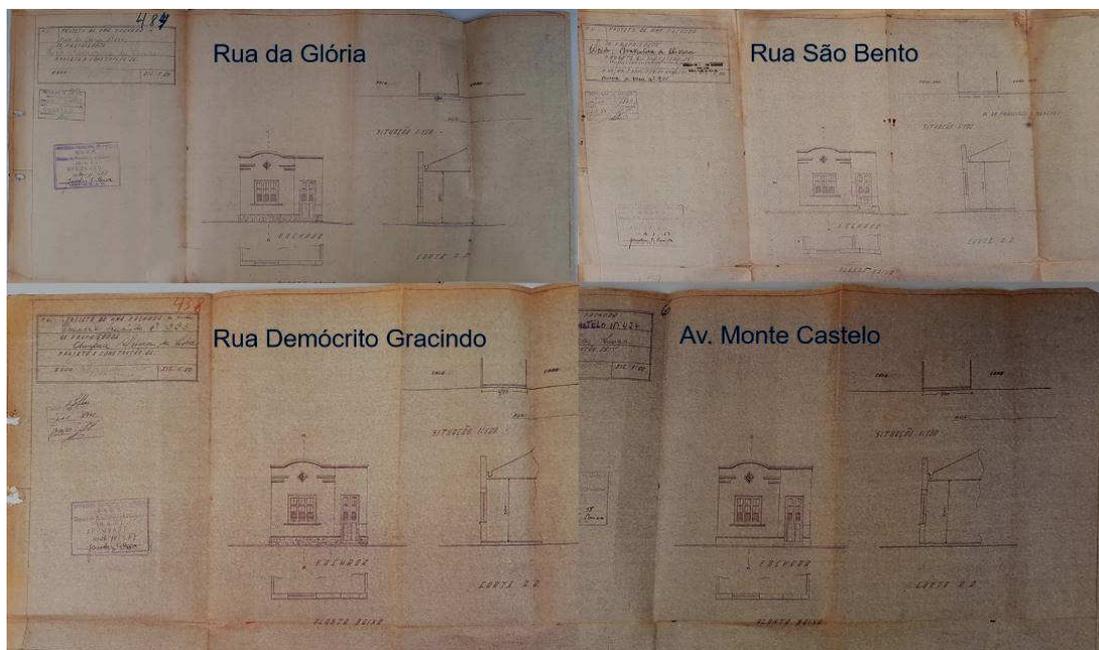
Fonte: Acervo técnico SEDET. Adaptado pela autora.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 066: Projeto de reforma de fachadas (Fachadas Iguais)



Fonte: Acervo técnico SEDET.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 067: Projeto de reforma de fachadas (Fachadas iguais em ruas diferentes)



Fonte: Acervo técnico SEDET. Adaptado pela autora.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Com base nos dados apresentados, percebeu-se que, o estilo protorracionalista na cidade de Maceió, dentro do recorte temporal definido, pode ser reconhecido pelas fachadas dos prédios; elas que definem tais características, pois

o interior de seus projetos ainda guarda a ascendência da configuração espacial da arquitetura tradicional historicista, ratificando a atmosfera de transição vivida pela sociedade nesse período. Pode-se entender, diante de tal ocorrência, que a ânsia pela linguagem modernizadora reduzia-se a sua aplicação nas fachadas. Tal fator ressalta as contradições estéticas e formais experimentadas pela população de Maceió.

4.3.2 Edificações protorracionalistas ainda existentes.

Toma-se como base, a partir desse momento, o segundo bloco de edificações, formado por exemplares protorracionalistas levantados pela pesquisadora (pesquisa de campo), em dois momentos temporais 1994-2017. Das 17 edificações levantadas duas foram demolidas, restando em 2017 – 15 exemplares. Após nova pesquisa de campo em 2017, mais 6 edificações foram identificadas, totalizando 21 exemplares que apresentam características do estilo estudado.

Durante o período dedicado à pesquisa, aprofundaram-se estudos a respeito dessas edificações. Percebeu-se que durante os dois momentos temporais, ocorreram algumas demolições e reformas que alteraram as fachadas e a configuração espacial desses prédios.

Dando seguimento à proposta, listados e mapeados todos os exemplares detectados do período pesquisado, constatou-se que alguns não existem mais; tendo outros sido modificados a ponto de perderem a tipificação arquitetônica do estilo em questão. Desses exemplares detectados em pesquisa de campo, percebeu-se que, o maior número de edificações localiza-se no bairro do Centro (11 edificações); seguido pelo bairro do Farol (5 edificações); bairro da Levada (2 edificações) e bairros de Ponta Grossa, Poço e Pajuçara (1 edificação em cada bairro). Segue tabela abaixo que demonstra o uso anterior e o atual de cada edificação que faz parte desse rol.

Tabela 1 – Dados sobre o uso atual dos exemplares protorracionalistas

QUANTITATIVO PROTORRACIONALISTA COM RELAÇÃO AO USO ATUAL		
CENTRO	USO (1994)	USO (2017)
HABITACIONAL	02	
PÚBLICO	02	04
COMERCIAL	03	04
SERVIÇO	02	03
INSTITUCIONAL	02	01
FAROL		
	USO (1994)	USO (2017)
PÚBLICO		
COMERCIAL		02
HABITACIONAL	03	01
INSTITUCIONAL	02	02
PONTA GROSSA		
	USO (1994)	USO (2017)
SERVIÇO	01 (cinema)	
INSTITUCIONAL		01
LEVADA		
	USO (1994)	USO (2017)
PÚBLICO	01	01
COMERCIAL		01
SERVIÇO	01 (cinema)	
POÇO		
	USO (1994)	USO (2017)
SERVIÇO	01 (cinema)	01
PAJUÇARA		
	USO (1994)	USO (2017)
HABITACIONAL	01	
COMERCIAL		01

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

A tabela revela que, com relação ao uso, 10 edificações permaneceram com o mesmo uso dos momentos estudados enquanto as demais sofreram alteração. Percebeu-se também que a maioria dos exemplares institucionais e públicos

continua exercendo a mesma função, reforçando a ideia do “padrão identitário” divulgado em larga escala pelo governo federal à época.

Os prédios públicos e institucionais estão fortemente representados e percebe-se que ainda permanecem com boa parte de suas características originais. As edificações oficiais tornaram-se fundamentais na preservação dos aspectos estilísticos protorracionalistas, pois, com a chancela da modernidade, o poder público apostou na adoção de componentes construtivos de transição, para obter a “aceitação” estética tão ensejada pela sociedade da época. De acordo com Riegl (2014, p. 66), em seu conceito de Valor Utilitário ou de Uso diz que: “a existência física é a condição prévia de toda existência psíquica, sendo mais importante do que esta última, pois a vida física pode desenvolver-se sem uma vida psíquica mais elevada, mas não o contrário”. Dessa forma, a existência física do monumento é o suficiente para que ele assuma uma nova demanda funcional dentro de um novo perfil urbano.

Observou-se, no entanto que, quando se busca referência nos antigos usos, percebe-se que o cinema está representado em três bairros periféricos ao centro comercial de Maceió. Os antigos Cine Lux - Ponta Grossa e Cine Ideal – Levada conseguiram resistir - pois, com o advento dos shoppings, os cinemas migraram para o interior desses complexos comerciais, tornando os cinemas de bairro “peças obsoletas” dentro do cenário urbano da cidade - e hoje, esses exemplares, conseguiram permanecer com suas estruturas físicas, só que adaptadas às demandas da sociedade contemporânea. O outro exemplar, Cine Plaza – Poço - agoniza, na expectativa de finalmente desaparecer definitivamente.

De acordo com Amorim (2007, p. 18), “conferir a imortalidade a algumas arquiteturas é criar **elos de coesão** no espaço e no tempo.” (sic). (Grifo nosso). Refletindo-se a respeito pensou-se que, imortalizar arquiteturas, de certa forma, está ligado também ao registro documental que comprova a existência temporal dos exemplares arquitetônicos, bem como sua evolução e comportamento no decorrer do tempo e do espaço urbano. O autor (2007, p. 26) ainda complementa que, “os corpos abandonados são lembranças permanentes de um porvir planejado, tornando imprevisível, para finalmente se transformar, em muitos casos, numa impossibilidade”.

Se, segundo Amorim (2007, p. 16) o “óbito arquitetônico pode ser entendido como desaparecimento do corpo edílico em sua totalidade ou em suas partes”,

pode-se argumentar que exemplares arquitetônicos (protorracionalistas ou Modernos) que conseguem “reinserção” ou “reinvenção” em uma nova dinâmica urbana, sem sofrer mutilações totais ou parciais de sua estrutura edificada, transformam-se em possibilidades imprevisíveis, e, ao mesmo tempo, acolhidas pela população local. O autor (2007, p 82) reforça ainda que, “requalificar, ou seja, adequar a edificação às demandas atuais sem, contudo, descaracterizá-la, pode ser um caminho sustentável para garantir a preservação arquitetônica e diminuir a expansão da malha urbana”.

Diante das premissas acima apresentadas, procede-se à análise dos exemplares, em questão, baseada em dados obtidos dos mesmos, ou seja, levantamento fotográfico (realizado nos dois momentos mencionados anteriormente), imagens de época e implantação no lote. Com relação às plantas, apresentam-se, apenas, as encontradas no acervo técnico da SEDET, ressaltando-se, nesse momento, que muitas foram encontradas praticamente ilegíveis pela ação do tempo e acondicionamento inadequado para o tipo de material componente dos projetos. Seguindo em ordem cronológica apresenta-se:

4.3.2.1 Escola Nossa Senhora do Amparo (1932)

Figura 068: Escola em dois momentos: década de 1930 e em 2017



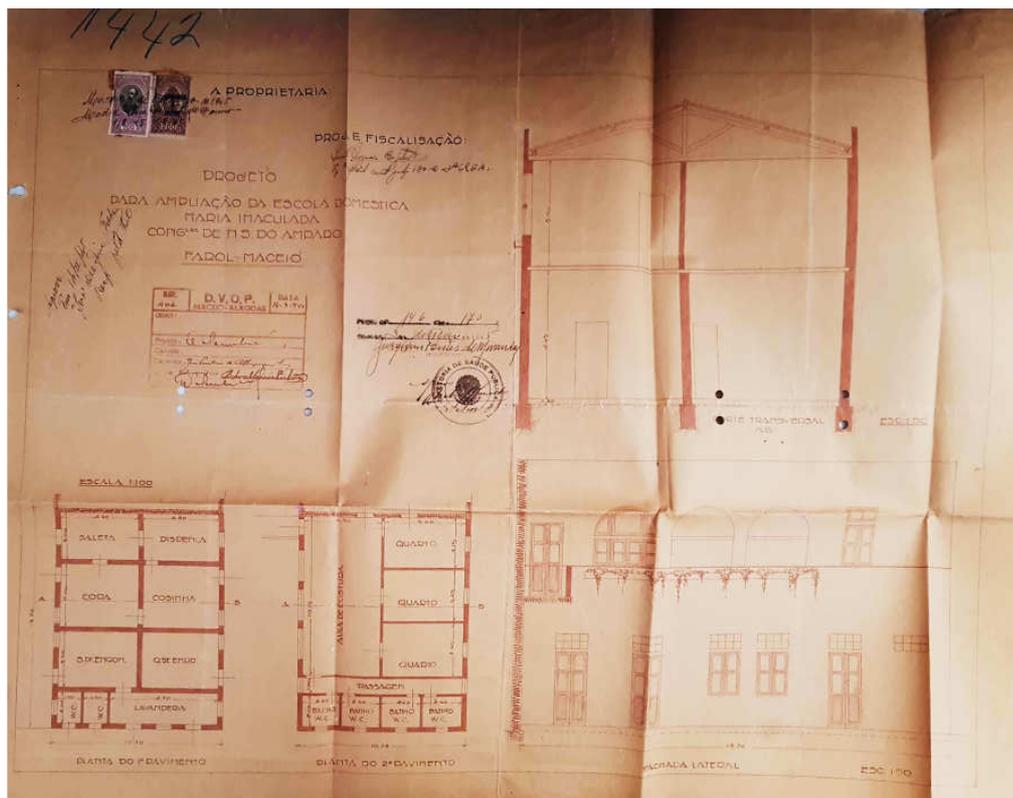
Fonte: Acervo Hugo Segawa, S.D. e Juliana Aguiar (2017)

Edificação em estilo Protorracionalista, localizada na Av. Moreira e Silva, 1221, no bairro do Farol. Segundo informações colhidas *in loco*, foi construída em 1932 para abrigar a Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo (1932). Sua capela só foi inaugurada em 1937. Voltava-se para a educação de meninas pobres e

era mantida pela Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo.

Encontrou-se no acervo técnico da SEDET informações a respeito de duas reformas sofridas pelo edifício entre 1934-1959: uma em 1945 para ampliação da Escola Doméstica (ver figura 69),

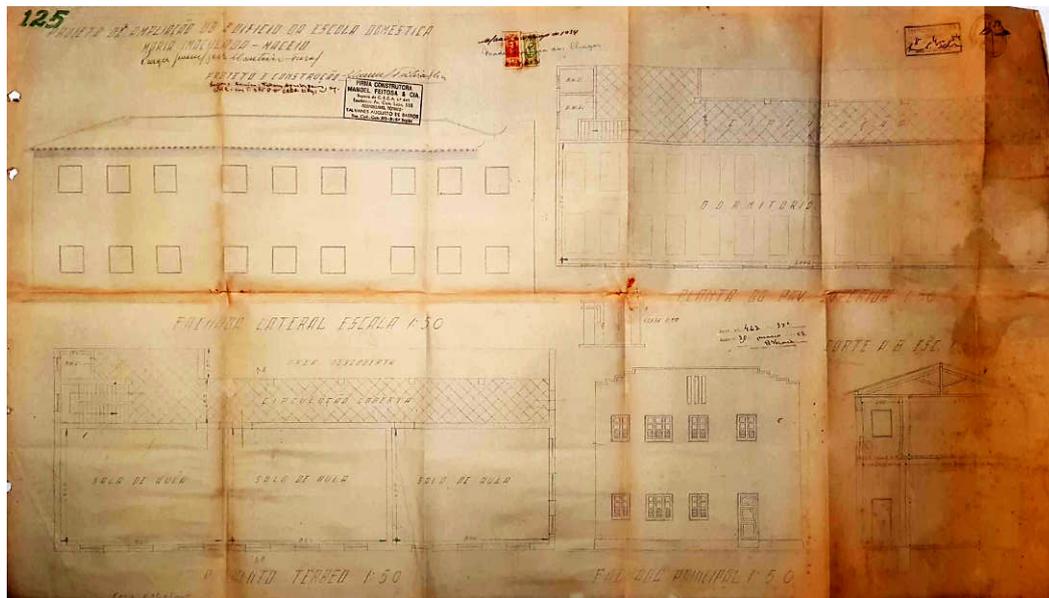
Figura 069: Projeto de reforma em 1945 para ampliação da Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo



Fonte: Acervo técnico SEDET.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

A outra em 1954, também para ampliação do prédio (ver figura 070).

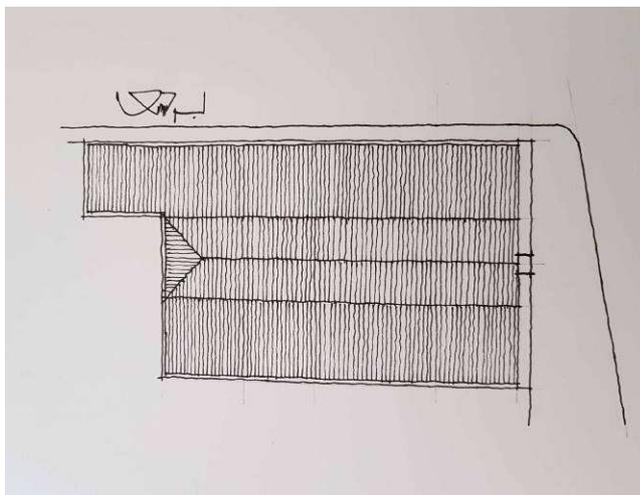
**Figura 070: Projeto de reforma em 1954 para ampliação da Escola Doméstica
Nossa Senhora do Amparo**



Fonte: Acervo técnico SEDET.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

O prédio está implantado no lote de forma a ocupar todos os seus limites, apresentando volumetria compacta e simétrica, em planos superpostos (ver figura 071),

Figura 071: Implantação no lote da Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Após as duas intervenções já mencionadas, a edificação ainda sofreu outras alterações que interferiram na sua tipificação estilística original, como: acréscimo de mais um prédio na lateral esquerda da capela, retirada do escalonamento geométrico presente na parte superior da platibanda do prédio à direita da capela;

modificação de suas esquadrias e modificação da rosácea presente na fachada da capela – substituída por uma abertura retangular. O que se mostra atualmente, não reflete o que se tinha na proposta inicial, pois muitos de seus elementos foram alterados e maquiados.

4.3.2.2. Edifício dos Correios (1934)

Figura 072: Edifício dos Correios: década de 1930, em 1994 e em 2017



Fonte: Luiz Sávio Almeida – Contexto (2012). Disponível em: <<http://contextotribuna.blogspot.com.br/2012/01/bar-do-relogio-bilhar-do-comercio-cafe.html>>. Acesso em: 25 março 2016; acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

O prédio dos Correios em Maceió está localizado na Rua do Sol, 70, no bairro do Centro. Construído em 1934 na cidade, foi fruto de uma iniciativa governamental entre 1931 e 1945. De acordo com Reis (2014, p. 05),

[...] o Departamento dos Correios e Telégrafos (DCT) foi o pioneiro ao projetar e construir, desde 1931, país adentro, agências postais e telegráficas padronizadas conforme a classe dos serviços prestados. Mais que isso, a arquitetura postal do DCT foi parametrizada tanto pelas técnicas e materiais construtivos convencionais e disponíveis, como pelas inovações trazidas pelo campo da engenharia e da arquitetura.

O autor ainda complementa (2014, p. 267):

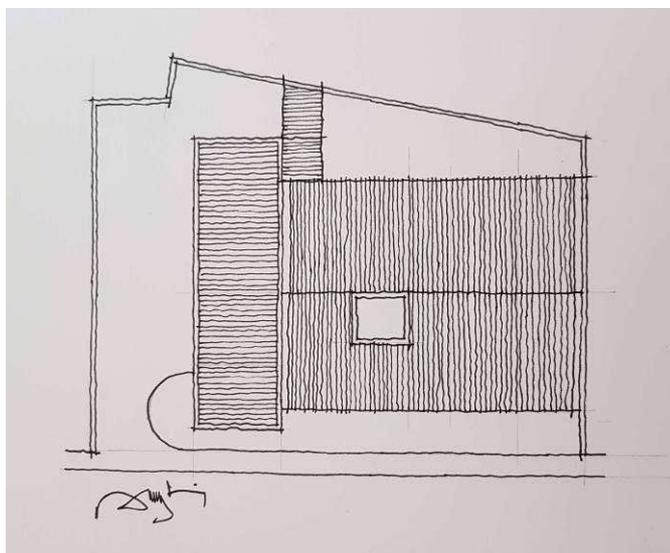
[...] a política de prestação de serviço do DCT se destacava tanto pela escala e racionalidade administrativa, como pela inovação arquitetônica e urbana, advinda da implantação de um edifício moderno padronizado no centro das cidades. Nascia assim, a nova arquitetura postal do DCT, calcada na padronização e reprodutibilidade de tipos arquitetônicos.

Um dos marcos do estilo protorracionalista no Brasil, os prédios dos correios merecem um destaque à parte, pela simbologia representada em suas edificações. O que se tem no exemplar da cidade de Maceió, é testemunha de total negligência a todo o acervo edificado espalhado pelo país. As características originais do prédio

foram totalmente maquiadas com inserção de revestimentos e elementos de composição de fachada que modificam sensivelmente a estética do prédio.

Edificação construída para abrigar a sede dos Correios e Telégrafos em Maceió sofreu intervenções que, interferem na sua tipificação estilística original, como: acréscimo de um pavimento, de sua forma original; permanece a extremidade circular que arremata a lateral direita de seu partido de planta; inserção de revestimento cerâmico; modificação do seu acesso principal e inserção de elementos de composição de fachada - pré-moldados, com detalhes escalonados geométricos.

Figura 073: Implantação no lote do Edifício dos Correios



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Em sua implantação no lote, observou-se a existência de recuo em sua lateral esquerda e posterior. A volumetria da edificação é compacta e assimétrica, em planos superpostos; seu acesso social (pedestres) se encontra delimitado por pórticos que se prologam até o seu último pavimento e se colocam à frente do nível da fachada.

4.3.2.3 Casa do Advogado (1934)

Figura 074: Da esquerda para direita, Faculdade de Direito década de 1930, Ordem dos Advogados 1994 e Casa do Advogado 2017



Fonte: Acervo de imagens Museu da Imagem e do Som, s.d; acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

Prédio localizado no centro da cidade, próximo à Praça Montepio dos Artistas, na Rua João Severiano, 60 no Centro.

Sua construção data do ano 1934, para abrigar a Faculdade de Direito de Alagoas, a primeira a se instalar no Estado. Tendo sua fundação no ano de 1931, a faculdade foi oficializada pelo Decreto nº 1745, em 25 de fevereiro de 1933. Também se destacou como uma das primeiras faculdades de Direito do Brasil, sendo a quarta do Nordeste, em termos de data de fundação. Foi estadualizada em 1 de junho de 1936, pela lei 1250, para que pudesse funcionar e federalizada em 24 de dezembro de 1949, pelo Decreto nº 1014, através do deputado Lauro Montenegro, que apresentou o projeto para tal (AMARAL, 2009).

Abriga atualmente a Casa do Advogado, e, praticamente, não sofre alterações significativas em sua fachada, permanecendo com suas características estilísticas/arquitetônicas originais.

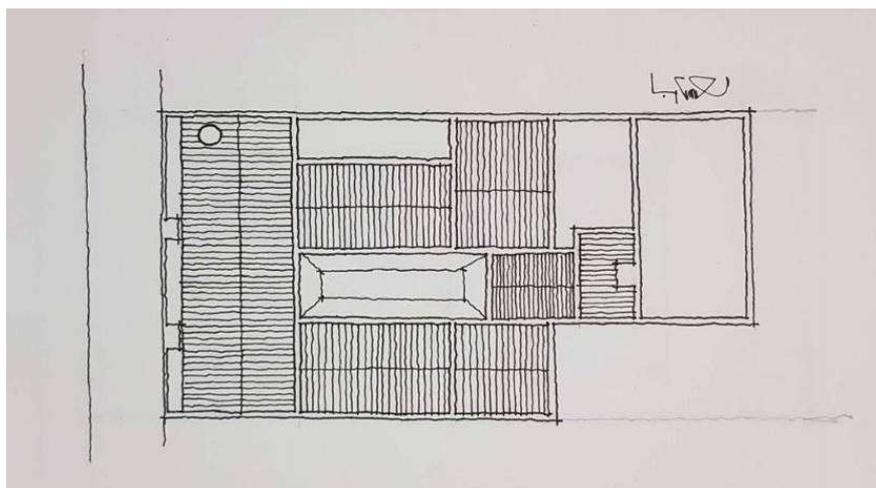
A fachada principal possui características de arquitetura tradicional, apresentando simetria axial e com poucos elementos de composição: um balcão, entre os volumes que demarcam a entrada e pestanas (pequenas marquises – característica marcante desse estilo arquitetônico) em argamassa armada para a proteção de portas e janelas. As aberturas são retangulares, revezando-se entre verticais e horizontais com esquadrias externas, na sua maioria de ferro e vidro com abertura tipo basculante.

Figura 075: Fachada Casa do Advogado

Fonte: Acervo Juliana Aguiar (2017)

O prédio possui poucos ornamentos; apenas frisos horizontais demarcando uma faixa abaixo das janelas do térreo na fachada principal, os quais se prolongam contornando os volumes que demarcam a entrada.

A cobertura é composta por estrutura em madeira (característica construtiva tradicional) com telha de fibrocimento, que se encontra camuflada por platibanda sem ornamentos, arrematada apenas por friso singelo horizontal que percorre toda a sua extensão.

Figura 076: Implantação no lote da Casa do Advogado

Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Figura 077: Vista superior da Casa do Advogado



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (2017)

A cobertura é composta por estrutura em madeira (característica construtiva tradicional) com telha de fibrocimento, que se encontra camuflada por platibanda sem ornamentos, arrematada apenas por friso singelo horizontal que percorre toda a sua extensão.

4.3.2.4 Residência unifamiliar (1935)

Figura 078: Residência unifamiliar

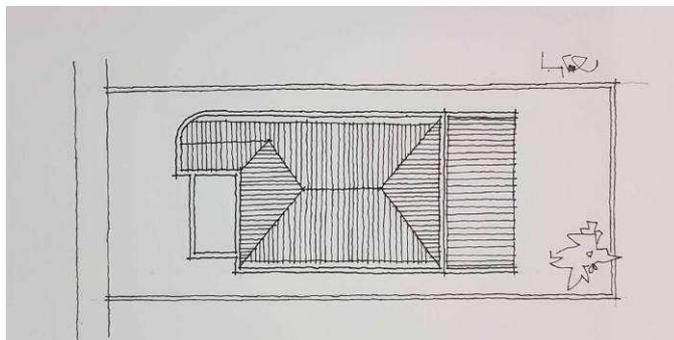


Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

Edificação construída para ser residência e permanece com o mesmo uso atualmente; localiza-se na Av. Tomás Espíndola, 327 no bairro de Farol. Praticamente não sofreu alterações significativas em sua fachada, permanecendo com suas características estilísticas/arquitetônicas originais.

Edificação em estilo protorracionalista está implantada totalmente solta dos limites do lote, o que denota uma característica moderna.

Figura 079: Implantação no lote residência unifamiliar



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)

Foto: Juliana Aguiar (2018)

Apresenta na composição de sua fachada elementos modernos e de transição, como: assimetria; platibanda sem ornamentos; pestana acima da esquadria; arredondamento em sua lateral esquerda; composição de volumes geométricos e colunata tripla em sua varanda.

Figura 080: Detalhe da fachada



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (2017)

A cobertura é composta por estrutura em madeira (característica construtiva tradicional) com telha canal, que se encontra camuflada por platibanda sem ornamentos, apenas uma reentrância na lateral superior esquerda.

4.3.2.5 Antiga Secretaria de Educação (1935)

Figura 081: Antiga Secretaria de Educação



Fonte: Toni Cavalcante – Alagoas (2001). Disponível em: <<http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html>>. Acesso 15 março 2017.
e acervo Juliana Aguiar (2017)

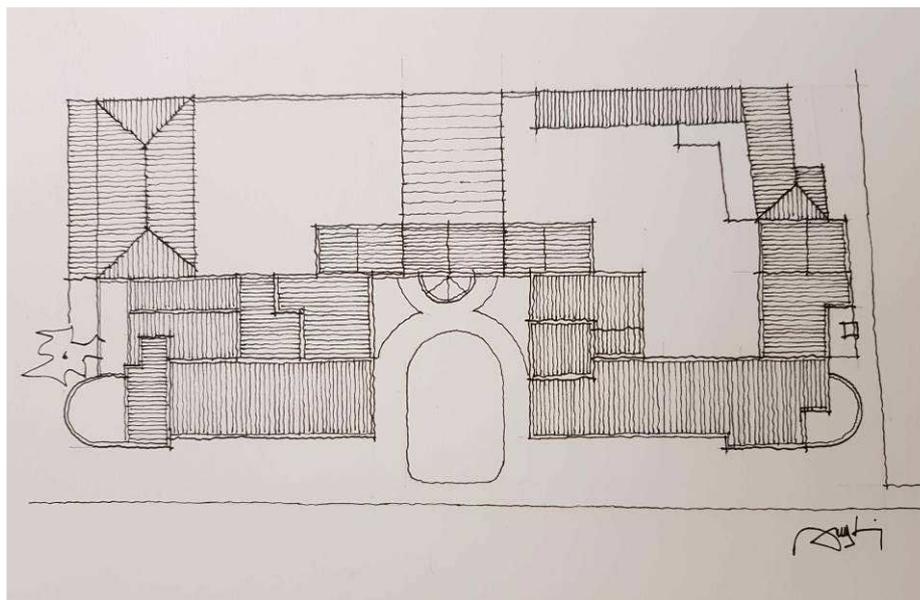
Edificação construída no ano de 1935, em estilo protorracionalista, localizada na Rua Barão de Alagoas, s/n no bairro do Centro. Ocupa todo um quarteirão do centro da cidade. Construída inicialmente para abrigar o Instituto de Educação, posteriormente, a Secretaria de Educação do Estado, hoje encontra-se em estado de abandono.

Figura 082: Acesso principal do prédio



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (2017)

Seu acesso principal encontra-se no centro do edifício, e recuado do alinhamento da via pública; está implantado de forma proporcional no lote, apresenta recuo frontal, com áreas descobertas em seu interior.

Figura 083: Implantação no lote

Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Apresentava volumetria assimétrica e recortada, com jogo de volumes puros, com algumas reentrâncias geométricas, distribuídas em dois pavimentos superpostos. Apresenta, em suas laterais, dois volumes em semicírculo que arrematam suas esquinas e aberturas retangulares com janelas tipo basculante, na extensão de seus pavimentos.

A fachada frontal exhibe simetria axial, sem marquises ou pestanas, marcada pelo número grande de aberturas horizontais e algumas verticais em seu bloco central. A cobertura é composta por telha de fibrocimento, que se encontra camuflada por platibanda sem ornamentos.

4.3.2.6 SEPLAG / SERVEAL (1936)

Figura 084: Conjunto de prédios formados pela SEPLAG, a Secretaria da Mulher e dos Direitos Humanos e Serviços de Engenharia do Estado de Alagoas S/A e SERVEAL



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

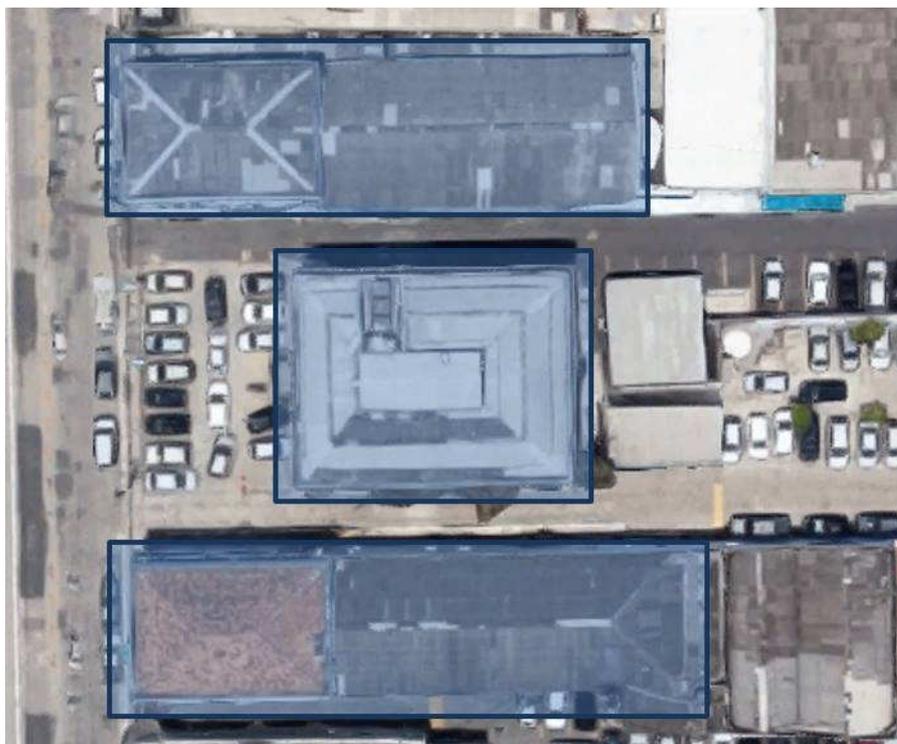
Conjunto formado por três Edificações Públicas em estilo protorracionalista, localizado à Rua Cincinato Pinto, 463, no bairro do Centro. Inicialmente, ergueu-se a edificação central (posto de abastecimento) circundada por quatro grandes galpões que abrigavam: almoxarifado, oficinas, máquinas de estradas e inspetoria de veículos, construídos no ano de 1936 para abrigar as Diretorias de Viação, Agricultura e Estatística (MELLO, 1937, p. 16). Posteriormente, à frente dos galpões laterais, mais dois prédios foram construídos, preservando as mesmas características arquitetônicas do prédio central, completando assim o conjunto.

Atualmente, funciona em suas dependências a Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio – SEPLAG; a Secretaria da Mulher e dos Direitos Humanos e Serviços de Engenharia do Estado de Alagoas S/A – SERVEAL, e, praticamente não sofreu alterações significativas em sua fachada, permanecendo com suas características estilísticas/arquitetônicas originais.

As edificações se encontram dispostas simetricamente no lote e soltas entres si; o prédio central se apresenta mais recuado do limite frontal do lote; os demais, foram implantados alinhados ao limite frontal.

Sua implantação está disposta de forma a preservar a unidade entre os blocos, pois, apresentam-se recuados dos limites do lote. A disposição dos blocos está composta, de modo a favorecer e destacar o prédio central, que se apresenta com altura superior aos demais, pois em sua composição formal, dispõe de três pavimentos, contrapondo-se aos outros que são formados por dois.

Figura 085: Implantação no lote



Fonte: Google Maps (2018). Adaptado pela autora.

Possuem volumetria compacta e rígida, trabalhada em planos superpostos, sem recortes e tripartidos verticalmente, com base, corpo e coroamento.

Suas fachadas são simétricas - característica tradicional - marcadas por aberturas retangulares, verticais e horizontais, distribuídas em torno de seus pavimentos. Possuem poucos elementos de composição, como: pestanas para proteção de portas e janelas, na altura da divisão de seus pavimentos; (pequenas marquises) em argamassa armada que envolvem todo o prédio, sendo seccionadas apenas pela marcação de seu acesso principal, que se caracteriza por rasgos verticais que se alternam por frisos também verticais, em torno da extensão de suas fachadas.

A coberta é composta por estrutura em madeira (característica construtiva tradicional) com telha de fibrocimento, nos prédios central e lateral esquerdo e telha

canal no prédio lateral direito, que se encontra camuflada por platibanda sem ornamentos. As esquadrias em torno do prédio são tipo basculante.

4.3.2.7 Clube Fênix (1936)

Figura 086: Clube Fênix Alagoana em três momentos: década de 1930, em 1994 e em 2018



Fonte: Acervo Instituto Histórico e Geográfico, s.d.; acervo Juliana Aguiar (1994) e Acervo Juliana Aguiar (2018)

Prédio construído originalmente para ser a sede da Phenix Alagoana, na década de 1930, abriga até os tempos atuais o Clube Fênix Alagoana. Está localizado na Av. da Paz, 21A no bairro do Centro. Praticamente não sofreu alterações significativas em sua fachada, permanecendo com suas características estilísticas/arquitetônicas originais.

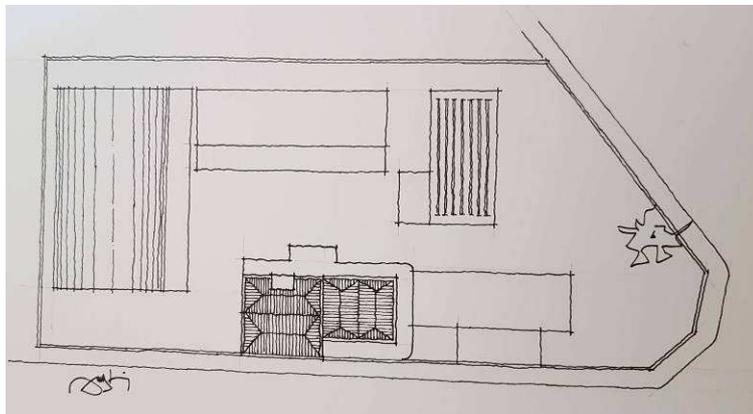
Figura 087: Fachada original do Clube Fênix Alagoana, projeto do arquiteto Heitor Maia Filho



Fonte: Acervo técnico SEDET
Foto: Juliana Aguiar (2017)

A edificação em estilo protorracionalista está implantada alinhada com o limite frontal do lote, e desprendida nas laterais e fachada posterior.

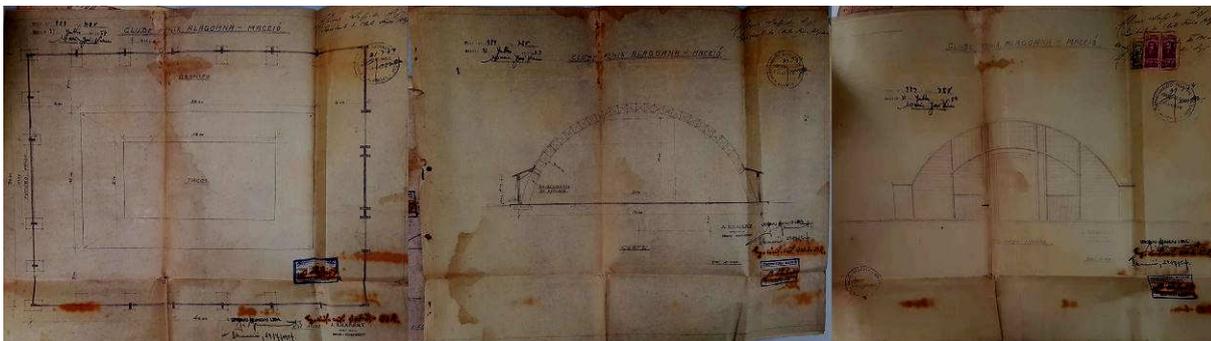
Figura 088: Implantação no lote



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Na década de 1950, mais precisamente, em 1954 recebe o acréscimo, na lateral esquerda do lote, de um ginásio poliesportivo (ver figura com projeto). Sua planta está disposta de forma simétrica, apresentando cobertura abobadada em estrutura metálica e sua fachada se apresenta sem adornos.

Figura 089: Projeto do ginásio poliesportivo do Clube Fênix Alagoana



Fonte: Acervo técnico SEDET
Foto: Juliana Aguiar (2017)

O prédio principal, onde hoje se encontra um restaurante e o setor administrativo, possui volumetria compacta, porém apresenta elemento geométrico recuado ao limite do lote, no pavimento superior direito e arredondamento nas paredes de encontro da fachada frontal com a lateral direita.

A fachada principal possui características de arquitetura de transição; é assimétrica (característica moderna) e possui poucos elementos de composição: um balcão, localizado na lateral direita que apresenta guarda corpo com detalhes

geométricos vazados, construído posteriormente a sua versão original e pestanas (pequenas marquises – característica marcante desse estilo arquitetônico) em argamassa armada para a proteção de portas e janelas, no acesso principal e nas janelas do primeiro pavimento do volume principal. As aberturas são retangulares, horizontais com esquadrias externas em ferro e vidro com abertura tipo correr. (Originalmente, as aberturas eram tipo basculante).

A coberta é composta por estrutura em madeira (característica construtiva tradicional) com telha canal, que se encontra camuflada por platibanda sem ornamentos, arrematada apenas por friso singelo horizontal que percorre toda a sua extensão do volume que abriga o acesso principal.

4.3.2.8 Escola Estadual Tavares Bastos (1936)

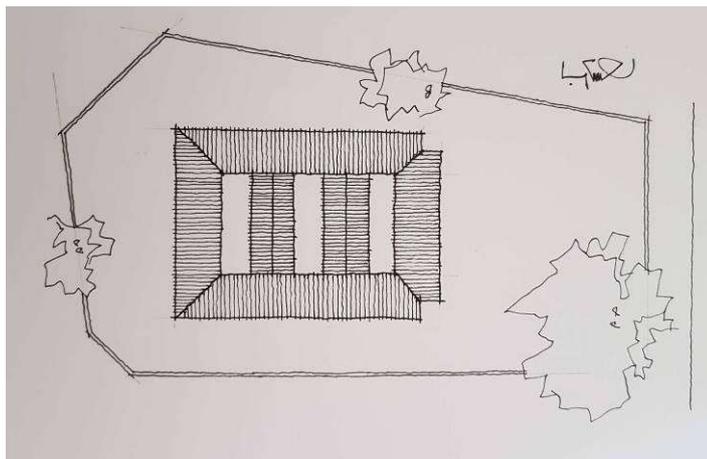
Figura 090: Escola Tavares Bastos em dois momentos: em 1994 e em 2017



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e Acervo Juliana Aguiar (2017)

Prédio construído para abrigar a Escola Estadual Tavares Bastos, na década de 1930, no governo de Osman Loureiro. Está localizado na Av. Moreira e Silva, 916 no bairro do Farol, e desenvolve até os tempos atuais a mesma função. Praticamente não sofre alterações significativas em sua fachada, permanecendo com suas características estilísticas/arquitetônicas originais.

A edificação em estilo protorracionalista encontra-se desprendida dos limites do lote, apresentando recuo em todo seu entorno. Apresenta, em sua composição, elementos de transição, como: a simetria presente em sua fachada e no seu partido de planta (característica da arquitetura tradicional), marcado por recuos laterais que dão ênfase ao núcleo central localizado na parte frontal do prédio (transição).

Figura 091: Implantação no lote

Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Possui volumetria compacta e rígida, recuos laterais que ressaltam o acesso principal e arredondamento nos limites laterais desse módulo central. Também apresenta áreas descobertas em seu interior, caracterizados como os pátios da escola.

A fachada principal possui características da arquitetura tradicional, é simétrica e possui poucos elementos de composição: pestanas (pequenas marquises – característica marcante desse estilo arquitetônico) em argamassa armada para a proteção de portas e janelas, e o acesso principal é marcado por pequena elevação, acima do nível final da platibanda, que enfatiza a entrada. As aberturas são retangulares, horizontais com esquadrias externas em ferro e vidro, com abertura tipo basculante.

A cobertura é composta por estrutura em madeira (característica construtiva tradicional) com telha canal, que se encontra camuflada por platibanda sem ornamentos, apresentando, apenas na altura do acesso principal, dois frisos horizontais singelos.

4.3.2.9 Antiga Residência Lages (1936)

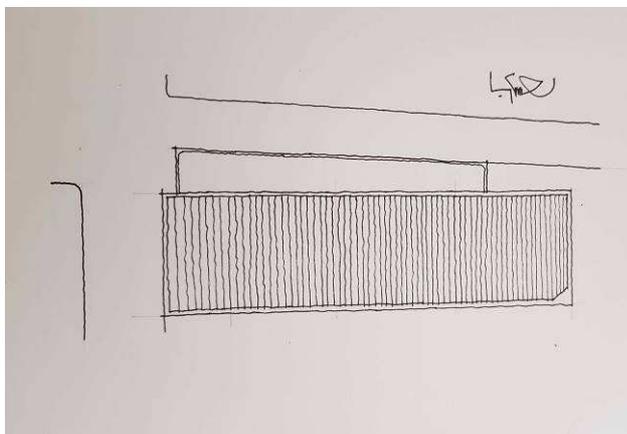
Figura 092: Residência Lages em dois momentos: na década de 1930 e em 2017



Fonte: Maceió Antiga 02. Disponível em: <alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html>. e acervo Juliana Aguiar (2017).

Edificação em estilo protorracionalista está localizada na Rua do Comercio, 572 no bairro do Centro. Inicialmente construída para abrigar residência e posteriormente transforma--se em ponto comercial. Localiza-se em um terreno no cruzamento da Rua do Comércio com Rua Augusta e ocupa todos os limites do lote.

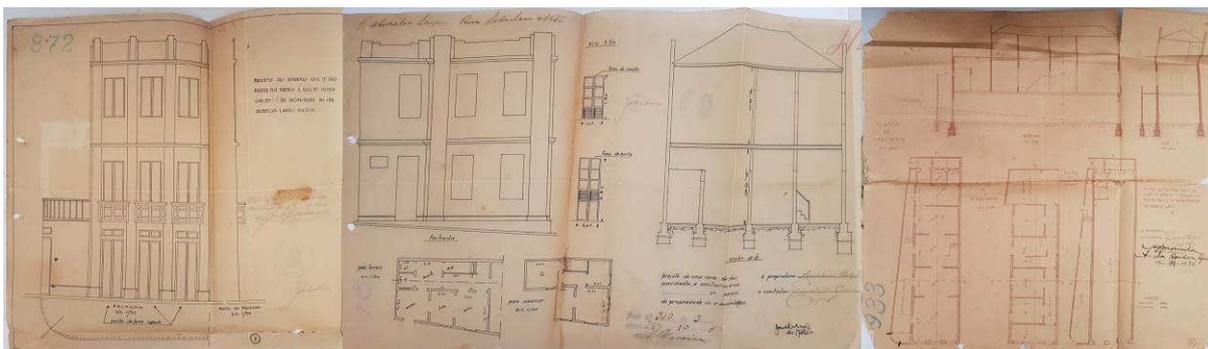
Figura 093: Implantação no lote



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Apresentava volumetria rígida e compacta, tripartida na vertical (com base, corpo e coroamento) em planos superpostos com aberturas retangulares, que se encontram lacradas com alvenaria, nos (dois) pavimentos superiores e portas de acesso no térreo. Apresenta parede arredondada em sua lateral esquerda, térrea, onde logo acima está localizada uma varanda, também com lateral arredondada.

Figura 094: Projeto original da residência



Fonte: Acervo técnico SEDET
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Sua fachada frontal, localizada na Rua do Comércio, apresenta simetria, quebrada apenas pela presença da varanda na lateral. Possuía marquise em seu acesso principal. Na fachada localizada na Rua Augusta, se apresenta simétrica, possui portas no térreo e no primeiro pavimento e janelas com pestanas em argamassa no segundo pavimento.

Coberta composta por madeiramento e telha de fibrocimento, que se encontra camuflada por platibanda sem ornamentos, apresenta detalhe horizontal, assemelhando-se a uma cimbalha, no limite que a separa do segundo pavimento e é também arrematada por friso singelo horizontal que percorre toda a sua extensão. Apresentava esquadrias, com estrutura madeira e vidro, com aberturas tipo giro.

Hoje, encontra-se abandonada, a não ser apenas por parte do térreo ocupada por ponto comercial.

4.3.2.10 Antiga Residência João Rios (1939)

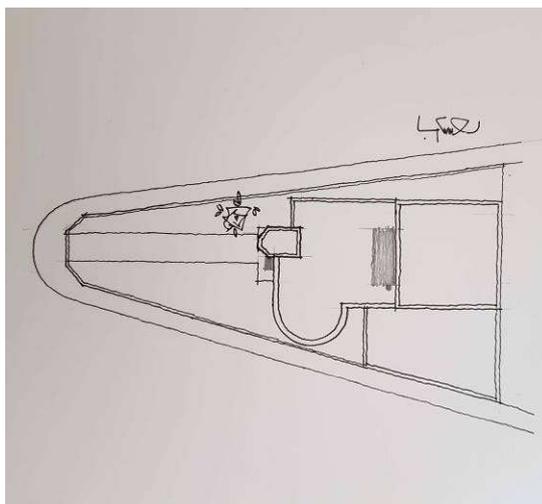
Figura 095: Residência João Rios em dois momentos: em 1994 e em 2017



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

Antiga Residência João Rios, em estilo protorracionalista que atualmente abriga EMPRESERG (administradora de serviços). Localiza--se à Rua Íris Alagoense, 253 no bairro do Farol. Sua implantação em terreno de forma triangular bifurcado entre duas ruas: Íris Alagoense e Frei Caneca. Encontra-se recuada dos limites do lote, denotando uma característica moderna.

Figura 096: Implantação no lote



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

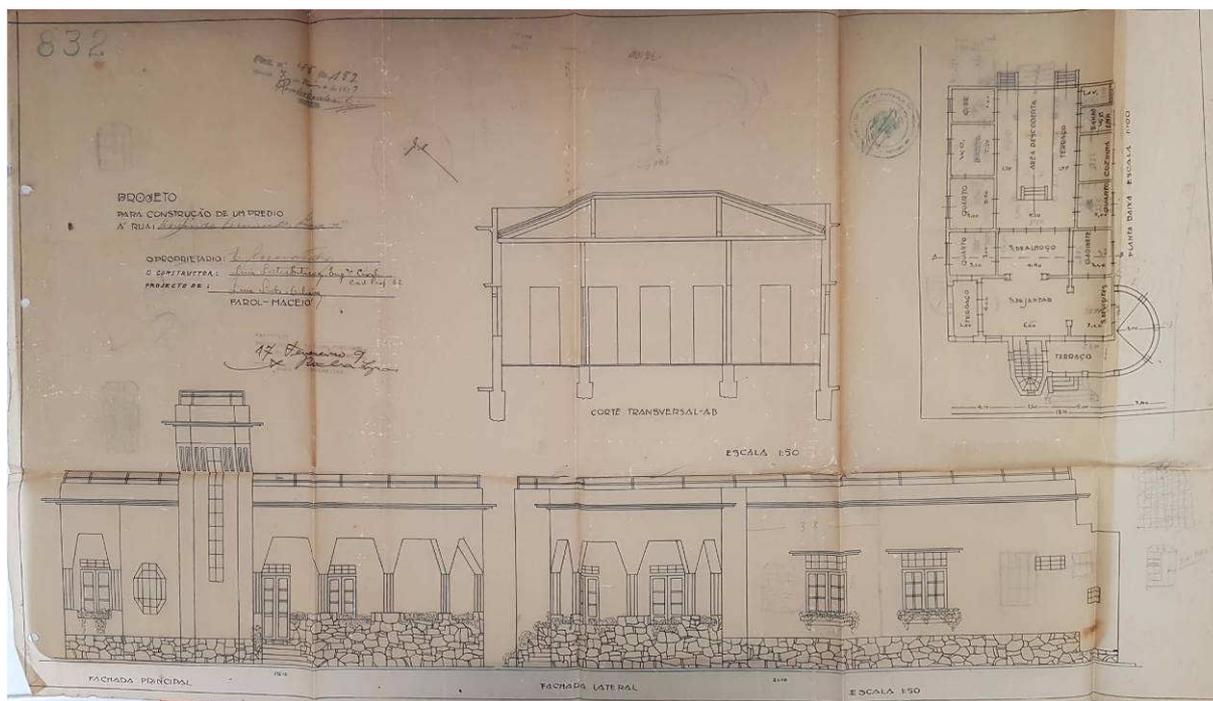
Sofreu, com o passar dos anos, várias modificações em suas características originais, como: fechamento de aberturas e rasgos de composição; inserção de balaustrada - elemento que denota um retrocesso temporal por ser característico de estilos historicistas; construção de “apêndice” na lateral direita posterior que se estende até o limite do lote e inserção de escada metálica externa para acesso ao mirante.

Figura 097: Fachada lateral em 1994 e em 2017, demonstrando as alterações sofridas



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

Figura 098: Projeto original residência João Rios, datado do ano de 1939



Fonte: Acervo técnico SEDET

Foto: Juliana Aguiar (2017)

Volumetria composta por duas partes que parecem distintas, mas fazem parte da mesma edificação desde a sua construção. Parte posterior da residência com volumetria rígida e compacta, parte frontal recortada com formas puras.

Fachada frontal assimétrica, apresentando volume geométrico chanfrado – ponto mais alto da construção e abriga um mirante - antes com rasgos verticais alongados, que abrigavam janelas tipo basculante - e outros menores de forma retangular, ao redor de todo volume. Hoje, os rasgos alongados não existem mais e os e os retangulares foram fechados. O outro volume em semicírculo abriga a varanda da residência que se apresenta cercada por colunas geometrizadas por chanfros, que também aparecem nos arremates laterais das aberturas formadas pelas colunas.

Existem poucos ornamentos na residência; apenas platibanda arrematada por friso singelo horizontal e, em sua base, pestana em argamassa armada que percorre toda a sua extensão. Pestanas também acima de suas esquadrias e jardineiras abaixo delas, percorrendo todo o volume semicircular que compõe a varanda lateral. Possui esquadrias de giro compostas por madeira e vidro, com venezianas e almofadas.

4.3.2.11 Bistrô Fernandes (1943)

Figura 099: Edificação em três momentos: década de 40, em 1994 e em 2017

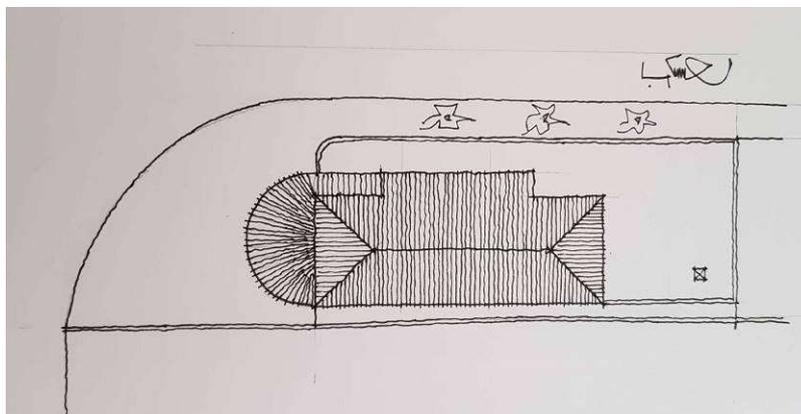


Fonte: Silva (1991, p. 47); acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

Prédio construído inicialmente para abrigar residência unifamiliar, na década de 1940, atualmente ocupado por restaurante, encontra-se localizado à Av. Fernandes Lima, 327 no bairro do Farol. Sofreu algumas alterações no decorrer do tempo em seu partido de planta e fachada, mas ainda mantém muitas características estilísticas/arquitetônicas originais.

Edificação em estilo protorracionalista, inicialmente se apresentava com recuos, frontal e laterais. Atualmente, permanece apenas seu recuo frontal.

Figura 100: Implantação no lote



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Possui volumetria compacta e rígida, em planos superpostos. Apresenta módulo circular à frente da edificação, que originalmente abrigava varanda. A fachada principal é assimétrica. As aberturas são retangulares, horizontais e as localizadas no pavimento superior, apresentam arremates arredondados em suas arestas. O prédio não possui ornamentos; apenas frisos singelos que emolduram a porta e as janelas.

A cobertura é composta por estrutura em madeira (característica construtiva tradicional) com telha canal, aparente, sem a presença de platibanda. Esquadrias tipo pivotante em madeira e vidro.

4.3.2.12 Edifício São João (1945)

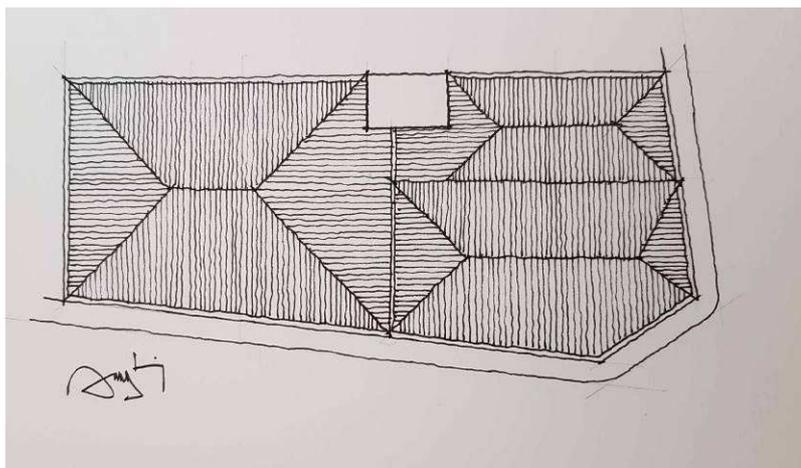
Figura 101: Edifício São João em dois momentos: em 1994 e em 2017



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

Edificação em estilo protorracionalista, que está implantada em terreno de esquina, entre a Rua do Livramento - onde se encontrava o acesso principal de pedestres para o pavimento superior, hoje desativado - e a Rua Joaquim Távora, ocupando todos os limites do lote.

Figura 102: Implantação no lote

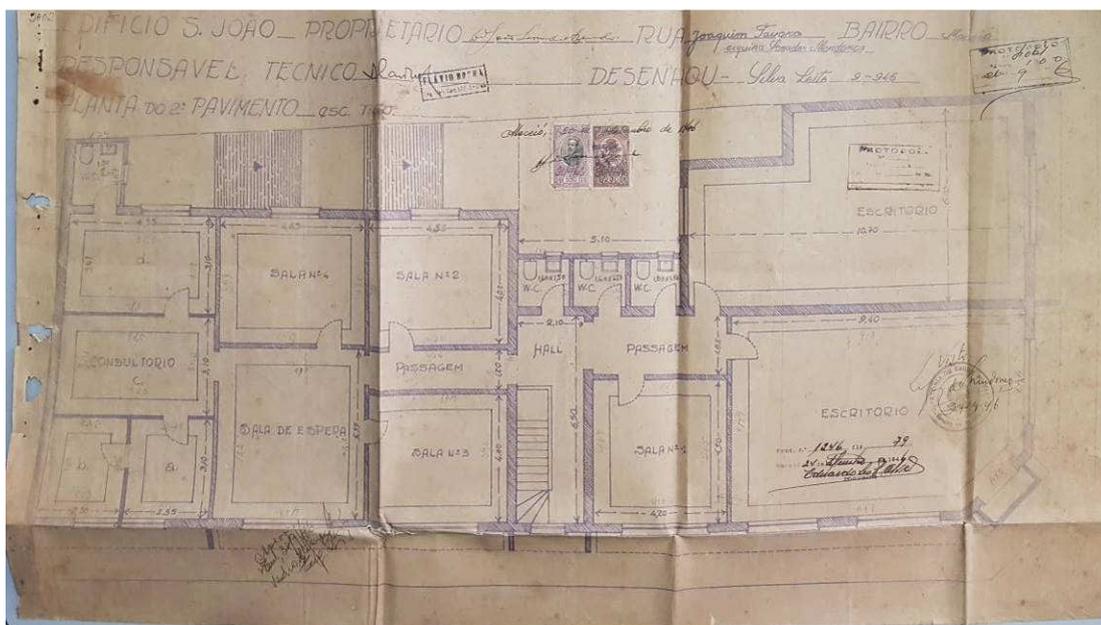


Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)

Foto: Juliana Aguiar (2018)

Sua volumetria é rígida e compacta é composta por plano superposto; apresenta balcão em seu chanfro (que se encontra na esquina) e muitas aberturas, compostas por portas e janelas em toda a extensão da edificação.

Figura 103: Projeto original Edifício São João



Fonte: Acervo técnico SEDET
Foto: Juliana Aguiar (2017)

A fachada principal é assimétrica (Rua do Livramento) e fortemente marcada por pestana em argamassa armada que se localiza acima da esquadria do primeiro pavimento; apresenta balcão na parte chanfrada (na altura da esquina).

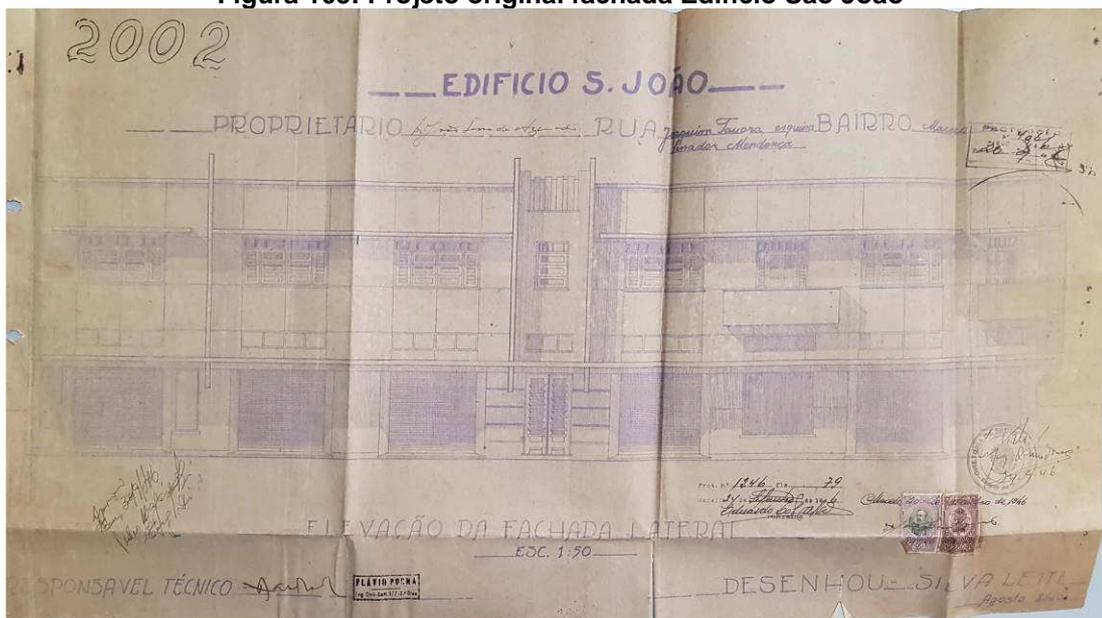
O acesso principal é destacado com elementos compositivos verticais (em argamassa armada) que apresentam arremate arredondado em sua parte superior. Esses elementos se repetem em torno de toda a edificação, delimitando o espaço das lojas que estão presentes apenas no térreo. O pavimento superior da edificação não se encontra ocupado em sua totalidade, gerando aspecto de abandono.

Figura 104: Imagens do acesso principal e lateral chanfrada



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (2017)

Figura 105: Projeto original fachada Edifício São João



Fonte: Acervo técnico SEDET
Foto: Juliana Aguiar (2017)

A cobertura é composta por estrutura em madeira (característica tradicional) com telha cerâmica colonial, que se encontra camuflada por platibanda sem ornamentos arrematada por friso singelo horizontal que percorre toda a sua extensão. Apresenta esquadria com estrutura em madeira e vidro, com aberturas entre veneziana e tipo basculante

4.3.2.13 Edifício Maceió (1947)

Figura 106: Edifício Maceió em dois momentos: em 1994 e em 2017

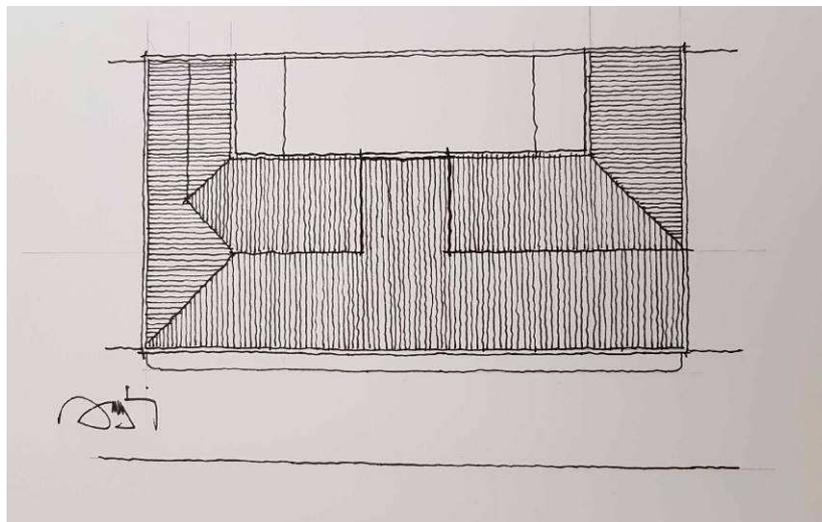


Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

Edificação em estilo protorracionalista implantada em terreno de esquina, entre a Rua do Livramento, onde se encontrava o acesso principal de pedestres

para os pavimentos superiores, e a Rua Joaquim Távora, ocupando todos os limites do lote.

Figura 107: Implantação no lote



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)

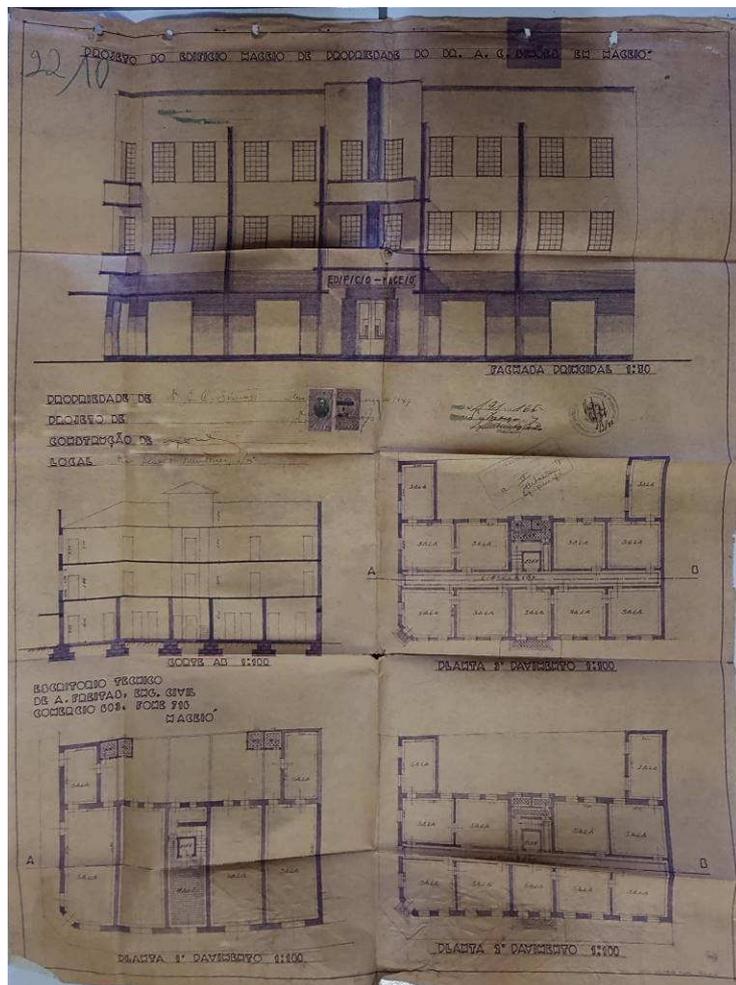
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Em sua composição, apresenta elementos clássicos como: simetria, presente em sua fachada e partido de planta que é marcado de forma axial por seu acesso principal dividindo sua planta em duas partes iguais; possui elevador desde a sua fundação que se apresentava como uma inovação tecnológica temporal. De acordo com fontes informais teria sido o primeiro elevador da cidade.

Sua volumetria é rígida, compacta e simétrica, composta por 03 (três) planos superpostos tripartidos na vertical: com base, corpo e coroamento; apresenta balcões em seu chanfro (que se encontra na esquina) e em sua fachada principal na altura dos seus pavimentos; sua volumetria é quebrada apenas por suas aberturas, compostas por portas e janelas, em toda a extensão da edificação.

A fachada principal é simétrica (Rua do Livramento) e não apresenta ornamentos, apenas elementos compositivos verticais que marcam, as duas fachadas como um todo e o seu acesso principal.

Figura 108: Projeto original fachada Edifício São João



Fonte: Acervo técnico SEDET
Foto: Juliana Aguiar (2017)

A cobertura é composta por estrutura em madeira (característica tradicional) com telha cerâmica colonial, que se encontra camuflada por platibanda sem ornamentos, arrematada por friso singelo horizontal que percorre toda a sua extensão. Esquadrias compostas em duas camadas, janelas de giro em madeira e vidro, voltadas para o interior da edificação, e janelas copacabana, voltadas para o exterior da edificação, que formam o conjunto existente de esquadrias.

Figura 109: Vistas externa e interna da esquadria Ed. Maceió



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (2017)

Muitas das esquadrias estão danificadas e quebradas para inserção de aparelhos de ar condicionado - advento da modernidade aplicado de forma descuidada e descompromissada no patrimônio edificado da cidade.

4.3.2.14 Antigo Posto de Serviço do Produban (1947)

Figura 110: Antigo Posto do Produban em dois momentos: em 1994 e em 2017

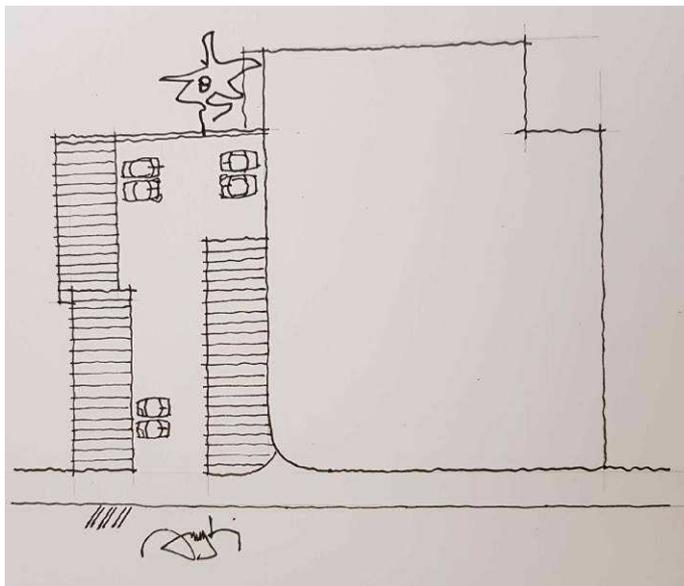


Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

Edificação em estilo protorracionalista ocupada anteriormente por Posto de Serviço do Banco Produban (antigo banco do Estado de Alagoas), atualmente ocupado por estacionamento rotativo, preserva pouco de suas características originais.

Localizada na Rua Gabino Bezouro, 94 no bairro do Centro, ocupa todos os limites do lote denotando uma característica arcaica ou historicista; apresenta volumetria rígida e compacta com poucas aberturas em sua fachada frontal.

Figura 111: Implantação no lote



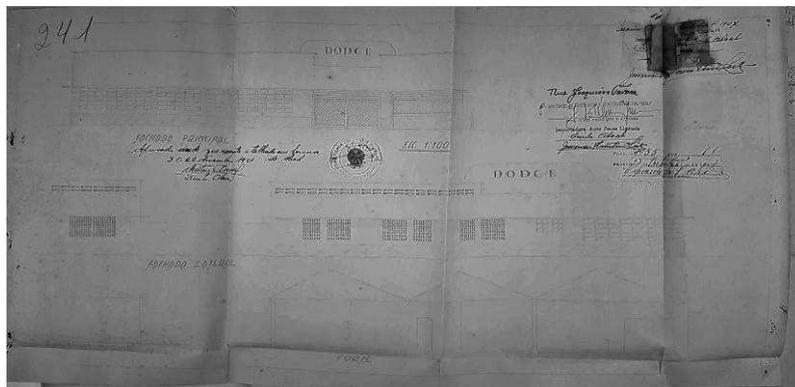
Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)

Foto: Juliana Aguiar (2018)

Sua fachada é assimétrica, apresentando em sua platibanda, na altura do acesso principal, elemento compositivo/decorativo que se apresenta um pouco mais elevado que o nível final da platibanda, destacando o acesso de veículos. Apresenta em suas laterais arestas arredondadas. A edificação apresenta nas extremidades junção entre fachada frontal e lateral esquerda e direita e arredondamento em suas paredes.

Toda a extensão do prédio apresenta pestana em argamassa armada, na altura da abertura principal, separando o corpo da edificação de sua platibanda, que não apresenta nenhum ornamento além de friso singelo horizontal que arremata toda a sua extensão.

Figura 112: Projeto original da edificação praticamente ilegível como muitos encontrados no acervo da SEDET



Fonte: Acervo técnico SEDET
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Apresenta alvenaria estrutural, em alguns pontos e pilares aparentes em outros de sua fachada frontal. Sua cobertura é composta por telhas de fibrocimento camufladas por platibanda; não possui laje.

Suas esquadrias foram todas fechadas, permanecendo apenas o acesso de veículos (abriga um estacionamento atualmente) e uma pequena porta lateral para acesso de pedestres. Apresentava anteriormente pequenos rasgos verticais com esquadrias, com abertura tipo basculante.

4.3.2.15 Casa Pajuçara (1947)

Figura 113: Residência na Pajuçara em três momentos: na década de 1940, em 1994 e em 2017

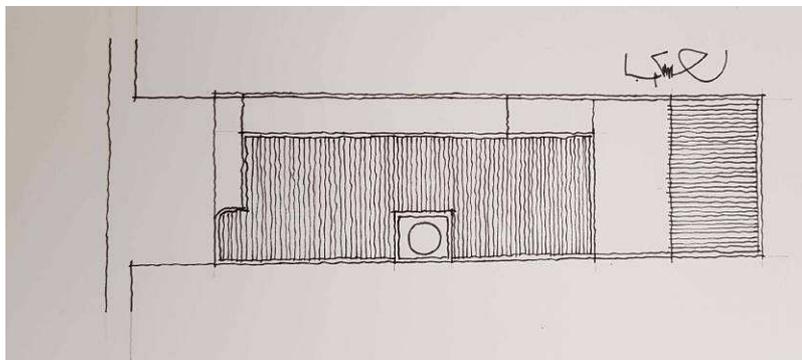


Fonte: Silva (2009, p. 49); acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

Edificação em estilo protorracionalista ocupada inicialmente por residência unifamiliar, localizada à Av. Epaminondas Gracindo, 22, no bairro da Pajuçara, atualmente abriga um estabelecimento comercial. Encontra-se totalmente descaracterizado de seus elementos originais, permanecendo apenas o jogo de

volumes de sua fachada. Está implantada, mantendo o recuo lateral original, ocupando os demais limites do lote,

Figura 114: Implantação no lote



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)

Inicialmente, apresentava recuo frontal e lateral do limite do lote, denotando uma característica de transição ou moderna; apresentava volumetria rígida e compacta com jogo de recuo, destacando o local do acesso principal que se localizava deslocado do limite da fachada frontal, onde também abrigava um balcão da varanda do piso superior, que apresentava arredondamento na lateral de seu guarda-corpo que também era adornado com duas aberturas em forma de óculo.

Sua fachada era assimétrica (característica de transição ou moderna), e apresentava, em toda extensão de sua platibanda, arremate com friso singular na horizontal. Apresentava pestana em argamassa armada logo acima de seu balcão, que se estendia até o limite da janela do piso superior. Sua alvenaria é estrutural.

A fachada foi toda mutilada e modificada não apresentando nenhum resquício de suas esquadrias originais, nem qualquer característica que se conecte com a tipificação estilística originalmente proposta para a edificação.

4.3.2.16 Edifício Luz (1948)

Figura 115: Edifício Luz em três momentos: na década de 1940, em 1994 e em 2017

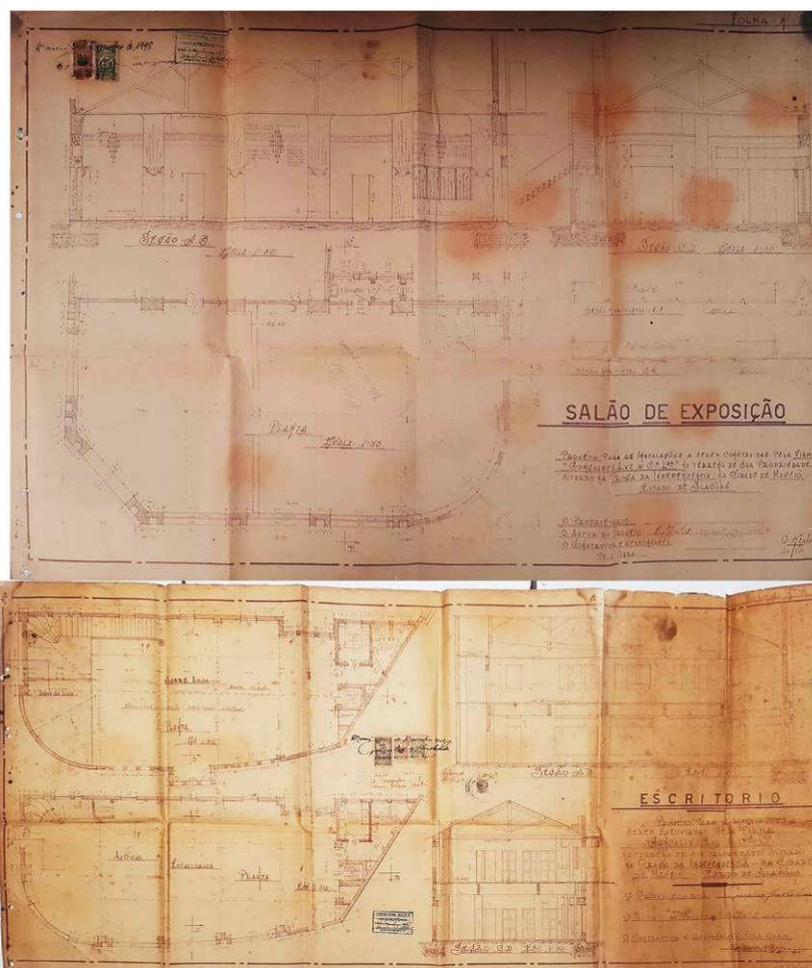


Fonte: Toni Cavalcante – Alagoas (2001). Disponível em: <http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html>. Acesso 15 mar 2017; acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

Edificação construída, inicialmente, para abrigar uma concessionária de veículos, na Rua Cel. Vieira Peixoto, 13 no bairro do Centro. No decorrer do tempo, assumiu outros usos: funcionou por 11 anos como a sede da Petrobrás em Alagoas e Sergipe, de 1957 a 1968, foi sede do INPS e atualmente abriga a Secretaria de Estado da Defesa Social. Sofreu algumas modificações para atualização de demandas temporais, em suas fachadas, como: inserções de antenas e unidades externas (condensadores) que fazem parte do sistema split de refrigeração. Além das janelas tipo copacabana que foram retiradas do conjunto de suas esquadrias.

Seu projeto original (ver figura) traz uma configuração diferente da que se encontra hoje. O prédio era composto de dois pavimentos em sua lateral direita e apenas um na lateral esquerda. Isso, em se tratando de planta baixa.

Figura 116: Projeto original do Edifício Luz



Fonte: Acervo técnico SEDET
Foto: Juliana Aguiar (2017)

A composição de fachada trazia colunas e arabescos em seu portão principal, características destoantes do padrão encontrado atualmente, que expressa linhas da arquitetura de transição e elementos modernos. Não se sabe em que momento ocorreu essa mudança, ou se o projeto original foi cumprido, isso com relação a sua fachada, pois com relação à planta, sua disposição original condiz com a atual.

Figura 117: Projeto original fachada do Edifício Luz



Fonte: Acervo técnico SEDET
Foto: Juliana Aguiar (2017)

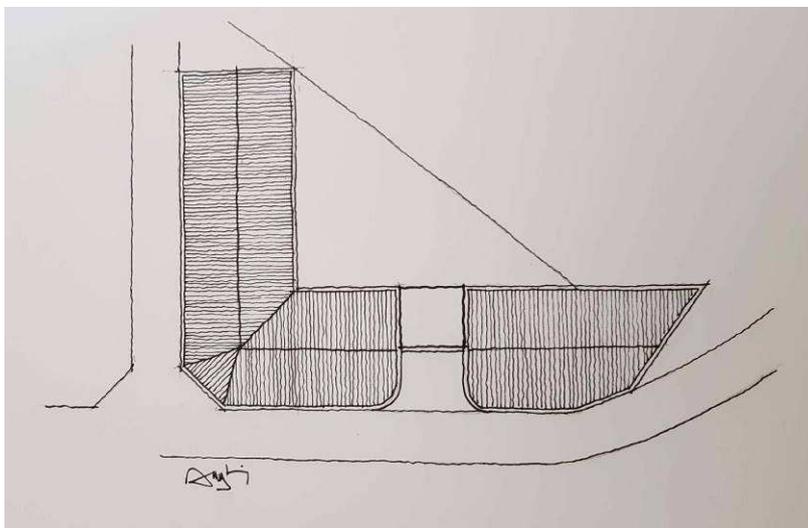
Figura 118: Foto que revela o partido de planta do Edifício Luz, semelhante ao projeto original



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (2017)

Prédio implantado em um terreno de esquina, ocupando todos os limites do lote, possuindo apenas, na parte posterior da edificação, uma área aberta destinada a garagem.

Figura 119: Implantação no lote



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)

Foto: Juliana Aguiar (2018)

O acesso social (pedestres) é realizado através da Rua Coronel Vieira (localizado na lateral da edificação), acesso de automóveis através da rua Oliveira e Silva.

A volumetria da edificação, apesar de compacta, é quebrada pelas aberturas existentes, chanfros e arredondamentos em suas arestas; apresenta composição tripartida na vertical, com base, corpo e coroamento; a sua fachada frontal apresenta simetria axial, possuindo arestas arredondadas próximas ao eixo central e chanfros nas suas laterais. Observa-se forte marcação entre seus pavimentos, que se mostra com pequena marquise no térreo da edificação, que se repete entre os demais pavimentos; no coroamento do prédio encontra-se platibanda simples sem adornos, finalizada com friso que envolve toda a extensão da edificação; dividindo a fachada frontal em dois lados simétricos, encontra-se um volume central, que se destaca por sua altura (que ultrapassa o limite do prédio) e por ser adornado por pequenos óculos, elementos lineares dispostos na vertical e pequenas marquises na divisão de seus pavimentos. Também se apresenta coroado por platibanda e finalizado com friso horizontal. Sua planta apresenta assimetria, que se distribui em quatro pavimentos dispostos em forma de “L”, contrastando com a fachada.

A alvenaria da edificação é estrutural; com estrutura semi aparente (encontra-se em todo prédio vigas e colunas aparentes). A cobertura é composta por telha de fibrocimento (supõe-se não ser original).

As esquadrias do tipo guilhotina em madeira e vidro (as janelas tipo copacabanas foram retiradas).

4.3.2.17 Antigo Cine Lux (1948)

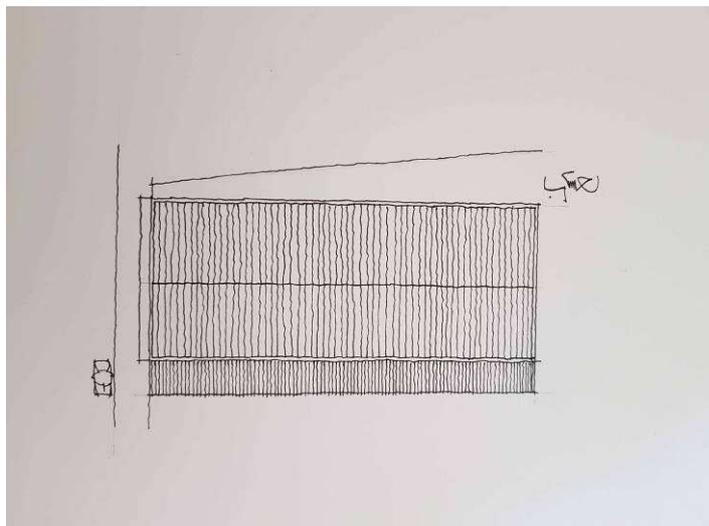
Figura 120: Cine Lux em dois momentos: na década de 40 e em 2017



Fonte: Edberto Ticianeli – História de Alagoas (2015). Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/moacyr-miranda-e-o-cine-lux.html>>. Acesso 07 mai 2015 e acervo Juliana Aguiar (2017)

Prédio construído originalmente para abrigar o cinema de bairro Lux, na década de 1940, localizado na Rua Santo Antônio, 405 no bairro da Ponta Grossa. Atualmente o espaço é ocupado por um templo religioso. Sofreu alteração em sua fachada com a retirada de duas marquises: um que percorria toda a sua extensão e outra pequena que se colocava acima de uma janela que foi fechada no pavimento superior; outras duas janelas que se localizavam nas laterais da janela central também foram fechadas. Mas, nada que compromete suas características estilísticas/arquitetônicas originais.

Edificação em estilo protorracionalista, que ocupa todos os limites do lote, apresenta em sua composição elementos de transição, como: simetria presente em sua fachada e partido de planta, bem como o uso de adornos geométricos na fachada.

Figura 121: Implantação no lote

Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Possui volumetria compacta e rígida com pequeno recuo no local de seu acesso principal.

A fachada principal possui características de arquitetura de transição; é simétrica e possui apenas como elementos de composição escalonamento vertical presente em sua platibanda e elementos retangulares dispostos na vertical ao centro da platibanda.

A cobertura é composta por estrutura em madeira (característica construtiva tradicional) com telha de fibrocimento, que se encontra camuflada por platibanda ornada com elementos geométricos, arrematada por dois frisos singelos horizontais que se encontram na parte central entre as estruturas escalonadas.

4.3.2.18. Centro de Saúde (1948)

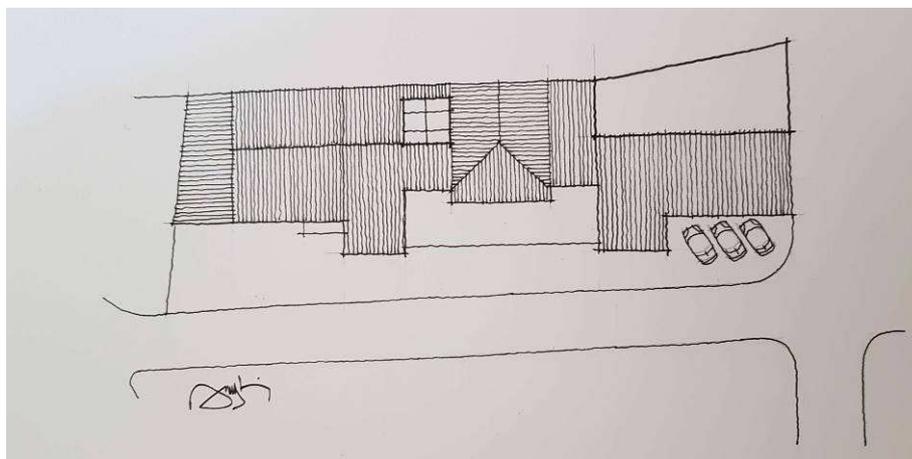
Figura 122: Centro de Saúde em dois momentos: na década de 1940 e em 2017

Fonte: Edberto Ticianeli – História de Alagoas (2015). Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/moacyr-miranda-e-o-cine-lux.html>>. Acesso 07 mai 2015 e acervo Juliana Aguiar (2017).

Edificação construída para abrigar Unidade de Saúde Pública, não sofrendo alteração em sua função com o passar do tempo. Localiza-se à rua Cel. Cahet, s/n no bairro da Levada. Apresenta algumas modificações para atualização de demandas temporais, em suas fachadas, como: caixas pré-moldadas e metálicas para aparelhos de ar condicionado. No entanto, ainda guarda muitas das suas características estilísticas/arquitetônicas originais.

Prédio implantado em um terreno de esquina, apresentando apenas recuo frontal, com partido de planta recortado e distribuído em todo terreno.

Figura 123: Implantação no lote



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

O acesso social (pedestres) se encontra recuado do limite frontal do lote.

A volumetria da edificação é compacta e simétrica, em planos superpostos; apresenta partido da planta recortado, possuindo dois volumes retangulares que se estendem ao limite do acesso principal; a sua fachada frontal apresenta simetria axial, possuindo arestas arredondadas no encontro lateral entre as paredes que compõem a fachada frontal e as laterais direita e esquerda. Observa-se marcação tímida entre seus pavimentos destacada com friso horizontal singelo, que se mostra em torno de toda a extensão da edificação.

Sua planta apresenta simetria, que se distribui em dois pavimentos dispostos em um partido recortado.

Possui esquadrias do tipo basculante em ferro e vidro.

4.3.2.19 Antigo Cine Plaza (1949)

Figura 124: Cine Plaza em dois momentos: em 1994 e em 2017

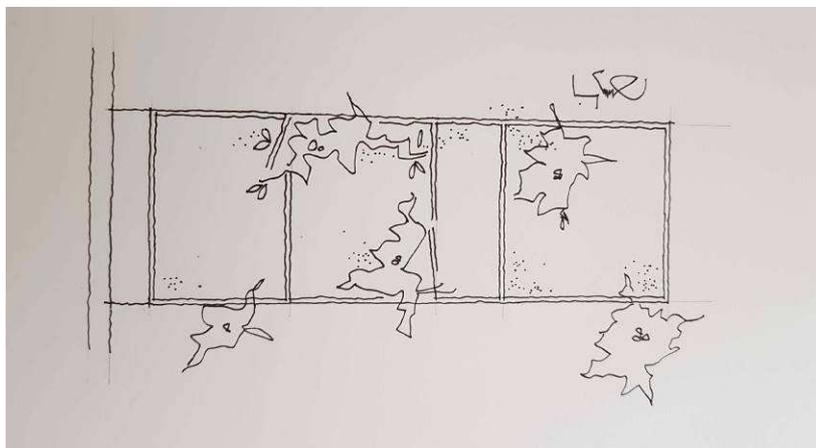


Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017).

Edificação em estilo protorracionalista, localizada à Av. Com. Calaça no bairro do Poço. Prédio construído para abrigar um dos cinemas de bairro de Maceió. Não conseguiu se reintegrar ao contexto e demandas contemporâneas da cidade e, por isso, está abandonado, à espera do dia de sua total demolição.

Ocupa todos os limites do lote.

Figura 125: Implantação no lote



Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Apresentava volumetria rígida e compacta, com aberturas retangulares em seu pavimento superior e portas de acesso no térreo.

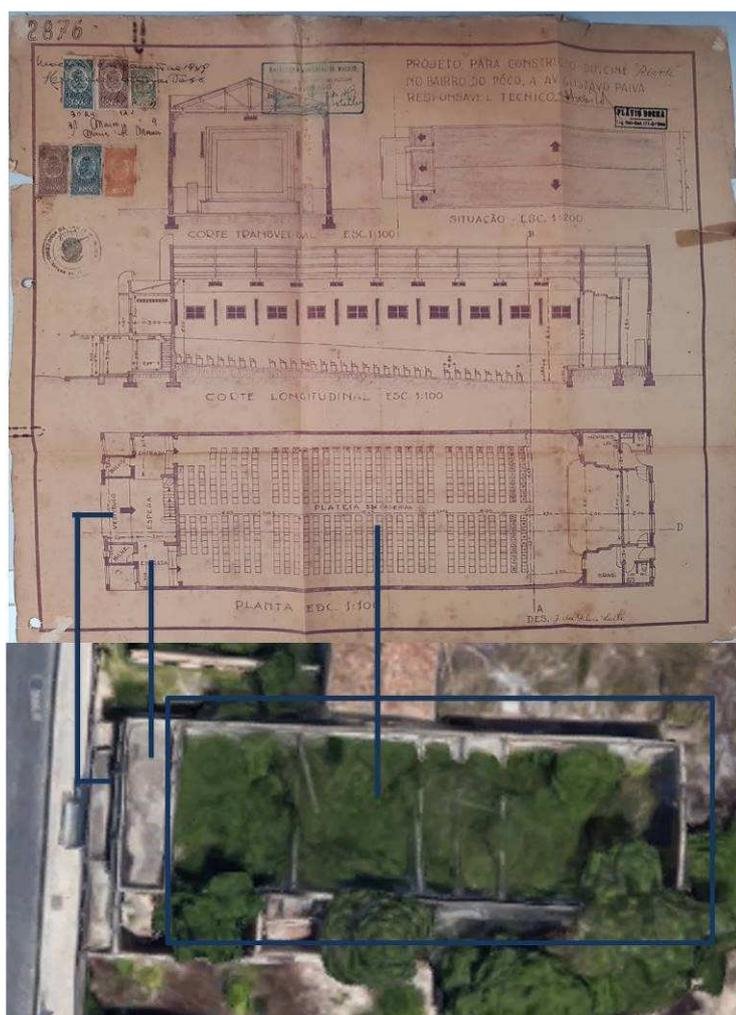
Da proposta original do prédio encontra-se apenas a fachada frontal que apresentava simetria axial e era fortemente marcada por marquise, no térreo, pestana em argamassa armada e elementos verticais arredondados em sua extremidade localizados no pavimento superior. Sua estrutura era formada por

alvenaria estrutural, possuindo paredes espessas, característica de construções tradicionais.

Não possui mais coberta, que se encontrava camuflada por platibanda sem ornamentos arrematada por friso singelo horizontal que percorre toda a sua extensão. Apresentava esquadrias, com estrutura metálica e vidro, com aberturas tipo basculante. Hoje, encontra-se em estágio avançado de decomposição. Um corpo agonizante em meio ao complexo urbano.

Uma curiosidade interessante a respeito desse edifício. Encontrou-se no acervo da SEDET, a planta de um cinema com o nome de RIVOLI, mas tem as mesmas conformações do CINE PLAZA, inclusive do mesmo proprietário e localizado na Av. Gustavo Paiva, que em seu prolongamento se torna Com. Calaça.

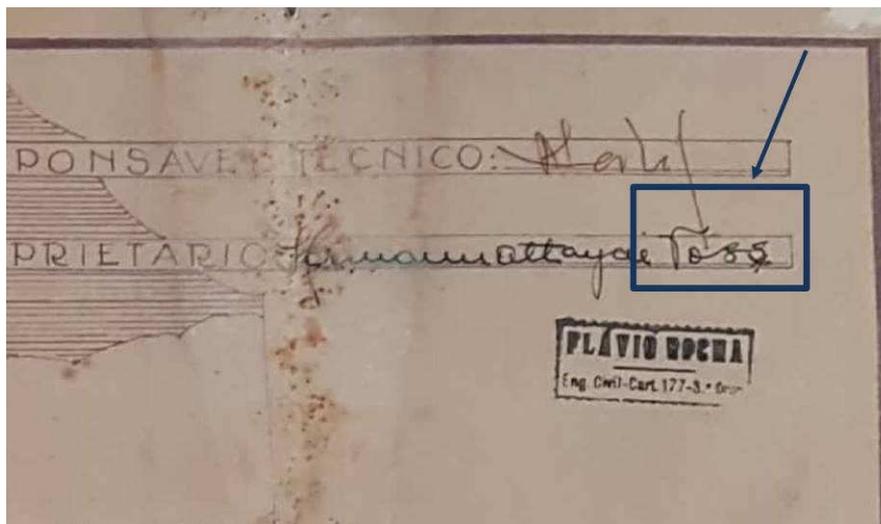
Figura 126: Planta do Cine Rivoli e abaixo vista superior do Cine Plaza



Fonte: Acervo técnico SEDET e Google Maps (2018). Adaptado pela autora.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

O que pensar diante de tantas evidências?

Figura 127: Detalhe da assinatura do proprietário do Cine Rivoli



Fonte: Acervo técnico SEDET. Adaptado pela autora.
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Figura 128: Acima desenho da fachada Cine Rivoli, abaixo fachada construída Cine Plaza



Fonte: Acervo técnico SEDET e acervo Juliana Aguiar (1994)

Observa-se que os elementos de composição de fachada são os mesmos, com marcações verticais arredondadas nas arestas, limpeza de ornamentos, simetria axial, com bilheteria nas laterais, enfim, são muitas as semelhanças. Isso

confirma a hipótese de realmente ser o projeto do Cine Plaza, após possível alteração de nome.

4.3.2.20 Antigo Cine Ideal (1959 fachada atual)

Figura 129: Cine Ideal em dois momentos: na década de 1980 e em 2017

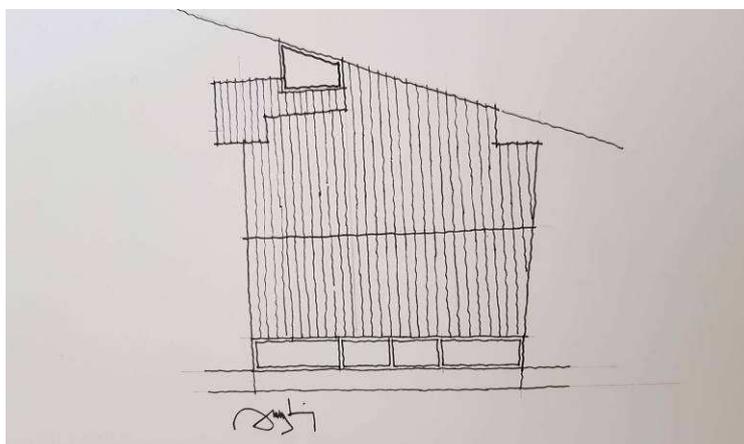


Fonte: Acervo Museu da Imagem e do Som de Alagoas s.d. e acervo Juliana Aguiar (2017)

Edificação em estilo protorracionalista construída para abrigar inicialmente o Cine Ideal, localizada à Rua Dezesesseis de Setembro, s/n no bairro da Levada. Atualmente, encontra-se subdividido em pequenos pontos comerciais que fracionam tanto o seu interior como a sua fachada frontal.

Ocupa todos os limites do lote denotando uma característica arcaica ou historicista; apresenta volumetria rígida e compacta com poucas aberturas em sua fachada frontal.

Figura 130: Implantação no lote

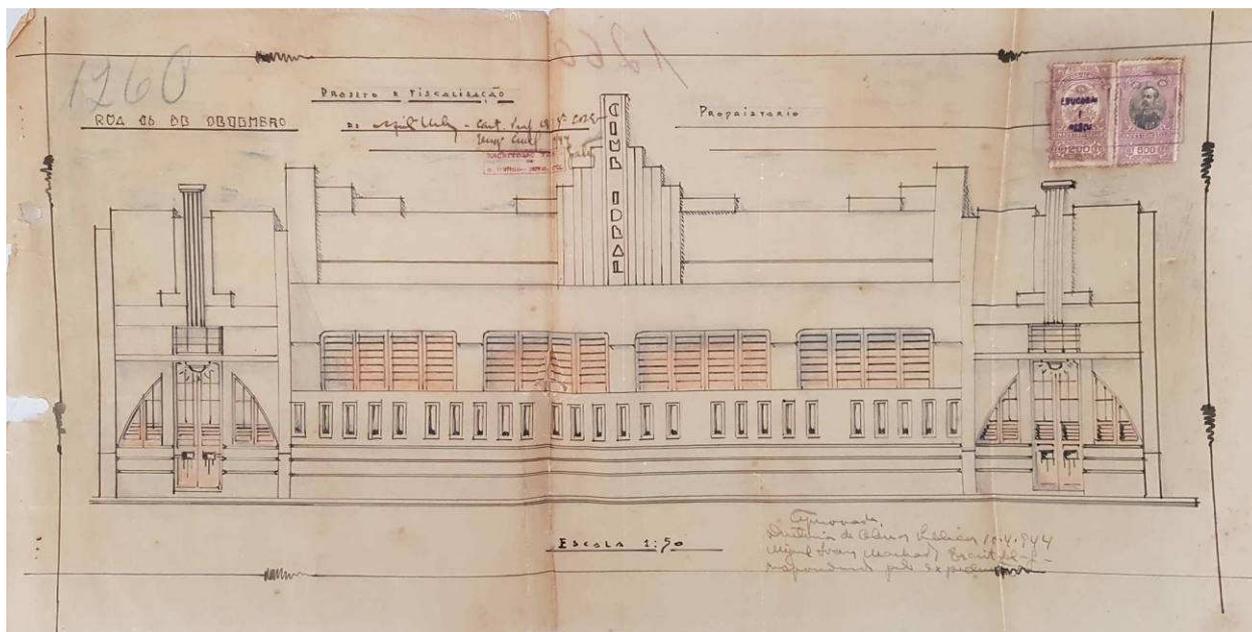


Fonte: Acervo João Luiz Maia (2018)
Foto: Juliana Aguiar (2018)

Sua fachada é simétrica, apresentando em sua platibanda, alguns elementos compositivos/decorativos nas laterais, em forma de arco, que se apresentam um pouco mais elevados que o nível final da platibanda. Os arcos estão seccionados em seu eixo central verticalmente por várias lâminas em argamassa armada. A parte central encontra-se recuada em relação ao nível geral da fachada. Nesse local, costumava-se fixar os letreiros indicativos dos filmes que estavam em cartaz no cinema. Possuía duas marquises em concreto armado, que se apresentavam em alturas diferentes e estavam locadas acima do local de fixação do cartaz principal e outra acima dos acessos, que atualmente não existem mais.

Sua cobertura é composta por telhas de fibrocimento camufladas por platibanda. Possuía apenas duas aberturas originais de acesso ao cinema, que foram substituídas por várias portas metálicas de rolo para acesso aos pontos comerciais que foram alocados na edificação. Dessa forma, suas esquadrias originais não existem mais.

Figura 131: Desenho da fachada do Ideal de 1946



Fonte: Acervo técnico SEDET
Foto: Juliana Aguiar (2017)

Possuía duas marquises em concreto armado, que se apresentavam em alturas diferentes e estavam locadas: acima do local de fixação do cartaz principal e outra acima dos acessos, que atualmente não existem mais.

Sua cobertura é composta por telhas de fibrocimento camuflada por platibanda.

Possuía apenas duas aberturas originais de acesso ao cinema, que foram substituídas por várias portas metálicas de rolo para acesso aos pontos comerciais que foram alocados na edificação. Dessa forma suas esquadrias originais não existem mais.

As 20 edificações expostas acima, estão situadas em vários bairros da cidade, como já mencionado, no presente estudo, o Protorracionalismo aconteceu de diferentes estados: físicos, sociais e econômicos. Não fazia distinção, da população mais abastada à mais humilde financeiramente, ele se fez presente na cidade de Maceió de uma maneira abrangente. Sendo assim, o conhecimento a respeito da importância do estilo em questão para o desenvolvimento urbano da cidade, deve corroborar com iniciativas que fomentem estudos, pesquisas e ações de preservação. Entende-se aqui necessário retomar um posicionamento de Amorim (2007, p.81): “Outros dirão que as cidades são feitas de vida eterna; são os elementos que permanecem na paisagem urbana que lhe conferem identidade”. O autor complementa (2007, p. 82),

O que precisamos é garantir que entre covoadas e covas rasas um pouco de arquitetura sobreviva, não apenas para revelar a história, mas porque tem valor de uso e pode se ajustar às demandas contemporâneas com um bom desempenho. Requalificar, ou seja, adequar a edificação às demandas atuais sem, contudo, descaracterizá-la, pode ser um caminho sustentável para garantir a preservação arquitetônica e diminuir a expansão da malha urbana, portanto reduzindo fluxos urbanos e mantendo áreas naturais necessárias ao equilíbrio ambiental.

Contudo, ainda não se despertou para o hiato temporal que, encontra-se subjogado entre a Arquitetura historicista e a Arquitetura Moderna, há muito a se desvendar, é só procurar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após um longo caminho percorrido desde a Europa até Maceió, guiado pela perspectiva protorracionalista, percebeu-se que, os elos e conexões que unem lugares e pessoas, são fortes a ponto de atravessar barreiras, como o tempo e a distância.

Inserido em um contexto histórico farto de transformações, o Protorracionalismo, surge como proposta de transição, em momentos temporais distintos. Na Europa, antecede o modernismo e no Brasil acontece simultaneamente à Arquitetura Moderna. Antecipando preceitos racionalistas, preconiza uma mudança de paradigmas, na arquitetura, alicerçada na redução dos ornamentos, na geometrização das formas e na standardização das técnicas construtivas – que favorece a padronização da linguagem sugerida pelo estilo - além de apostar em tecnologias inovadoras e materiais novos, que encontraram terreno fértil no contexto da construção civil, àquela época.

Em sua chegada ao Brasil, o estilo em questão, encontra um país prestes a iniciar um novo ciclo de sua história, norteado pela busca de suas referências identitárias. Adotado por uma iniciativa governamental, que previa ações nas áreas de saúde, educação e telecomunicações, o Protorracionalismo espalha-se pelo país, transportado pela via da construção civil, representado nos novos projetos de edifícios públicos, erguidos para demonstrar, através de suas linhas inusitadas para a época, o crescimento do país, que se voltava para um futuro de desenvolvimento, pretendendo deixar, definitivamente, as mazelas sociais e econômicas no passado.

Diante dessa perspectiva, as cidades brasileiras se renovam, empregando iniciativas que acolhiam a nova ordem que se instalava em seus panoramas urbanos. Dessa forma, e inseridas nesse contexto, as edificações protorracionalistas surgem nas ruas e bairros da malha urbana, adotadas pela população e profissionais da área da construção civil. Salienta-se nesse momento, que: não apenas a arquitetura se mostrava em transição, mas a sociedade como um todo, a exemplo disso, observou-se no comportamento da população de Maceió, do período em questão, características e iniciativas que comprovam a instabilidade estilística vivenciada pelos habitantes da cidade. Existia a necessidade de demonstrar, principalmente, externamente a aceitação da modernidade, mas, ao mesmo tempo

ainda guardava em seus interiores, resquícios de um tradicionalismo historicista, que se transforma no decorrer das décadas.

No decorrer da pesquisa, encontrou-se um exemplo da instabilidade mencionada anteriormente. Grande parte das habitações, construídas e reformas nesse período, demonstravam em suas fachadas, mutações trazidas pelo Protorracionalismo, aplicadas no uso de seus elementos compositivos e construtivos. Mas os interiores dessas mesmas casas ainda guardavam traçado tradicional, que se modifica lentamente, com a inserção de elementos modernos em sua composição. Dessa forma, considera-se que o afã de remodelação em edificações residenciais, de classes sociais diversas e até de classe média, tomando por base a feição e/ou apenas elementos do repertório protorracionalista, pode mesmo ser tratado como uma particularidade ocorrida em Maceió frente ao que se consagraria em outras cidades brasileiras.

No entanto, com o passar do tempo, a partir da difusão da estética modernista, essa a produção arquitetônica de transição foi sendo substituída pelos novos preceitos estéticos modernistas, já vigentes no país. Tal fato implicou a absorção de novas tecnologias, abandonando o que passou a ser considerado obsoleto. Assim, a produção gerada no período entre as décadas de 1930 a 1950, que auxiliou no desenvolvimento urbano das cidades brasileiras, permaneceu muito tempo esquecida por arquitetos, acadêmicos e pesquisadores que não reconheciam a importância dessas edificações como testemunhas de uma perspectiva histórica.

Somente a partir de 1980, começam a atrair o interesse de pesquisadores que vislumbram, a importância da preservação dessas edificações que apresentam características próprias de um momento da história da arquitetura. É a partir desse momento que surgem estudos e pesquisas com o objetivo de resgatar essa memória da história arquitetônica brasileira. É daí que em algumas cidades brasileiras, inclusive, Maceió, surgem iniciativas que objetivam contribuir com a identificação e consequente preservação desse patrimônio edificado. É nessa perspectiva que se insere o presente trabalho.

A partir dos dados, levantados e analisados no estudo, observou-se potenciais desdobramentos que podem tomar como base todo o universo exposto pela pesquisa em questão, tais como: observação, *in loco*, de todos os projetos levantados. Quais ainda existem? Em que estado se encontram? A pesquisa utilizou, por amostragem, apenas 23% dos dados colhidos, existe ainda um universo

de informações que ainda não foi tabulada e analisada; o estilo se estende para além da década de 1950? Existem exemplares após essa data? Como atuavam os profissionais responsáveis pela difusão do estilo em Maceió? Levantou-se quem eram essas pessoas, mas de que maneira produziam seus projetos?

Enfim, existem questões que podem ser aprofundadas em outras oportunidades, com outros olhares e perspectivas. O universo protorracionalista da cidade de Maceió, amplo e absorve muitas questões ainda não reveladas. Levantou-se apenas uma parcela inicial do montante total de possibilidades, necessita-se doravante, despertar interesse.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ALMEIDA, Luiz Sávio. A cidade e o Texto. Introdução aos estudos em homenagem a Pedro Nolasco Maciel. In ALMEIDA, Luiz Sávio (org.). **Traços e Troças: literatura e mudança social em Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011.
- AMARAL, Vanine Borges. **Expressões arquitetônicas de modernidade em Maceió: uma perspectiva de preservação**. (Dissertação de mestrado). Maceió, 2009.
- AMORIM, Luiz. **Obituário Arquitetônico: Pernambuco modernista**. Recife: UFPE, 2007.
- ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas S.A. 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada as Ciências Sociais**. Florianópolis: UFSC, 2012.
- BARTHEL, Stela Gláucia Alves. **Vestígios do Art Déco na Cidade do Recife (1919-1961): abordagem arqueológica de um estilo arquitetônico**. 2015. 342p. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva S.A., 2001.
- BLANCO Giovanni; CAMPOS NETO, Candido Malta. **Redescobrimo o Art Déco e o Racionalismo Clássico na Arquitetura Belenense**. Vitruvius, 03 de jan. 2003. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.032/719>. Acesso: 14/10/2015
- CABRAL, André. **História de Alagoas**. 2014. Disponível em: <<http://andrecabralhistoria.blogspot.com.br/2014/11/os-bondes-de-maceio-antigo.html>>. Acesso em 27 fev 2017
- CANEZ, Anna Paula. **Fernando Corona e os Caminhos da Arquitetura Moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre, UE/Porto Alegre/Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 1998.
- CANCIAN, Renato. **Modernização (1): Transformação política e econômica**. 28 de agosto de 2007. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/modernizacao-1-transformacao-politicaeconomica.htm?cmpid=copiaecola>><https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/modernizacao-1-transformacao-politicaeconomica.htm?cmpid=copiaecola>

ologia/modernizacao-1-transformacao-politica-e-economica.htm>. Acesso em: 10 fev 2018.

CARVALHO, Cícero Péricles. **Formação Histórica de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2015

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **Produção de texto na escola: homogeneização do não homogêneo**. Maceió, 1997, Dissertação de mestrado.

CAVALCANTE, Juliana Aguiar de Oliveira; SALDANHA, ROBERTA. **Proto-Racionalismo em Maceió: de 30 a 55**. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. 1994.

COHEN, Jean-Louis. **O Futuro da Arquitetura desde 1889**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CONDE, Luiz Paulo Fernandez; ALMADA, Mauro. Introdução. In: CZAJKOWSKI, Jorge (coord.) **Guia de Arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/SMU, 1997. p. 5-18.

COSTA, Craveiro. **Maceió**. Maceió: SERGASA, 1981.

COURTINE, J.J. “O tecido da memória: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem” **Polifonia** nº 12, Cuiabá. Editora da UFMAT. 2010.

DE FUSCO, Renato. **História da Arquitetura Contemporânea**. Bucarelli: Diseño Editorial, 2015.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. Evolução Urbana e Social de Maceió no Período Republicano. In: COSTA, Craveiro. **Maceió**. Maceió: SERGASA, 1981

FABRIS, Annateresa. O ecletismo à luz do modernismo. In: _____. (Org.). **O Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: EDUSP; Nobel, 1987. p.280-296.

FERRARE, Josemary O. **Permanências Modernistas na Praça Sinimbú – Maceió: em análise e proposta de preservação**. In: 2º SEMINÁRIO DOCOMOMO N-NE, 2008, Salvador, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

FERREIRA, Antônio Elias Firmino; CAVALCANTI, Isadora Padilha de Holanda; SILVA, Thayse Rocha. **Lugar Ideal**. In: URBICENTROS: MORTE E VIDA DOS CENTRO URBANOS, 2010, João Pessoa.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FUÃO, Fernando Freitas. **O que é o protomodernismo, proracionalismo e o art déco?** 12 de outubro de 2012. Disponível em:

<<http://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/10/o-que-e-o-protomodernismo.html>>.
Acesso: 14/10/2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTADÍSTICA - IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. XIX vol. Rio de Janeiro. 1959.

IVO JUNIOR, Floriano. Maceió no tempo do bonde II. In: TICIANELI, Edberto. **Histórias de Alagoas**. Maceió, 23 mai. 2017. Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/maceio-no-tempo-do-bonde-i.html>>. Acesso: 07 jun 2017

HESSEN, Johannes. **TEORIA DO CONHECIMENTO**. Tradução João Vergílio Gallerani Cuter. Martins Fontes, São Paulo. 2000.

MAGALHÃES, Belmira. Et al. **Análise do Discurso: reflexões & práticas**. Maceió. EDUFAL. 2016.

MENDES, Carlos Pimentel. **Novo Milênio: O bonde – bondes no Brasil – Maceió/AL**. 2002. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden11.htm>>. Acesso: 27 fev 2017.

NASLAVSKY, Guilah. **O Estudo do Protorracionalismo no Recife**. 1992. [S.p.]. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco.

NOBRE, Vinicius Maia. **Paixão Incalculável: memórias de um engenheiro**. Maceió: EDUFAL, 2015.

PATETA, Luciano. Considerações sobre o Ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa. (Org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987.

PEREZ, Vanessa Baggio Franco. **Subsídios para o Estudo da História da Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil: os conflitos de uma trajetória**. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PORTUGAL, Cadja Araújo. Discussão sobre empirismo e racionalismo no problema da origem do conhecimento. In: **Diálogos & Ciência** – Revista Eletrônica da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana. Ano I, n. 1, dez. 2002.

PRADO Jr., Caio. **O que é filosofia?** São Paulo: Brasiliense, 1981

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno dos Monumentos: a sua essência e a sua origem**. São Paulo: Perspectiva S.A., 2014.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo, Perspectiva, 2004.

REIS, Márcio Vinicius. **O Art Déco na Obra Getuliana: Moderno antes do modernismo.** 2014. 278p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990.** São Paulo: EDUSP, 2002.

SEGAWA, Hugo. Rumo à Industrialização: arquitetura da primeira metade do século XX. In: BICCA, Briane Elisabeth; BICCA, Paulo Renato Silveira. (Org). **Arquitetura na Formação do Brasil.** Brasília: UNESCO, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico, 2008. p. 311-342

SILVA, Kalina Vaderley; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Maria Angélica da. **Arquitetura Moderna: a atitude alagoana.** Maceió: SERGASA, 1991.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **A Tragédia do Populismo: o impeachment de Muniz Falcão.** Maceió: EDUFAL, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZEVI, Bruno. **Architettura e storiografia** Tamburini, Milan. Politecnica, 1950.

Apêndice A – Lista dos projetos protorracionalistas – por ano e bairro

Tabela 1 – Lista dos projetos “protorracionalistas” – por ano e bairro					
Ano	Bairro	Número de Identificação	Tipo	Uso	Autor
1934	Farol	931	Construção	Habitacional	Não identificado
		851			
1935	Centro	68	Reforma		A. Freitas
		751	Fachada	Habitacional	Flávio Rocha
	Desconhecido	692	Construção		
		81	Fachada	Luiz Leite Oiticica	
		92		Comercial e Habitacional	Romualdo Cavalcante Lins
1936	Farol	90		Habitacional	Luiz Leite Oiticica
		958	Construção	Comercial	Flávio Rocha
	Bom Parto	601			
		31			Não identificado
		865			Rocha Agra
		868			Não identificado
		Sem Código			Flávio Rocha
	Levada	305			Rocha Agra
		880	Fachada	Habitacional	Não identificado
	Ponta Grossa	311			Flávio Rocha
	Prado	344			Manoel N. Vasconcelos
115				Habitacional	Flávio Rocha
Centro	123	Construção		Institucional	
	971			Habitacional	Joaquim A. Pinheiro
	85				Conceição Silva

	Bom Parto	44			Não identificado	
1937	Levada	321	Construção	Habitacional	Conceição Silva	
		303		Comercial	Flávio Rocha	
		503				
	Ponta Grossa	340		Fachada	Habitacional	Joaquim A. Pinheiro
		337				
		333	Construção	Comercial e Habitacional	Não identificado	
		317			Joaquim A. Pinheiro	
	Prado	339			Não identificado	
		329	Fachada		Flávio Rocha	
		309				
	Pajuçara	477		Habitacional	Talvanes Augusto de Barros	
		134			Joaquim A. Pinheiro	
	Jaraguá	248	Construção		Conceição Silva	
	Desconhecido	474	Reforma	Comercial	Não identificado	
1938	Levada	312	Fachada		Joaquim A. Pinheiro	
		808	Fachada			
	Prado	336			A. da Rocha Lyra	
	Jaraguá	682	Construção	Habitacional	Flávio Rocha	
	Bebedouro	377	Construção		Joaquim A. Pinheiro	

1939	Centro	524	Construção	Habitacional	Não identificado
	Poço	58		Comercial e Habitacional	Talvanes Augusto de Barros
		828			Luiz Leite Oiticica
1939	Prado	945	Fachada	Habitacional	Holanda C. Filho
	Pajuçara	811	Reforma	Habitacional	Talvanes Augusto de Barros
	Jaraguá	833	Construção	Comercial	Luiz Leite Oiticica
1940	Farol	846	Fachada		Luiz Leite Oiticica
	Centro	822			Não identificado
		353	Construção		Flávio Rocha
		520	Fachada		
	Levada	667		Habitacional	Luiz Leite Oiticica
		541	Construção		Joaquim A. Pinheiro
	Jaraguá	961			A. Freitas
1941	Centro	526	Reforma	Habitacional	Não identificado
		359	Fachada		Flávio Rocha
		1062	Construção	Comercial	Talvanes Augusto de Barros
		761		Habitacional	Flávio Rocha
	Ponta Grossa	773	Construção	Comercial	Manoel Mourão
	Prado	346	Fachada	Habitacional	Flávio Rocha
Pajuçara	805	Construção	Habitacional	Talvanes Augusto de Barros	
1942	Farol	788	Reforma	Comercial	Talvanes Augusto de Barros
	Centro	403	Construção		Flávio Rocha

1943	Levada	385		Habitacional	Talvanes Augusto de Barros		
		947	Reforma	Comercial			
	Farol	1180	Reforma	Habitacional	Amaro Félix do Nascimento		
		1182			Talvanes Augusto de Barros		
		1148	Fachada		Joaquim A. Pinheiro		
	Centro	1218	Construção	Comercial	Luiz Leite Oiticica		
		1160-1170		Institucional	Joaquim A. Pinheiro		
		1137	Fachada	Habitacional			
		1112		Comercial	Randulpho Cunha		
	1076	Construção					
	Prado	1195	Fachada	Habitacional	Amaro Félix do Nascimento		
	Pajuçara	1104	Construção	Habitacional	Talvanes Augusto de Barros		
	Jaraguá	1194	Fachada	Industrial	Talvanes Augusto de Barros		
	1944	Farol	1285			Joaquim A. Pinheiro	
		Poço	1379	Fachada	Habitacional	Flávio Rocha	
		Levada	1351			Luiz Leite Oiticica	
		Ponta Grossa	1219	Construção	Habitacional	Comercial	Amaro Félix do Nascimento
			1244			Joaquim A. Pinheiro	
			1275	Fachada		Luiz Nogueira	
1284							
1388							
1398-1399		Construção					
Prado		1224	Fachada		Flávio Rocha		
		1229			Amaro Félix do Nascimento		
		1326	Construção	Comercial	Não identificado		
1222				Amaro Félix do Nascimento			
Jaraguá	1353	Fachada	Habitacional	Luiz Nogueira			

	Pajuçara	1337-1338			
	Bebedouro	1377-1378	Construção		Flávio Rocha
1945	Farol	1430	Fachada	Habitacional	J. Conrado
		1469	Construção		Joaquim A. Pinheiro
		1612			
		1654			
	Centro	1452	Fachada	Comercial	J. Conrado
		1540			
	Poço	1480	Construção	Habitacional	Joaquim A. Pinheiro
		1516			Luiz Nogueira
		1532			J. Conrado
		1684	Fachada		
	Bom Parto	1565-1566- 1569	Construção	Industrial	Flávio Rocha
		1631		Comercial	Talvanes Augusto de Barros
	Levada	1420	Fachada		J. Conrado
		1500		Joaquim A. Pinheiro	
		1581		Reforma	J. Conrado
	Ponta Grossa	1453	Fachada	Habitacional	Luiz Nogueira
		1518			A. Freitas
		1706			Flávio Rocha
		1602			
		1640			Construção
Prado	1446-1447				
	1523			Luiz Leite Oiticica	
Pajuçara	1547	Fachada		Não identificado	
	1409	Reforma			
	1542	Fachada		J. Conrado	
	1606	Construção	Comercial e Habitacional		
	1650	Fachada	Institucional	Não identificado	
Bebedouro	1701		Comercial	J. Conrado	
	1528	Construção	Comercial e Habitacional	Não identificado	
1946	Farol	1814	Construção	Habitacional	Talvanes Augusto de Barros

	Centro	1991			Joaquim A. Pinheiro
		1829			
		1749	Fachada		Manoel Mourão
	Poço	1974			Flávio Rocha
		1938	Construção		
		1891	Reforma		Joaquim A. Pinheiro
1946	Levada	2007	Construção	Habitacional	Não identificado
		2036	Fachada		Talvanes Augusto de Barros
		1913			Joaquim A. Pinheiro
		1710	Construção	Comercial	Flávio Rocha
		1738			
	Ponta Grossa	2005	Fachada	Habitacional	Joaquim A. Pinheiro
		1842			J. Conrado
	Bebedouro	1979-1980-1882	Construção	Comercial	Flávio Rocha
		1846	Fachada	Habitacional	Manoel Mourão
	Vergel do Lago	2065	Construção		A. Freitas
		1857	Fachada	Comercial	Flávio Rocha
	1947	Farol	2102	Fachada	Comercial e Habitacional
2364			Construção	Luiz Leite Oiticica	
Centro		2203	Construção	Comercial e Serviço	Flávio Rocha
		2242		Habitacional	A. Freitas
		2260			Manoel Mourão
		2437	Fachada	Comercial e Habitacional	Joaquim A. Pinheiro
		2427	Construção		J. Conrado
		2354	Fachada		Luiz Leite Oiticica
Poço		2146	Fachada		Manoel Mourão
Levada		2187		Habitacional	Joaquim A. Pinheiro
		2235	Construção		Manoel Mourão
		2411			Luiz Leite Oiticica
		2394	Fachada		
		2320			
Ponta Grossa		2107	Construção		Joaquim A. Pinheiro
		2110	Reforma	Comercial	Luiz Leite Oiticica
		2154	Construção		J. Conrado
		2190	Fachada		Joaquim A. Pinheiro
		2244	Construção	Habitacional	A. Freitas
		2273			Flávio Rocha
	2297	Fachada			
2412					

1947	Prado	2122	Fachada	Comercial e Habitacional	Joaquim A. Pinheiro		
		2143					
		2130	Construção				
		2254					
		2423	Fachada			Habitacional	Flávio Oiticica
		2378	Construção			Comercial e Habitacional	Luiz Leite Oiticica
		1948	Pajuçara			2159	Fachada
Jaraguá	2231			Reforma	Comercial e Habitacional	Joaquim A. Pinheiro	
	2247		Construção		Não identificado		
Bebedouro	2198		Fachada	Habitacional	José Francisco		
						Mangabeiras	2435
Farol	2721		Construção	Habitacional	A. Freitas		
	2595				Fachada	Habitacional	Flávio Rocha
2517	Manoel Mourão						
2455		Reforma	Comercial	Joaquim A. Pinheiro			
Centro	2680			Fachada	Habitacional	A. Freitas	
	2703	Construção	Comercial e Habitacional	Joaquim A. Pinheiro			
	2711			A. Freitas			
	2720	Fachada	Habitacional	Flávio Rocha			
	2534	Reforma	Comercial	Clóvis Maia Gomes			
	2598	Construção		Flávio Rocha			
	2630	Reforma	Habitacional	Não identificado			
2615	2635	Construção	Comercial e Habitacional	Clóvis Maia Gomes			
2515							
Levada	2656	Fachada	Habitacional	Manoel Mourão			
				2684	Comercial	Luiz Leite Oiticica	
	2740	Construção	Habitacional	Joaquim A. Pinheiro			
	2555			Flávio Rocha			
	2613	Fachada	Habitacional	Joffre Saint'Yves Simon			
	2619			Manoel Mourão			
	2443	Construção	Comercial	Luiz Leite Oiticica			
	2440						
Ponta Grossa	2667	Fachada	Habitacional	A. Freitas			
				2689	Construção	Não identificado	

	Prado	2463	Fachada		Luiz Leite Oiticica	
		2670			Talvanes Augusto de Barros	
		2690	Construção		J. Conrado	
1948	Pajuçara	2708	Construção	Habitacional	Luiz Leite Oiticica	
		2736			Clóvis Maia Gomes	
		2572			Flávio Rocha	
	2665	Flávio Rocha				
	Bebedouro					
1949	Farol	2887	Reforma	Comercial	Flávio Rocha	
		3010	Construção	Habitacional	Joaquim A. Pinheiro	
		3021	Fachada		Manoel Mourão	
		3030			Joaquim A. Pinheiro	
		3076	Reforma	Comercial	Não identificado	
	Centro	2961	Construção		Jarbas da Silva	
		2805			Flávio Rocha	
		2895			Talvanes Augusto de Barros	
		2897			Manoel Mourão	
	2913	Fachada	Flávio Rocha			
	Poço	2782	Construção		J. Conrado	
	Bom Parto	2803			Habitacional	Clóvis Maia Gomes
		2867	Luiz Leite Oiticica			
		2875	Não identificado			
	Levada	2807	Fachada		Flávio Rocha	
		3087	Construção		Clóvis Maia Gomes	
		2918			Joaquim A. Pinheiro	
	Ponta Grossa	2930	Fachada		Clóvis Maia Gomes	
		2767			Joaquim A. Pinheiro	
		2773			J. Conrado	
		2854				
	2909	Construção	Comercial e Habitacional	Clóvis Maia Gomes		
	2924			Luiz Leite Oiticica		
	Prado	2940	Fachada	Habitacional	A. Freitas	
		2850			Flávio Rocha	
		2862			Reforma	Não identificado
		3069				
	Pajuçara	3061	Construção	Comercial e Habitacional	Manoel Mourão	
Bebedouro	3032	Fachada	Habitacional	Flávio Rocha		
	2844		Comercial e Habitacional	Joaquim A. Pinheiro		
	3043	Construção				

	Ponta da Terra	3031	Fachada	Habitacional	Joaquim A. Pinheiro	
1949	Desconhecido	2880	Fachada	Habitacional	Flávio Rocha	
		3018	Construção	Serviço	Não identificado	
		5009	Construção	Habitacional	Joaquim A. Pinheiro	
5032	Fachada					
1950	Farol	6040	Construção	Institucional	Talvanes Augusto de Barros	
		6076	Reforma			
		5050	Fachada	Habitacional		Flávio Rocha
		5058				J. Conrado
	5075	Flávio Rocha				
	Centro	5094	Construção	Comercial	Joaquim A. Pinheiro	
		5095			Wal Brêda	
		6052	Fachada	Habitacional	Joffre Saint'Yves Simon	
		6073			Benedito Farias Cardoso	
		7043	Construção		Flávio Rocha	
	Poço	4006	Reforma	Comercial	J. Conrado	
		4074	Fachada		Clóvis Maia Gomes	
		5151	Construção	Comercial e Habitacional	Joaquim A. Pinheiro	
	Levada	4082		Comercial e Habitacional	Luiz Leite Oiticica	
		5039			Joffre Saint'Yves Simon	
		5054	Fachada			
		5070				
		6044				
		6074	Reforma		Joaquim A. Pinheiro	
	Ponta Grossa	6087	Fachada			
4029		Reforma		Clóvis Maia Gomes		
Prado	4055			Joaquim A. Pinheiro		
	4046		Habitacional	Luiz Leite Oiticica		
5096				Manoel Mourão		
Pajuçara	7025	Fachada		J. Conrado		
Jaraguá	5017			Clóvis Maia Gomes		
Bebedouro	5016		Comercial e Habitacional	Luiz Leite Oiticica		
	6067	Construção	Comercial	Manoel Mourão		
1951	Farol	7064	Fachada	Habitacional	Não identificado	
		8025			Talvanes Augusto de Barros	

1951		10003	Construção		Joaquim A. Pinheiro
		9005	Fachada	Comercial	Clóvis Maia Gomes
		8006	Construção	Habitacional	Luiz Leite Oiticica
		7090	Fachada	Comercial	Joaquim A. Pinheiro
		8066	Construção		Talvanes Augusto de Barros
		10013			
		9037	Reforma	Habitacional	Joaquim A. Pinheiro
		10078			
		10026	Construção	Comercial	Manoel Mourão
		10994			Joaquim A. Pinheiro
		7063		Habitacional	J. Conrado
		7081	Fachada		Joaquim A. Pinheiro
		8047			
		9042	Construção	Comercial e Habitacional	A. Freitas
		9015	Fachada		Clóvis Maia Gomes
		10029	Reforma		
		10036			
		7083			
		8031	Fachada	Habitacional	Joaquim A. Pinheiro
		9038			
		10033			
		10048	Construção		
		20004	Fachada		Manoel Mourão
		7052			
		7098	Construção	Comercial e Habitacional	Joaquim A. Pinheiro
		9006	Reforma		
		9002	Construção		Manoel Mourão
	8099	Fachada	Habitacional	Joaquim A. Pinheiro	
	8089				
	8016	Construção			
	9081	Fachada			
	9086	Construção	Comercial	Flávio Rocha	
	9093		Habitacional		
	7078	Fachada	Comercial e Habitacional		
	10020			Joaquim A. Pinheiro	
	8077		Comercial		
	9061	Construção	Comercial e Habitacional		
	8042			Flávio Rocha	
	10053	Fachada		Manoel Mourão	
	9032	Construção		Odilon de Souza Leão Filho	
	9057	Reforma		Clóvis Maia Gomes	
	9036			Antônio Araújo Silva	
	9092		Habitacional		
		Fachada		Joaquim A. Pinheiro	
	9095				

	Vergel do Lago	10016	Construção	Comercial	Manoel Mourão
1951	Tabuleiro do Martins	10004	Construção	Habitacional	Joaquim A. Pinheiro
	Trapiche da Barra	7097	Construção	Comercial e Habitacional	
1952	Farol	237			Clóvis Maia Gomes
		169	Reforma	Habitacional	Odilon de Souza Leão Filho
		347			
	Centro	319	Construção	Comercial e Habitacional	Joaquim A. Pinheiro
		291	Fachada		
		285	Construção	Habitacional	
		258	Reforma		Clóvis Maia Gomes
		370		Comercial	
		354	Construção		
		135	Fachada	Habitacional	Everaldo de Oliveira
		46	Reforma		Joaquim A. Pinheiro
		15	Fachada	Comercial	Flávio Rocha
	Poço	371	Reforma	Habitacional	Não identificado
		125			Flávio Rocha
	Bom Parto	259	Construção	Habitacional	Joaquim A. Pinheiro
		320	Fachada	Comercial	
	Levada	231	Construção		
		223			Manoel Mourão
		220	Reforma		
		102		Habitacional	Talvanes Augusto de Barros A. Freitas
128		Fachada		Manoel Mourão	
148				A. Freitas	
106		Construção		Manoel Mourão	
48		Fachada	Comercial	Clóvis Maia Gomes	
Ponta Grossa	141	Construção	Habitacional	Manoel Mourão	
	147	Fachada		Joaquim A. Pinheiro	
	160		Comercial	A. Freitas	
	161		Habitacional	Joaquim A. Pinheiro	
	162	Construção		Clóvis Maia Gomes	
Prado	17		Comercial	Joaquim A. Pinheiro	
	264		Habitacional		
	334		Comercial	Flávio Rocha	
	94	Fachada	Habitacional	Odilon de Souza Leão Filho	
				Joaquim A. Pinheiro	

1952	Pajuçara	192	Reforma	Habitacional	Manoel Mourão		
		365	Fachada	Comercial			
		340		Habitacional		Joaquim A. Pinheiro	
	123	Jaraguá	Construção	Comercial	Clóvis Maia Gomes		
	287				Manoel Mourão		
	200				Joaquim A. Pinheiro		
	348				Benedito Farias de Cardoso		
	121				Bebedouro	Habitacional	Flávio Rocha
	159						
	145	Ponta da Terra	Fachada	Comercial e Habitacional	Antônio Araújo da Silva		
277							
196	Desconhecido		Habitacional	Não identificado			
1953	Farol	255	Fachada	Habitacional	Clóvis Maia Gomes		
		334		Comercial	Não identificado		
		84	Reforma	Habitacional	Everaldo de Oliveira		
		11	Fachada		Não identificado		
	253	Centro	Reforma	Comercial	Everaldo de Oliveira		
	290				Habitacional	Não identificado	
	88			Fachada	Comercial	Luiz Leite Oiticica	
	37						Construção
	33	Poço	Reforma	Institucional	Clóvis Maia Gomes		
	Sem número		Construção	Habitacional	Galdino Ramos Vasconcelos		
	246		Fachada	Habitacional	Não identificado		
	119	Levada	Construção	Comercial e Habitacional	Clóvis Maia Gomes		
	260				Everaldo de Oliveira		
	263				Reforma	Habitacional	Manoel Mourão
	276						
	286				Fachada	Comercial e Habitacional	Não identificado
	341						
	109	Manoel Mourão					
	102	Everaldo de Oliveira					
	101	Ponta Grossa	Fachada		Odilon de Souza Leão Filho		
	355	Prado	Construção	Habitacional	Clóvis Maia Gomes		
	353				Fachada	Manoel Mourão	
	307	Pajuçara	Reforma		Não identificado		
83							

		78			Clóvis Maia Gomes
		61	Fachada	Comercial	Benigno Wallei
1953	Bebedouro	216	Fachada		Galdino Ramos Vasconcelos
		264	Reforma		Clóvis Maia Gomes
	313			Manoel Mourão	
	206	Habitacional		Não identificado	
	Jatiúca	346			Everaldo de Oliveira
	Pitanguiinha		Fachada		
		67			Não identificado
1954	Farol	55	Reforma	Comercial e Habitacional	Não identificado
		387	Fachada	Habitacional	Clóvis Maia Gomes
		395			Não identificado
		256	Construção		Augusto Alves dos Santos
		336			Clóvis Maia Gomes
	Centro	6	Construção	Comercial	Talvanes Augusto de Barros
		64	Reforma		Wal Brêda
		367	Fachada		Talvanes Augusto de Barros
		389	Construção	Habitacional	Não identificado
		189	Fachada		
		208	Construção	Comercial	Augusto Alves dos Santos
		Sem número	Fachada		Anselmo Botelho
		230			Não identificado
		234			Construção
	Poço	106	Fachada	Habitacional	Não identificado
		418	Construção		Anselmo Botelho
		420	Fachada		Odilon de Souza Leão Filho
		301	Construção		
	Bom Parto	101	Fachada		Clóvis Maia Gomes
		393	Construção	Comercial	
	Levada	17		Comercial e Habitacional	Não identificado
		82		Habitacional	Clóvis Maia Gomes
		124	Fachada		A. Freitas
126		Wanderley Alves			
167		Manoel Mourão			
371		Reforma	Comercial e Habitacional		Não identificado
239			Clóvis Maia Gomes		

		305		Comercial	Odilon de Souza Leão Filho
		336	Construção	Habitacional	Manoel Mourão
1954	Ponta Grossa	34	Fachada	Habitacional	Não identificado
		419			Manoel Mourão
		191	Construção		Manoel Mourão
		232	Fachada	Comercial e Habitacional	Não identificado
		257		Habitacional	
		294	Construção		Clóvis Maia Gomes
		309	Fachada	Comercial	
	Prado	38	Construção	Comercial e Habitacional	Manoel Mourão
		118			
		186	Reforma	Habitacional	Anselmo Botelho
		269	Construção		Clóvis Maia Gomes
		312	Fachada		
	Pajuçara	163	Construção	Comercial e Habitacional	Demócrito Sacramento Barros
		421		Habitacional	Clóvis Maia Gomes
		207	Fachada		Não identificado
	Jaraguá	136	Construção	Comercial	Talvanes Augusto de Barros
	Ponta da Terra	71	Fachada	Comercial e Habitacional	Não identificado
		95			Clóvis Maia Gomes
		269			
Desconhecido	364	Reforma	Habitacional	Não identificado	
1955	Farol	10	Construção		Não identificado
		99		Habitacional	
		100	Fachada		Anselmo Botelho
		125		Comercial	Luiz Leite Oiticica
		178		Habitacional	Manoel Mourão
	Centro	11	Construção	Habitacional	Não identificado
		63	Reforma		
		73		Comercial	Augusto Alves dos Santos
		155	Construção	Comercial e Serviço	Não identificado
		374		Comercial	Augusto Alves dos Santos
		399	Reforma		Anselmo Botelho
		150	Construção	Habitacional	Demócrito Sacramento Barros
		204		Institucional	Manoel Mourão
		191		Habitacional	Clóvis Maia Nobre
		177	Reforma	Comercial	Everaldo de Oliveira Castro
	Poço	49	Fachada		Carlos A. P. Figueiredo
		52		Habitacional	Anselmo Botelho
		153	Construção		Manoel Mourão

1955		295		Comercial	Odilon de Souza Leão Filho		
		349	Fachada	Habitacional	Everaldo de Oliveira		
		429			Antônio Araújo Silva		
	Poço	163	Construção	Habitacional	Manoel Mourão		
		184	Fachada		Manfredo Perdigão		
	Levada	64	Construção	Comercial	Augusto Alves dos Santos		
		133	Fachada		Manoel Mourão		
	Ponta Grossa		42	Construção		Clóvis Maia Gomes	
			62	Fachada	Habitacional	Não identificado	
			89	Construção			
			96		Comercial		
			119	Fachada	Habitacional	Luiz Leite Oiticica	
			432		Comercial e Habitacional	Augusto Alves dos Santos	
			447	Construção		Luiz Leite Oiticica	
			465		Habitacional	Não identificado	
			477			Everaldo de Oliveira Castro	
			187	Fachada	Comercial	Antônio de Araújo Silva	
		Prado		24			Clóvis Maia Gomes
				77			Não identificado
				136		Habitacional	Edgar Santos Torres
			143	Construção		Antônio Araújo Silva	
			360	Fachada		A. Freitas	
			402	Reforma	Industrial	Talvanes Augusto de Barros	
	Pajuçara			67	Fachada	Comercial	J. Conrado
			411	Construção		Anselmo Botelho	
			438	Fachada	Comercial e Habitacional	Não identificado	
	Jaraguá		127	Construção		Manoel Mourão	
			128	Reforma	Habitacional	Não identificado	
			262				
			367	Construção	Comercial	Augusto Alves dos Santos	
			224		Serviço	Clóvis Maia Gomes	
	Bebedouro		80	Fachada	Comercial e Habitacional	Edgar Santos Torres	
			428		Habitacional	Não identificado	
			171	Reforma	Institucional	Manoel Mourão	
	Ponta da Terra		156	Fachada	Comercial	Não identificado	
	Trapiche da Barra		132	Fachada	Comercial	Manoel Mourão	
	1956	Farol	282	Fachada	Habitacional	Fernando Cardoso Gama	
		Centro	84			Clóvis Maia Gomes	
			50	Construção		Luiz Leite Oiticica	

1956		418	Reforma	Comercial	Edson Lobão Barreto		
		221	Construção				
		172	Reforma	Habitacional	Não identificado		
		353	Construção	Habitacional	Anselmo Botelho		
		318			Sem identificação		
		468	Fachada	Comercial	Augusto Alves dos Santos		
		469			Everaldo de Oliveira Castro		
		269	Construção	Habitacional	Luiz Leite Oiticica		
		150	Fachada	Institucional	Carlos A. P. de Figueiredo		
		202			Edson Lobão Barreto		
		Bom Parto	287	Construção	Comercial e Habitacional	Everaldo de Oliveira Castro	
		Levada	302	Fachada	Habitacional	Não identificado	
			228			Demócrito Sacramento Barros	
		308					
		Ponta Grossa	102	Fachada	Habitacional	Vinícius Maia Nobre	
			87			Augusto Alves dos Santos	
			315			Demócrito Sacramento Barros	
		Prado	140	Construção	Habitacional	Anselmo Botelho	
			139			Luiz Leite Oiticica	
			232				
			106			Reforma	M. M. Ramalho de Azevedo
			382	Fachada		Demócrito Sacramento Barros	
			373			Augusto Alves dos Santos	
			290			Fernando Cardoso Gama	
			256				
		Pajuçara	133	Fachada	Habitacional	Augusto Alves dos Santos	
			96	Construção	Comercial	Não identificado	
			91		Habitacional	Luiz Leite Oiticica	
			58	Fachada	Comercial	Demócrito Sacramento Barros	
	Jaraguá	368	Reforma	Habitacional	Luiz Leite Oiticica		
		254			Construção	Comercial	Dinésio Lages
		243			Fachada	Habitacional	Luiz Leite Oiticica
		242					
	185						
	Tabuleiro do Martins	124	Construção		Não identificado		
		449	Reforma		Everaldo de Oliveira Castro		
	Cruz das Almas	235	Fachada	Habitacional	Luiz Leite Oiticica		
	Jacintinho	231	Construção		Carlos Alberto de Andrade Lyra		

1957	Cambona	205			Augusto Alves dos Santos
	Farol	214	Fachada		Augusto Alves dos Santos
		285	Reforma		
		443	Construção	Habitacional	Talvanes Augusto de Barros
		28	Fachada		Everaldo de Oliveira Castro
		492			Talvanes Augusto de Barros
	Centro	291	Construção	Comercial	Não identificado
		571	Fachada	Habitacional	Luis Alberto Cansanção
	Poço	248	Reforma		Edson Lobão Barreto
		244	Fachada	Comercial	Augusto Alves dos Santos
		127	Reforma		Não identificado
		389	Fachada	Habitacional	M. J. A. Silva & Cia LTDA
		17	Reforma		
		14	Construção	Comercial	
	Bom Parto	257	Fachada	Habitacional	Augusto Alves dos Santos
	Levada	240			
		275	Construção		
		109	Reforma	Comercial	Não identificado
		506			
		286	Fachada		Augusto Alves dos Santos
Ponta Grossa	250			Augusto Alves dos Santos	
	235	Construção		Flávio Rocha	
	227				
	146	Fachada		Augusto Alves dos Santos	
	145				
	338	Construção	Habitacional	Não identificado	
	353	Fachada		Augusto Alves dos Santos	
	96	Reforma		Flávio Rocha	
	25			Demócrito Sacramento Barros	
	41	Fachada			
Prado	179	Reforma		Não identificado	
	252	Construção			
	130	Fachada			
	274	Construção	Comercial e Habitacional	Augusto Alves dos Santos	
	102		Habitacional		
Pajuçara	55	Fachada	Comercial	Luiz Leite Oiticica	
	238			Não identificado	
	287	Construção	Habitacional	Augusto Alves dos Santos	
	445			Não identificado	
	15	Fachada		Augusto Alves dos Santos	
Jaraguá	273	Construção	Habitacional	Rodrigo Jacinto Tenório	
	518	Reforma		Não identificado	
Bebe douro	406	Fachada	Comercial	Talvanes Augusto de Barros	

1957		85		Habitacional	Anselmo Botelho
	Ponta da Terra	253	Fachada	Habitacional	Augusto Alves dos Santos
		111			Não identificado
	Tabuleiro do Martins	378	Construção		Carlos Wanderley
				Habitacional	
	Mangabeiras	515	Fachada		Talvanes Augusto de Barros
	Jacintinho	211	Fachada		
				Habitacional	Augusto Alves dos Santos
	Desconhecido	148			
328		Construção			
1958	Farol	504	Fachada	Habitacional	Não identificado
		28	Reforma		Cláudio R. de Paiva Lins
	Centro	378		Comercial	Wal Brêda
		144	Fachada	Habitacional	Cláudio R. de Paiva Lins
	129	Carlos Wanderley			
	Poço	472			Augusto Alves dos Santos
		357			Cláudio R. de Paiva Lins
		232	Construção	Comercial	Augusto Alves dos Santos
	450	Demócrito Sacramento Barros			
	Levada	506		Habitacional	Não identificado
		12	Fachada	Comercial	Não identificado
	18	Augusto Alves dos Santos			
	Ponta Grossa	21		Habitacional	Não identificado
		68	Reforma		
		77	Construção	Comercial	Flávio Rocha
		104			
		131	Fachada		Augusto Alves dos Santos
		277			Não identificado
		24			
	Prado	346	Construção	Habitacional	
157		Fachada		Augusto Alves dos Santos	
424					

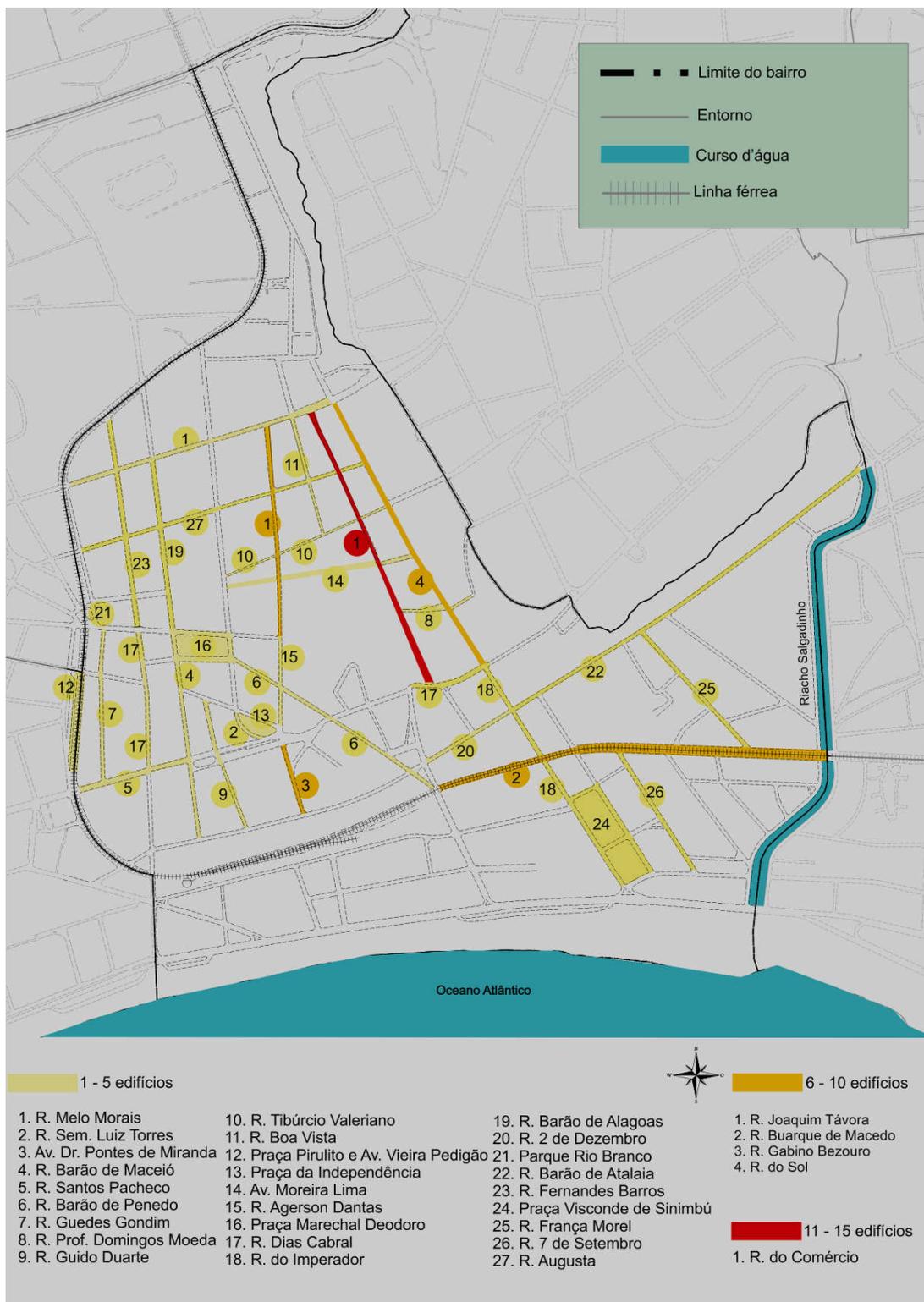
	Pajuçara	33		Comercial		
		159			Álvaro Gomes	
		Sem número	Reforma	Habitacional	Demócrito Sacramento Barros	
		606	Fachada	Comercial e Habitacional	Everaldo de Oliveira Castro	
		343		Habitacional	Não identificado	
1958	Bebedouro	42	Construção	Comercial e Serviço	Jandir Tourinho de Paiva	
		117		Comercial e Habitacional	Não identificado	
	Vergel do Lago	153			Augusto Alves dos Santos	
		499			Jandir Tourinho de Paiva	
		540			Não identificado	
		347			Cláudio R. de Paiva Lins	
	Ponta da Terra	564	Fachada	Habitacional	Augusto Alves dos Santos	
	Desconhecido	489			Jandir Tourinho de Paiva	
	1959	Farol	399	Fachada	Habitacional	Luiz Leite Oiticica
			313		Comercial	Joaquim Thomaz Ferreira
Centro		11	Reforma	Habitacional	Anselmo Botelho	
		73			Wal Brêda	
		113			Não identificado	
Poço		Sem número	Construção	Comercial e Habitacional	Milton Leite Farias	
Bom Parto		378	Construção	Comercial	Não identificado	
Levada		203			Antônio Costa Figueiredo	
		128	Reforma	Habitacional	Jandir Tourinho de Paiva	
Ponta Grossa		385	Fachada		Vinícius Maia Nobre	
		407			Antônio Costa Figueiredo	
		422			Luiz Leite Oiticica	
		427	Reforma	Comercial e Habitacional	Antônio Costa Figueiredo	
Pajuçara	450	Fachada	Habitacional	Demócrito Sacramento Barros		

	Bebedouro	36			Luiz de Lima Cavalcante
	Ponta da Terra	414		Comercial	Antônio Costa Figueiredo
1959	Trapiche da Barra	459			Augusto Alves dos Santos
	Tabuleiro do Martins	345	Construção	Habitacional	Wal Brêda
	Desconhecido	12			Joaquim Thomaz Ferreira
	Desconhecido	474	Fachada	Habitacional	Luiz Alberto Cansanção
Sem data	Farol	918		Habitacional	Sem identificação
	Farol	903			
	Farol	863		Comercial	A. Freitas
	Centro	912	Fachada		Sem identificação
	Centro	845		Habitacional	Luiz Leite Oiticica
	Levada	871			
	Levada	874			
	Levada	881	Reforma	Comercial	
	Levada	888			
	Levada	894			Sem identificação
	Levada	928			
	Prado	930	Fachada	Habitacional	
Jaraguá	750			Messias de Gusmão	
Jaraguá	829			Flávio Rocha	

**Apêndice B – Mapas de ocupação das ruas por bairro
entre 1934 - 1959.**

BAIRRO CENTRO

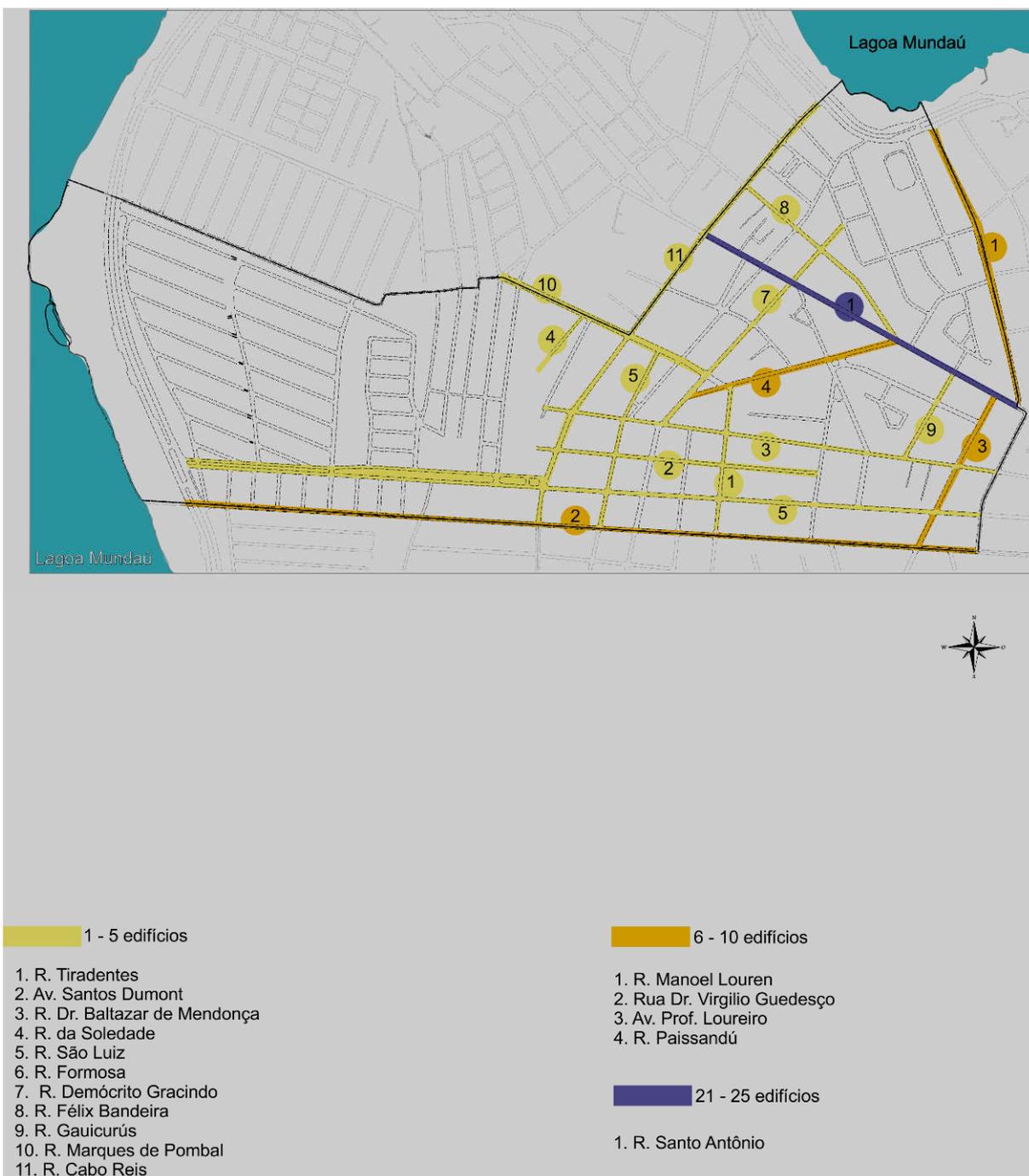
Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRRO PONTA GROSSA

Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRROS BOM PARTO E LEVADA

Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRRO BEBEDOURO

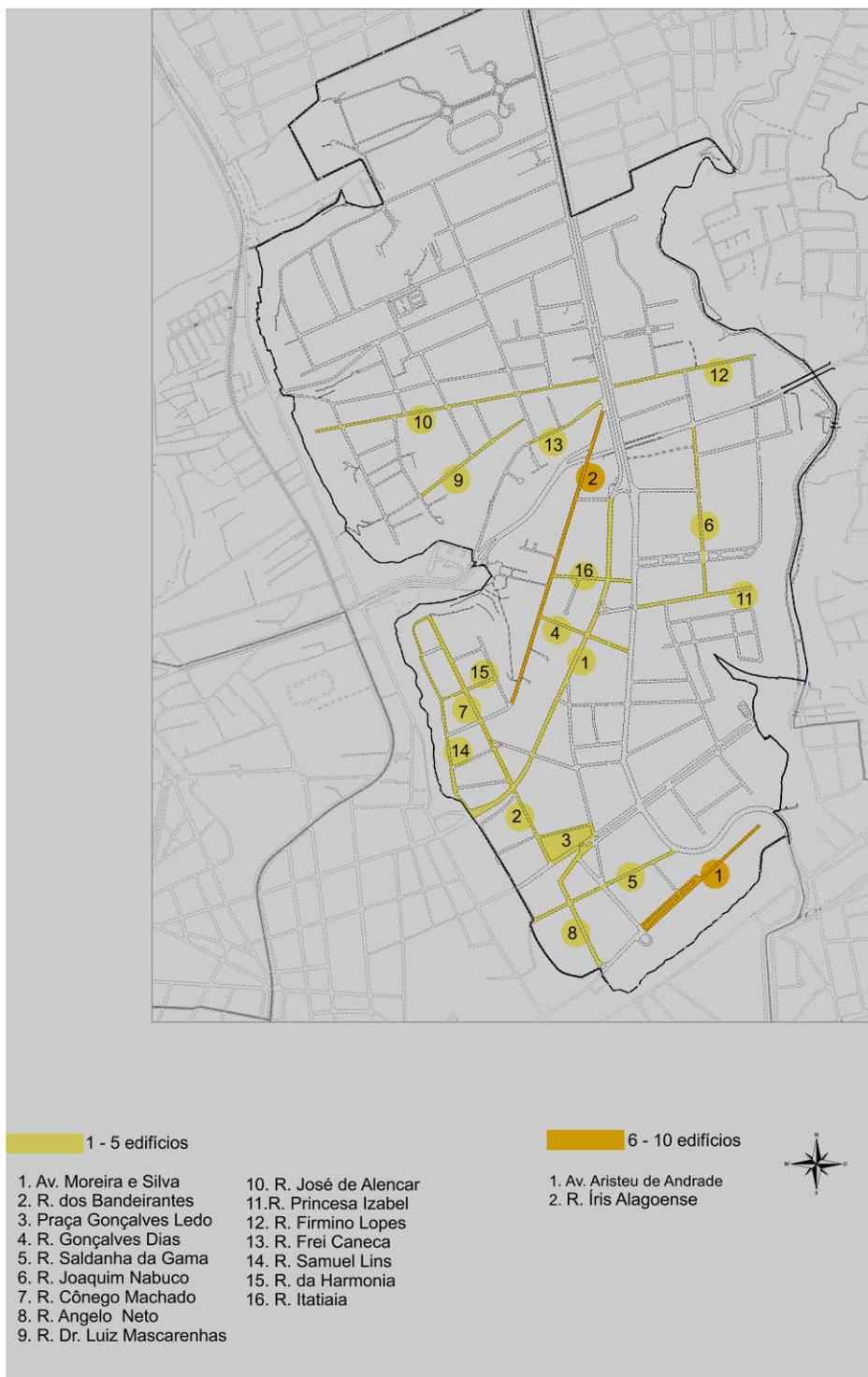
Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRRO FAROL

Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRRO PRADO

Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRRO POÇO

Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



1 - 5 edifícios

6 - 10 edifícios

1. Av. Maceió
2. R. 14 de Julho
3. R. Prof. Santos Ferrare
4. R. Bezerra de Menezes
5. R. Marques de Tamandaré
6. R. Diegues Júnior
7. R. Castro Alves
8. R. Inácio Calmon
9. R. Paraná
10. R. Salvador Calmon
11. R. Com. Calaça
12. R. Dona Constança

13. R. Bernardes Guimarães
14. R. Carlos Gomes

1. Av. 26 de abril
2. Av. Com. Leão
3. R. Cel. Pedro Paulino

Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRROS PAJUÇARA E PONTA DA TERRA

Mapa de ocupação de ruas entre 1934 – 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRRO VERGEL

Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRROS TRAPICHE DA BARRA

Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRROS JATIÚCA E MANGABEIRAS

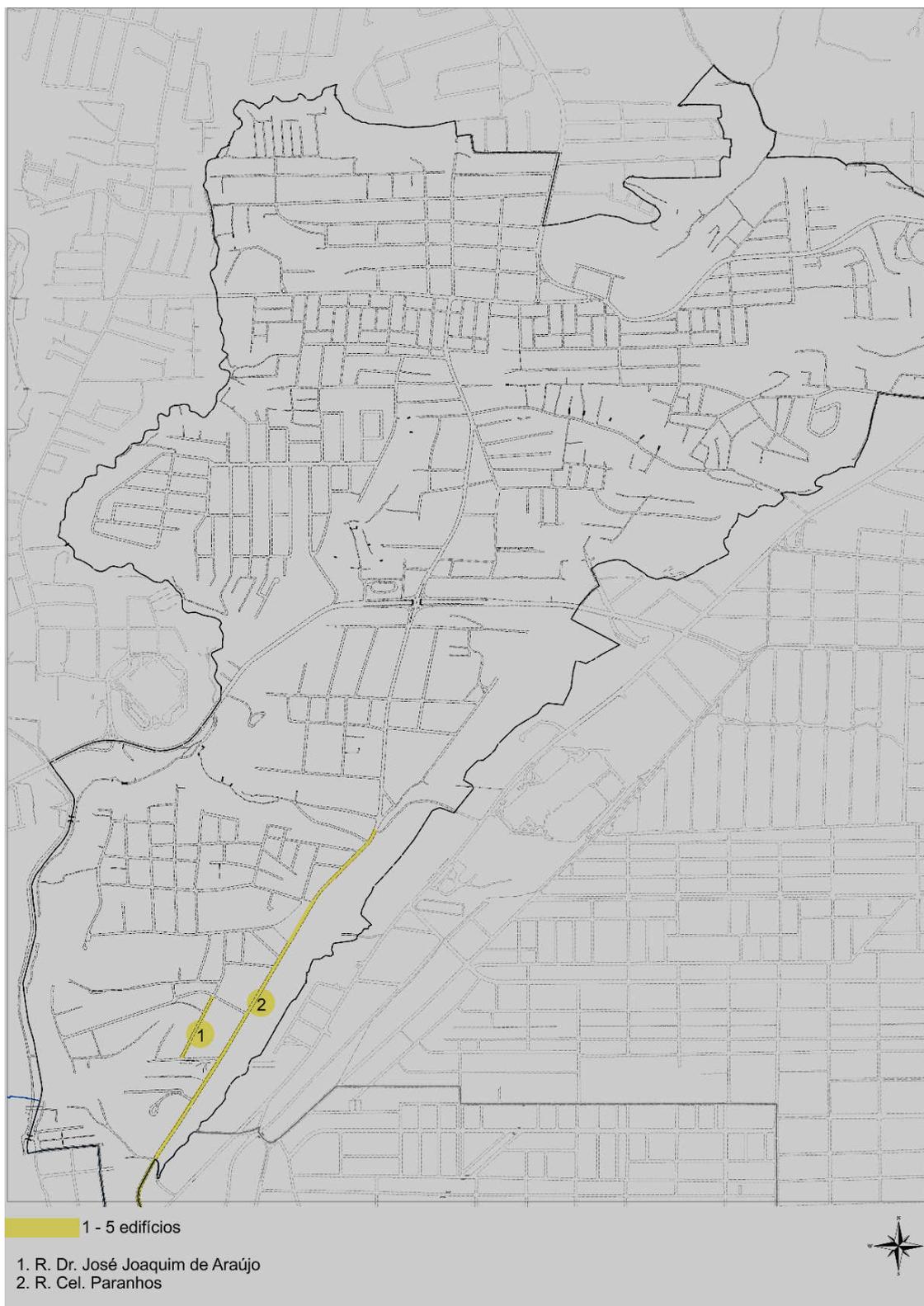
Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRRO JACITINHO

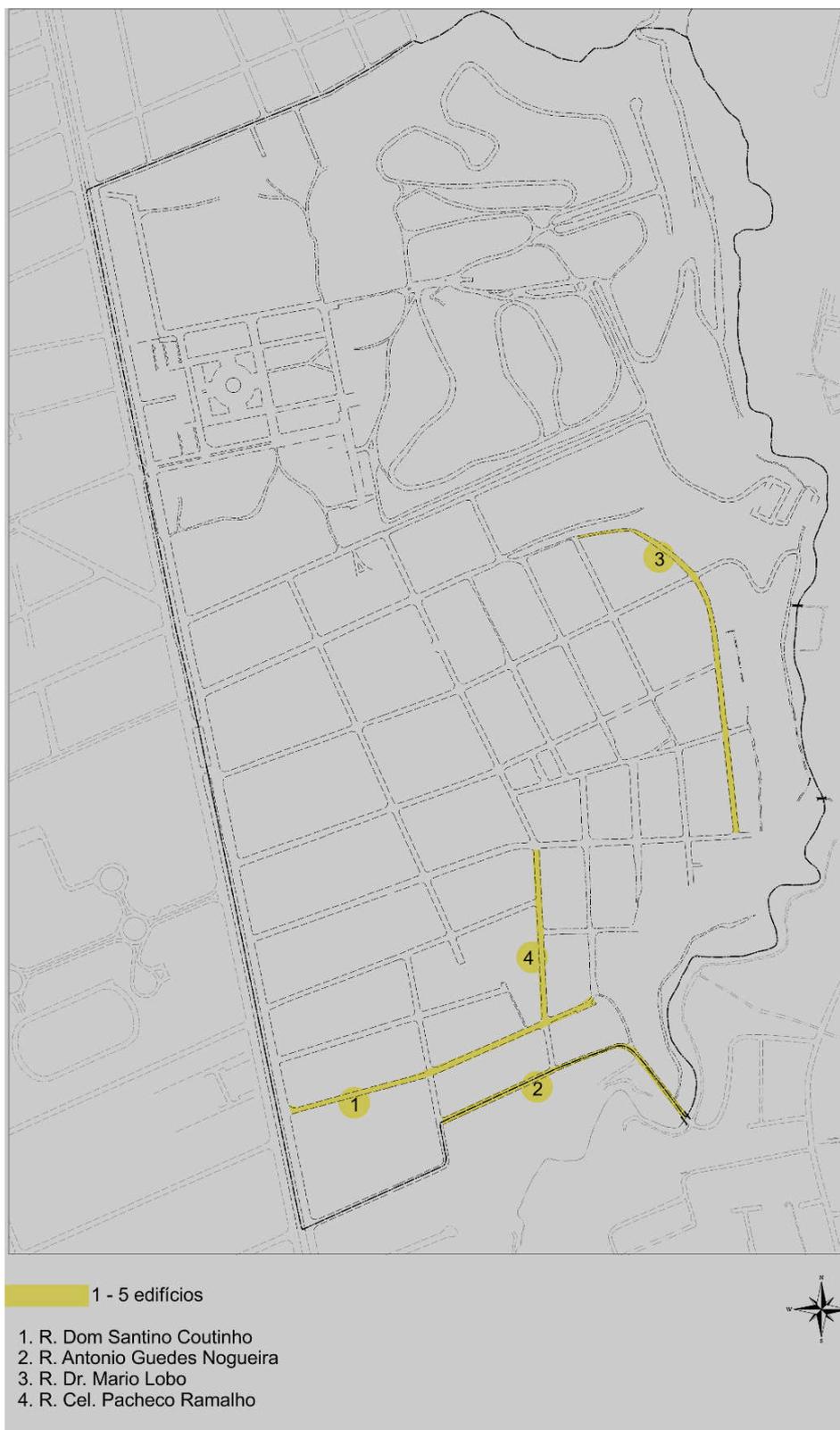
Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRRO PITANGUINHA

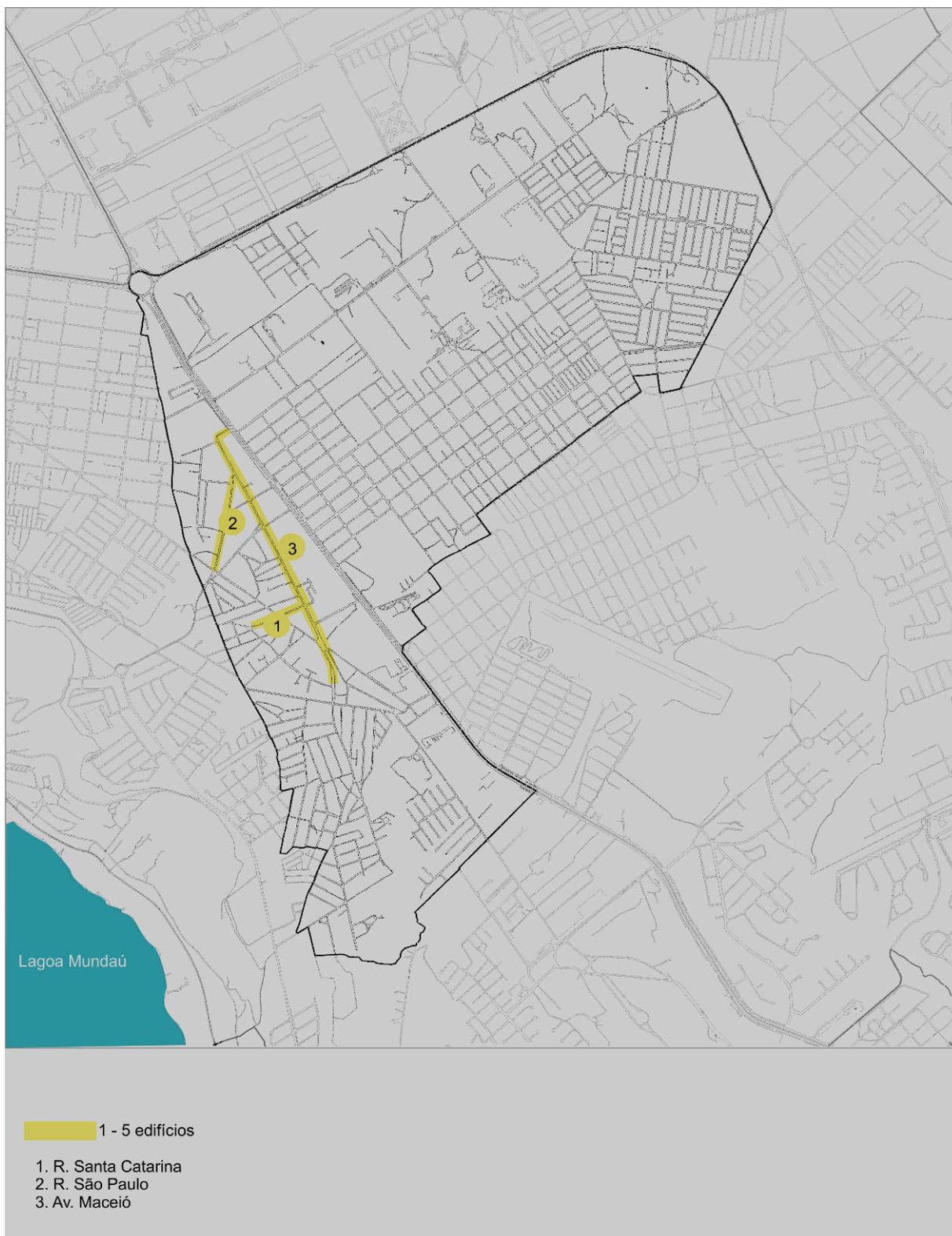
Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

BAIRRO TABULEIRO DOS MARTINS

Mapa de ocupação de ruas entre 1934 - 1959.



Fonte: Adaptado de SEMPLA (2009)

**Apêndice C – Edificações protorracionalistas levantadas em 1994 e
2017.**

IMPLANTAÇÃO COM RELAÇÃO AOS LIMITES DO LOTE	
	OCUPA PARCIALMENTE
	OCUPA TODOS
	RECUO FRONTAL
	RECUO LATERAL E POSTERIOR
	RECUADO EM TODOS

USO	
	HABITACIONAL
	COMERCIAL
	PÚBLICO
	INSTITUCIONAL
	SERVIÇO

FACHADA	
	SIMÉTRICA
	ASSIMÉTRICA
VOLUMETRIA	
	TRADICIONAL
	TRANSIÇÃO

ESQUADRIA	
	TRADICIONAL
	TRANSIÇÃO
	MODERNA

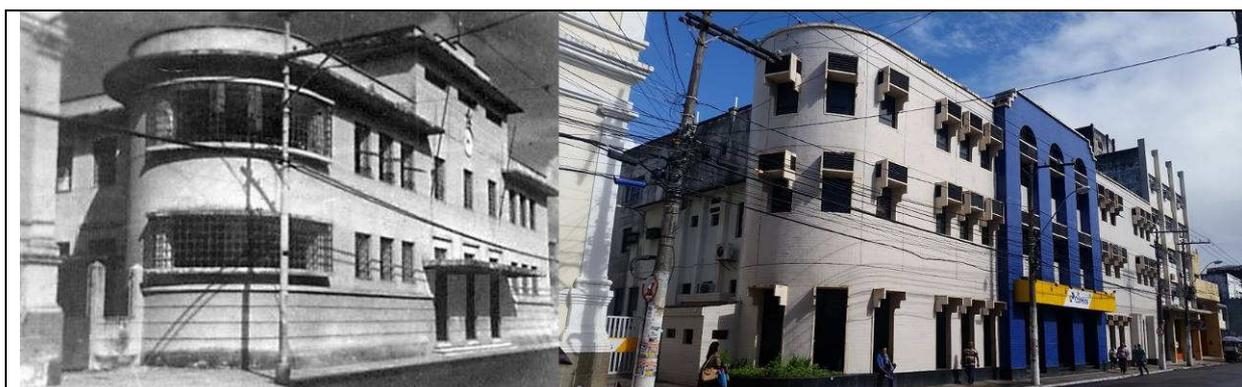


Fonte: Acervo Hugo Segawa, S.D. e acervo Juliana Aguiar (2017)

ESCOLA NOSSA SENHORA DO AMPARO. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1932

LOCALIZAÇÃO: AV. MOREIRA E SILVA, 1221 - FAROL.

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
	ANTERIOR					ANTERIOR
	ATUAL					ATUAL



Fonte: Luiz Sávio Almeida – Contexto (2012). Disponível em: <<http://contextotribuna.blogspot.com.br/2012/01/bar-do-relogio-bilhar-do-comercio-cafe.html>>. Acesso em: 25 mar 2016 e acervo Juliana Aguiar (2017)

EDIFÍCIO DOS CORREIOS. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1934

LOCALIZAÇÃO: RUA DO SOL, 70 - CENTRO.

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
	ANTERIOR					ANTERIOR
	ATUAL					ATUAL



Fonte: Acervo de imagens Museu da Imagem e do Som, s.d e acervo Juliana Aguiar (2017)

CASA DO ADVOGADO. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1934

RUA JOÃO SEVERIANO, 60 - CENTRO

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1935

AV. TOMÁS ESPÍNDOLA, 327 - FAROL.

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Toni Cavalcante – Alagoas (2001). Disponível em: <
<http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html>>. Acesso 15 mar 2017.
 e acervo Juliana Aguiar (2017)

ANTIGA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1935

RUA BARÃO DE ALAGOAS, S/N - CENTRO.

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

SEPLAG / SERVEAL. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1936

RUA CICINATO PINTO, 463, - CENTRO

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2018)

CLUBE FÊNIX (1936). ANO DE CONSTRUÇÃO: 1936

AV. DA PAZ, 21A - CENTRO

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

ESCOLA ESTADUAL TAVARES BASTOS. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1936

NA AV. MOREIRA E SILVA, 916 - FAROL

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Maceió Antiga 02. Disponível em: <alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html>. e acervo Juliana Aguiar (2017).

ANTIGA RESIDÊNCIA LAGES. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1936

RUA DO COMERCIO, 572 - CENTRO

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

ANTIGA RESIDÊNCIA JOÃO RIOS (1939). ANO DE CONSTRUÇÃO: 1939

RUA ÍRIS ALAGOENSE, 253 - FAROL

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Silva (1991, p. 47) e acervo Juliana Aguiar (2017)

BISTRÔ FERNANDES. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1943

AV. FERNANDES LIMA, 327 - FAROL

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

EDIFÍCIO SÃO JOÃO. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1945

RUA DO LIVRAMENTO, 226 - CENTRO

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Silva (1991, p. 47) e acervo Juliana Aguiar (2017)

EDIFÍCIO MACEIÓ. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1947

RUA DO LIVRAMENTO, 180 - CENTRO

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

ANTIGO POSTO DE SERVIÇO DO PRODUBAN. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1947

RUA GABINO BEZOURO, 94 - CENTRO

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Silva (2009, p. 49) e acervo Juliana Aguiar (2017)

CASA PAJUÇARA. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1947

AV. EPAMINONDAS GRACINDO, 22 - PAJUÇARA

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Toni Cavalcante – Alagoas (2001). Disponível em: <http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html>. Acesso 15 mar 2017 e acervo Juliana Aguiar (2017)

EDIFÍCIO LUZ. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1948

RUA CEL. VIEIRA PEIXOTO, 13 - CENTRO

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Edberto Ticianeli – História de Alagoas (2015). Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/moacyr-miranda-e-o-cine-lux.html>>. Acesso 07 mai 2015 e acervo Juliana Aguiar (2017)

ANTIGO CINE LUX. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1948

RUA SANTO ANTÔNIO, 405 - PONTA GROSSA

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Edberto Ticianeli – História de Alagoas (2015). Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/moacyr-miranda-e-o-cine-lux.html>>. Acesso 07 mai 2015 e acervo Juliana Aguiar (2017).

CENTRO DE SAÚDE. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1948

RUA CEL. CAHET, S/N - LEVADA.

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Acervo Juliana Aguiar (1994) e acervo Juliana Aguiar (2017)

ANTIGO CINE PLAZA. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1948

AV. COM. CALAÇA, s/n - POÇO

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL



Fonte: Acervo Museu da Imagem e do Som de Alagoas s.d. e acervo Juliana Aguiar (2017)

ANTIGO CINE IDEAL. ANO DE CONSTRUÇÃO: 1959 fachada atual

RUA DEZESSEIS DE SETEMBRO, S/N - LEVADA

USO		IMPLANT.	FACHADA	VOLUMETRIA	ESQUADRIA	
ANTERIOR	ATUAL				ANTERIOR	ATUAL